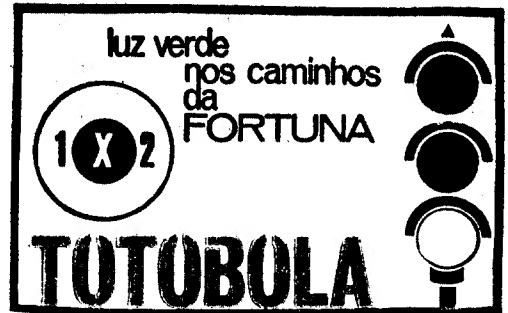


Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
TERÇA-FEIRA, 7 DE ABRIL DE 1970 N.º 16 988 ANO 50.º PREÇO 1\$50



ANO APÓS ANO

Mais um ano. Isto quer dizer que se perfazem hoje 49 anos sobre a data do aparecimento do «Diário de Lisboa» e que começa amanhã a desfolhar-se o calendário do ano que corresponde ao meio século.

Foi, com efeito, em 7 de Abril de 1921 que três homens, Joaquim Manso, Alfredo Vieira Pinto e Pedro Bordalo Pinheiro, concretizaram de imaginação lançando-se nesse empreendimento que tão vincada influência viria a ter na vida portuguesa.

Criou-se então na nossa imprensa um estilo novo, cujas marcadas características se mantêm: independência perante o Poder político, independência perante todos os poderes, a atenção permanente a todos os quadrantes da vida que nos rodeia e de que partilhamos, o culto pelas virtudes verdadeiras da nossa gente, a compreensão por todas as posições de juventude, o gosto pelas artes e pelas letras, o ponto de convergência onde sempre se encontraram os fiéis de todas as tendências que sabem defender as suas convicções sem perda de respeito pela postura que a si mesmo deve todo o homem civilizado.

Isto é o «Diário de Lisboa». Ao longo deste meio século, que se completa nos trezentos e sessenta e cinco dias que hoje se começam a contar, quantos combates foi preciso travar desta luta permanente que é a vida dos homens ou a vida das instituições? Dos homens diremos que a quase todos o tempo tem levado da nossa presença. Mas se os homens passam, as instituições ficam, quando no seu património se insere o exemplo de trabalho e de dignidade que lhes foi legado.

Do passado guardamos essa lembrança e esse exemplo, não para escondermos a cabeça, como o avestruz, para não ver o perigo se buzina as tempestades, mas para erguermos bem alto o facho e prosseguirmos sem hesitações o mesmo caminho.

UNIVERSIDADE SINDICALISMO PORTUGAL E A EUROPA

ESTES E OUTROS TEMAS DE FLAGRANTE ACTUALIDADE NACIONAL SÃO TRATADOS EM ARTIGOS E INQUÉRITOS INCLUIDOS NUM SUPLEMENTO ESPECIAL QUE HOJE OFERECEMOS AOS NOSSOS LEITORES. O REFERIDO SUPLEMENTO INSERE TAMBÉM UMA CRÓNICA-REPORTAGEM ENVIADA DE NOVA YORK POR JOSÉ RODRIGUES MIGUEIS

108 PÁGINAS PARA ASSINALAR O 49.º ANIVERSÁRIO



André Alsteens, professor de Sexologia da Universidade de Lovaina veio a Lisboa para falar ontem a uma assistência predominantemente feminina e desinibida acerca de «O homem actual em face da sexualidade». Apresentado pelo dr. Caria Mendes, presidente da Associação dos Médicos Católicos, Alsteens disse que «há que rever os problemas sexuais à luz da moral, mas sem esquecer que os conceitos morais são epocais em muitos dos seus aspectos». A assistência não se limitou a ouvir. Participou, estabelecendo vivo diálogo com o especialista belga

GUATEMALA: Rumores de golpe de Estado

CIDADE DA GUATEMALA, 7 — (R.) — Durante a noite estabeleceu-se a confusão na Cidade da Guatemala espalhando-se rapidamente boatos de um golpe de Estado e de novos raptos de diplomatas, a seguir à morte do embaixador da Alemanha Ocidental.

Enquanto os aviões da Força Aérea sobrevoavam a capital, foi notada a ausência dos embaixadores do Chile e do Uruguai começando a correr boatos de que os diplomatas tinham sido as novas vítimas da FAR.

O corpo do conde Karl von Spetri encontra-se hoje em câmara ardente no

palácio nacional da Guatemala, enquanto a Polícia percorre o país em busca dos assassinos.

Ontem à noite vários milhares de pessoas, pertencentes ao corpo diplomático, à colónia alemã e ao Governo da Guatemala, prestaram a última homenagem ao falecido embaixador.

O presidente da Guatemala Júlio César Montenegro foi pessoalmente prestar a última homenagem ao conde e apresentar as condolências à condessa Helene von Spetri, viúva do embaixador. Porém, ao saber que o presidente se dirigia para o local a viúva saiu rapidamente, e o seu carro punha-se em andamento no momento em que chegava o carro do presidente.

ENG. PAULO DE BARROS

Encontra-se doente o nosso querido amigo e presidente da assembleia geral da Renascença Gráfica, eng.º Paulo de Barros, pelas melhoras do qual se interessam vivamente todos quantos trabalham no «Diário de Lisboa».

Por este motivo não haverá hoje o tradicional jantar comemorativo do aniversário do nosso jornal.

VISADO
PELA CENSURA

Aprovados em assembleia os novos estatutos da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais

Desde ontem à noite, a Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses tem novos Estatutos. Aproveitou-os uma Assembleia Geral expressamente convocada para o efeito, sob a presidência do sr. Acúrcio Pereira.

«Nada mais belo do que a criação espiritual. Se fosse possível, devia ser paga em mirra, ouro e incenso». Este pensamento de Dom Manuel Gonçalves Cerejeira, emoldurado e pendurado no corredor da sede, resume os objectivos da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses: cobrar «em toda a parte, qualquer espécie de direitos que legitimamente pertencem aos sócios, pela representação, execução e reprodução mecânica, cinematográfica, gramofone, planos a u t o m á t i c o s, radiotelefonía ou qualquer outro meio que, de futuro, seja inventado, e, ainda, pela execução pública por meio dos referidos aparelhos» (artigo 2.º dos Estatutos em vigor até ontem, reproduzido com ligeiras alterações nos novos).

A S. E. C. T. P., que funciona num primeiro-andar da Duque de Loulé, é uma sociedade civil, cooperativa e anónima (de responsabilidade limitada) fundada em 1925 e pelos Estatutos então aprovados, reformados em 1928, que ao longo destes quarenta e tal anos se tem regido, em defesa dos direitos patrimoniais e morais dos autores seus sócios.

E é, aliás, para que essa

defesa possa ser levada mais eficazmente a cabo, que a assembleia geral da S. E. C. T. P. reuniu no sábado passado e voltou a reunir ontem para discutir um projecto de reforma dos Estatutos.

Da autoria de uma comissão nomeada pelo Conselho Directivo, composta pelos d. s. Luís de Oliveira Guimarães, José Pala e Carmo e Luís Francisco Rebelo, o projecto pretende «actualizar os estatutos tendo em vista a evolução interna e internacional do direito de autor», segundo este último declarou ao jornalista.

No sábado passado, a assembleia discutiu os treze primeiros artigos do projecto, que integram os capítulos I (Denominação, Sede e Fim), II (Capital Social, acções e jóia) e III (Sócios, sua classificação, direitos e deveres). De assinalar o facto de, a partir de agora, poderem aceder à categoria de sócios não apenas os escritores e compositores teatrais, mas também os autores de argumentos cinematográficos, os autores de programas de Rádio e de TV e os autores de letras e de músicas das canções ligeiras. A Sociedade poderá, pois, vir a adoptar

a denominação de Sociedade Portuguesa de Autores, S. P. A. (art.º 1.º do projecto, já aprovado) E é de esperar que o número de sócios e de administrados (117 e 4000 respectiva e actualmente) venha a subir.

A sessão de ontem estiveram fisicamente presentes cerca de 20 sócios, e 79 fizeram-se representar.

O conselho directivo, de que é presidente o sr. coronel Carlos Salvagem, esteve também presente.

Sem alterações de vulto, foram aprovados os restantes 23 artigos que integram os capítulos IV (compos gerentes), V (receitas e despesas) e VI (exoneração e exclusão de sócios; liquidação da sociedade).

NOVIDADES LITERARIAS

EDIÇÕES DO MÊS

CARTAS DE PARIS

por Eça de Queiroz
englobando «Ecos de Paris», «Cartas Familiares» e «Bilhete de Paris».
Broch. 65\$00 — Enc. 105\$00

O PAÍS DO CARNAVAL

CACAU. SUOR
por Jorge Amado
Três romances num só volume
Broch. 70\$00

COLEÇÃO VIDA QUOTIDIANA

um valioso conjunto de livros, com a História, a Vida e os Costumes de gerações passadas.
AGORA com:

A VIDA QUOTIDIANA EM BIZÂNCIO

por Gérard Walter
Broch. 50\$00

BAILE SEM MÚSICA

por Peter Cheyney
mais um volume da famosa Coleção «VAMPIRO».
Broch. 15\$00

VIERAM DO ESPAÇO

por Keith Roberts
filiação científica de alto nível... Coleção «ARGONAUTA»
Broch. 15\$00

OS SERTÕES

por Euclides da Cunha
um dos mais altos monumentos da literatura brasileira.
Broch. 60\$00

Podão obter reembolso em
EDICION LIT. DO BRASIL
A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS



A mesa que orientou os trabalhos, presidida pelo sr. Acúrcio Pereira

Apenas em torno do § 1.º do art.º 6.º, cuja discussão foi deixada para o fim, se verificaram divergências. A redacção do projecto previa que «não pode ser admitido como sócio quem não tiver a qualidade de cidadão português e como habilitações mínimas o segundo ciclo do ensino liceal ou seu equivalente». De acordo com a redacção definitiva, «não pode ser admitido como sócio quem não tiver a qualidade de cidadão português e não tiver habilitações literárias e musicais publicamente reconhecidas», devendo os termos desse reconhecimento ser objecto de um regulamento a elaborar.

«Defender os direitos do espírito, trabalhar pela obra da paz», diz Julio Dantas através de um outro quadro pendurado no corredor de sede da S. E. C. T. P., associação que, no nosso País, prossegue a defesa dos direitos espirituais... e materiais do espírito.

O BANCO FONSECAS & BURNAY VAI TER UM ESCRITÓRIO NA CAPITAL DO CANADÁ

Por motivo da próxima inauguração do seu escritório de representação no Canadá, o Banco Fonsecas & Burnay ofereceu, a noite passada, um jantar a cerca de noventa convidados, num dos melhores restaurantes da cidade.

Entre outras individualidades estiveram presentes, além do Embaixador do Canadá em Lisboa, e sua esposa; os srs. dr. Almeida Coutinho, do Ministério dos Negócios Estrangeiros; presidentes da Comissão de Coordenação Económica e das Juntas Nacionais das Frutas e do Vinho; director do Instituto Português de Conservas de Peixe, dr. Miguel Gonçalves, do Fundo de Fomento da Exportação; conde de Ca-

ria, srs. Carlos Vinhas, Alfredo Leal e Rui Machado da Cruz, eng.º Machado da Apolónia, sr. Marques da Costa, gerente da Canadian Pacific, acompanhados de suas esposas, e pelo Banco, os srs. dr. José Gonçalo Corrêa de Oliveira, presidente do conselho de administração, Pedro de Figueiredo, administrador e presidente da direcção; D. Miguel de Bragança e outros elementos directivos, entre os quais o dr. Loureiro Borges, director-geral; e o sr. João Belo Ortigão Ramos, do conselho fiscal.

A inauguração do novo escritório do Banco Fonsecas & Burnay está prevista para o próximo dia 21, em Toronto.

DE ONTEM PARA HOJE

LITERATURA E MERCADO DO LIVRO

A língua e a literatura de uma nação constituem «a razão fundamental da autonomia cultural de um País, e até da sua independência», disse o ontem Domingos Monteiro ao apresentar um recém-chegado ao campo das letras. E o problema fundamental da nossa literatura é o da sua renovação, acrescentou. Nem só da nossa literatura, e nem só da literatura, acrescentamos nós. É o problema da própria vida, de tudo quanto se continua, desde a língua à política, do organismo físico à própria religião. O ser vivo que se não renova, paralisa, envelhece e morre. Não será? Aqueles que deixam de sentir em si mesmos a fonte de vida, apenas se aguentam enquanto não chegue a pázada justiça que os enterre. Domingos Monteiro, escritor e editor, ensaísta e académico, salientou que a casa editorial por ele dirigida publicou sessenta autores portugueses, vinte e oito dos quais nunca tinham sido editados. E muitos destes constituíram autêntica revelação. Disse que o mercado português se encontra superlotado de livros e autores estrangeiros, «a maior parte deles mal traduzidos e muitos de méritos inferiores aos dos autores portugueses». Disse não ser evidentemente contra a tradução dos grandes escritores estrangeiros visto que as culturas se devem interpenetrar com vista ao estabelecimento de uma verdadeira cultura universal, mas que tal não impediria que a literatura portuguesa devesse ser especialmente protegida. Domingos Monteiro apresentava o escritor A. Rego Cabral, na Livraria Quadrante, a muitos escritores, editores, intelectuais, dizendo que o seu volume «Crisóis de S. Miguel» combinava de forma mestra o facto acontecido e o facto imaginado, o que lhe confere uma superior realidade.

ACORDOS LUSO-ESPAÑHÓIS

No Ministério dos Negócios Estrangeiros efectuaram-se, de 31 de Março a 4 de Abril, negociações luso-espanhólas para um acordo sobre a protecção de indicações de proveniência, denominações de origem e denominações de certos produtos. A delegação portuguesa presidiu o dr. Adriano de Carvalho, e a delegação espanhola D. Juan Garcia Lomas.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da República recebeu, no Palácio Nacional de Belém, os srs. eng.º Carlos Azevedo de Figueiredo, eng.º José Gomes, dr. Henrique Moutinho, pintor Jaime Murteira, escultor prof. António Duarte, dr. Artur Anselmo e eng.º Luís de Azevedo Coutinho.

HA OITO ANOS

Há oito anos que o major Silva Pais tomou conta da direcção da P. I. D. E. e na chefia continuou quando aquele organismo passou, há meses, a denominar-se Direcção-Geral de Segurança. Por esse motivo o director-geral da Segurança foi ontem cumprimentado pelos funcionários superiores da mesma e á tarde reum ram-se num «porto de honras».

EM MOURISCA DO VOUGA

Regressava a casa, vindo de uma romaria, o carpinteiro sr. António Almeida Vidal, de 72 anos. Ia a atravessar a estrada junto á sua habitação, nas Cana-lhas. Foi ali apanhado por um automóvel conduzido por D. Maria Ester Candida Freire, de 43 anos, de Matosinhos.

ESCALURA ITALIANA

Encerrando o ciclo de conferências sobre escultura italiana, promovida pela Fundação Calouste Gulbenkian, tendo o dr. Ricardo Averini, director do Instituto de Cultura Italiana em Portugal, Versou o tema: «Tendências actuais da escultura italiana».

A MOTOCICLETA E A FURGONETA

Regressava da sua residência, no lugar de Vedor, perto de Elvas, o motociclista sr. Isidoro Paulo Loda, de 42 anos. Em dada altura foi colhido por uma furgoneta que seguia no mesmo sentido e conduzida pelo sr. Manuel Belilha. Tve morte imediata. O pobre motociclista.

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

Laurenço & Santos, Lda.

ALFAIATES - CAMISEIROS

A GERÊNCIA E COLABORADORES DA CASA LOURENÇO & SANTOS, LDA., RUA 1.º DE DEZEMBRO, 143 E PRAÇA DOS RESTAURADORES, 47-A. E 47-B., AO COMEMORAREM O 60.º ANIVERSÁRIO DA SUA FUNDAÇÃO, CUMPRIMENTAM E AGRADECEM A TODOS OS SEUS ESTIMADOS CLIENTES, FORNECEDORES E AMIGOS, AS ATENÇÕES QUE LHES TEM SIDO DISPENSADAS.



ASPECTOS DA PROFILAXIA DO CANCRO GENITAL FEMININO

Apesar dos constantes e progressivos melhoramentos introduzidos nas técnicas cirúrgicas adoptadas em cancerologia e da extensa gama de radiações de que dispomos para tratamento das neoplasias; não obstante o auxílio prestado pela hormonoterapia e o concurso mais ou menos eficaz da quimioterapia, o que se torna evidente é que todas estas formas terapêuticas se mostram de

efeitos precários ou mesmo nulos quando aplicadas a neoplasias em avançado estado do seu desenvolvimento.

Incontestavelmente, o único processo de melhorar as estatísticas é detectar o cancro nas suas fases iniciais ou seja no estadio I (in situ) ou mesmo no estadio II, onde a sintomatologia é apegadíssima ou, simplesmente nula.

É contra o cancro ainda assintomático que se deve dirigir toda a atenção, quer por parte do doente (que ainda não supõe tê-lo) quer por parte do médico.

Uma palavra, em resumo, basta para traduzir aquilo que é indispensável fazer: **PROFILAXIA.**

Podemos afirmar, sem receio de contestação, que a única arma válida é a que tem por finalidade vigiar o indivíduo sem sintomatologia, em estado de saúde aparente, sujeitando-o a uma série de exames que abrangem todos os órgãos internos, orifícios e cavidades naturais, mucosas e tecidos cutâneos, isto é, que o conjunto desses exames seja o mais completo possível.

Mas a profilaxia tem, também, outra finalidade: ensinar o público a alertar-se ao mínimo sintoma patológico e, pelo contrário, a não o desprezar em razão da sua própria exiguidade, dando-lhe a noção de que é, não só, necessário, mas também urgente, averiguar a sua causa.

Finalmente, é preciso libertar todo o indivíduo da

crença em que vive de que só o que dói é que tem importância e de um erro também muito comum entre o nosso povo: que o cancro não atinge o indivíduo jovem. É necessário incutir-lhe no espírito que não só o atinge mas ainda que nessa idade ele é extraor-

que na idade adulta ou na velhice tudo se processa a um ritmo mais lento sendo, portanto, mais fácil o ataque à doença.

O Instituto Português de Oncologia tem-se dado à tarefa, por vezes inglória, de ensinar ao público este A.B.C. da prevenção contra

vorável, porquanto ainda hoje nos aparecem neoplasias na última fase da sua evolução, quando já nada se pode tentar em benefício do doente.

O único processo de resultados positivos seria a obrigatoriedade de sujeição a exames periódicos mas, como é óbvio, este processo não tem a mínima viabilidade não só porque «obrigatoriedade» é ainda uma palavra de sentido injurioso para a maior parte das pessoas como, ainda e sobretudo, porque não existe o número de centros hospitalares devidamente aparelhados com equipamentos especializados, onde esses exames possam ser feitos em condições de honestidade e suficiência indispensáveis à finalidade desta campanha de sanidade.

Dada a impossibilidade da prática de um mais arrojado programa de luta anticancerosa temos, por agora, que o reduzir não só a proporções mais modestas, mas também de nos contentar com a «boa vontade» do público para que se faça examinar, e com o auxílio da classe médica, no sentido de orientar os seus doentes tornando-os conscientes da utilidade desses exames feitos, repetidos, em centros devidamente equipados e qualificados para o desempenho de tal tarefa, oferecendo as maiores condições de garantia pois, a não ser assim, o exame, longe de ser útil, corre o risco de se tornar prejudicial por dar ao doente um descanso que — embora periódico — lhe seja funesto e até fatal.

Também é necessário que a massa populacional ponha de parte a relutância em se deixar observar quando não se sente doente.

Os receios, muitas vezes injustificados, de serem cancerosos e um medo absurdo de «saberem a verdade» afastam muitos doentes dos centros anticancerosos quando deviam, pelo contrário, aproximá-los dos centros de profilaxia.

Dentro do panorama da luta anticancerosa, a profilaxia do cancro genital feminino assume aspectos particularmente importan-

(Continua na 13.ª página)

Por Maria Fernanda Marques

Médica Assistente
do Instituto Português de Oncologia

dinariamente mais grave do que no adulto ou no velho. Na idade jovem o cancro cresce como em qualquer outra etapa da vida, silencioso, invisível, desconhecido mas nela assiste-se a uma eclosão de extrema violência atingindo, ao mesmo tempo, vários órgãos e tecidos a partir do tecido ou órgão onde, primitivamente, se iniciou. É esta explosão súbita que caracteriza principalmente o cancro juvenil enquanto

o cancro, quer sob a forma de palestras quer sob a forma gráfica — em panfletos — e até mesmo em gravuras elucidativas afixadas em cartazes ou mostradas nos «ecrãs» da Televisão.

Mas a teimosia do doente, sobretudo do menos esclarecido, sobrepõe-se a todas as exortações e à nossa própria teimosia em querer ensiná-lo e esclarecê-lo. Esta porfiada luta nem sempre, infelizmente, tem conduzido a um objectivo fa-

Antologia

A MULHER HÁ UM SÉCULO

NOS DIAS DE BOM TEMPO, enquanto a maioria das senhoras de Lisboa frequentam as lojas ou fazem visitas, onde e que estão as crianças? As crianças estão dentro das casas — a tomar propósito. Tomar propósito é uma locução essencialmente local e intraduzível, que quer dizer: aprender a não saber andar, a não saber rir, a estar quieto e a estar calado, a corromper os mais nobres instintos da natureza humana, finalmente a dissimular e a mentir. A menina só principia a sair de casa depois de ter tomado o propósito indispensável para não tagarelar imprudentemente, para não contar que houve favas para o jantar, ou que o papá ralhou com a mamã. Haver favas para o jantar e ralharem o papá e a mamã é de resto tudo ou quase tudo quando se passa em casa, porque não há interesses de espírito, nem há instrutivas ocupações práticas. Falta o jardim, a grande escola da infância onde os rapazes formam o carácter trepando ao alto das árvores, e as raparigas mondanço os canteiros e protegendo os insectos e as flores.

Também não há biblioteca. Lêem-se apenas as bisbilhotices do jornal e os romances das traduções baratas. Nenhuma espécie de estudo. Nenhuma aplicação intelectual. Ignorância absoluta de todas as coisas da Natureza e da vida. Aos sete anos a menina vai para o colégio, onde aprende o francês e o inglês. Esta educação completa-se em casa ensinando-se-lhe a tocar piano. Todas as prendas da sua educação são apêndices da sua toilette: uma bonita letra, uma bonita pronúncia das línguas, a fantasia, o bonito trecho de salão tocado no piano diante das visitas. Que sabe ela de arte, da sua natureza, da sua função sobre o nosso espírito? Que livros leu próprios para lhe sugerirem um alto ideal ou para lhe darem um critério prático? Leu os jornais noticiosos e as revistas de modas, os romances de Ponson du Terrail, de Xavier de Montépin, de Bellot, de Dumas filho. Não leu ou não entendeu nunca nenhum dos grandes educadores do espírito moderno, Michelet, Dickens, Andersen, Froebel.

Não a interessa nenhum dos fenómenos da Natureza, porque ignora completamente as leis que regem o Universo e que determinam esses fenómenos.

Na moral as suas convicções baseiam-se em uma série de princípios teóricos, que ela viu sempre ou quase sempre refutados por uma série contraditória de interesses práticos, tirando esta conclusão: que o dever consiste na mais hábil combinação que se possa fazer dessas teorias e desses interesses para o fim de chegar a este último resultado, ao qual tendem solidariamente todas as fraquezas das sociedades corruptas: o sossego.

(RAMALHO ORTIGÃO, «As Farpas», vol. IX, cap. XIX)

ELAC 161 HV STEREO

O novo conjunto integrado Estereofónico ELAC 161 HV, é apresentado em elegantes caixas de nogueira polida ou lacada. Inteiramente transistorizado, o seu amplificador de alta qualidade com 8 watts de saída permite uma perfeita reprodução tanto de discos monorais como estereofónicos. O gira-discos ELAC Miracord de quatro velocidades que

equipa este sistema, funciona como manual ou automático para 10 discos. O braço de pick-up de grande leveza, garante um desgaste mínimo dos discos. Dispõe ainda de comando contínuo de tonalidade e balanço, e de tomada para gravador de som. Pode ser fornecido com tampa de plexiglass como acessório.



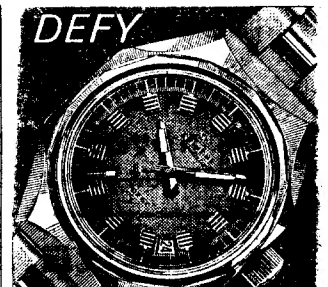
Representado em Portugal por:

Jorge Gonçalves Av. 5 de Outubro 53-1 TEL. 44029 Lisboa 1

No Porto: Clave R. Julio Diris, 945 TEL. 65932

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

RESTAURANTE HOTEL D. FUAS O LACERDA
Sempre marisco vivo no seu viveiro dentro do Salão Único do País
Tel. 46361 NAZARÉ



Um cofre-forte

Nunca uma tal precisão foi tão bem protegida.

ZENITH

OPEL LICAR
Kadett
OLYMPIA
REKORD
COMMODORE
LICAR
AV. CASAL RIBEIRO 48-A LISBOA 1

● **UM EXITO QUE DISPENSA ADJECTIVOS!**
● **O TRIUNFO INDISCUTÍVEL DE UM GRANDE ESPECTÁCULO!**

● HOJE, ÀS 20.45 e 23 HORAS ●

● A REVISTA PARA O SEU PALADAR!

ADULTOS

MARIA VITÓRIA



JOSÉ VIANA



SABRINA



ANITA GUERREIRO

● **O PRATO DO DIA!...** ● HOJE!

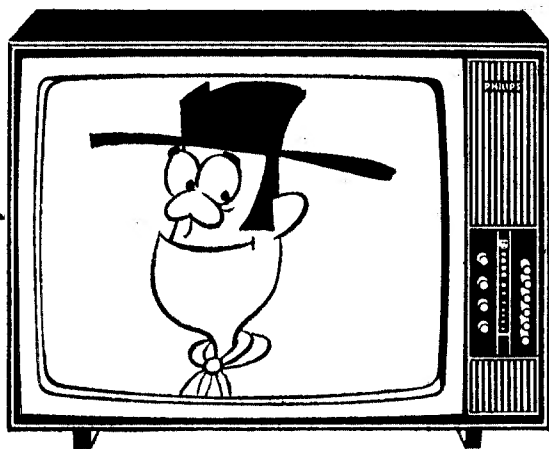
● A VITÓRIA DE UM ÓPTIMO ELENCO, COM:
● JOSÉ VIANA ● AIDA BAPTISTA
● BARROSO ● DORA LEAL
● VÍCTOR MENDES ● MARIANO FRANCO ● CARLOS MIGUEL ● DINA MARIA ● CRISTINA CASSOLA
DE NOVO NESTE TEATRO PELA 1.ª VEZ NUM «COMPÈRE»
ANITA GUERREIRO ● OCTÁVIO DE MATOS
E A GRANDE ATRACÇÃO FRANCESA
● SABRINA



«Los Mismos» (na imagem) acabam de receber o troféu «Olé», o prémio com que a Rádio Miramar (de Barcelona) distingue o conjunto vocal «mais ouvido» em Espanha durante o ano. O ponto mais alto de «Los Mismos», em 1969, foi a sua interpretação de «Sugar, sugar», que lhes valeu o «Olé»

**chegou
o momento
de renovar
o seu prazer de ver TV**

ATÉ 30 DE ABRIL
A PHILIPS OFERECE-LHE
A OPORTUNIDADE
DE TROCAR
EM CONDIÇÕES
EXCEPCIONAIS
O SEU VELHO TELEVISOR
DE QUALQUER MARCA
POR UM DOS



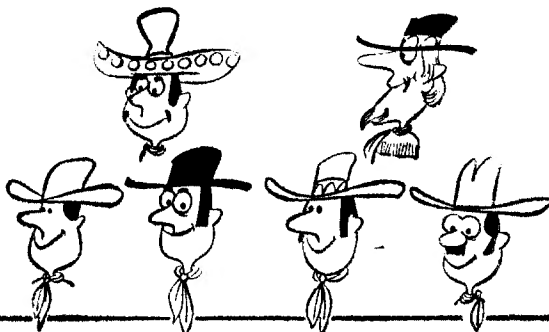
7 magníficos da série 70

DE ECRAN SUPERQUADRADO



PHILIPS

OS NOVOS TELE-RECEPTORES PHILIPS
MOSTRAM TUDO O QUE OS ANTIGOS ESCONDEM



OS AGENTES PHILIPS ESPERAM POR SI

**SARAU PARA ENTREGA
DOS PRÉMIOS DA IMPRENSA
DE MÚSICA E BAILADO**

Decorrerá no Tivoli, na próxima segunda-feira, às 18 e 30, o sarau para entrega dos Prémios de Música e Bailados atribuídos por juria para o efeito constituídos pela Casa da Imprensa.

No excelente espectáculo de segunda-feira, que tem o honroso patrocínio da Fundação Gulbenkian, o publico terá oportunidade de ver trabalhar os artistas que, nos domínios da musica e da dança, mais se distinguiram no ano passado.

A primeira parte do espectáculo será preenchida com um concerto pela Orquestra de Camara Gulbenkian, que acompanhará as solistas Maria João Pires Nöth (piano), Helena Cláudio (canto) e Elsa Saque (canto).

Na segunda parte do programa o Grupo Gulbenkian de Bailado dançará «O Trono», bailado de Carlos Trincineiras, que atinge com ele a plena maturidade das suas qualidades de coreógrafo.

No final do espectáculo proceder-se-á à cerimónia de entrega dos Prémios de Imprensa de Musica e Bailado a Maria João Pi-

res Nöth, Helena Cláudio, Elsa Saque, Anna Máscolo, Isabel Santa Rosa, Raquel Roby, Carlos Trincineiras e Armando Jorge, que os críticos consideraram os melhores em cada uma das suas especialidades.

Os bilhetes encontram-se à venda, a partir de amanhã, nas bilheteiras do Tivoli.

**Concurso
para escolha
da marcha de Setúbal**

SETÚBAL, 7.—Encontra-se aberto concurso, até às 17 horas do dia 27, para a execução da letra e música da Grande Marcha de Setúbal de 1970.

O prémio instituído é de Esc. 8000\$00.

Todas as informações poderão ser pedidas à Secretaria da Comissão das Festas — edifício dos Paços do Concelho — ou pelos telefones 22108 e 22109.

**Teatro TELEF. 717017
Maria Matos**

TODAS AS NOITES
ÀS 21.45 HORAS

**9.ª SEMANA
DE ÉXITO**

DA
DIVERTIDÍSSIMA SATIRA

A RELÍQUIA

DE CA DE QUEIROZ

POR UM VALIOSO ELENCO
DE MAIS DE 30 FIGURAS
(Maiores de 17 anos)
Produção de Igrejas Caeiro

VASCO MORGADO APRESENTA

**TEATRO
VILLARET**

HOJE, ÀS 21 H. E ÀS 23 HORAS



ARTUR SEMEDO
é o Sr. Garcês, um doidinho
por saírs na comédia

**OVISON
VOADOR**

com
RAUL SOLNADO
IO APOLONI, FERNANDA BOR-
SATTI, YOLA, GERGINA COR-
DEIRO, MARIA e ainda ARTUR
SEMEDO, VASCO DE LIMA COUTO,
DAVID SILVA, ROLANDO ALVES
e a colaboração de
MARIA PAULA

CASIMIRO

INTERCOIFFURE

Rua Nova do Almada, 64, 1.ª D. — Telef. 34038 — LISBOA
ENGLISH SPOKEN | SECÇÃO DE BELEZA
ON PARLE FRANÇAIS | HOTEL TIVOLI
MAN SPRICHT DEUTSCH | AV. DA LIBERDADE

SE TEM AUTOMÓVEL

realize dinheiro a/ hipotecar, ou a/ transferir, a/ alterar o seguro; até 40 meses. Rua D. Estefânia, 81, 3.ª. Dt. — Telef. 40049 - 563751. Aguardo sua visita e telefonema.

Em PORTO COVO, o «Diário de Lisboa» vende-se na casa do sr. António Augusto Vilhena.

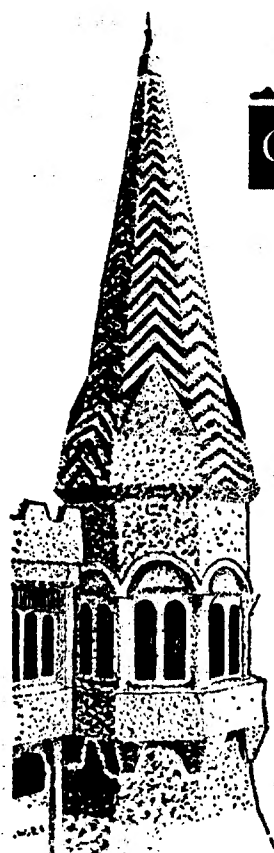


CAPITÓLIO

Telef. 32 03 79
Às 21.45 horas (M. 17 anos)

A CELESTINA

versão de A. CASONA
trad. de
David Mourão-Ferreira
com AMÉLIA REY COLAÇO
SABADO e DOMINGO:
TARDE, ÀS 16 HORAS



GALERIA REAL

(UTILIDADE TURÍSTICA)

A «SALA DA LAREIRA»

ENCONTRA-SE RESERVADA DIA 10, SÓ AOS JANTARES, PARA UM BANQUETE DE Homenagem

NAS NOSSAS «SALAS» E NO «BAR» EFECTUA-SE UM LANCHE DE CASAMENTO NO DIA 11, PELO QUE NÃO PODEMOS ATENDER OS NOSSOS HABITUAIS CLIENTES

TEL. 98 16 61 - 2 - 3

S. PEDRO DE SINTRA

FACTURAÇÕES

RECIBOS — COBRANÇAS.
OBTENÇÃO DE CRÉDITOS.
GESTÃO FINANCEIRA.
ENTIDADE COMPETENTE EXECUTA ESTES SERVIÇOS.

Resp. a este jornal ao n.º 475

PROBLEMAS ACTUAIS DA IGREJA TRATADOS NA CONFERÊNCIA-COLOQUIO DO CARDEAL DANIELON NO PORTO

PORTO, 7 — O cardeal Danielon fez, como anunciámos, no Centro de Cultura Católica, uma conferência sobre «As Perspectivas Abertas pelo Concílio Vaticano I acerca do Mistério da Igreja e a Evolução do Problema até o Concílio Vaticano II». Presentes, entre outras individualidades, o bispo da diocese, D. António Ferreira Gomes, que fez a apresentação do orador, considerando-o «um daqueles homens que estabelecem pontes entre vários modos de procurar a verdade».

O cardeal Danielon começou por se referir àqueles que, embora sintam uma grande admiração por Cristo (como Gandhi, como os muçulmanos, como certos judeus de hoje, como certos comunistas, tais como Barbusse e Garandy), não compreendem a necessidade da existência da Igreja e como esta resulta de uma exigência da própria divindade de Cristo. A propósito, disse que a existência da Igreja resulta como que uma necessidade do próprio mistério da encarnação.

Colocou-se, depois, o orador no plano de independência, quer daqueles que, mesmo dentro da Igreja, separam demasiado o Evangelho das instituições, sem compreenderem como uns e outros mutuamente se supõem e aqueles que desejariam manter o divórcio entre as instituições eclesiais e o mundo moderno. E, a seguir, definiu a evolução da Igreja des-

de o Concílio Vaticano I até o Concílio Vaticano II.

PROBLEMAS ACTUAIS

Falando, em seguida, dos problemas da Igreja no mundo actual, o cardeal Danielon afirmou que o laço do cristão com a Cidade de Deus não pode ser desprezado como o pretendem aqueles que estão demasiado preocupados com os problemas terrenos do homem. O Mistério da Igreja, tal como o Mistério de Cristo, não poderá — disse — ser explicado pelo materialismo histórico. Ele aponta — acrescentou — para a transcendência do homem como ser natural e dá importância fundamental ao problema da fé, ao do aperfeiçoamento interior, ao do espírito sobre o problema de mudança das estruturas das instituições, sendo estas o que foram a fé e a capacidade de desenvolver a vida interior. É esse — prosseguiu — o caminho, por excelência, do cristão, que lá passou por piores crises, do que a do momento presente. Na Idade-Média — referiu —, antes da Reforma Gregoriana, e no século XVI, no tempo da Reforma e da Contra-Reforma. Mas — afirmou —, como sempre, e na renovação da vida interior e no apelo às fontes evangélicas, está a solução para a crise, ainda que seja, também, necessário empreender as reformas que os tempos novos impõem!

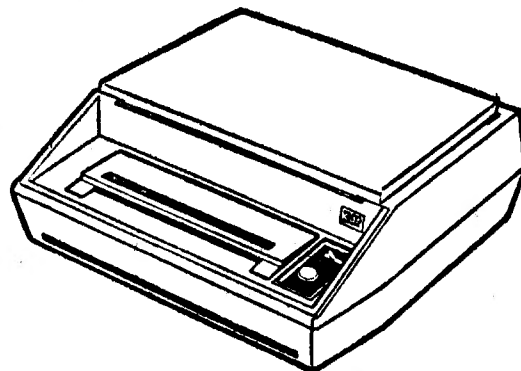
Seguiu-se animado colóquio entre os presentes e o cardeal Danielon.

NA GAMA DAS MÁQUINAS



... A FOTOCOPIADORA A SECO 251

com a qual pode fotocopiar a seco absolutamente todos os documentos... quaisquer que sejam as suas cores



até fim de Maio recebemos a sua velha fotocopadora em condições muito vantajosas para si

PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO GRATUITA EM LISBOA OU NO PORTO, A:

3M | MINNESOTA (3M) DE PORTUGAL, LDA.

Av. Infante Santo, 40 C LISBOA, 3
Telefones 677410 — 677441

PIANOLA

AUTO-RÁDIO DE TÉCNICA AVANÇADA

REPRESENTANTE EXCLUSIVO
STAND ASLA — PORTO



Banco Borges & Irmão

TRADIÇÃO E PROGRESSO



PORTO: RUA SÁ DA BANDEIRA, 20 - LISBOA: LARGO DE S. JULIÃO, 1-7
AGÊNCIAS EM TODO O PAÍS - CORRESPONDENTES EM TODO O MUNDO

Artes plásticas

Esta noite inaugurada a exposição de Manuel Cargaleiro

Na Galeria São Mamede, á tua da Escola Politécnica, é esta noite inaugurada a exposição de painéis cerâmicos do artista Manuel Cargaleiro a que há dias nos referimos.

Manuel Cargaleiro apresenta uma série de painéis pintados na tradição actualizada da cerâmica portuguesa.

Pinturas e monotípias de Michael Barrett

Na Galeria «Diário de Notícias», ao Chiado, encontra-se patente ao público a exposição do artista Michael Barrett, que há anos vive entre nós e que tem realizado numerosas exposições individuais e participado noutras colectivas.

Michael Barrett expõe pinturas e monotípias.

Exposição de pintura no Instituto Britânico

No Instituto Britânico (Rua Luís Fernandes, 3) está patente uma exposição de pintura a óleo, desenhos e mo-

notípias do artista inglês, há anos radicado em Portugal, Darsie Japp. Nomeado artista oficial da guerra de 1914 a 1918, Darsie Japp estudou na Lambeth Art School e na Slade School of Art em Londres. Realizou exposições em Londres, Madrid e Paris, tendo pertencido, nesta última cidade, ao grupo dos «Sur-Indépendants». Está representado no Museu Imperial de Guerra em Londres e na Tate Gallery. Foi membro do New English Art Club, onde teve, como seus colegas associados, pintores como Augustus John, Walter Sickert, Sargent e Willson Steer. A sua obra artística é principalmente do estilo abstracto e surrealista.

A exposição mantém-se patente ao público até sexta-feira, inclusive, das 11 às 13 e das 15 às 20 horas.

Exposição de pintura de Georges Luis

Na Galeria do Centro do Livro Brasileiro é inaugurada amanhã uma exposição de pintura do artista brasileiro Georges Luis.

Realçado o trabalho perseverante da importante empresa J. Pimenta S. A. R. L. na solução do problema habitacional e do incremento do turismo português

Reuniu-se, no passado dia 28 de Março, na sede social, na Reboleira (Amadora), a Assembleia Geral Ordinária da Sociedade de Empreendimentos Urbanos e Turismo, S. A. R. L., para apreciar e votar o relatório e contas do Conselho de Administração e parecer do Conselho Fiscal relativos ao exercício de 1969. Presidiu ao acto o sr. dr. Afonso Coelho Pinto, presidente da Mesa da Assembleia Geral, secretariado pela sr.ª D. Julieta Pires

Barquinha Pimenta e st. eng.º João Santos Matos, tendo comparecido elevado numero de accionistas.

Lida a acta da sessão anterior e o expediente, usou da palavra o presidente da Assembleia Geral para saudar os accionistas e aludir á projecção da empresa mercê do perseverante trabalho do Conselho de Administração e do espirito de compreensão de quantos louvaram o sentido da responsabilidade espontaneamente contraída.

Falou, a seguir, o sr. João Pimenta, presidente do Conselho de Administração, para se congratular com a grandeza da Empresa conseguida apenas em dois anos de existência, o que se reflectiu em beneficio de ordem vária com incidências na própria economia nacional. Apreciando, no desenvolvimento de considerações pertinentes, o problema da habitação, que afecta o Mundo inteiro, aquele industrial especificou a intervenção da iniciativa privada com vista á desejada solução para se fixar na conveniência da mesma se processar, com valimento e eficácia, por forma a possibilitar a fácil aquisição de habitações. Este objectivo é, de resto, preocupação intransigente da Empresa que dirige, aliás, publicamente reconhecido. Detendo-se na análise de tão fundamental questão, apontou as coordenadas — que não podem dissociar-se daquele objectivo, ou seja, a definição de uma política de solos, sem complicadas limitações, a celeridade na apreciação dos planos de urbanização e a obrigatoriedade da execução das infra-estruturas a impender sobre os petiçãoes.

A necessidade de se proceder á revisão dos preços de certos materiais de construção essenciais, por virtude de monopólios nocivos provenientes de acordos firmados entre fabricantes, mereceu também ao sr. João Pimenta desassombradas e judiciosas observações, demonstrativas, por causa dessa manobra delituosa, do agravamento do custo final da obra e im-

plícitamente do da habitação.

Prosseguindo na sua competente exposição, o orador aludiu aos esforços da sua Empresa, visando a melhoria das suas construções, mercê da adopção das inovações técnicas mais evoluídas, para se referir, depois, á actividade do ano findo através da citação de numeros bastante esclarecedores de uma situação próspera e sólida, denunciadora do promissor futuro, tendo sempre em mente o propósito de contribuir para a solução do magno problema da habitação, sem descuidar todavia, a promoção do individuo, em constante evolução.

Com profundo conhecimento de causa, o sr. João Pimenta apreciou a valorização, que se impôs, do turismo nacional para distinguir o esforço da sua Organização nesta problemática e, sobretudo, as intenções que definem a nova arrancada que, com dinamismo consciente, se orienta no sentido de robustecer as infra-estruturas materiais. E que, segundo acentuou, aumentando-se os meios de habitação através de construção de imóveis, proporciona-se a exportação de propriedades e, consequentemente, provoca-se a importação de divisas.

Referindo-se ás recentes visitas do venerando Chefe do Estado e do Sr. Presidente do Conselho á Reboleira, o sr. João Pimenta não ocultou o seu regozijo por, em certa medida, a sua Organização ter estado na origem desses relevantes acontecimentos em virtude de ter participado, de forma substancial, num enriquecimento da figuração urbanística da Cidade-Jardim, há seis anos um montão de cardos desolador e, hoje, centro populacional de expressiva importância, a caminho dos 50 000 habitantes. Com efeito, na construção da Creche, pavilhão gímnodesportivo e outras realizações, a Empresa teve acção preponderante de harmonia com as directrizes das Autarquias locais de quem, á propósito, fez o devido elogio. A coligação de esforços, entre a sua Empresa e as entidades oficiais, a bem do interesse publico, suscitou anotações especiais, tendentes a realçar a compreensão que parece querer banir um tradicional rigorismo buro-

crático, aliás, prejudicial ao surto progressivo em que o País está empenhado.

O popular industrial da construção civil, que num reduzido espaço de tempo imprimiu ás suas iniciativas uma dimensão extraordinária, gizada em moldes conscientes e seguros, inspiradores de confiança, continuando a sua lucida exposição, declarou que os êxitos já conseguidos exigem redobrada eficiência e obstinada perfeição, factores ao alcance da Empresa a que preside e que por isso mesmo não serão descurados.

O presidente do Conselho de Administração da Sociedade de Empreendimentos Urbanos e Turismo J. Pimenta, S. A. R. L., formulou votos para que os resultados do ano decorrente ultrapassassem os registados anteriormente, tendo, então, enumerado as metas principais da programação estabelecida para os próximos três trimestres, a saber: construção de 1700 habitações para venda e aluguer e promoção turística; remodelação da fábrica Nova Cerâmica da Madalena, Ld.ª; conclusão dos projectos para a construção, em Massamá, de casas destinadas aos empregados da Organização; construção do edificio em Queluz, onde ficará instalada a nova sede social; e remodelação de diversas instalações. As deradeiras palavras do orador foram de agradecimento a quantos pugnam pelo engrandecimento do prestigio que justamente J. Pimenta, S. A. R. L., desfruta em todos os meios, quer nacionais quer estrangeiros.

A Assembleia aprovou, por unanimidade, o relatório e contas, bem como o parecer do Conselho Fiscal. A proposta deste quanto ao louvor ao Conselho de Administração foi aprovada, por aclamação, por proposta da Mesa da Assembleia Geral.

O valor total do Activo é de 267 960 839\$28 e o lucro liquido foi de 5 749 204\$19. Deste foi atribuído, como dividendo, 14 % em relação ao valor nominal das accções. O restante foi aplicado nos fundos de reserva legais.

beba
energia
a qualquer hora do dia

A UCAL, sempre no desejo de abastecer o mercado com os melhores e mais modernos produtos, informa o público de que lançou o "LEITE FORTIFICADO", um verdadeiro fortificante, sempre pronto a ser consumido, preparado a partir de leite especial com malte, lactose e vitaminas, em garrafas de 1/4 de litro.

Os desportistas, as crianças e os que desenvolvem grande actividade intelectual dispõem agora de um produto de grande valor energético, facilmente digerível.

O LEITE FORTIFICADO é apresentado em garrafas de cor âmbar, a fim de evitar que a acção da luz altere as suas propriedades.



leite "fortificado"



cine
objectiva

de JOSÉ BOTAS
todos os artigos para
fotografia e cinema

ESTABELECIMENTO

AV. DUQUE DE LOULÉ, 108 — LISBOA

LABORATÓRIO E ESCRITÓRIO

AV. DUQUE DE LOULÉ, 105-4.º — LISBOA

Telef. 533535 (elevador)

Lenco

Preço baixo ao serviço de
gratificação e conjuntos de alta
fidelidade.



Consulte os PROFISSIONAIS DO SOM
VALENTIM DE CARVALHO

COMERCIO E INDUSTRIA S. A. R. L.
RUA NOVA DO ALMADA, 95-97 LISBOA

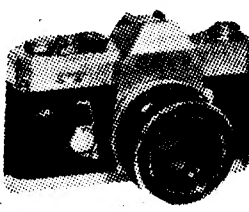
No norte: VADECA —
R. de S.º António, 210 — PORTO

30.º aniversário da Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal

A Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal completou ontem 30 anos de existência, tendo a respectiva direcção organizado uma programação comemorativa que inclui, depois de um jantar de confraternização realizado no sábado, um serão recreativo a efectuar depois de amanhã. No sábado haverá baile e no domingo, uma sessão infantil.

desenhada por
pedro emauz
com aços da
quinaço
marcenaria de
camilo j. ferreira
alcatifas da
c.u.f.

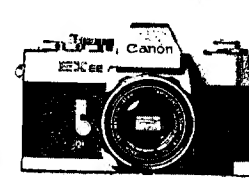
a nova loja



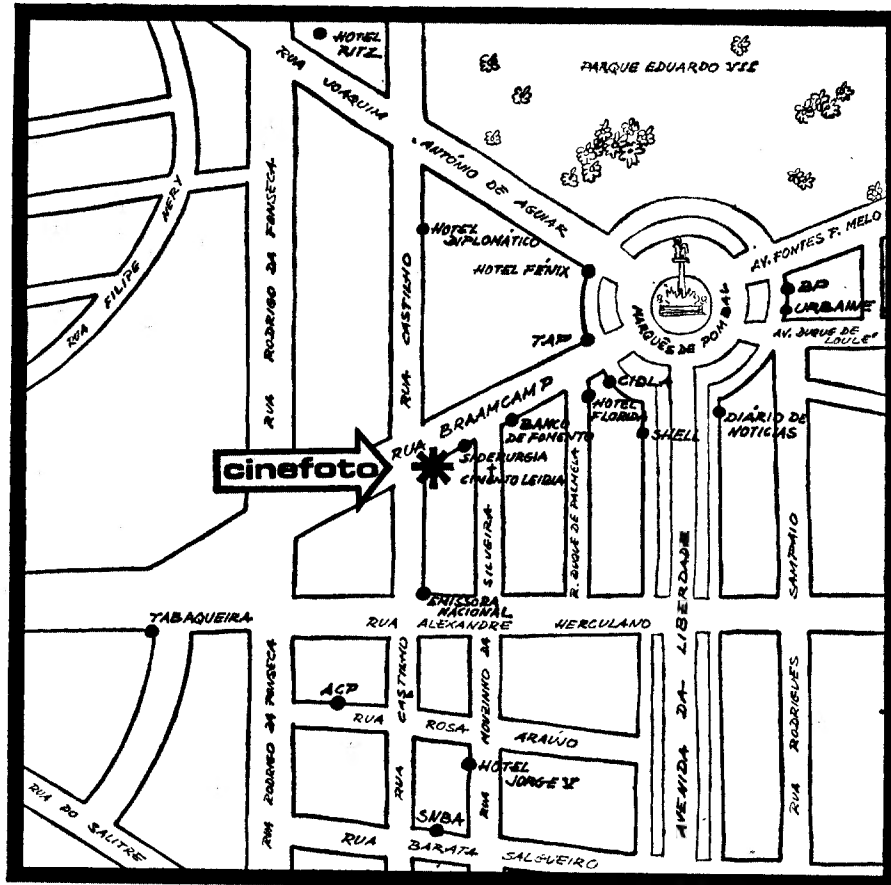
Canon FT

O MÁXIMO EM
MÁQUINAS FOTOGRÁFICAS

Canon EX A NOVA MÁQUINA
FOTOGRAFICA SLR DE
CONCEPÇÃO ORIGINAL



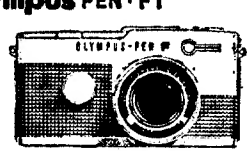
Canon



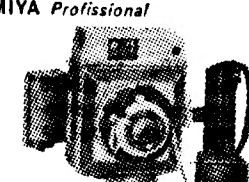

**Leitz
WETZLAR**

**Rollei
Service**

Olympus PEN-FT



MAMIYA Professional



ANIMEX cinema

gaf ANSCO FILME

RADIANT ecrans

PATERSON acessórios - químicos

BELL & HOWELL

o nome mais consagrado
na produção de material
cinematográfico

tudo o material inerente
à técnica de ensino
audio-visual



**ZEISS IKON
VOIGTLANDER**

EXPOENTE MÁXIMO
EM FOTOGRAFIA E
CINEMA



BAUER C ROYAL
a primeira câmara
super 8 que permite
realizar fundidos e
enchadeados

BAUER

BAUER T 22
projector sonoro (pista
magnética marginal) pa-
ra filme super 8 e duplo
8 usando bobines até
120 metros



SE VIR UMA
Nikon F

NUMA MONTRA...
VOCÊ SABE QUE AI ESTÁ UM
VERDADEIRO ESPECIALISTA



Sómente um técnico competente pode
aconselhar com toda a tranquilidade de
espírito uma NIKON "F"... porque ela é
utilizada pelos melhores fotógrafos do
mundo, e o arsenal das objectivas e a-
cessórios NIKON permite-lhe enrique-
cer o seu equipamento à medida dos
seus progressos e das suas neces-
sidades. O sistema NIKON compreende 35
objectivas (de 8mm a 1200mm), 4 siste-
mas de visor, 14 vidros despolidos, 150
acessórios e o novo prisma PHOTOMIC
FTN.

Se você sonha em novas
aventuras fotográficas, em macro ou
micro-fotografia... então adquirirá
uma NIKON "F".

ASAHI PENTAX

eumig®

POLAROID

produtos da mais alta
qualidade para fotografia
e cinema amador.

YASHICA

gaf SAWYER'S

DA-LITE

GITZA • S.A.
Trips para fotografia e cinema

CREMER
Projectores de iluminação para cine,
foto e TV

ferrania
S.P.A. CONSOBATA 307

FERRANIACOLOR
Tudo para fotografia e cinema, Rolos X
e Artes Gráficas

NOVOFLEX
Tele-objectives para cine e foto

Beaulieu
Câmaras cinematográficas de 8 e 16 mm.

**cinefoto
avis**

**rua braamcamp 9
lisboa**



os Pintores da Construção Naval e Offícios Correlativos, de Lisboa

NEGOCIAÇÕES TO DE TRABALHO CONSTRUÇÃO NAVAL CORRELATIVOS

Colectivo de Trabalho, reuniu-se, agora, a assembleia geral ordinária do Sindicato dos Pintores da Construção Naval e Offícios Correlativos do Distrito de Lisboa, que conta com cerca de 1500 sócios. Presidiu o sr. José Luís Tavares Pinto, secretário pelos srs. João Francisco Gomes dos Santos e Fernando Vitor de Almeida.

Depois de aprovado o relatório e contas, o presidente da direcção do Sindicato, sr. Frederico Marques, falou aos sócios presentes sobre o novo Contrato Colectivo de Trabalho. No passado dia 3, as negociações entre representantes daquele Sindicato e do Grémio dos Industriais da Construção Naval foram ultimadas, chegando-se a acordo. Dentro de um mês, haverá uma assembleia geral extraordinária do organismo

sindical, para aprovação do novo Contrato Colectivo de Trabalho, que o conselho geral do Grémio, por seu turno, apreciará.

Em relação ao actual, o novo documento prevê, nomeadamente, salários mais elevados; alguma protecção a trabalhadores eventuais («ainda não a suficiente, só possível com carteira profissional e um serviço de colocações»); aumento do subsídio de férias, abrangendo, também, a classe dos controladores fabris e apontadores oficiais; eliminação da designação de serventes; instituição de duas categorias (do queiros mecânicos e pintores especiais).

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUS

DISCUTIDA EM ASSEMBLEIA GERAL

A revisão do contrato de trabalho dos Empregados de Administração e Revisores da Imprensa

Na Casa da Imprensa reuniu-se no sábado a assembleia geral do Sindicato Nacional dos Empregados de Administração e Revisores da Imprensa para discussão e aprovação do relatório e contas da direcção referente ao ano de 1969. A reunião de ontem retomou os trabalhos da de 28 de Fevereiro em que foi aprovado que a direcção mandasse copiar e distribuir pelos sócios o relatório e as contas.

Presidiu o sr. Saphera Costa, ladeado pelos srs. Pedro de Carvalho e Leonel Marques dos Reis.

Após ter sido lida e aprovada a acta da reunião anterior, o sócio Leonel dos Reis apresentou uma moção cujos fundamentos louvavam o trabalho da actual gerência (que «contra o que estávamos habituados, tem aberto o caminho da conscienciali-

zação sindical» e que propunha votos de louvor e de confiança à direcção e a aprovação imediata do relatório e contas.

Com dois votos contra, a moção foi aprovada.

Terminados os trabalhos, da «ordem do dia», entrou-se numa «meia hora» para discussão de «quaisquer assuntos de interesse para a classe».

O presidente da direcção agradeceu o voto de confiança mas «para evitar equívocos» propôs que a aprovação do relatório não impedisse a discussão de questões nele e por ele levantadas.

O sócio António Maciel Costa apoiou as palavras do presidente e esclareceu que votara contra a moção não porque discordasse dos seus termos ou porque discordasse do relatório, mas porque discorda, por princípio, de uma moção que misture questões completamente distintas.

O presidente da direcção informou seguidamente os sócios das diligências feitas no sentido da revisão dos estatutos e do contrato colec-

tivo de trabalho. Esclareceu que a direcção pretende que o projecto de estatutos seja amplamente discutido antes de ser enviado ao Ministério das Corporações.

A propósito, um sócio recordou as recentes palavras do dr. Silva Pinto acerca da necessidade de «reforçar a acção dos sindicatos» para afirmar que «a menoridade dos trabalhadores chegou ao fim. Os estatutos têm de ser uma resposta aos interesses reais da classe e do País na década de 70».

Quanto à revisão do contrato de trabalho, o presidente da direcção esclareceu que o Grémio já respondeu a propostas do Sindicato.



A mesa que presidiu à assembleia dos Empregados de Administração e Revisores da Imprensa.

LISBOA
uma cidade
em transformação
por FRANCISCO
KEIL AMARAL



UM GRANDE
ARQUITECTO
ESCREVE
SOBRE LISBOA

A cidade de Lisboa,
as soluções, os defeitos,
as melhores hipóteses,
estudados
por um dos grandes
arquitectos portugueses
do nosso tempo

248 páginas de texto
28 de ilustrações, 55\$
Col. "Estudos e Documentos"

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
APARTADO 8 - MEM MARTINS
R. das Flores, 45, 2.º - Lisboa
R. de Entreparedes, 6, 2.º - Porto



SEGUROS

L. DO CORPO SANTO, 13
LISBOA - 2 — TEL. 30321

Joalheria Mergulhão

A MAIOR VARIEDADE EM PRATAS ARTÍSTICAS

CASA FUNDADA EM 1895

Rua de S. Paulo, 162

Telefone 3 00 13

LISBOA — PORTUGAL

Os metalúrgicos reprovaram as contas da direcção sindical

PORTO, 7. — No salão da F. N. A. T. reuniu-se a assembleia geral do Sindicato Nacional dos Operários Metalúrgicos do Distrito do Porto para discussão e aprovação do relatório e contas da gerência do ano findo.

Presidiu o sr. Silvino Carvalho de Oliveira e tomaram parte nos trabalhos cerca de mil sócios. Diversos oradores fize-

ram sucessivas críticas à direcção e à actual estrutura do Sindicato, e o sr. Vitor Ranito apresentou uma proposta que foi aprovada por maioria esmagadora.

Foi, também, entregue uma mensagem subscrita por 438 metalúrgicos, renovando o pedido de discussão do projecto de alteração do actual contrato colectivo de trabalho.

DÃO FELICIDADE

Os anéis de pedido, as alianças de casamento e de compromisso da

OURIVESARIA

**BARATEIRO
DE S. DOMINGOS**

Rua Barros Queirós, 56

O melhor sortido de Ouro,
Jóias, Pratas e Relógios
aos melhores preços

No CARTAXO o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Pedro Alves, Suc., Rua Batalha.

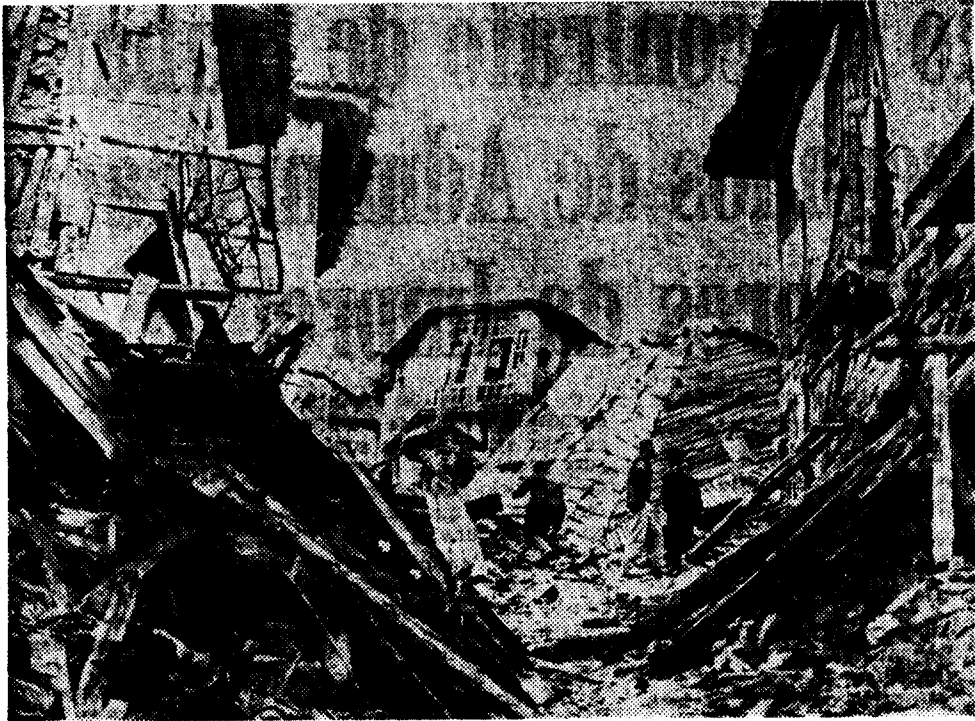


Automobilista:
Agora já tem o seu
MOTEL no Algarve

motel alagoas
(1.ª Classe)

LAGOA — TELEFS. 143 e 168 — ESTRADA NACIONAL, 125 — ALGARVE

Actualidade internacional



MONTAIO DE RUÍNAS — É a que ficou reduzida a maior parte das casas de Gediz (Turquia) devido aos abalos sísmicos ali registados. Segundo as autoridades oficiais, o número de mortos eleva-se a mais de mil.

Seis jornalistas desaparecidos na fronteira cambojana

PHNOM PENH, 7 — (R.)

— Seis jornalistas incluindo Sean Flynn, o filho do actor Errol Flynn, desapareceram na região fronteira do Camboja e revelam que tenham sido capturados pelo Vietcong.

Os seis homens desaparecidos são dois correspondentes da Televisão japonesa, os fotógrafos franceses Claude Arpin e Giles Carron, o operador da Televisão americana Dana Stone e Sean Flynn, da revista «Times».

Aldeões cambojanos contaram ter visto os dois japoneses e o francês Arpin serem capturados ontem pelo Vietcong perto da aldeia de Chi Phu, a 16 quilómetros da fronteira com o Vietnam.

O grupo tinha-se separado de uma excursão de jornalistas patrocinada pelo

lo Governo que visitou a região para avaliar os resultados da luta entre as tropas governamentais e o Vietcong.

O automóvel em que os três homens seguíam foi mais tarde encontrado abandonado na estrada e incendiado.

Por seu turno, Flynn e Stone, que também tinham ido com o grupo de jorna-

listas, foram ontem vistos pela última vez passando de motocicleta na mesma estrada onde os seus companheiros foram capturados.

Fontes da Embaixada francesa confirmaram hoje que o fotógrafo Carron, acompanhado por dois estudantes franceses, desapareceu no domingo depois de se ter dirigido também para aquela região.

O Camboja poderá aceitar armas americanas

WASHINGTON, 7 — (R.)

— O novo primeiro-ministro do Camboja, general Lon Nol, afirmou a noite passada numa entrevista que aceitaria auxílio em armas americanas no caso de necessidade absoluta para salvaguardar a integridade do país.

Contudo, não havia necessidade de outros países enviarem tropas para o Camboja.

«Possuímos bastante potencial humano para defender o nosso povo», disse o general na entrevista que concedeu ao semanário «U. S. News and World Report».

Lon Nol sublinhou que o Camboja não procurava auxílio militar ou económico dos Estados Unidos.

«Aquilo que necessitamos de potências amigas em abastecimentos militares podemos comprar e pagar agora que somos os donos na nossa casa», observou o primeiro-ministro.

Ao ser-lhe perguntado especificamente o que pretendia dos Estados Unidos, o general respondeu: «Aceitaríamos auxílio em armas em caso de absoluta neces-

sidade para a salvaguarda eficaz na nossa pátria, de acordo com o tratado de Genebra de 1954».

AGRAVA-SE A SITUAÇÃO MILITAR

PHNOM PENH, 7 — (A. N. L.) — O coronel Muong, comandante da primeira região militar, declarou numa reunião com os adidos militares as embaixadas e os jornalistas que a situação militar tem estado a piorar de dia para dia.

Afirmou que os «vietcongs» têm continuado a atacar em força o Exército e a milícia e que têm penetrado profundamente no território do Camboja. As forças sob o seu comando sofreram mais de 200 baixas em 51 contactos com as do Vietcong, durante a actual onda de combates.

A guarnição militar do distrito de Chiphou, a vinte quilómetros da fronteira, foi atacada por uma força «vietcong», e uma outra força «vietcong», avaliada em 3000 a 5000 homens, está a penetrar profundamente na província de Prey-veng.

A situação na fronteira do Camboja com o Vietnam do Sul é cada vez mais grave.

Ao descrever o ataque à guarnição de Chiphou, o coronel Muong afirmou que fora apoiado por uma barragem de morteiros de 82 mm e de canhões sem recuo. Os defensores sofreram 30 baixas, entre as quais 12 mortos e 18 feridos. Os atacantes «vietcongs» destruíram o aquartelamento, tendo capturado muito armamento.

ELEIÇÕES REGIONAIS

EM ITÁLIA

ROMA, 7 — (R.) — O primeiro-ministro Mariano Rumor informou a noite passada o seu Gabinete, recentemente formado, que as eleições regionais, destinadas a dividir a Itália em 20 regiões semi-autónomas, se realizariam em 7 de Junho.

O ministro sem pasta Paolo Emilio Taviani revelou a jornalistas a comunicação do primeiro-ministro no fim da segunda sessão plenária do Governo do centro-esquerda, desde que foi constituído em 27 de Março.

Rumor apresentará hoje o seu programa político, incluindo a data das eleições regionais, a ambas as câmaras do Parlamento para obter um voto de confiança.

Com um Governo de quatro partidos no poder, considera-se quase certo que Rumor conseguirá o voto de confiança. Contudo, o resultado das eleições regionais é muito menos certo.

Espião raptado no Sinai pelos egípcios

CAIRO, 7 — (R.) — Agentes egípcios raptaram um compatriota que trabalhava para os serviços secretos israelitas, na cidade de El Arish, no Sinai, em poder dos judeus, segundo revela hoje o jornal «Al Ahram».

O jornal diz ainda que os agentes egípcios seguiram para El Arish e raptaram o agente Aiy Elmogy, alias El Tawil, trazendo-o para o Egipto, num barco de pesca, após evitarem durante quatro dias homens dos serviços secretos israelitas.

A notícia não revela quando se realizou a operação, mas acrescenta que o agente seria julgado por um tribunal marcial.

Este lugar de piloto pode ser ocupado por si!

Quem lhe diz que não? Leia e responda a este anúncio para ter a sua certeza e a certeza de encontrar uma profissão moderna, cheia de dinamismo, responsável e muitíssimo bem remunerada.

Oferecemos-lhe uma profissão estável e prestigiada e asseguramos-lhe uma formação e um treino ao mais elevado nível.

Nós somos uma Companhia em pleno crescimento e permanentemente actualizada: ampliamos e aperfeiçoamos os nossos serviços, aumentamos o número das nossas escalas e a nossa frota.

PRECISAMOS DE MAIS PILOTOS!

Estes terão menos de 32 anos (até 15 de Abril), frequência de um curso superior (ou equivalente)

e a situação militar regularizada.

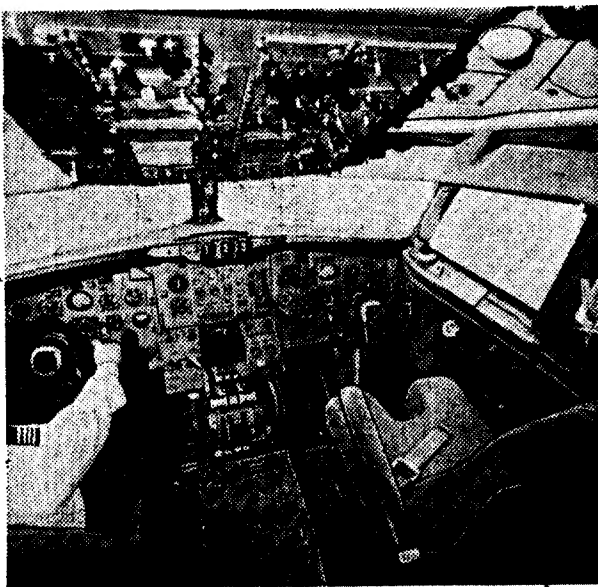
UM DESTES PILOTOS PODE SER VOCÊ:

responda a este anúncio, dirigindo-se com urgência

à Divisão do Pessoal Navegante da TAP,

Edifício n.º 25 - 2.º andar

Aeroporto de Lisboa



MARCA-1p1-70



Para si a TAP será um modo de conhecer e viver o mundo

COM OU SEM EXPERIÊNCIA DE VOO VENHA PARA PILOTO DA TAP



Operações de Bolsa

BANCO DO ALENTEJO

INVESTIGAÇÃO EM PERSPECTIVA ACERCA DO CASO MARY JO

EDGARTOWN (Massachusetts), 7. — (R.) — Um grande júri, formada por 10 homens e 10 mulheres, esteve ontem reunido, nesta cidade, para avaliar a possibilidade de ter havido crime no caso de Mary Jo Kopechne, de 28 anos, a secretária que morreu afogada em Julho último no

automóvel do senador Edward Kennedy na ilha Chappaquiddick.

Prevenido severamente pelo juiz Wilfred Paquet do tribunal superior de Massachusetts para manter rigida imparcialidade e segredo total, o júri reuniu-se atrás de portas fortemente guardadas da sala

dos jurados, no tribunal do condado de Dukes, durante duas horas e meia.

O facto de que o júri continuar hoje com a sua sessão aumentou a especulação sobre a possibilidade de se iniciar uma aturada investigação acerca de todas as circunstâncias que rodearam o acidente e as acções do senador Kennedy e dos seus companheiros, que só comunicaram a tragédia à Polícia passadas nove horas.

Violento sismo em Manila causou pânico

MANILA, 7. — (R.) — Um forte abalo sísmico foi sentido hoje em Manila onde a população fugiu para a rua e os empregados abandonaram as lojas e escritórios.

O abalo verificou-se durante a hora do almoço e provocou o estilhaçamento dos vidros em muitas janelas o que causou pânico nas pessoas que se encontravam em casa e fugiram para as ruas.

Ontem de manhã tinha havido outro abalo que foi sentido durante 35 segundos e cujo epicentro foi localizado a 130 quilómetros a sudoeste de Manila.

TRÊS MORTOS

MANILA, 7. — (A. N. I.) — A Polícia de Manila comunicou a morte de três pessoas em consequência do violento sismo que abalou a cidade durante a madrugada de hoje.

Trata-se de uma rapariga de 10 anos e de um rapaz de 4 que ficaram soterrados sob uma das paredes da sua casa, no bairro de Tondo, e de um homem, atingido por um toro de madeira, quando seguia por uma das ruas do centro da cidade.

O tremor de terra registado às 13 e 37 horas (5 e 37 T. M. G.) foi seguido de ou-

tro, 20 minutos mais tarde, e de várias réplicas.

A divisão geofísica do serviço meteorológico de Manila anunciou mais tarde que o primeiro abalo tinha atingido o grau seis da escala de Rossi-Forel, de nove graus.

A Rádio de Manila anunciou que uma escola do bairro chinês rutu. As comunicações com o exterior estiveram interrompidas algum tempo.

O tremor de terra de hoje foi o maior desde o dia 2 de Agosto de 1968, em consequência do qual morreram 315 pessoas, a maior parte das quais se encontrava num prédio de apartamentos

LIGAÇÃO AÉREA MADRID- -VARSÓVIA

MADRID, 7. — (A. N. I.) — Foi anunciado na capital espanhola que está prevista para princípios de Maio a inauguração, pela companhia aérea polaca Lot, de uma carreira entre Varsóvia e Madrid.

Não se efectuam actualmente voos comerciais directos entre a Espanha e os países socialistas da Europa.

FRANÇA: Batalha a tiro entre a Polícia e dois suspeitos

LYONS, 7. — (R.) — Dois homens, suspeitos de terem participado na semana passada no cerco ao hotel de Villefranche-Sur-Mer, travaram a noite passada uma batalha a tiro com a Polícia nesta cidade e conseguiram, depois, fugir.

Contudo, a Polícia prendeu um terceiro homem, identificado como sendo Georges Navarro, de 25 anos, após uma rusga efectuada a um apartamento numa área suburbana.

Alegou-se que Navarro foi um dos quatro bandidos que manteve a Polícia em respeito durante cerca de 24 horas no luxuoso Versailles Hotel, na estância de turismo de Villefranche, na Riviera.

As autoridades identificaram um dos homens que

fugira como sendo Israel Levy e disseram que o outro era provavelmente Maurice Sorini, um doente que fugiu do manicómio e que se suspeita ser o chefe da quadrilha do hotel.

Descobriram a armadilha da Polícia após regressarem ao apartamento com um cão pequeno pela trela e conseguiram fugir pela escada de serviço.

A Polícia disse que um dos bandidos fora ferido na batalha a tiro que se seguiu, em que um guarda ficou também ligeiramente ferido.

Os dois homens meteram-se num «Citroen» azul, que se afastou a toda a velocidade.

A Polícia estabeleceu barreiras nas estradas em todo o distrito de Lyons.

RÁDIO PIRATA SUÍÇA NOVAMENTE NO AR

ZURIQUE, 7. — (R.) — A rádio pirata suíça, a «Internacional do Mar do Norte», estará novamente no ar, amanhã, à noite, num novo comprimento de onda, segundo anunciou hoje a agência noticiosa suíça ATS.

O posto de rádio, que transmitia de um navio chamado «Mebo 2» ao largo da costa do Essex, na Inglaterra, foi acusada pelas autoridades britânicas de interferir com mensagens de emergência da guarda costeira ao emitir em comprimentos de onda adjacentes.

Foi para o ar pouco antes da Páscoa, quando as autoridades britânicas aumentaram para cinco vezes mais a potência dos sinais oficiais, tornando impossível a recepção do posto pirata.

Citando fontes bem informadas desta cidade, a agência suíça disse que o novo comprimento seria de 190 metros na onda média.

Primeiro jardim zoológico marinho na Europa

ANTIBES, 7. — (F. P.) — A França vai ter o primeiro jardim zoológico marinho da Europa. Com efeito, está em vias de conclusão em Antibes, próximo do Mediterrâneo, um complexo que compreende vários tanques e aquários gigantescos capazes de acolher grande quantidade e variedade de animais marinhos.

Este jardim zoológico marinho, baptizado «Marine de Côte d'Azur», é comparável aos já existentes nos Estados Unidos, designadamente em Miami e Los Angeles.



Este ano vamos ancorar em 34 locais diferentes.
Em qualquer parte do mundo,
dispomos do serviço mundial de assistência Evinrude.

Já nos aborrecemos de Monte Carlo. Já fomos à Finlândia.
Este ano vamos "descobrir" o Mar Negro. Somos viajantes inveterados... porque temos o apoio do serviço mundial de assistência Evinrude. O nosso construtor disse-nos que a Evinrude tem qualquer coisa como 1311 agentes só na Europa. Isso decidiu-nos a procurar novos mundos. A facilidade de manobra do Evinrude OMC também ajudou. E o seu silêncio?!

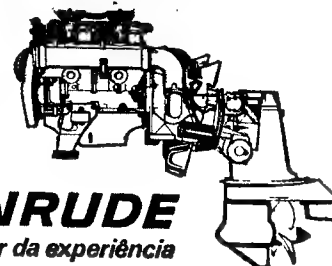
Eis o que o construtor lhes disse acerca do OMC Stern Drive:

- 1.º Tem mudanças electromagnéticas, tão suaves como no melhor dos automóveis.
- 2.º Foi construído para um ângulo de rotação de 90° de lado a lado. Nenhum outro Stern Drive pode fazer o mesmo.

- 3.º Está preparado para uma elevação de coluna até 75°. Não se pode exigir tanto de nenhum outro Stern Drive.
- 4.º Tem suspensão de borracha que absorve as vibrações e os ruídos como uma esponja.
- 5.º E enfim a garantia de 2 anos, única no mundo.

Distribuidores exclusivos:

MENDES DE ALMEIDA, S. A. R. L.
Av. 24 de Julho, 52 A — LISBOA Telef.: 66 77 10



EVINRUDE
O poder da experiência

Administração
de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

Actualidade internacional

O lançamento da Apolo-13 poderá ser adiado

CAPE KENNEDY, 7 — (R.) — Os médicos da N.A.S.A. esperam ter hoje ainda os resultados das análises ao sangue dos três astronautas da Apolo-13 para saberem se a terceira expedição lunar terá ou não de ser adiada por um mês devido a um ataque de rubéola.

Os três astronautas estiveram em contacto com o seu companheiro e suplente Charles Duke, o qual começou a sentir-se doente na sexta-feira à tarde e no domingo à noite caiu de

cama com as características manchas da rubéola, uma doença relativamente inofensiva nas crianças mas que nos adultos pode provocar complicações.

Ao mesmo tempo um filho do astronauta James Lovell também adoeceu e os médicos não sabem ainda se é rubéola ou sarampo.

Enquanto não são conhecidos os resultados das análises, os três tripulantes da Apolo-13 foram colocados de quarentena em local isolado para evitar o

contacto com o vírus, caso ainda não estejam contagiados.

Se os astronautas estivessem contagiados, como o período de incubação da doença é em média de 18 dias, isso significava que os sintomas lhes apareceriam precisamente quando se encontrassem na Lua.

A partida continua marcada para o próximo sábado, à tarde, mas se tiver de ser adiada por doença dos astronautas não poderá verificar-se, na melhor das hipóteses, antes de 9 a 11 de Maio.

O traje espacial — fato perfeito para homem

NOVA YORK, 7 — (R.) — Os uniformes espaciais dos astronautas lunares da Apolo-13 foram descritos a noite passada como o «fato perfeito para homem» pelo conde Emilio Pucci, um dos mais famosos desenhadores de modas do mundo.

Falando numa conferência de imprensa nesta cidade, o conde Pucci disse que os trajes espaciais dos astronautas lunares eram «superfuncionais».

«Todo o desenhador de modas tem uma lição a aprender com os trajes dos astronautas lunares», afirmou o aristocrata italiano.

«Todo o botão e toda a saliência têm um objectivo definido nos uniformes dos astronautas».

Pucci previu que os futuros viajantes lunares envergariam roupas que deslumbrariam «os nossos homens verdes de Marte».

«Num futuro imediato, a beleza estética do vestuário dos astronautas provirá da sua funcionalidade. Depois, pessoas menos técnicas efectuarão a viagem à Lua.»

Crítica de Chu En Lai ao Governo japonês

PEQUIM, 7 — (F. P.) — A melhoria das relações nipo-americanas e a nova política asiática do presidente Nixon foram o motivo principal da viagem que o primeiro-ministro chinês Chu En Lai fez à Coreia do Norte. Com efeito, nas várias declarações proferidas por Chu En Lai e pelo seu anfitrião, Kim Il Sung, esteve bem patente a preocupação que os dois governos sentem perante a possibilidade de uma aliança ofensiva nipo-americana no Japão.

O primeiro ministro norte-coreano afirmou estar disposto a juntar as suas forças às da China para um combate comum, se os americanos e os japoneses tornassem a aliar-se para uma aventura militar na Ásia. Também Chu En Lai atacou com grande violência o Governo de Tóquio e, indirectamente, a neutralidade soviética em relação ao Japão.

Mais explosões na capital do Ulster

BELFAST, 7 — (A. N. I.) — O Exército britânico empregará todos os meios ao seu dispor, caso o chamado «Exército Republicano Irlandês» (IRA) tente atacar os soldados ingleses — afirmou o comandante das forças inglesas, general Ain Freeland, entrevistado pela Televisão.

Tendo-lhe sido perguntado o que pensava das ameaças do IRA, de que atacaria os soldados britânicos, Freeland respondeu que elevava as ameaças a sério.

Poucas horas após a declaração do general, as explosões de duas bombas quebraram a calma do anoitecer. Não houve feridos.

Bleiva-se assim para sete o número de bombas detonadas nessa cidade, de maioria protestante.

Pouco antes das explosões, o Governo da Irlanda do Norte havia anunciado um prémio de dez mil dólares (685 contos) a quem fornecer informações que levem à detenção dos responsáveis pelas explosões.

SEXTA ASSEMBLEIA EPISCOPAL ITALIANA

VATICANO 7 — (F. P.) — A sexta assembleia geral do episcopado italiano começou ontem à noite em Roma. Consagrada ao «ministério sacerdotal» prolonga-se até sábado, terminando com uma audiência pontifícia.

Após a celebração da missa por nove cardeais e 40 arcebispos bispos e padres o presidente da conferência episcopal cardinal António Poma, leu a alocução inaugural caracterizada por um tom de extrema prudência e equilíbrio. O cardinal evitou referir-se concretamente aos problemas específicos da crise do sacerdócio limitando-se a recomendar a recusa dos extremismos e das «metodologias de choque».



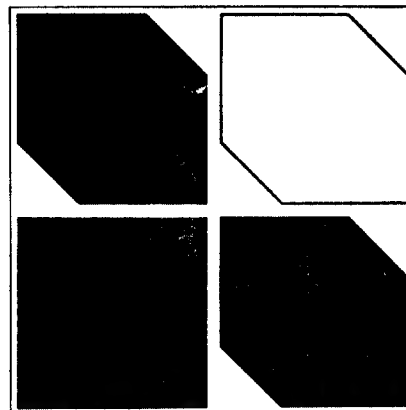
EM
QUESTÕES
DE DINHEIRO...

o nosso objectivo é

DINAMISMO
EFICIÊNCIA
SEGURANÇA



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
onde cada um conta mais do que a sua conta



PRAXIS

COOPERATIVA DE ESTÚDIOS TÉCNICOS S.C.A.R.L.

artes gráficas
fotografia
decoração
serigrafia

LARGO DA GRAÇA
82, 12.º FR. ESQ.
VILA SOUSA-LISBOA
TELEFS. 87 33 62-87 01 91

O cancro genital feminino

(Continuação da 3.ª página)

tes, pois esta espécie de neoplasia é, na maioria dos casos, diagnosticada já numa fase tardia quando muito pouco ou nada se pode fazer para a tratar ou debelar.

Quase sempre, a dor, o sintoma mais alarmante, está ausente durante a maior parte da evolução da doença e, quantas vezes, até ao fim! E, assim, a neoplasia avança implacavelmente até uma cura muito problemática ou, pura e simplesmente, até à incurabilidade.

Outro aspecto da questão é a terapêutica que, mal conduzida, pode levar ao aparecimento do cancro e, embora na actualidade as farmácias não possam vender, sem receita, um certo número de produtos, outros há que ainda são fornecidos indiscriminadamente a quem os solicita, contribuindo, assim, manifestamente para o aumento da percentagem de doentes cancerosos. Por exemplo: a aplicação de hormonas, feita arbitrariamente, pode fomentar o aparecimento de uma neoplasia. A escolha do preparado endócrino e a sua dosagem requerem saber e experiência. Com frequência é também necessário aplicar esses preparados um pouco empiricamente em razão da sensibilidade individual a qual varia muito. Por isso, o manejo destas drogas é, não só muito difícil como, também, muito perigoso. As hiperplasias dos epitélios dos órgãos genitais, provocadas pelos estrogénios, são bem conhecidas e a sua passagem para as neoplasias pode dizer-se que depende, apenas, de uma questão da dose aplicada ou da qualidade da substância empregada. Pelo mesmo processo se pode dar a transformação de um tumor benigno em maligno. A continuidade de um tratamento, a princípio benéfico ou inócuo, pode tornar-se num perigo mortal.

É contra essa inconsciência no uso e no abuso de drogas de manejo tão delicado e de resultados tão catastróficos que ousamos, neste capítulo da profilaxia, lançar um apelo às mulheres para que não usem hormonas sem serem aconselhadas ou receitadas pelo seu médico — sobretudo pelo seu médico ginecologista.

De tudo quanto atrás ficou dito se deduz que o exame periódico do aparelho genital deveria ser o fulcro do combate ao cancro do mesmo aparelho. Quer dizer: a PROFILAXIA teria o primeiro lugar na luta anticancerosa. Quantos cancros em início não seriam despistados, tratados e curados mas CURADOS com letra maiúscula e não apenas submetidos a tratamentos paliativos como são, infelizmente, a maioria dos casos que nos aparecem.

Hoje a maior parte das

mulheres vítimas do cancro genital, são vítimas da sua própria incuria ou dos tratamentos mal orientados a que se submetem.

A mulher que possui hoje maior cultura do que em épocas passadas, que luta pelo seu progresso e pela sua independência, que se tornou mais consciente dos seus direitos que a sua mãe ou a sua avó, tem também o dever de agir por conta própria e de se libertar de uma depressiva inércia que a leva a contribuir, em tão larga escala, para a morbilidade e mortalidade por cancro. Para isso tem um meio ao seu alcance: fazer-se examinar periodicamente. O seu médico ou o centro de profilaxia a que recorrerem lhes aconselhará as análises ou exames a fazer a fim de evitarem que a doença apareça ou alcance a fase avançada que tem de ser evitada.

Todos os médicos em geral podem e devem contribuir com o seu auxílio nesta cruzada contra o grande mal da Humanidade. Como? Tornando-se conscientes do grande papel que têm a desempenhar junto das suas doentes, orientando-as no sentido da prevenção da doença, e também a grave responsabilidade que assumem se não o fizerem. Só esta conjugação de esforços terá um valor real na luta contra o cancro e uma finalidade construtiva.

Para finalizar, devemos fazer uma última advertência: é que a negatividade dos exames efectuados em determinado período não tem um valor definitivo, mas apenas temporário. Com o intervalo máximo de um ano, tudo terá de ser recomendado para que a doente e o seu médico tenham um novo período de descanso ou, na pior das hipóteses, tenham descoberto uma neoplasia mas, então na fase mais precoce da sua evolução e portanto perfeitamente tratável e curável.

No Instituto Português de Oncologia de Francisco Gentil, onde funciona uma consulta de profilaxia, estão já inscritos 8093 indivíduos dos quais 4097 do sexo feminino. Cerca de um quinto destas mulheres foram convidadas a voltar à consulta geral de ginecologia a fim de serem tratadas e curadas das lesões que, descuradas, conduzem ao cancro, e por isso designadas por pré-cancerosas, tendo sido também encontrados (e, evidentemente, ignoradas das doentes) 13 lesões cancerosas ginecológicas e 21 carcinomas da glândula mamária.

Contudo, um número elevado destas doentes não compareceu às consultas que lhe foram indicadas e mesmo um terço das doentes já com lesões cancerosas não se apresentou a tratamento como lhes foi insistentemente pedido.

Estas últimas correm, mas conscientemente, para uma situação deveras alarmante.

Cabe aqui perguntar: para que vieram a uma consulta de profilaxia se tinham já o propósito deliberado de não se deixar tratar se as lesões assim o exigissem? Ou, então, porque desistiram depois de terem dado o primeiro passo para a protecção da sua saúde? O tal medo de saber a verdade? Falta de confiança? Falta de coragem?

De qualquer modo, esta atitude revela — ou uma infantilidade ou uma cobardia — ambas dignas de censura porquanto a consulta de profilaxia sendo (como é) feita com base «no desejo de lutar contra o cancro» não pode admitir tais infracções.

De resto, as doentes que procuraram «voluntariamente» esta consulta, deveriam estar consciencializadas dos seus fins e da sua utilidade, aliás não a procurariam. Porque recuaram depois perante a necessidade evidente de esclarecer o seu caso?

Não compreendemos, mas lamentamos profundamente estas deserções e lamentamos ainda mais as desertoras que pagaram, mais tarde, o seu acto de inflexão actual com sofrimento, e até, com a própria vida.

É necessário que as doentes que tiveram a sensatez de vir à consulta de profilaxia tenham depois — no seu próprio interesse — a coragem e a lucidez necessárias para chegarem até ao fim. A não ser assim, tudo foi inútil e realizado em pura perda.

Desistir é dar parte de fraqueza ou de inconsciência e nós ousamos pedir às nossas mulheres — às mulheres portuguesas — que sejam conscientes e fortes.



A Agro-Reparadora tem um serviço eficiente de assistência pós-venda para as ceifeiras-debulhadoras Claas

NÃO DEIXES PARA AMANHÃ...

— UMA DIRECTIVA NECESSÁRIA AO LAVRADOR PORTUGUÊS

Claro que toda a gente é capaz de acabar a frase, pois quem haverá que não conheça o ditado? Mas quando se trata de o pôr em prática tudo muda de figura. Porque, não o sabemos muito bem. Há quem diga que é por causa do clima, e há quem diga que é porque nós, portugueses, estamos sempre à espera do melhor. Mas o que é certo é que o «amanhã também é dia» parece estar-nos sempre no espírito de modo que «de amanhã em amanhã, perde o carneiro a lã» lá chegamos ao dia em que a nossa falta de previsão nos vem meter em desnecessários trabalhos. Isto é geral, salvo as honrosas excepções, mas de momento interessa-nos

muito em especial um caso particular. O dos lavradores que possuem ceifeiras-debulhadoras Claas. Em havidas conversas com o pessoal técnico da Agro-Reparadora vieram a lume alguns exemplos desta nossa generalizada maneira de ser, amiga de adiar e confiar no «temos tempo». Sucede que parece ser costume, acabada a campanha, arrumar a ceifeira-debulhadora até que venha a ser de novo necessária. Ora é evidente que este período

de inactividade da máquina, se fosse aproveitado para uma revisão cuidada, para uma boa observação, a fim de verificar se existe acaso a necessidade de uma afinação, da substituição de uma peça, etc., viria, certamente, prover a posteriores amargos de boca para o lavrador. Pois se qualquer deficiência se vem a encontrar apenas quando a campanha já está iniciada, ela vem representar um atraso. Um atraso que, como o lavrador muito bem sabe, poderá significar perdas irreversíveis.

A Agro-Reparadora tem um eficiente serviço de assistência pós-venda, prestado por técnicos especializados, e mantém em vários pontos do País adequados «stocks» de peças sobressalentes para as ceifeiras-debulhadoras Claas. Sabam os nossos já modernizados lavradores, aqueles que caminham com o progresso no sentido de uma industrialização da lavoura, utilizar esses serviços a bom tempo, e cremos que só terão a ganhar em rapidez, segurança e, muito importante, em lucro monetário.

CORDOARIA DE AMIANTO
Entrancada e torcida
LUSOSITE
Rua Armando Cardoso, 119
PORTO
TEL. 44637



Automobilista:
Agora já tem o seu
MOTEL no Algarve

motel alagoas

(1.ª Classe)

LAGOA — TELEFS. 143 E 168 — ESTRADA NACIONAL 125 — ALGARVE

FRIGORÍFICOS

KING

FAGOR

com o
mais moderno
sistema técnico
de frio



Compre ALTA capacidade por BAIXO preço!



DINERS CLUB PORTUGUÊS

em colaboração com o

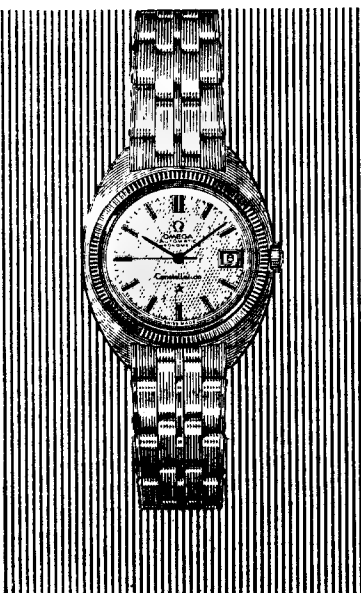


BANCO DO ALENTEJO

Um crédito sempre aberto para todas as suas despesas

**Ω
OMEGA**
Constellation

Um cronómetro que é o padrão da precisão suíça

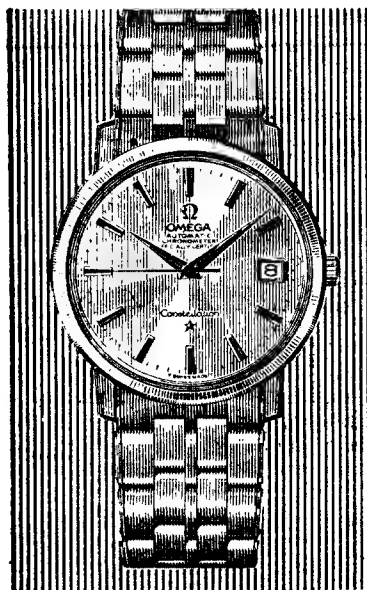


Agora com modelos também para senhora

Os OMEGA CONSTELLATION cronómetros automáticos, com calendário simples ou com indicação do dia da semana, apresenta agora modelos também para senhora. A precisão inigualável deste relógio faz do OMEGA CONSTELLATION

o cronómetro mais famoso em todo o mundo. A Garantia Internacional OMEGA é válida em 163 países. É, portanto, um passaporte internacional da precisão. Há modelos com pulseira de cabedal, de aço e de plaqué

Colecção Constellation—c/correia desde 3500\$00



ALGUMAS AGÊNCIAS OFICIAIS EM LISBOA

Joalharia AUREA
Rua do Ouro, 89

Ourivesaria NASCIMENTO & PINTO
Praça da Figueira, 4-E

Relojoaria SUIÇA
Rua Aurea, 252

Relojoaria MAURY
Rua do Ouro, 202

Ourivesaria PIMENTA
Rua Augusta, 257

TORRES Joalheiros
Rua do Ouro, 255

O ENCONTRO DOS PROFESSORES DE LÍNGUA E LITERATURA PORTUGUESAS

COIMBRA, 7 — Prosseguem os trabalhos do I Encontro dos Professores do Ensino Superior e Secundário de Língua e Literatura Portuguesas. Na segunda sessão, esta manhã, presidida pelo sr. prof. dr. António de Sousa Pereira, e da qual foi relator o sr. dr. Aldónio Simões Gomes, foi apreciado o tema: «A utilização dos meios audiovisuais no ensino de Língua Portuguesa dos Leitores».

Depois, no Instituto de Estudos Boleiros, foi inaugurada uma exposição bibliográfica, que inclui obras didácticas, e foi organizada pela sr.ª prof.ª dr.ª D. Maria Helena da Rocha Pereira, que, usando da palavra no acto inaugural, falou da finalidade do certame e do seu significado.

Durante a tarde decorreram os trabalhos da terceira sessão, dividida em duas partes: na primeira, presidida pela sr.ª prof.ª dr.ª D. Maria Helena da Rocha Pereira, e tendo como relator o sr. dr. Jorge Alves Osório, o debate incidiu sobre o tema «O Aperfeiçoamento dos Professores do Ensino Secundário em Actividades para Pós-Graduados (cursos de aperfeiçoamento e actualização)».

Na segunda parte, sob a presidência do sr. prof. dr. Francisco da Costa Marques, foi desenvolvido o tema: «A Pedagogia no ensino do Português». Relator, o sr. dr. António Dias Miguel.

Instituto de Odíveas

As alunas finalistas do Instituto de Odíveas promovem no sábado, naquele estabelecimento de ensino, pelas 16 horas, a sua festa anual.

Câmara Municipal de Lisboa

EDITAL N.º 66/70

Faz-se saber que no dia 28 de Abril de 1970, pelas 16 horas, terá lugar na 4.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnicos-Especiais, Avenida 24 de Julho, 171, o concurso público para o «FORNECIMENTO DE LAMPADAS DE INCANDESCÊNCIA NO ANO DE 1970», com a base de licitação de 186.000\$000 (Processo n.º 40/70/C.R./DSTE).

O depósito provisório é de 4.650\$00 e o definitivo de 5% da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agência ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo 1, anexo ao «Programa de concursos para adjudicação de empreitadas e de fornecimentos da Câmara Municipal de Lisboa», publicado no «Diário Municipal» n.º 7673, de 24/10/1960.

O processo de concurso encontra-se patente, todos os dias úteis na referida repartição.

Paços do Concelho de Lisboa, em 1 de Abril de 1970.

O PRESIDENTE,
Fernando Augusto Santos e Castro



Diário de Lisboa
Renascer Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava em geral pouco nublado e o vento era fraco a moderado do quadrante norte.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Braga, 5°; Porto e Coimbra, 8°; Penhas Douradas, 2°; Portalegre, 5°; Lisboa, 12°; Faro, 14°; Ponta Delgada, 11°; e Funchal, 15°.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Régua, 23°; mínima: Montalegre, —0°6.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 13°5; na água do mar: 14°.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Período de céu muito nublado, vento fraco a moderado de Norte, possibilidade de aguaceiros fracos e pouco frequentes. Melhoria gradual do estado do tempo, a partir do fim da tarde, com céu geralmente pouco nublado.

Amanha

Nascer às 7 e 13
Ocorrer às 20 e 6



Dia 13 Dia 21 Dia 28 Dia 5

MARÉS:

PRELIMINAR: Hoje — 4 e 58 (4,4 m); 17 e 12 (4,2 m); Dia 8 — 5 e 33 (4,2 m); 17 e 53 (4,1 m); Dia 9 — 0 e 14 (4,0 m); 18 e 32 (3,9 m).
BAIXA-MAR: Hoje — 10 e 43 (0,6 m); 23 (0,6 m); Dia 8 — 11 e 18 (0,8 m); 23 e 27 (0,8 m); Dia 9 — 11 e 54 (1,0 m).

MESA-REDONDA

SOBRE IMPRENSA E INFORMAÇÃO NA P.E.U.

A Procuradoria dos Estudantes Ultramarinos vai organizar um ciclo de colóquios subordinados ao tema geral «Informação», na intenção de tentar abarcar os vários aspectos da problemática informativa portuguesa no presente circunstancialismo.

O ciclo inicia-se amanhã, com uma «Mesa-Redonda sobre Imprensa» na qual participam os jornalistas dr. Francisco Pinto Balsemão (administrador do «Diário Popular»), dr. Vítor Direito (chefe da redacção do «Diário de Lisboa») e João Coito (chefe da redacção do «Diário de Notícias»).

A sessão realiza-se na sede da P. E. U. (Avenida da República, 84, 6.º), com início às 21 e 30.

A entrada é livre para estudantes e jornalistas.

Conselho de Ministros

Sob a presidência do prof. Marcello Caetano reuniu-se esta tarde, no Palácio de São Bento, o Conselho de Ministros para os assuntos económicos.

DESLUSTRAGEM A SECO

Garantia absoluta igualmente em termos de preço com acabamentos por alfaiate. Basta ligar a 823422. Rua da Prata, 156, s/l (único no género).

PROPOSTA DE LEI SOBRE A ACTIVIDADE TEATRAL

As dificuldades do meio teatral resultam em grande parte da carência de infra-estruturas — diz o parecer da Câmara Corporativa

«Serão hoje raros os meios onde a actividade artística se processa num regime de total liberalização, alheado, portanto, de qualquer intervenção ismo estadual» — escreve-se na apreciação na generalidade do Parecer da Câmara Corporativa sobre uma proposta de lei acerca da «Actividade Teatral», ontem remetido à Assembleia Nacional, e do qual é relator o dr. Bento Parreira do Amaral.

Depois de salientar este interesse do Governo pelos «problemas de teatro, procurando definir um critério de intervenção conciliável com a necessária liberdade das coisas do espírito», o Parecer acrescenta mais considerações sobre o citado «intervencionismo estadual»: «O desenvolvimento demográfico, a democratização da cultura, a complexidade de todos os sectores ligados à vida colectiva, determinam a publicação desta importantíssima actividade. Contudo, não deve confundir-se tal assistência dos Poderes Públicos com um dirigismo que é a negação da própria liberdade criadora. No entanto, também essa liberdade amplamente se casa com a acção de fomento do Estado, o qual, hoje, dispõe quase em exclusão dos meios necessários

a uma conveniente planificação».

Em resumo, pode dizer-se que esta apreciação na generalidade é uma abordagem séria do nosso meio teatral, cujas «dificuldades resultam, em grande parte, da carência de infra-estruturas e de ambientação cultural, numa perspectiva que, desse modo, transcende o âmbito do presente diploma». Acrescenta o Parecer: «Por outro lado, em íntima conexão com o que se acaba de expor, deve aludir-se à imprescindível orgânica do aparelho cultural do Estado».

Em reforço das considerações feitas, o Parecer da Câmara Corporativa escreve, depois: «O problema prende-se, aliás (e até se concilia, como bem se perceberá), com uma das mais graves carências do nosso meio cultural: a excessiva (ou exclusiva) centralização. No que toca particularmente ao teatro, só o espectador médio de Lisboa poderá assistir regularmente a espectáculos. As restantes zonas do País vivem num completo marasmo, esporadicamente interrompido por algumas «tournée» e pela dispersa actividade dos grupos amadores. Isto, no Continente; nas Ilhas Adjacentes e no Ultramar o panorama é ainda pior. Há que reconhecer, entretanto, que o presente diploma não per-

mitirá sérias esperanças numa melhoria de situação».

«Regular» e não «disciplinar»

Segundo a Base I da proposta de lei, ao Estado, através da S. E. I. T., incumbe fomentar, orientar e disciplinar a actividade teatral. No seu Parecer, a Câmara Corporativa, depois de concluir pela justificação das «funções que agora expressamente se pretende fazer reconhecer como do Estado», acentua: «Contudo, não ficará mal recordar novamente que aquelas funções de orientação e disciplina devem manter-se dentro dos limites que resultam da existência de «direitos, liberdades e garantias individuais dos cidadãos portugueses» e também da legitimidade das actividades privadas». Por isso, a Câmara sugere que o verbo «disciplinar» seja substituído pelo verbo «regular».

Outro reparo digno de menção feito no Parecer diz respeito à subordinação do Fundo de Teatro à Direcção-Geral da Cultura Popular e Espectáculos. A Câmara conclui que não se vê, em nenhum caso, a referida subordinação, pelo que sugere que seja eliminada da base a afirmação contida no projecto. Também a presidência e composição do Conselho de Teatro suscita vários comen-

tários à Câmara, os quais podem resumir-se: «Quer isto dizer que sobre extensa e não insignificante gama de assuntos aquele elevado número de funcionários irá ser chamado a votar a favor ou contra propostas em que está pessoalmente comprometido ou que têm a chance de um superior hierárquico».

A nova lei deve aplicar-se a todas as modalidades de actividade teatral

Relativamente longo, o Parecer da Câmara Corporativa é um documento do maior interesse. Na impossibilidade de uma transcrição na íntegra, damos, a seguir, algumas das sugestões feitas no sentido de ser modificado o Projecto de Lei.

● O disposto nesta lei é aplicável a todas as modalidades de actividade teatral, incluindo a ópera, o ballet e os espectáculos de circo, de marionetas e de fantoches.

● A Câmara julga que será útil a participação dos interesses neste Conselho de Teatro, e, por isso, propõe que dele façam parte dois representantes da Corporação dos Espectáculos, também designados pelo Conselho da sua secção de teatro.

● A Câmara considera não se justificar qualquer desvio das receitas do futuro Instituto Português de Cinema para o Fundo de Teatro: com isso arriscar-se-á, apenas, o empobrecimento de duas actividades.

● A Câmara considera injusta a manutenção da «sanção» pecuniária aos cine-teatros de Lisboa e Porto que não apresentem espectáculos teatrais em, pelo menos, 125 dias por ano.

INCREMENTO DA COLABORAÇÃO ECONÓMICA ENTRE PORTUGAL E A ESPANHA

—OBJECTIVO DA VISITA AO PAÍS VIZINHO DO SECRETÁRIO DE ESTADO DA INDÚSTRIA QUE AMANHÃ SERÁ RECEBIDO POR FRANCO

MADRID, 7 — No almoço que hoje lhe foi oferecido em Madrid pelo ministro da Indústria de Espanha, Lopez de Letona, o secretário de Estado da Indústria de Portugal, eng. Rogério Martins, explicou os objectivos fundamentais da sua visita, afirmando a certa altura:

— Não podia ter havido para mim melhor modo de entrar em Espanha, para esta viagem exploratória das possibilidades de incremento da colaboração económica entre os nossos dois países, que a visita que na sua companhia fiz ao polo de desenvolvimento de Huelva. Aí está um exemplo frásante do que um planeamento concertado pode fazer para transformar uma região sem esperança num foco novo de vida confiante e de trabalho eficaz; bem sabe, sr. ministro, como me impressionou tudo o que vimos, e a cativante amabilidade com que V. Ex. me guiou.

«E' ainda cedo para induzir a que resultados concre-

tizáveis se chegará nesta visita de trabalho; os delegados de ambos os lados têm esforçadamente procurado investigar todas as questões passíveis de discussão e explorado com fantasia e realismo as várias vias de solução que se apresentam. Como ontem tive ocasião de referir, no almoço com o ministro Lopez Rodó, há toda uma mentalidade a transformar, o que não é fácil, e há que procurar obedecer ao lema da perfeita reciprocidade de vantagens, o que ainda é mais difícil. Mas é preciso encarar de frente este método árduo, porque só ele permitirá progressos reais; já o Evangelho condena os que tentam construir na areia, e a nós, homens caleçados na indústria, mais que a ninguém repugna ignorá-lo.

A área peninsular como um todo

«Proseguindo, disse o eng. Rogério Martins:

— Grande parte do nosso

trabalho será o de propor quadros claros dentro dos quais a livre iniciativa empresarial privada dos nossos países se possa exercer tomando como campo a área peninsular enquanto um todo, quadros de tal modo concebidos que por um lado não entravem com pelas administrativas o exercício rápido das decisões de gestão e das iniciativas de expansão, e que por outro não deixem de assegurar uma harmoniosa compensação inter-sectorial que respeite o postulado de reciprocidade que enunciei. Se conseguirmos este objectivo, teremos aberto avenidas mais largas ao progresso dos nossos povos».

Realizações concretas

MADRID, 7 — (A. N. I. e F. P.) — O semanário «Desarrollo», especializado em temas económicos, dedica as primeiras quatro colunas, ao alto da sua primeira página, as possibilidades de cooperação industrial hispano-portuguesa, publicando uma foto

da recente assinatura do acordo para a construção da ponte no Rio Guadiana, em que foram signatários o ministro espanhol dos assuntos exteriores, Lopez Bravo, e o embaixador de Portugal em Madrid, dr. Manuel Rocheta. Em título, nas mesmas quatro colunas, o semanário sublinha que a visita do secretário de Estado da Indústria portuguesa, eng. Rogério Martins, «pode dar lugar a realizações concretas».

O eng.º Rogério Martins será recebido na quarta-feira pelo general Franco.



EDITORIAL MINERVA

MANUEL RODRIGUES, SUCRS, Lda.

Fundada em 1927 por MANUEL RODRIGUES

31, Rua Luz Soriano, 31-33 e 35-1 — Telef. 32 25 35

COLEÇÕES:

MINERVA (Amarela Gigante), MINERVA (Série Espionagem), BIBLIOTECA POPULAR MINERVA (bolsa), AUTORES DO NOSSO TEMPO, MINERVA (livros de capa amarela), MINERVA (livros de capa branca), BIBLIOTECA PARA TODOS, TERRA-MAR, COLEÇÃO XX (livros policiais de bolso), LIVROS VÁRIOS — Dicionários, AUTORES PORTUGUESES, LIVROS PARA CRIANÇAS e ADOLESCENTES, CATÁLOGO MINERVA (bolsa)

PEÇA O NOSSO CATÁLOGO, QUE O ENVIAREMOS IMEDIATAMENTE PELO CORREIO

OFICINAS GRÁFICAS:

Rua da Alegria, 30 — Telefone 3 47 20

LISBOA - 2



Automobilista:
Agora já tem o seu
MOTEL no Algarve

motel alagoas

(1.ª Classe)

LAGOA — TELEFOS. 143 E 168 — ESTRADA NACIONAL, 125 — ALGARVE

koko

NA MINHA OPINIÃO
O CARTAZ DE PUBLICIDADE
QUE TRAZES NÃO VENDE
OS PROPOSITOS DA NOSSA
AGÊNCIA...

ESTE CARTAZ FOI
ESTUDADO POR MIM
E ESTA DESTINADO
A SUCESSO...

ALÉM DISSO
NÃO ADMITO INTERFERÊNCIAS
NAS MINHAS INICIATIVAS
PESSOAIS

ANUNCIE
AQUI

2.
caderno

«SEARA NOVA»
- NÚMERO DE ABRIL

Saiu o número de Abril da «Seara Nova», que inclui um comentário político do jornalista Fernando Correia, intitulado «Pluralismo e Monolismo», em que se tecem considerações acerca da existência, na Assembleia Nacional (legislatura actual) de «correntes de pensamento político diferente», segundo afirmação do deputado José da Silva (circular do Porto).

Diz a certo passo, Fernando Correia: «Existem deputados (e não só) que, efectivamente, simbolizam e representam, ao nível das superestruturas políticas, o reforço e as ambições das forças económico-sociais firmemente decididas a encaminhar o regime para novos rumos, conduzentes àquilo a que poderemos chamar capitalismo avançado».

Do sumário do n.º 1494 da «Seara Nova» destacamos ainda: «Notas sobre a Acção Nacional Popular», por Jorge Santos; «Tensões, opções, impasses», por António Reis; «Colóquio de Política Industrial», por F. Mateus da Silva; «O Ensino da Língua no contexto social», por Elsa Quinta Alves; e «Três questões», por Manuel Sertório.



BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

85

AGÊNCIAS E
DEPENDÊNCIAS

* capital e reservas	1.066.000.000\$00
* depósitos	18.769.778.274\$00
* valores à guarda	10.170.021.755\$00
* activo	49.312.767.129\$00

apoio
firme
ao trabalho
nacional

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

«Semana Catalã»

Agostinho começou bem

• Pertenceu ao ciclista portu. é a primeira vitória, mas o italiano Zilioli, segundo vencedor do dia, detêm a camisola amarela.

Joaquim Agostinho esteve em grande plano no primeiro dia da «Semana Catalã» em ciclismo ao vencer o 1.º troço da etapa inaugural — Reus-Igualada — com onze segundos de vantagem sobre o italiano Zilioli, numa distância de 37 quilómetros.

No 2.º troço da etapa a vitória pertenceu a Zilioli, tendo o ciclista português chegado em 14.º com mais 38 segundos.

A classificação geral, no final da primeira etapa, é comandada por Zilioli seguindo-se Joaquim Agosti-

nho, a 27 segundos de diferença.

A boa actuação do estradista luso na Volta a Maiorca e o seu começo fulgurante na «Semana Catalã» parecem indicar um regresso à grande «forma» que o notabilizou em estradas além-fronteiras.

Râguebi

Empate prometedor dos portugueses na Holanda

• No próximo domingo, um jogo decisivo: PORTUGAL-MARROCOS

O empate (9-9) alcançado pela nossa selecção de râguebi com a da Holanda, em Hilversum, pode considerar-se um resultado satisfatório.

Neste primeiro encontro da eliminatória do Torneio das Nações da Europa de 1970, o bloco de avançados, graças à sua coesão, força

e decisão, impôs o ritmo de jogo e, felizmente, Francisco Lucena actuou de harmonia com o seu real valor. Têmamos que a selecção quebrasse pelas linhas atrasadas, mas tal não aconteceu. Todavia a fadiga impediu não só os «três-quartos», de si bastante frágeis, e os avançados, sujeitos a tremendo esforço, de manterem o mesmo ritmo no segundo tempo.

Os holandeses, técnica e taticamente mais fracos, tiveram na condição física e na inépcia do árbitro as armas que lhes possibilitou a obtenção da igualdade.

A exibição do «quinze» nacional pode considerar-se, dadas as adversas condições, como francamente positiva. Se os médios repetirem a exibição no próximo domingo, venceremos a eliminatória. Este empate obtido frente à selecção de um país onde há 21 clubes tem um certo tom positivo, pois

o contacto internacional dos holandeses, é bem superior ao nosso.

Tal como na dois anos, em que a nossa selecção empatou por 3-3 com a Bélgica e venceu a Espanha, classificando-nos para a fase final, também, agora pode repetir o êxito.

Bastará, para isso, que as linhas atrasadas e os médios joguem o seu melhor, mantendo os avançados a sua produção de jogo.

O facto de Lucena (6) e de Toni (3) terem sido os jogadores prova bem como o jogo foi «fechado». Lucena foi o médio de formação e Toni é uma segunda-linha. Significa isto que os avançados controlaram todo o jogo, não tendo aberto as linhas atrasadas.

Dado este semi-êxito e de augurar a selecção nacional o maior sucesso frente aos marroquinos. O que está, cremos, dentro das possibilidades dos nossos representantes. P. A.

Pela posse do seu campo

Os dirigentes do Operário são recebidos hoje na C.M.L.

Na sede do Clube Operário de Futebol realizou-se, ontem à noite, uma reunião que teve por finalidade, pôr os sócios do clube ao corrente das diligências dos seus mentores ao longo de 25 anos, pela posse de um campo de futebol.

O presidente da assembleia geral, João Castelo Branco, expôs as conversações havidas desde 1945 com a C. M. L. (nem sempre coroadas de êxito) apesar de em 1948, ter sido elaborado um projecto que dava ao Operário um terreno no Vale Escuro para a construção do seu parque de jogos.

Posteriormente, surgiram complicações sobre o utente desse parque, tendo havido, talvez má interpretação sobre o assunto.

Presentemente o caso parece bem encaminhado, e visando uma resolução, os cor-

poentes do Clube Operário de Futebol são hoje recebidos pelo presidente da Câmara Municipal onde serão acompanhados por representantes da Federação de Atletismo e da Associação de Futebol de Lisboa, respectivamente Gilberto Cardoso e Viegas Louro, que também estiveram presentes ontem na reunião do clube.

BASQUETEBOL

Presença angolana no «Nacional»

Foi ontem efectuado o sorteio para a fase final do Campeonato Nacional de Basquetebol, em juniores, a disputar no Porto durante os dias 10, 11 e 12 deste mês.

De realçar a presença da turma angolana Vila Clotilde, vencedora do campeonato provincial de Angola — lamentando-se, por outro lado, a ausência da equipa representativa de Moçambique.

Além da turma ultramarina, participarão na fase final do campeonato as equipas do F. C. Porto (campeã metropolitana) e do Galitos (vice-campeã).

O calendário de jogos é o seguinte: dia 10: Vila Clotilde-Galitos, às 18 horas; dia 11: Vila Clotilde-F. C. Porto, às 15; dia 12: F. C. Porto-Galitos, às 11 horas.

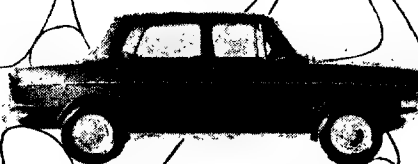
Todos os encontros serão disputados no pavilhão do Académico.

UMA PALESTRA DE EMÍDIO PINTO NO PAÇO DE ARCOS

Logo à noite, pelas 21 e 30, na sede do Paço de Arcos Emídio Pinto profere uma palestra subordinada ao título «Recordando».

Figura das maiores do hóquei em patins mundial, Emídio Pinto dispensa apresentações, estando a sua palestra a suscitar o maior interesse nos meios afectos à colectividade.

um
SIMCA
por
uma ideia



CONCURSO SIMCA 1 MILHÃO

Tem carta de condução e quer ganhar um SIMCA 1000? Então dirija-se ao agente da marca SIMCA da sua área e experimente um SIMCA 1000. Depois dê a sua opinião sobre as características do carro e pense numa frase publicitária sobre o SIMCA 1000. Para comemorar a saída do milionésimo SIMCA 1000 das linhas de montagem francesas, a CHRYSLER DE PORTUGAL oferecerá um SIMCA 1000 à melhor ideia. E a melhor ideia pode ser a sua.

Concorra desde 20 de Março até 20 de Abril!

Concessionários em Lisboa:
SIDIAL
Avenida de Roma, 16-B
J. COELHO PACHECO,
COMERCIAL, SARL
Rua Braamcamp, 52
AGENTES EM TODO O PAÍS



Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

Tartaruga



OUTRO ÊXITO

Robbialac

«TARTARUGA» é uma tinta texturada com cargas siliciosas dotada de excepcional resistência ao tempo. Fornecida em 17 cores. O branco tem a ref.º 17-1.

APLICAÇÃO:

- Sobre rosconi, reboco desempenado, acabamentos em mau estado incluindo caiações.
- Deve ser aplicada sem qualquer diluição, à escova ref.º 39-992, directamente à superfície.

- | | |
|----------------------------|-----------------------|
| • DISPENSA ISOLAMENTO | • ENCOBRE AS FISSURAS |
| • DISFARÇA AS IMPERFEIÇÕES | • UMA ÚNICA DEMÃO |
| • IMPERMEABILIZA | • NÃO RACHA |

ECONOMIA DE TEMPO, MÃO-DE-OBRA E MATERIAIS

OUTROS PRODUTOS DE SUCESSO

PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

PARA REPINTURA DE VIATURAS

VITON Expressão máxima de qualidade.

BERGEREX Esmalte sintético para pistola.

SYLURE E S.P.M. ...	Esmaltes de alta quantidade.
SUPER REP	Tinta d'água para exteriores e interiores
REP TIXOTRÓPICO	Tinta d'água tixotrópica para exteriores e interiores.
PINTAMUR	Tinta d'água para interiores.
CUPRINOL	Imunizador de madeiras

PAPEL PARA PAREDES

MAY FAIR Revestimento vinílico

CROWN Papel plastificado.

A ROBBIALAC, A INDÚSTRIA NACIONAL QUE DEU MAIS COR A PORTUGAL, ATRAVÉS DOS SEUS SERVIÇOS TÉCNICOS, PRESTA TODAS AS INFORMAÇÕES NECESSÁRIAS.

«IX GRANDE PRÊMIO ROBBIALAC»

Conforme foi largamente divulgado pela Imprensa, Rádio, Televisão e Cinema, vai realizar-se de 2 a 7 de Junho o «IX Grande Prémio Robbialac», que este ano faz parte do calendário do ciclismo internacional.

Com o intuito de dar ainda melhor projecção no aspecto turístico à realização da sua prova, resolveu a Robbialac organizar em Ofir festejos de carácter popular que terão início na segunda-feira dia 1 de Junho.

A Robbialac Portuguesa tem o prazer de convidar todas as entidades que o desejarem a apresentar os seus carros de propaganda na «Caravana publicitária» que acompanha a

prova ou a montarem «stands» de exposição no Largo de Ofir, reservado para os referidos festejos e para as chegadas da maior parte das etapas.

Os interessados não terão de pagar quaisquer taxas à Robbialac que se encontra à sua disposição para os ajudar, na medida do possível, na montagem dos «stands».

As entidades que estiverem interessadas nesta colaboração com o «IX Grande Prémio Robbialac», poderão, desde já, e até ao dia 30 de Abril, dirigir-se à Secção de Propaganda e Expansão da Robbialac Portuguesa, Rua Conde de Redondo, 46, Lisboa.

O sorteio do calhambeque será efectuado em 1 de Junho, em Ofir, dia do início dos festejos ligados à realização do «IX Grande Prémio Robbialac»

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

UM TEMA CHAMADO FUTEBOL

A propósito de treinadores

Por COSTA PEREIRA

Quando um clube contrata um treinador, que lhe pede? Vitórias. Se a equipa perder, juntar o útil ao agradável, se além de ganhar também praticar bom futebol, tanto melhor, claro. Mas a preocupação fundamental é a das vitórias...

Assim, cada treinador subordina toda a sua acção a essa ideia, até porque, normalmente, a sua presença num clube não será tão longa que lhe permita colher frutos do chamado «trabalho em profundidade».

Nesse objectivo, cada um coloca as suas capacidades, sempre diferentes, e a sua experiência do mundo do futebol.

Há quem considere que

para essa experiência é necessário ter-se sido jogador e jogador de grande categoria. Discordo. Existem excelentes treinadores que nunca «andaram lá dentro», mas possuem os conhecimentos do jogo e a capacidade para serem «bons condutores de homens» que são virtudes das mais importantes.

Onde é fundamental ter-se jogado, para poder exemplificar pela prática, é na direcção de escolas de jogadores ou de equipas de jogadores jovens que ainda não aprenderam as noções fundamentais da técnica do futebol. Acontece que os profissionais (a não ser que sejam maus profissionais) não necessitam que

lhes ensinem como se pára e passa uma bola, como se «fecha um ângulo de remate», etc., etc.

Assim, os responsáveis por estas equipas têm principalmente que possuir esse «segredo» do bom comando e a consciência do que há a fazer para que os jogadores estejam em «forma» e nele permaneçam o máximo do tempo possível. Como consequência, apareceu-nos como magníficos técnicos homens que não foram jogadores e que assentaram os seus conhecimentos no estudo e na teoria. Exemplos? Pois temos, entre outros, Vicente Feola, Otto Glória e mesmo Joaquim Meirim.



Ao contrário, verifica-se que Di Stefano fracassou no Elche como treinador, embora trunfasse mais tarde no Boca Juniors, mas como secretário-técnico.

Uma equipa de futebol é um pequeno mundo em que cada jogador tem a sua maneira de ser, a sua formação, os seus problemas. Harmonizar tudo isto e criar espírito de grupo e uma vontade colectiva de vitórias — é a vitória que um treinador tem de alcançar.

VOLEIBOL

PARA O «REGIONAL» O TÉCNICO VENCEU O LISBOA GINÁSIO (3-0)

Na Escot. Nuno Gonçalves, prosseguiu, ontem, o Campeonato de Lisboa de voleibol, em seniores, tendo o Técnico derrotado o Lisboa Ginásio por 3-0 (16-14, 16-14 e 15-10).

Dirigiram o encontro Fernando Alves e Almeida Tavares, tendo as equipas formado:

L. GINÁSIO — José Sousa, Fernando Simões, Casal Ribeiro, Joaquim Azevedo, José Sales, Rodrigo Carvalho, João Passarinho e Benvidio Pitra.

TÉCNICO — André Mendes, Carlos Canas, António Correia, Costa Reis, João Carlos, Corte Real, Rauí Carregoso e Cunha Pereira.

O jogo foi muito agradável de seguir, porquanto as duas equipas actuaram em bom plano — merecendo especial relevo a boa réplica que os ginastas ofereceram, aliás como o próprio resultado indica.

Na primeira partida o Técnico cedo quis marcar a sua natural superioridade e chegou a 8-4. Os ginastas equilibraram o marcador aos 9 e aos 13 pontos, conseguiram fazer 14-13, mas, nos momentos decisivos, falharam, acabando por perder 14-16.

Na partida seguinte o panorama foi muito semelhante chegando o Técnico à vantagem de 11-6. O Lisboa Ginásio reagiu, passou o resultado para 11-13 e acabou por ceder novamente por 16-14.

O esforço despendido pro-

duziu os seus efeitos e o maior poder de ataque dos vencedores acabou por se impor, um tanto exageradamente, em relação ao resultado de 3-0.

Em face deste desfecho, Benfica e Técnico mantêm o comando da prova.

«URTAİN BATE MUITO FORTE»

MADRID, 7 — (F. P.)

— Urtain bate muito forte. E surpreendeu-me, tendo feito progressos desde o encontro com Lesite Borden em Hamburgo — disse Weiland.

Este não tem, afirmou, intenção de abandonar o boxe, e espera, mesmo, poder tirar a desforra desta derrota.

José Manuel Ibar «Urtain», antigo pedreiro de Cestona, está contentíssimo por ter reconquistado para a Espanha, 37 anos depois de Uzcudun, o título de campeão da Europa dos «pesados».

— Weiland é muito forte — disse no vestuário. — No quinto e sexto assaltos tive de abandonar para recuperar. No sétimo, recebi um soco na cara... Enravecei-me e bati com toda a força. Enfim, parece-me que bati bastante bem.

RÂGUEBI

Um tanto surpreendentemente selecção portuguesa de rúguebi conseguiu impor uma igualdade (9-9) à selecção da Holanda, com 9-3 ao intervalo favoráveis a Portugal.

O resultado, sem dúvida li-songeiro para as nossas cores, abre perspectivas promissoras em relação à época internacional em curso.



SOCIEDADE DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DE EMPRESAS

NORMIA S.A.R.L.

INFORMÁTICA

ORGANIZAÇÃO INDUSTRIAL

MARKETING

(estudos de mercados, promoção de vendas, etc.)

ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA

SELECÇÃO E FORMAÇÃO DE PESSOAL

ESTUDOS ECONÓMICOS E FINANCEIROS

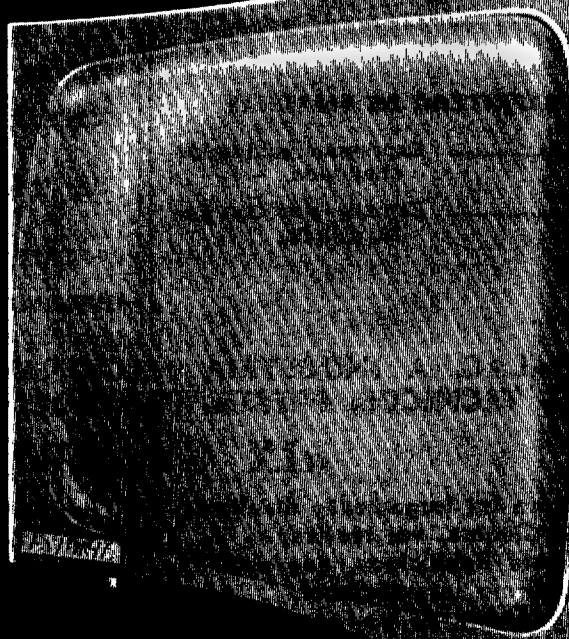
100 CONSULTORES E TÉCNICOS

AVENIDA 5 DE OUTUBRO, 122 — LISBOA — TELEF. PPC. 767604

DELEGAÇÃO EM MOÇAMBIQUE: C. P. 1963 — TELEF. 4821 — L. MARQUES

DELEGAÇÃO NO PORTO: R. CAMPO ALEGRE, 732-6.º — TELEF. 6 69 34

SIEMENS ESTORIL



Um luxo em televisão

- Imagem insuperável
- 6 teclas para 6 programas

IMPORTADO COM GARANTIA DA PROCEDÊNCIA

Páginas Amarelas

por si e para si

**Quem consulta encontra o que quer.
Quem está presente é consultado.**

Páginas
Amarelas



Páginas Amarelas a consulta que resulta.

j. pimenta, S A R L

tem para venda em Paço de Arcos,
Cascais e Reboleira-Amadora
Andares e Apartamentos Mobilados

Reboleira-Amadora preços desde 150 Contos até 880 Contos

Paço de Arcos » » 190 » » 500 »

Cascais » » 350 » » 1100 »

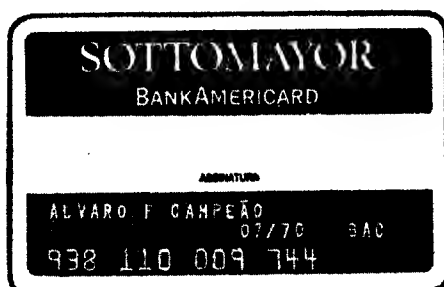
As nossas melhores referências são mais de 4.000 Clientes satisfeitos

	LISBOA	QUELUZ
Informe-se nos nossos	Praça Marquês de Pombal, 15	Rua D. Maria I, 30
escritórios ou no	Tels. 4 58 43 e 47 8 43	Tels. 95 20 21/22
local das nossas propriedades	Paço de Arcos — Espargal	Reboleira — Amadora
	Telef. 243 35 11	Telef. 93 36 70

**NOGUEIRA
INFORMÁTICA**



COLABOROU PARA QUE



PENSASSE EM SI

fornecendo:

**OS CARTÕES,
AS MÁQUINAS
VALIDADORAS**



solaic

**BEM COMO A RESPECTIVA
GRAVAÇÃO**



Quarenta e dois quilómetros a correr, constitui proeza ao alcance de bem poucos... Vasco Medeiros, o valoroso atleta belenense, vencedor da Maratona Nacional, realizada no passado domingo, mostra bem quanto de esforço é necessário para cumprir a lendária corrida. Ele, já no final, ao entrar na pista do Estádio Almirante Américo Thomaz

ESTA NOITE

Cerimónia de abertura dos Campeonatos Universitários

Esta noite, no Pavilhão do Estádio Universitário, pelas 21 horas, terá lugar a cerimónia de abertura dos Campeonatos Nacionais Universitários de 1970.

Para além do aspecto desportivo propriamente dito,

os campeonatos universitários constituem uma manifestação de convívio entre estudantes sob a égide do desporto, traduzindo ainda uma iniciativa de grande alcance social e profundas repercussões.

HOJE À NOITE

ANDEBOL — Jogo Internacional: Sporting-F. A. Oldenburg (Alemanha), às 22, no Pavilhão da Ajuda.

ASSEMBLEIA — Da Associação Desportiva Sanjoanense, em S. João da Madeira, às 21 e 30.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional Feminino da I Divisão: Vitória de Setúbal-Benfica, às 21; no Pavilhão da Ajuda.

Grande Torneio Feminino: Oeiras (A)-Atlético, às 21; Oeiras (B)-O. D. U. L., às 22; Sporting-Encarnação, às 21 e 30; e C. I. F. Sintra, às 22 e 30, nos campos dos primeiros.

DESPORTO UNIVERSITÁRIO — Cerimónia de

abertura dos Campeonatos Nacionais Universitários de 1970, no Pavilhão do Estádio Universitário, às 21.

MOTORISMO — Distribuição de prémios da Volta a Portugal e I Rampa de Monsanto, no Clube 100 á Hora, às 19.

PALESTRAS — Do internacional de hóquei Elmiro Pinto, na sede do Desportivo de Paço de Arcos, às 21 e 30.

Do jornalista Mário Zambujal, na sede do Atlético Clube de Portugal, às 21 e 30.

TÊNIS DE MESA — Campeonato de Lisboa de Seniores — Equipas: I Divisão: Paço de Arcos-Lisgás, Benfica-Sporting, Belenenses-Centro Católico e G. I. P. A.-Avila.

II Divisão: Arte e Sport-Armadorense, R. d. I. gues Cordeiro-Combatentes, Ate-neu-Intendente e Miranten-se-Amoreiras.

III Divisão: Arroios-Académica da Amadora, Económicos-Atlético do Cacém, Águilas-Estrela da Amadora e Operário-Recordação de Apolo.

Promocão: Série A: Casa Pia-Carregado, Lusitano Clube-Cimento Tejo. Desportivo da Graça-F. C. Lisboa e Bela Vista-Madre de Deus. Série B: Castelo-Fontainhas, Desportivo do Camo-Oeiras, Mercês-Texena e Academia Verdi-Andorinha.

Todos os jogos se realizam nas mesas dos primeiros, às 21 e 30.

Andebol Vitória do Belenenses sobre o Oldenburg

Realizando exibição notável, a equipa de andebol de sete do belenenses logrou alcançar uma vitória significativa sobre o poderoso conjunto alemão do Oldenburg, por 17-16.

O encontro foi especialmente emotivo e a vitória dos «azuis» muito festejada pela assistência.

**AGENCIA ABREU
PASSAPORTES**
Av. Liberdade, 160

DESPORTO DESPORTO DESPORTO

JOGOS OLÍMPICOS DE MUNIQUE

CÂMARAS DE TELEVISÃO

«ENCARREGAM-SE» DA CRONOMETRAGEM

MUNIQUE (Olympia Press) — A câmara da televisão é incorruptível: por esse motivo utilizá-la-á durante as competições olímpicas de natação nos Jogos Olímpicos de 1972 em Munique e pela primeira vez no mundo, câmaras de televisão para apurar os resultados. Tal é a proposta da Federação Internacional de Natação e do Comité Organizador de Munique. Este primeiro sistema totalmente automático, com câmaras de televisão e bandas magnéticas para fixar as imagens, será utilizado simultaneamente com o sistema automático de cronometragem à base de embate, sistema que substitui o velho cronómetro manual.

A cronometragem televisiva funciona do seguinte modo: por cima de cada pista será instalada uma câmara com a frequência de 100 imagens por segundo. As imagens serão coordenadas com o tempo real em centésimos de segundo e transmitidas ao monitor atrás das placas de embate. No caso de defeito de uma placa de embate pode-se controlar a chegada pela banda magnética. O tempo apurado pela televisão será então comunicado ao computador central. Este, por sua vez, dá o resultado ao indicador luminoso e ao impressor num período máximo de 60 segundos.

Pesquisas na Kiel Fördé

Na baía de Kiel estuda-se de momento as correntes marítimas e os valores hidrográficos. Os resultados das pesquisas serão postos à disposição dos aproximadamente 850 velejadores, que vão participar nas regatas olímpicas de Kiel em 1972.

Cozinha olímpica para todos os paladares

Os participantes dos Jogos Olímpicos de 1972 em Munique não necessitarão de abandonar os seus manjares pre-

dictos: quem não gostar da ementa olímpica, terá a possibilidade de comer comida especialmente preparada pelo cozinheiro da equipa.

Uma das três cozinhas, nas quais se vai preparar a alimentação dos atletas em 1972, estará à disposição dos 70 cozinheiros das diferentes equipas.

O refeitório, alojado num edifício de três andares, vai ficar situado ao lado da Aldeia Feminina. A lotação máxima de 2600 lugares, obriga à introdução de um horário com cinco refeições para os 10 000 atletas e os seus 2000 acompanhantes esperados durante os Jogos. Este horário será coordenado com o horário das competições e dos treinos. O refeitório da Aldeia Olímpica irá ter três cozinhas, únicas na Europa em tamanho e apetrechamento. De o grelhador móvel para ovos estrelados ao fogão automático de grandes dimensões, tudo estará à disposição. Especialmente os fogões automáticos permitirão cozinhar ementas deliciosas em pouco tempo e sem haver necessidade da participação de um cozinheiro: a comida crua entra num dos lados e do outro sai o prato pronto. O cozer, assar, fritar, condimentar e fazer molho, tudo será automático.

Também a técnica moderna ajudará a descentralizar a lotação do refeitório: câmaras de televisão vão mostrar à entrada quais os lugares vagos nas enormes salas. Pretende-se assim, nas horas de maior movimento evitar apertos na distribuição das refeições.

Passados os Jogos Olímpicos, este refeitório será um pouco reduzido e servirá a cidade estudantil no Oberwiesfeld. As salas do refeitório não mais utilizadas, serão transformadas em salas de leitura, de jogos, em salas comuns, etc.

Alborques em 1970

Para a Sociedade Construtora Olímpica, o ano de 1970 será o ano dos alborques. Até ao fim do ano vão estar prontos em construção bruta todos os locais de competições principais no Terreiro Olímpico, exceptuando o estádio de ciclismo. Nas instalações do desporto náutico de vela e remo serão pelo menos acabadas as estruturas subterráneas.

Estas são as datas: Estádio Olímpico em fins de Julho de 1970; Pavilhão dos Desportos em meados de Julho de 1970; Pavilhão de Natação em fins de Setembro de 1970; instalações centrais de desporto (Pavilhão de Voleibol e Centro Olímpico Alemão de Rádio e Televisão) em fins de Junho de 1970; Aldeia Olímpica no Verão de 1970; instalações para as regatas em Agosto de 1970.

A UNIVERSALIZAÇÃO DO RÂGUEBI

Durante anos o râguebi foi praticado quase que exclusivamente nos países da Comunidade Britânica. Só em França, desde o princípio deste século, o râguebi foi olhado com simpatia especial e daí a admissão dos râguebistas franceses no Torneio das 5 Nações. Agora, o «International Board» decidiu fazer a «Conferência das 5 Nações», iniciativa que representa um passo em frente no sentido da F. F. de Râguebi ser admitida no «International Board».

A expansão do râguebi em muitos países fora da comunidade britânica veio provar que havia muitos outros países onde o râguebi podia ser praticado dentro do seu verdadeiro espírito, isto é, os jogadores baterem-se como guerreiros, mas comportarem-se como cavalheiros.

Subam os homens do «International Board» que nos países europeus os jogos de râguebi se tornavam, muitas vezes, em desordens que não serviam para manter o jogo no seu verdadeiro espírito: escola de lealdade, coragem,

espírito de sacrifício, abnegação e auto domínio.

Porém, os tempos mudaram. A obra da F. I. R. A., onde estão filiadas todas as federações do râguebi europeu e a evolução dos praticantes nos diversos países, levaram o «International Board» a 1.º — aceitar a França como auditor sem poder de decisão, mas podendo opinar e sugerir; 2.º — Levantar a proibição que havia, há mais de dez anos, de o râguebi romeno jogar na Grã-Bretanha ou de equipas britânicas se deslocarem à Roménia; 3.º — Apoiar a ideia de deslocações pouco extensas de equipas ou selecções britânicas aos países continentais; 4.º — Desenvolver os contactos râguebísticos estabelecidos, depois da guerra com a Argentina; 5.º — Estabelecer contactos ao nível de selecções com o Japão.

Tudo isto prova que o râguebi está a sair do seu isolamento e tudo se encaminha para a universalização do jogo e para a criação de uma Federação Internacional de Râguebi Amador.

P. A.

«SUPERTELHADO»

SÍMBOLO OLÍMPICO DE MUNIQUE

MUNIQUE — (O. P.) — Trabalha-se a toda a força na jóia das construções olímpicas de Munique, constituída pelo enorme telhado com 75 000 m² de superfície. Há poucos dias iniciou-se a terceira cobertura experimental, num telhado modelo à escala de 1:1. Depois de coberturas experimentais com vidro acrílico e material «polyester», utiliza-se, agora, folhas de plástico. Chuva, vento, gelo e neve deste duro Inverno permitem que os arquitectos e construtores examinem a reacção destes materiais sob condições climáticas difíceis.

Construtores e especialis-

tas em estática revêem os seus cálculos dos pilares, cabos de retenção, rede de aço, alicerces e cobertura num telhado experimental com 200 m². As obras foram iniciadas em Setembro de 1969 e o arrojado projecto não é mais objecto de discussões: passou à realização.

Exige-se da cobertura do telhado uma transparência tal que permita à televisão captar imagens livres de contrastes. Esta exigência é de especial importância no Estádio Olímpico, que será somente coberto em metade. Foi esse o motivo, aliás, que não permitiu a construção do telhado em ma-

deira ou concreto leve, como tinha sido proposto, visto isso dar lugar a demasiado contraste para a televisão. Durabilidade, transparência, impermeabilidade e resistência ao fogo, as vantagens e desvantagens dos diferentes materiais, influirão na escolha do material a aplicar na cobertura do telhado olímpico no Outono de 1971. Certamente, o preço do material a aplicar será também muito importante.

Conseguiu-se, embora dificilmente, que o preço desta obra não fosse além de 80 milhões de marcos. Com as seis empresas alemãs e

austriacas, que formaram uma sociedade construtora para o efeito, firmou-se, no dia 4 de Dezembro de 1969, o contrato para a construção.

Além de uma parte do Estádio Olímpico, será o também coberto pelo mesmo telhado o Pavilhão dos Desportos, o Pavilhão de Natação, assim como grande parte dos acessos e caminhos. O telhado assentará em pilares, alguns dos quais com 80 m de altura. Para estes pilares está a construir-se os alicerces de concreto, com as precauções inerentes às construções de Inverno.

O café dos cafés...

Aquele café que tanto aprecia nos CAFÉS e que lhe deixa ficar no paladar a sensação de «qualidade» que gostaria de obter em sua casa, é...

MONTARROIO. Os bons estabelecimentos do género dão-lhe a preferência. Mas pode dar-se também ao prazer de ter no seu lar um bom café... aromático... saboroso... o café dos cafés. Basta pedir ao seu fornecedor — café MONTARROIO, de paladar inconfundível.



Montarroio

O SEGREDO DO BOM CAFÉ



FEDERAÇÕES DE FUTEBOL SUSPENSAS PELA F. I. F. A.

ZURIQUE, 7 — (R.) — A F. I. F. A. anunciou que foram suspensas nove Associações nacionais de futebol, por falta de pagamento da quota anual de 1970.

As Associações suspensas são a das Bahamas, Camboja, Congo (Brazzaville), Coreia do Norte, Laos, Lesoto, Mauritânia, Paquistão e Somália.

A F. I. F. A. afirma que as Associações tinham sido avisadas da sua suspensão em carta registada, ao abrigo do artigo 36.º, dos Estatutos. A quota anual é paga em 1 de Janeiro, e o prazo máximo termina em 1 de Abril.

Arnaldo Pereira e José Olímpio no Centro Paroquial e Social de Alcântara

O Centro Paroquial e Social de Alcântara tem desenvolvido interessante acção no sentido de um estudo do fenómeno desportivo, através da realização de colóquios dirigidos por figuras destacadas na análise do Desporto. Assim, no próximo dia 8, profere uma palestra o atento comentador que é Arnaldo Pereira, seguindo-se José Olímpio, igualmente figura de relevo na Informação desportiva.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

CICLISMO INTERNACIONAL

A «53.ª VOLTA À ITÁLIA»: 3311 KM EM 19 ETAPAS

★ Acaba de ser divulgado o percurso e características da «Volta à Itália» que este ano cumpre a sua 53.ª edição. A prova deste ano constará de 19 etapas em linha e um contra-relógio, principiando no dia 18 de Maio em S. Pellegrino Terme para terminar em Bolzano, em 7 de Junho. A distância total é de 3311 quilómetros, com um dia de descanso.

O itinerário é o seguinte:
18-5 — S. Pellegrino Terme-Blandrino, 150 km.
19-5 — Comerio-Saint Vincent, 160.

20-5 — Saint Vincent-Aosta, 160.

21-5 — Saint Vincent-Lodi, 205.

22-5 — Lodi-Zingonia, 170.

23-5 — Zingonia-Malcesine, 210.

24-5 — Malcesine-Brentonico, 130.

25-5 — Rovereto-Bassano del Grappa, 135.

26-5 — Bassano del Grappa-Treviso, (contra-relógio) 53 km.

27-5 — Descanso.

28-5 — Terracina-Rivisondoli, 190.

29-5 — Rivisondoli-Francavilla al Mare, 160.

30-5 — Francavilla al Mare-Louto, 175.

31-5 — Louto-Faenza, 185.

1-6 — Faenza-Casciana Terme, 213.

2-6 — Casciana Terme-Mirandola, 170.

3-6 — Mirandola-Lido di

Iesolo, 210.

4-6 — Lido Iesolo-Arta Terme, 160.

5-6 — Arta Terme-Marmolada, 160.

6-6 — Roca Iebore-Dobbiaco, 155.

7-6 — Dobbiaco-Bolzano, 155.

O final é altamente montanhoso, pelo que a vitória dificilmente se decidirá antes do último dia. Bolzano foi escolhida pela primeira vez para o final do «Giro».

★ Os organizadores das grandes «Voltas» têm encontrado nestes últimos tempos dificuldades cada vez maiores para fazer as chegadas nas grandes cidades. O tráfego cada vez maior em capitais como Roma, Paris e Madrid, leva as autoridades a impedir a entrada dos corredores no centro ou pelo menos em recintos situados em zonas centrais que oferecem a possibilidade de melhor compensação económica.

Embora Madrid seja apenas final de etapa, os organizadores da Volta à Espanha estão a encontrar sérios obstáculos para instalar a meta no parque do Retiro, o que estaria mais a caráter com a importância da prova neste ano em que comemora as suas bodas de prata.

Inicialmente a ideia era a de fazer a chegada no Estádio de Vallehermoso, mas tal projecto levantou um sem-

numero de problemas, visto que a caravana entrava pela estrada de Salamanca.

Depois de muito estudo, porém, desviando o trajecto para a estrada de Valência, veio a ser possível fazer a chegada a Madrid num ponto bem central — o Passeio dos Coches do Parque do Retiro.

★ O belga Godefroot foi o vencedor do Critério de St. Claud, na distância de 150 quilómetros. Nos lugares seguintes classificaram-se R. Rotté, Mortensen, G. P. Peterson e Van Impe.

★ O Grande Prémio de Anversa, disputado em cinco dias com um total de 804 km., foi ganho pelo polaco Gorski.

★ Nas provas belgas da Páscoa em Hannut e Noorderwijk, venceram, respectivamente, Roger Swerts e Weckemans.

★ No Circuito dos Aves, disputado em Pontoglio (Itália), na distância de 100 quilómetros triunfou o italiano Ghinoni, seguindo-se-lhe com o mesmo tempo Merckx, Armani, Motta e Campagnari.

★ A «Volta ao Uniquale» foi ganha pelo italiano Giuseppe Maffei, seguido dos brasileiros Pedro Geraldo de Sousa e Luís Carlos Flores.

OTTO GLÓRIA faz sensação:

«PELÉ NÃO TERIA LUGAR NUMA SELECÇÃO ORGANIZADA POR MIM»

RIO DE JANEIRO, 7 — (A. N. L.) — «Pelé está rendendo apenas quarenta por cento do que jogava anteriormente, pelo que não teria lugar numa selecção organizada por mim» — declarou Otto Glória, actual treinador do América, em entrevista ao «Correio da Manhã».

Sobre a actual selecção brasileira, que não via jogar desde 1966, em Liverpool, afirmou:

«De então para cá, o futebol brasileiro não mudou nada. Continua lento, sem imaginação e com uma defesa fraquíssima. Desta maneira, as suas possibilidades no «Mundial» são muito pequenas».

Otto Glória declarou que fora convidado por João Havelange para substituir João Saldanha, mas não aceitara.

O fim-de-semana do atletismo

QUANTIDADE — SIM QUALIDADE — NÃO

Não, conseguimos alcançar a ideia dos dirigentes quando analisamos os vastíssimos programas elaborados para as competições atléticas que normalmente se disputam nos fins-de-semana.

O Torneio de Abertura não atingiu aquela regra, quanto a nós contraproducente, pois sábado e domingo realizam-se nada menos do que 70 provas, sem contar com a obrigatoriedade, da efectivação

de séries, principalmente, nas corridas de velocidade pura e velocidade prolongada.

Claro, o que dizemos atrás não desabona no seu todo o trabalho global que a Associação de Atletismo tem vindo a desenvolver. São questões de pormenor, portanto, discutíveis, que merecem, cremos, uma análise mais aprofundada pelos dirigentes associativos.

Por outro lado, as pistas do Restelo, que necessitam de reparação não ajudaram os atletas na conquista das marcas e dos tempos.

Através dos resultados obtidos pudemos verificar que alguns atletas fizeram progressos — ainda que lentos.

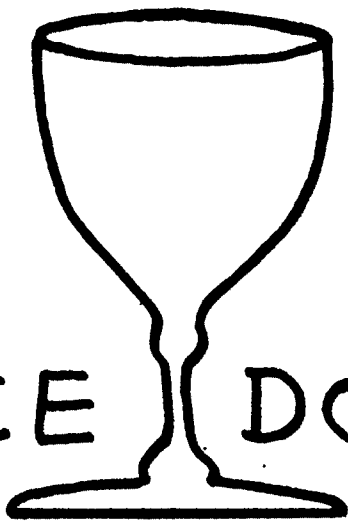
Estão neste caso: Fernando Manede (1500 metros, 3 m. 56,3); Merléu Nobre e Fernando Silva (400 metros, 50,5 s.); Manuel Dias (100 metros, 11 s.); Fernando Ferreira (200 metros, 22,3 s.); Macedo Castro (11,2 s. nos 100 metros); e Joaquim Sobral (1.56,3 m. nos 800 metros).

Para além deste apontamento que é uma sugestão de progresso naquelas atletas, podemos citar como resultados (menos maus): Abreu Matos (15,8 s., 110 metros barreiras); José Diogo (3.58,8 m. nos 1500 metros); Carlos Eufrásio (56,08 m. no dardo); José Pedrosa (48,80 m. no martelo); José Lourenço (9.13,2 m. nos 3000 metros obst.); Vítor Silva (36,12 m. no disco); Pêrides Pinto (6,98 no comprimento).

Entre as raparigas houve uma espécie de doçura. O factor de maior valia veio de Eulália Mendes que cobriu os 400 metros em 62,1 s. seguida de Elisabete Simões, com 62,7 s.

Entretanto, o apontamento de maior progresso deu-o Dominique Daupas, com o recorde nacional dos 80 metros barreiras, no tempo de 12,3 s.

Quanto às restantes tiveram uma virtude que podemos definir nestas palavras: boa vontade e entusiasmo.



O CÁLICE DO PORTO

O PORTO DO SEU CÁLICE

O VELHO PORTO *Neport*
SABE...

A QUEM SABE...

DISTRIBUIDOR NO SUL: J. NUNES DA SILVA

Largo Rafael Bordalo Pinheiro, 27/29-1.º — Telefones 30735/6

LISBOA - 2

Bonkei — a arte japonesa de reproduzir a paisagem

Os japoneses são grandes apreciadores da natureza. As suas manifestações artísticas populares estão cheias de referências, alegóricas ou não, à natureza e à paisagem das ilhas japonesas. Estão neste caso o Noh, o Kabuki, o Bunraku (teatro de fantoches), o Ikebana (arranjo de flores) e a Chanoyu (cerimónia do chá). Mas os japoneses são, como se sabe, grandes miniaturistas. Como tal não podiam deixar de representar em pequeno as suas paisagens. As duas grandes manifestações nesse campo são o Bonsai e o Bonkei. A primeira refere-se às árvores anãs e a segunda às paisagens em tabuleiros.

O Bonsai

O ajardinamento paisagístico destina-se a reproduzir parcialmente uma paisagem natural numa escala reduzida nos limites do seu próprio jardim a fim de apreciar a natureza na sua vida diária. «Bonsai» é a arte de cultivar, durante muitos anos, pequenas árvores em vasos com cerca de dois ou três centímetros a um metro de altura, especialmente para apreciar a sua forma. E quando tais árvores anãs crescem com uma aparência «natural» — isto é, como as grandes árvores que crescem de modo selvagem nas montanhas e campos — são consideradas muito bonitas uma vez que exalam uma atmosfera da paisagem natural.

O que é o Bonkei?

Bonkei, a terceira forma da arte paisagística, está intimamente relacionada com o Bonsai e destina-se a recriar em miniatura paisagens naturais como pântanos, campos bravios, rochas caprichosas, montanhas, vales e cursos de água em pequenos tabuleiros a fim de ser possível apreciar totalmente as belezas da natureza. Bonkei é semelhante à pintura na medida em que se representa a natureza. Mas, ao contrário da pintura que é uma delimitação plana, Bonkei caracteriza-se por uma representação, num tabuleiro, de uma paisagem natural em três dimensões.

Um aspecto de especial relevo da arte Bonkei é que não importa qual a paisagem natural que cada um deseja — tais como montanhas, o mar e a paisagem rural segundo as várias estações — pois tal pode ser criada num pequeno tabuleiro que então será colocado numa alçova ou numa mesa a fim de que a beleza de uma paisagem particular possa ser apreciada em qualquer momento de lazer.

Bonkei antigo e moderno

Bonkei data do remoto Período Kamakura (1192-1333). As pessoas desse tempo apreciavam arranjar várias combinações de pedras naturais e pequenas árvores em vasos. Esta arte muito simples de apreciar a natureza em miniatura foi gradualmente desenvolvida e aperfeiçoada. No Período Edo do Shogunato Tokugawa (1600-1867), a tendência surgiu a criar paisagens em vasos a fim de apreciar uma paisagem natural num espaço limitado.

Este hábito de construir paisagens naturais em vasos ou tabuleiros foi continuado pelas pessoas da Era Meiji (1868-1912) e fortemente aperfeiçoada numa verdadeira forma de arte.

As pedras naturais e o barro foram inicialmente os materiais usados na arte de Bonkei durante muito tempo. Mas nos meados da Era Meiji, foi desenvolvido um novo método usando «kedotsuchi», uma forma de solo de humus especial. Isto é, foi adicionada água no solo, que então é amassado e livremente formado com uma espátula em várias formas naturais, assim como montanhas, rochas e campos, e finalmente colorido.

Atualmente, existem variadas formas de «Bonkei» — nomeadamente, «Sulban-bonkei», usando um «suiban» (vaso) como recipiente, «Tate-bonkei» (Bonkei perpendicular), que usa o tabuleiro inclinado contra a parede, «Tsuru-bonkei» (Bonkei pendurado) usando vasos pendurados do alto, e «Taku-bonkei» (Bonkei de mesa) que é criado directamente sobre a mesa como uma decoração para um banquete. A mais ortodoxa destas formas é o «Suiban-bonkei».

Existem muitas escolas de arte «Bonkei», que diferem umas das outras segundo os principais materiais que empregam.

Como fazer Bonkei

Os utensílios usados na arte Bonkei incluem um vaso, espátulas, uma peneira, colheres, uma pinça, um pincel e um pulverizador. No que se refere ao recipiente, os de cerâmica branca são os mais adoptados. São geralmente rectangulares ou ovais e com cerca de 40 a 60 centímetros de comprimento.

No que respeita à ferra-

mentas, as mais importantes são as três espátulas — grande, média e pequena — que correspondem aos pincéis usados pelos pintores e calígrafos.

Com o «kedotsuchi» como material, podem-se moldar primorosamente, pela arte Bonkei, várias paisagens naturais, como montes, colinas e rochas. Tudo depende do uso habilidoso das três espátulas.

Com a crescente tendência do intercâmbio cultural entre as nações, «Bonkei» virá a ser apreciado indubitavelmente por muitas pessoas através do mundo como uma das singulares formas de arte do Japão.



Uma ilha montanhosa reproduzida num tabuleiro «bonkei»

Valem mais na compra Valem mais na venda

Ao comprar um Opel Kadett ou um Opel Rekord, você já está levando mais carro pelo seu dinheiro. A excelência tradicional da mecânica alemã. Motores robustos que andam e andam e andam. Performance e economia. Conforto (compare o espaço para as pessoas e bagagem, nos carros Opel, com o oferecido por outras marcas). Segurança (duplo sistema de travagem, assistido com servo-freio, painel almofadado, coluna de direcção telescópica). E depois de muitos e leais serviços que o seu Opel Kadett ou o seu Opel Rekord lhe terão prestado, uma última alegria lhe estará reservada para a hora da revenda: serão realmente compensadores os preços que você obterá, ao despedir-se cheio de saudades, garantimos — do seu Opel Kadett ou do seu Opel Rekord.



Opel. É sempre mais carro.



ERNESTO CRUZ & C.ª L.ª

Penteação e Fiação de Lãs

Firmas associadas

Sociedade de tecidos «Cruz Alçada, Lt.ª»

TECIDOS PARA HOMEM

Malteca — Malhas e tecidos continentais, Lt.ª

JERSEYS DE ALTA QUALIDADE

IMPORTAÇÃO — EXPORTAÇÃO

Telefones 2 30 26/7/8

Telex Eronuf P. 1620

COVILHA — Portugal

Artistas de grande prestígio no XIV Festival Gulbenkian

No âmbito do XIV Festival Gulbenkian de Música visitaram o nosso País nove agrupamentos artísticos estrangeiros de grande prestígio, que actuarão em Lisboa e em outras cidades.

O Festival conta com a colaboração de dois dos melhores conjuntos sinfónicos da actualidade, um europeu e outro norte-americano: as Orquestras Residenciais de Haia e Filarmónica de Filadélfia. A primeira apresentará-se em Lisboa e Coimbra, sob a direcção dos mestres Wilhelm van Otterloo e Erich Leinsdorf, participando nas comemorações beethovenianas com a interpretação do «Fidélis» (versão de concerto) e algumas sinfonias do mestre de Bona. A segunda, regida por Eugene Omandy, dará quatro concertos (em Lisboa e Porto), dois dos quais serão preenchidos integralmente também com obras de Beethoven. A este mesmo compositor serão dedicados os concertos que o famoso Juilliard String Quartet, de

Nova York, realizará em Lisboa, Porto e Faro.

O Grupo de Música Antiga de Viena far-se-á ouvir em Lisboa, Porto, Aveiro, Braga, Leiria e Santarém, com um belo programa de música das cortes e das catedrais europeias dos séculos XV, XVI e XVII, executado em instrumentos da própria época.

O Modern Jazz Quartet — considerado actualmente um dos melhores conjuntos da sua especialidade — dará concertos em Lisboa, Porto e Coimbra. O Grupo de Pesquisas da Radiotelevisão Francesa, dirigido por Pierre Schaeffer, proporcionará-nos um panorama da mais recente produção musical europeia, ao longo de cinco concertos de música e electrónica, no Auditório Dois da Fundação.

O Nederlands Dans Theater — um dos principais agrupamentos europeus de dança moderna, dirigido pelo holandês Hans van Manen e pelo americano Glen Tetley — visitará, além da capital, as cidades de Beja, Évora e Faro.

Lisboa e Setúbal terão oportunidade de ouvir o Coro de Cracóvia, que, na primeira das suas actuações entre nós, cantará a grandiosa «Paixão segundo São Lucas», de Penderecki, verdadeira obra-



Um momento da exibição da companhia japonesa Gagaku Imperial Dance Theater

prima da música contemporânea.

Finalmente, a Companhia Imperial Japonesa «Gagaku»

destacará-se a Companhia de Lisboa, para apresentar os multisseculares cantos e danças da corte nipónica.

Celebrou o 67.º aniversário a benemérita corporação dos Bombeiros Municipais de Leiria

LEIRIA, 6 — A benemérita corporação dos Bombeiros Municipais, desta cidade, celebrou o 76.º aniversário da sua fundação. Após a cerimónia do hastear das bandeiras seguiu-se a formatura geral; depois, na Sé, foi rezada missa pelo rev. pároco Jacinto de Sousa Gil, por alma dos antigos bombeiros. Seguiu-se a romagem ao cemitério onde foram colocadas flores nas campas dos antigos componentes da corporação.

Na sede houve almoço de confraternização, a que presidiu o sr. Bernardo de Jesus Pimenta, presidente da Câmara Municipal, ladeado pelo vice-presidente, sr. eng. agrónomo Adriano Costa e Sousa e pelo comandante dos bombeiros, sr. capitão Joaquim Albano Teixeira do Amaral. Foram, ainda, convivas, os vereadores, o médico dos bombeiros, sr. dr. Álvaro da Fonseca, etc.

Usaram da palavra, para enaltecer a acção humanitária da corporação, formulando determinados pedidos necessários ao seu bom funcionamento, o seu comandante,

o vogal camarário sr. dr. Pereira do Mar; um representante dos órgãos de Informação, encerrando com palavras de louvor e admiração pela acção, tantas vezes em dádiva de vida em prol do semelhante, dos bombeiros o presidente do Município.

O comandante da corporação, quando do uso da palavra, salientou que, durante o ano de 1969, as viaturas dos bombeiros percorreram 60 000 quilómetros em auxílio do semelhante; atenderam a 590 pedidos de socorros e a 111 sinistrados e tiveram 60 saídas para incêndios.

Por sua vez o representante dos órgãos de Informação, sr. Carlos Eugénio, lembrou a sugestão já há tempo feita pelo jornal local «O Mensageiro», para que seja conferida a prestigiosa corporação a Medalha de Honra da cidade.

A noite a fachada do quartel esteve festivamente iluminada.

Sarau de Arte na Escola Técnica

Na quinta-feira às 21 e 30, no ginásio da Escola Industrial e Comercial, haverá um sarau de arte, com a colaboração do Orfeão de Leiria, dirigido pelo maestro Francisco Bernardino dos Santos Carvalho, e do Rancho da Região de Leiria, sob a orientação da sr.ª D. Maria Adelina Perestrelo da Silva Lous. É organizado pelo Centro de Actividades Circum-Ecolares da Escola.

Este sarau visa a uma promoção de afirmação quanto à cultura artística da juventude escolar.

Concurso para leitores de português em Universidades estrangeiras

Vai ser enviado para o «Diário do Governo» o edital de abertura de concurso para o provimento de leitores de Português ou de professores de Cultura Portuguesa em Universidades estrangeiras. O concurso estará aberto perante o Instituto de Alta Cultura e a ele poderão concorrer indivíduos licenciados por Universidades portuguesas e bachareis pelas Faculdades de Letras.

Missão económica de Chicago

A Missão Económica de Chicago, constituída por membros da Chicago Association of Commerce and Industry visitou a Associação Comercial de Lisboa — Câmara de Comércio, onde se realizou uma reunião de trabalho durante a qual foram analisadas as possibilidades de desenvolvimento do intercâmbio comercial considerando-se para o efeito o interesse de um maior estreitamento de relações entre os dois organismos pelas possibilidades que têm em promover os necessários contactos entre as empresas interessadas na expansão dos seus negócios.

VIU A PROCISSÃO E QUERIA LEVAR A CADEIRA

O diário «Ya», de Madrid, publicou a notícia de que um turista português que supunha ter sido roubado por um arrendatário de cadeiras para as procissões da Semana Santa, se apresentou no Domingo de Páscoa na esquadra da Polícia para se queixar do facto de ter pago por uma cadeira o que lhe pediram e não o terem deixado levar a cadeira. O português, sr. Jorge Costa Faria, de 40 anos, quisera levar da Praça da Campa a cadeira que pagara, ao que se negou o arrendatário. Interviu um guarda municipal para esclarecer o português de que estava enganado mas o sr. Jorge Couto Faria não desistiu antes de ir à esquadra, onde o convenceram do seu erro.

Palestras sobre «As enfermidades por reflexo»

A convite da Sociedade Portuguesa de Naturologia, encontra-se em Lisboa o naturopata espanhol dr. José Castro Blanco, de Torrente, Valência, que proferirá uma série de palestras subordinadas ao tema genérico de «As enfermidades por reflexo».

As palestras decorrem na sede daquela instituição, na Rua do Alecrim, 38-3, às 21 horas de todas as 2as, 4as e 6as feiras do mês de Abril, sendo a entrada livre.

Contudo, nos dias 10 e 24, as conferências realizam-se, respectivamente, no Centro Espanhol e na Casa da Comarca de Arganil, em reuniões dedicadas à colónia espanhola de Lisboa, a primeira, e em colaboração com a revista «Fraternidade», a se-

ESTALEIROS NAVAIS DE VIANA DO CASTELO

Telefone: 22071 — Teleg.: NAVAIS
Telex: 2685

H. PARRY & SON, L. DA

AVENIDA 24 DE JULHO, 6 — LISBOA
Telefone: 66 41 87 — Teleg. NAVIOS
Telex: 1318

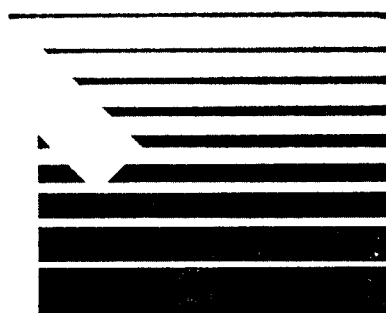
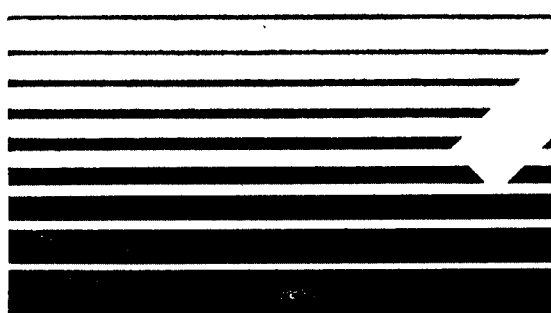
REPARAÇÕES E CONSTRUÇÕES NAVAIS DOCAS SECAS

EXECUÇÃO DE QUALQUER TRABALHO DE:

MECÂNICA • METALURGIA • ELECTRICIDADE

ISOLAMENTOS A POLIURETANO E REVESTIMENTOS A POLIESTER

DESENHOS — PROJECTOS — ORÇAMENTOS



Conhecimento. Saber. Experiência.

Concentração no espaço mais curto. No tempo mais

curto. Informação rápida e profunda. Produtos, materiais de fabrico, processos. Novidades técnicas e soluções de problemas. Sistema de Hannover:

Importantes feiras especializadas ao mesmo tempo no mesmo lugar. Informações, contactos. Mais conhecimento. Mais saber.

Tem que nos visitar!

FEIRA DE HANNOVER '70
Sábado, 25.4.
Domingo, 26.4.
Mercado mundial da Indústria

Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alema, Deutsch-Portugiesische Industrie- und Handelskammer, Avenida Elias Garcia, 123, 4.º, Lisboa ☎ 772587/778168



Uma vez mais o nosso jornal foi visitado por uma série de nossos futuros (e alguns já presentes, de resto...) leitores — desta feita pequenas alunas e pequenos alunos do Centro Social de Santa Isabel. Os nossos amigos estiveram nas diversas dependências do «Diário de Lisboa» onde, acompanhados por um redactor, foram seguindo as etapas da vida do jornal, desde que é escrito até à impressão. Fizeram perguntas, interessaram-se — nomeadamente na tipografia, onde vemos um dos grupos — e prometeram fazer um jornal — mesmo de parede, pois claro, que é assim que se começa — lá na escola...



A Confidente

prestou no passado,
presta no presente,
prestará no futuro,
os melhores serviços
aos seus estimados
clientes, em compra,
venda e hipoteca de
propriedades

ora diga-nos...

— Acha que se deve usar gravata?

Com gravata, é com respeito? É respeitável? Para nós pôr gravata (quando a pomos) é o mesmo que andar sem ela.



● O sr. Alfredo Barreto Ferreira, mecânico foi breve:

— Acho que sim.
— Só? ..
— Só.



● Por seu turno o sr. José Manuel Gomes da Silva, também distinguu:

— Depende dos lugares e dos empregos.

FOTOCOPIAR COM

APÊCO

UM PRAZER ECONÓMICO



**APÊCO
SUPER-STAT**

FOTOCOPIADORES ELECTRÓNICOS
DE FAMA MUNDIAL

REPRESENTANTES
EXCLUSIVOS PARA
PORTUGAL



RUA DO TELHAL, 6, 1.º-DTO. E FRENTE
TELEFS. 367819 E 367806 — LISBOA-2

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize
os comboios eléctricos.

PENSÃO AVENIDA

Proprietário: Manuel da Cruz Roxo

Timbra: Por bem servir a numerosa clientela

Telefone 22140

COVILHA

Propriedades

— VENDAS —

ANDARES

(EM CAMPO-LIDE)

Para rendimento ou habitação do comprador. Os 2 restantes, 1 dos quais já arrendado, 4 div. ass., 2 c. de banho, Magníficas vistas sobre a Serra de Monsanto. Calçada da Quinta, 9. Telefones: 32 00 40 e 32 81 43.

ANDARES

Em prédio novo com 5 casas assoalh., 2 ban., coz., desp., roup. e 3 casas de banho, no melhor local de Alges, mostram-se no local. Parque Anjos, Lote n.º 2 Frente ao Liceu e ao Jardim. Iratã: F. Fernandes & Costa, Lda. Av. Almirante Reis, 104-2.º — T. 536111/2/3.

Contacto



PUBLICIDADE
Telef. 847260

Na MOITA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Sebastião Araújo Alegria, Rua Machado dos Santos, 8.

PRÉDIO

(Junto à Av. Almirante Reis)
Antigo 12 inquilinos a render 100 contos anuais. Vende-se por 1.500 contos.
Trata o próprio. Resposta ao D. L. ao n.º 472.

PREDIOS

ANDARES
MORADIAS
TERRENOS

não compre sem consultar



PREDIAL

ROBREL

Rua Rodrigues Sampaio, 69

CASAS

para alugar

Procure v. Ex. nos a/c. Exatários onde temos sempre variados andares e locais para alugar, em Lisboa e arredores. Não cobramos qualquer importância a título de comissão aos inquilinos.

Const. SOL. VICTA, Rua L. — Telef. 30259-34755.
do Ouro, 292.

SRS. PROPRIETÁRIOS SRS. CAPITALISTAS

A colocação dos vossos capitais é sempre um problema melindroso pelos cuidados de que deve rodear-se a sua aplicação. A LUZÁFRICA será para V. Ex.ª a Organização que, pela eficiência dos seus processos de trabalho, se impõe para esse efeito, como atestam os seus inúmeros clientes que por seu intermédio têm realizado as suas transações na COMPRA E VENDA DE PRÉDIOS E HIPOTECAS.

A LUZÁFRICA

é hoje a mais classificada e respeitada Organização em COMPRA, VENDA e HIPOTECA DE PROPRIEDADES, e tem os seus escritórios na

CALÇADA DO CARMO, 6 — Ângulo do Rossio
TELEFONES 32 45 24 - 36 80 80

Automóveis

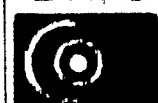
VENDAS:

Automóveis e Furgonetas de diversas marcas e modelos. Não compre sem consultar. Florindo M. Coelho — R. António Pedro, 40, cave. Tel. 44846

Automóveis de Aluguer

C/ e s/ condutor. Av. Barbosa do Bocage, 1. Tel. 769848-761987

Contacto



Telef. 847260
PUBLICIDADE

ALUGUER:

SERVIÇOS DE NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 534657 — L. St. Bárbara, 5-B
- 49612 — Jomil Auto — Rua Ponta Delgada, 40-A-B
- 769848 — EUROCAR — Av. Barbosa do Bocage, 1
- 42890 — Táxis Universo, Lda. — Av. República, 26
- 727654 — Auto Monumental do Areeiro, Lda. — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-E
- 539169/539345 — BRUNAUTO, Rua Joaquim Bonifácio, 10-A
- 553033 — STALL — Rua Soc. Farmacêutica, 30-A
- 714391 — OLIVAUTO — Av. de Madrid, 16-B

FLORINDO M. COELHO

AUTOMÓVEIS E FURGONETAS DE VARIAS MARCAS E MODELOS
Rua António Pedro, 38 e 46, 3.º-Dt.º — LISBOA
Telef. 44 846

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE VISEU 3 PRÉDIOS DE RENDIMENTO EM LISBOA

LEILÃO

A MISERICÓRDIA DE VISEU torna publico a venda de 3 prédios de rendimento:

- No Largo do Contador Mór, n.º 1-B-I-C, composto por r/c, 1.º, 2.º e 3.º andar. RENDIMENTO 44 940\$00, com rendas baixas. BASE de licitação 1 062 500\$00.
- Largo do Contador Mór, n.º 1-1-A, composto por cave, r/c Dt.º e Esq.º, 1.º e 2.º andares Dt.º e Esq.º. RENDIMENTO 49 200\$00, com rendas baixas e 2 ANDARES VAGOS. BASE de licitação 1 500 000\$00.
- Largo do Contador Mór, n.º 2, composto por r/c, 1.º e 2.º andares com 3 inquilinos por piso e 3.º andar. RENDIMENTO 34 080\$00 com rendas baixíssimas. BASE de licitação 800 000\$00.

INSERITOS na matriz predial 2.º bairro fiscal sob os arts. 23, 24 e 142 e na 6.ª conservatória sob os n.ºs 77, 78 76 respectivamente.

Os prédios serão adjudicados ao maior lance superior às bases, devendo o arrematante entregar um sinal de 20% com escritura no prazo de 30 dias.

O LEILÃO REALIZA-SE 2.ª-FEIRA, DIA 20 ABRIL, AS 15 H. NO 1.º LOCAL

PRESTAM todas as informações a Misericórdia de Viseu e a

SOC. DE LEILÕES
AV. DUQUE DE LOULÉ, N.º 1
Telfs. P.P.C. (9 Linhas)
532929 - 51478 - 532446

AFRAFILHOS, LDA.

ANDARES VENDEM-SE

EM LISBOA — Em prédio de luxo, revestido a Evinel, madeiras exóticas, aquecimento, habit. c/ 4 e 5 c. assoalh., 2 c. banho, roupeiros, etc. Preços desde 420 contos. Ver na Av.º do Uruguai, n.º 24, à Est. de Benfica.

A AV.º DE ROMA — Os 2 únicos que restam, em luxuoso prédio com os melhores acabamentos, tendo cada habit. 5 c. assoalh., cozinha, marquise, 2 c. de banho, roupeiros, etc. Ver na Av.º Estados Unidos da América, n.º 25.

A LUZÁFRICA
CALÇ. DO CARMO, 6-2.º
Telefs. 32 45 24 e 36 80 80

PROPRIEDADES

Temos neste momento prédios de rendimentos para venda a partir de 200 c., andares com 4 soalhadas para habitar ou rendimento a partir de 175 c., aplicamos importâncias em 1.ª hipoteca a partir de 50 000\$00

A nossa firma, fundada em 1951, sem grandes alardes de publicidade, continua na senda da honestidade, firmando o seu bom nome através da Ex.ª clientela que nos procura

Laranja, Alegre & Garcia, L.ª
MEDIADOR OFICIAL

Sob a direcção do seu sócio-gerente:

JOSÉ FERREIRA DA SILVA FERRINHO

Praça da Alegria, 58-2.º, Sala E

LISBOA

Telefs.: 326718 - 327803 - 328567

NA COMPRA VENDA E HIPOTECA DE PROPRIEDADES



(MEDIADORES AUTORIZADOS)

AV ALMIRANTE REIS, 104-2.º — TELEF 53 61 11/2/3

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

CONCURSO PARA ATRIBUIÇÃO DE CASAS EM LISBOA

Está aberto concurso até ao dia 6 de Maio de 1970, para atribuição de habitações construídas pela Caixa Geral de Aposentações, nos Olivais-Sul, Lotes n.ºs 21, 175, 176 e 177, destinadas a funcionários do Estado e dos Corpos Administrativos, em regime de propriedade resolúvel.

As condições constam do «Diário do Governo», III Série, de hoje, e encontram-se patentes no Serviço do Património, em Lisboa, Largo do Calhariz, Palácio Palmela, com entrada pela Travessa das Mercês, n.º 3, onde deverão ser obtidos e entregues os boletins de inscrição, das 9.30 às 12 horas, e das 14 às 16, e sendo sábado das 9.30 às 11.30 horas.

Caixa Geral de Depósitos, 7 de Abril de 1970

O ADMINISTRADOR-GERAL

(a) António Jorge Martins da Motta Veiga

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, Bido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhosa, a partir das 20 horas.

PRÉDIO

ALVALADE

Com 18 anos em bom estado de conservação c/6 intq. de habit., tem quintal c/400 m2 e um jardim, cada habitação é composta de 3 ass., coz. e c. banho. Rendas de 415\$00 e 430\$00. PREÇO 700 contos.

ORCOSI

R. 1.º de Dezembro, 45, 2.º
Tels. 32 31 72-36 74 44

Capitais

TEM CARRO? TEM PRÉDIO?

ENTÃO TEM JÁ DINHEIRO

Ficando na mesma de sua propriedade

CONSULTE

ORCOSI

E FICARÁ SATISFEITO
R. 1.º DE DEZEMBRO, 45
Telefones 36 74 44 - 32 31 72

LISBOA DIA E NOITE

Francisco José no Bairro Alto

Tudo parece confirmar que as diligências feitas nesse sentido levem Francisco José a actuar durante alguns dias num dos restaurantes típicos do Bairro Alto. Francisco José cantaria, assim, em Lisboa antes da sua partida para Moçambique, onde realizará uma larga série de espectáculos, acompanhado pelo pianista Mário Simões, como noticiámos.



FERNANDA MARIA

Los Quinteros de Espanha em Lisboa

Atracção internacional no cartaz do Ritz Club:

FERNANDA MARIA: NOVOS FADOS

Fernanda Maria renova o repertório de fados escritos especialmente com quatro produções de Frederico de Brito (letra e música). Títulos: «Saudades não as quero», «Será triste, mas é fado», «Cantigas da Mouraria» e «Castigo de Deus». Em breve Fernanda Maria registará em disco estas novas interpretações.

Los Quinteros de Espanha. Ali actuam também Mário Lopes e a sua orquestra e Jacinto e os seus gaúchos.

UM ÊXITO QUE SE REPETE

Herminia Silva, a popularíssima Herminia, criou o êxito, como fez a tantas canções que saltaram do palco para a rua e andaram na boca de toda a gente. «Somos Poucos», de Raul Ferrão e Frederico de Brito, toda a Lisboa cantou. Os anos correram, mas o êxito volta agora na interpretação de Mário Silva (filho de Herminia), que o gravou em disco, nos estúdios de Valentim de Carvalho, acompanhado por Jorge Fontes e António Chaiño (guitarras), José Maria Nóbrega e Raul Silva (violão). Um êxito da mãe, revive, portanto, na voz do filho.

RESTAURANTES — BARES

VARANDA DO CHANCELER
Largo do Chanceler, 7-A. Telef.: 866286/871559
Encerra às 2 horas.
REX Rua Nova da Trindade, 18 — Telefone 30114
TAVERNA IMPERIAL P. dos Restauradores, 16 — Telef. 368491
NICE Rua da Conceição da Glória, 9-A — Telef. 3 00 68
BAR Z Rua S. Pedro d'Alcântara, 57 — Telef. 3 07 60
CARIOCA Rua da Trindade, 32 — Telefone 32 65 65

VIENA Rua da Conceição da Glória, 5 — Telef. 321474
LORD Rua Victor Cordon, 14 - A — Telefone 323098
BELCANTO Largo de S. Carlos, 10 — Telef. 320607/8
SNOB Rua de «O Século», 178 — Telefone 3 37 23
AMERICANO Rua Bernardino Costa, 35 — Telef. 37 07 04
BRISTOL Rua Jardim do Regedor, 7 — Telef. 3 57 30

«BOITES» E «DANCINGS»

TOSCO Rua Conde Redondo, 53 A — Telef. 531562
Conj. Thó Bandeira e os Steemaers
ADAGGIO Rua Carlos Reis, 51 - A — Telefone 775695
Discos recebidos directamente de Inglaterra.
RITZ CLUBE Rua da Glória, 57 — Telef. 325140
AD LIB Rua Barata Salgueiro, 28-7 — Telef. 561717
Discos recebidos directamente de Inglaterra.
EL CID Rua Bernardo Lima, 18 - A — Telef. 56053b
TAMILA Avenida Duque de Loulé, 69 — Tel. 534117
Morão e s/ conjunto
BICO DOURADO R. da Misericórdia, 12 — Telef. 362649
Conj. Fernando Sequeira c/ Alex
FONTÓRIA Praça da Alegria, 66-1/c. — Telef. 35431
GALO Travessa do Salitre, 27 — Telefone 366017
Conj. Eugénio Pepe
D. QUIXOTE Rua da Trindade, 9 — Telef. 327109
Conj. Alírio de Sousa.
TEXAS Rua de S. Paulo, 21 — Telefone 33683
CACO Rua Camilo Castelo Branco, 23 - A — Telef. 530892
ARIZONA Rua Nova do Carvalho, 36 — Telef. 325140
GALERIA 48 Avenida da Liberdade, 248-B — Telef. 48433
Conj. Helder Reis
107 Rua da Madalena, 107 — Telef. 387049
conj. Sequência 4, «ballet» de Mário Velejo, parelha espanhola Gloria Reys e Alfonso Liñares e Mari Barroso. Consumo mínimo: 50\$00.
ESTRIBO CLUBE Casa St. Isabel — Estrada de Birre — Cascais — Telef. 289273
GINGÃO Travessa da Boa Hora, 11 — Telef. 3 40 62

NINA Rua Paiva de Andrada, 7-13 — Telef. 34059
Conj. Rocha Oliveira
COMODORO Praça D. João da Câmara, 28 — Telef. 34996
Tobé e s/ conjunto
TERRAÇO DAS ESTRELAS — HOTEL EMBAIXADOR Avenida Duque de Loulé, 78 — Telef. 530171
Conj. Manuel Viegas
PORÃO DA NAU R. Pinheiro Chagas, 1-8 — Telef. 510501
Conj. «The Beatniks»
Encerra ao domingo
TAGIDE Largo da Biblioteca, 18-2 — Telef. 35328-362123
Conjuntos José Pedro e «Os Duques». Consumo mínimo: 100\$00. Está aberto ao domingo.
MAXIME Praça da Alegria, 58 — Telefone 55366
Conj. 6.ª Reacção e Maximiliano — «Show» turístico e variedades internacionais.
A CAVE Av. António Augusto Aguiar, 88 em. — Telef. 534433
Conj. Costa Pinto
POP CLUBE Av. Estados Unidos da América, 129 - A — Telef. 760903
Discos
ESTONES Rua do Olival, 1 — Telefone 665651
Discos
A LAREIRA Praça das Águas Livres, 8-1 — Telef. 589627
Discos
LUA NOVA Travessa da Queimada 4 — Tel. 35792
CLUBE DOS ARTISTAS Parque Mayer — Telef. 367469
Tero-Trío — Antero, Sérgio e Telmo. Consumo mínimo: 20\$00.
POP-FADO Rua Ferreira Lapa, 38-D — Telef. 561949
conj. Helder Martins.

ENCERRAM AS 5 DA MADRUGADA

O FADO EM LISBOA

FOLCLORE Rua Nova da Trindade, 22-A — Telef. 35007-323406
cantam: Aminda Vidal, Lidia Ribeiro, Américo Lima, Fernanda Guerra, Fernando Ribeiro e Julieta Brigue. Os 3 de Portugal. António Chaiño e José Maria Nóbrega. Marina Rosa e corpo de baile dirigido por António Gonçalves, das 21 às 23 horas — consumo mínimo 120\$00 — taxas incluídas. Encerra ao domingo.

PARREIRINHA DE ALFAMA Beco do Espírito Santo, 1 — Telef. 868209
cantam: Natércia da Conceição, Lina Maria Alves e Natélino Duarte. Tocam: Manuel Mendes e Miguel Ramos. Consumo mínimo: 40\$00.

LISBOA A NOITE Rua dos Góveas, 69 — Telef. 368557-362603
cantam: Fernanda Maria, Alice Maria e Manuel de Almeida; tocam: Armandino Maia e Martinho da Assunção. Consumo mínimo: 90\$00. Encerra ao domingo.

A TIPÓIA Rua do Norte, 102 — Telefone 33465
cantam: Adelina Ramos, Quanta Gomes, Natalina Bizarro, Flora Pereira e Renato Mota. Tocam: Casimiro Ramos e José António Carvalhinho. Consumo mínimo: 50\$00.

VIELA Rua das Taipas, 14 — Telefone 327256
cantam: Sérgio, Natália dos Anjos, Fernando Manuel, Alfredo Duarte Jr. e Maria José Ramos. Tocam: Domingos Camarinha e Joaquim do Vale. Consumo mínimo: 50\$00.

LAR PORTUGUÊS Rua da Barroca, 133 — Telef. 369760
cantam: José Borges, Augusta Ermida, Cecília de Jesus e o conjunto típico «Cantares de Portugal». Tocam: António Bessa e Fernando Reis. Consumo mínimo: 50\$00.

TIMPANAS Rua Gilberto Rosa, 24 — Telef. 676655/67431
cantam: Alcindo de Carvalho, Luís Braga, Benvinda Cruz e Odete Mendes. Tocam: Armandino Ferreira e Torquato Lopes. Consumo mínimo: 61\$50. (Taxas incluídas).

MIL E UM Travessa da Alegria, 38 — Tel. 85464
cantam: Moisés Campelos, Joaquim Cordeiro, Julieta Santos, Adriana Franco, Rosa de Jesus, José Barros e Nazaré Maria. Tocam: António Valentim e Joaquim Pinto. Consumo mínimo: 40\$00.

A KAVERNA Travessa dos Fideis de Deus, 37 — Telef. 35593
cantam: Beatriz da Conceição, Tristão da Silva, Tina Santos e «Os 3 de Portugal». Tocam: Armandino Maia e José Maria Carvalhinho. Consumo mínimo: 90\$00.

O ARABITA DE ALFAMA Rua da Adifa, 19 — Telef. 863451
cantam: Berta Cardoso, Julieta Reis, Filipe Duarte e Júlio Viçtas. Tocam: Acácio Rocha e Amadeu Ramal. Consumo mínimo: 40\$00.

JANSEN Rua 1. de Maio 2 — Telefone 640613
cantam: Manuela Silva e José Batalha (como convidados) e o conjunto «Cantares de Portugal». Tocam: Ildefonso Frade e Nicolau Neves. Consumo mínimo: 30\$00.

FRAGATA REAL Trav. de S. Miguel, 22 — Telef. 868552
cantam: Celeste Rodrigues, Mariana Silva, Fernando Maurício e Francisco Martinho. Tocam João Alberto e Manuel Martins. Consumo mínimo: 50\$00. Encerra ao domingo.

O FORCADO Rua da Rosa, 219 — Telef. 368579
cantam: António Rocha, Isabel de Oliveira, Vivência Lima e Miguel Silva. Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva. Consumo mínimo: 40\$00.

A SEVERA Rua dos Góveas 57 — Telef. 34006
cantam: Maria do Espírito Santo, Florinda Maria, Cândida Ramos, Maria Amorim, Manuel Fernandes e José Amaro. Tocam: Carvalhinho e Pais da Silva e ainda o conjunto «Aguarelas de Portugal». Consumo mínimo: 50\$00. Encerra à quinta-feira.

ADEGA MACHADO Rua do Norte, 91 — Tel. 30095-328713
cantam: Ivete Pessoa, Fernanda Pinto, Maria Portugal, Suzana, João Queirós, José Vilela e o «Trío Melodia» (José Luís, Jorge Martins e Mário Pinto). Danças pelo Grupo típico de Vila Franca de Xira. Tocam: António Proença e Américo Silva. Consumo mínimo: 60\$00. Encerra à segunda-feira.

TAVERNA DO EMBUÇADO Beco dos Cortumes, 10 — Telef. 860816
cantam: Teresa Silva Carvalhinho e Ana Rosmaninho, Vicente da Câmara, João Ferreira Rosa e João Braga. Tocam: Fontes Rocha, Carlos Gonçalves e Pedro Leal. Consumo mínimo: 90\$00.

O FAIA Rua da Barroca, 48 — Telef. 369387-321923
cantam: Lucília do Carmo, Maria Albertina, Maria do Rosário, Ilídio do Carmo e Nuno de Aguiar. Tocam: Carlos dos Santos, Fernando Freitas e Orlando Silva. Consumo mínimo: 60\$00. Encerra ao domingo.

MARCIA CONDESSA P. da Alegria, 38 — Telef. 367093
cantam: Teresa Nunes, Dina Trindade, Raul Dias, António Reis e Norberto Martinho (convitados). Tocam: António Pessoa e Albertino Villar. Consumo mínimo: 40\$00. Encerra à segunda-feira.

SOLAR DO MINHO Rua do Vigário 60 — Alfama — Telef. 866811
cantam: Eduarda Maria, Artur dos Santos, Ana Madalena, Tina Ferreira, José Teixeira e Rossana Lima. Tocam: Hermenegildo Lopes e José Meneses. Consumo mínimo: 50\$.

SOLAR DA HERMINIA Largo Trindade Coelho, 10 — Telef. 320164
cantam: Herminia Silva, Conceição Tavares, Zélia Maria, Judite Maria, Tristão da Silva Júnior e Fernando Rios. Tocam: António Pacheco e Carlos Duarte. Consumo mínimo: 50\$00. Encerra ao domingo.

SOLAR DA MADRUGADA Rua das Trinas, 67 — Telef. 669857
cantam: César Morgado, Maria Amélia Proença, Maria de Lourdes e Laurinda Gonçalves. Tocam: Sales Correia e Agostinho Dias. Consumo mínimo: 30\$00 (taxas incluídas). Encerra ao domingo.

ENCERRAM AS 3,30 DA MADRUGADA

RESTAURANTE antónio

AMANHÃ
ARROZ DE CABIDEIA
QUINTA-FEIRA
FEIJOADA À BRASILEIRA
Rua Tomás Ribeiro, 63

RESTAURANTE TATU

Campo Grande, 80
Telef. 76 51 88
AMANHÃ
FEIJOADA À BRASILEIRA
QUINTA-FEIRA
PATO NO FORNO

CERVEJARIA E RESTAURANTE

SERVIÇO REQUINTADO
AMBIENTE SOSSEGADO
AR CONDICIONADO, MÚSICA GRAVADA
ABERTO ATÉ AS 3.30 DA MADRUGADA
RUA DO SALITRE, 9 (junto ao Parque Mayer)
Telef. 42963

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE

Telheiras de Cima, 144 — Telef. 790211

JANTARES DANÇANTES

AOS SÁBADOS E DOMINGOS
C/ conjunto privativo

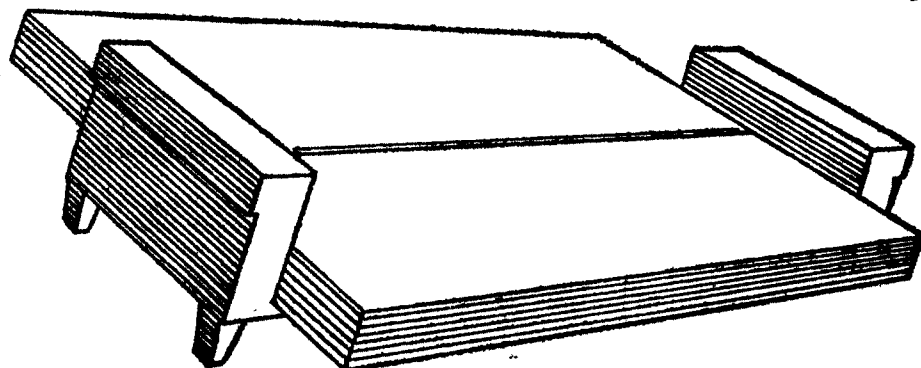
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Maiores de 15 anos PREMIADO PELO SNI

VIRIATO

RESTAURANTE
CERVEJARIA
SNACK-BAR
COZINHA PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 55-57
(Aberto até às 2 h.)
Telefone 53 07 58



VÁ VER PARA CRER MARLISE



O ÚNICO SOFÁ-CAMA QUE REÚNE TODAS AS CARACTERÍSTICAS PARA UM MAIOR APROVEITAMENTO DE ESPAÇO E, CONSTRUÍDO COM AS MATÉRIAS-PRIMAS MAIS ACONSELHÁVEIS PARA O FIM, APENAS POR

2.000\$00

EM EXPOSIÇÃO E VENDA EM LISBOA

NA AVENIDA DO URUGUAI, 10 — TELEFONE 70 66 88
E NA RUA DA ASSUNÇÃO, 25, 3.º — TELEFONE 3 37 95

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de

Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabaca-

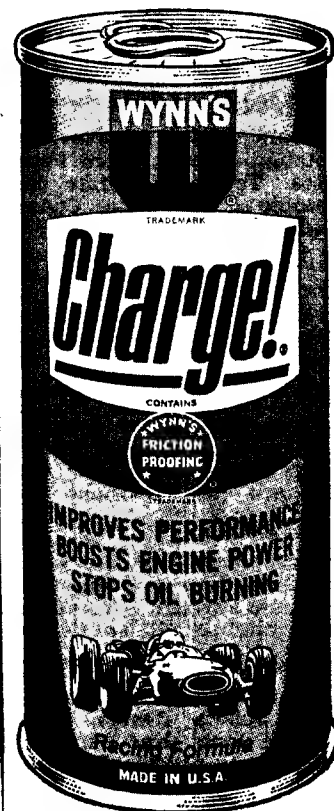
ria do Bar-Restaurante de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, do Aeroporto em Pedras Brancas, a partir das 20 horas.

o melhor de agora

SALORA

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS • RAFAEL BURGUETE, LDA. • LISBOA • PORTO

DE AO SEU CARRO TODA A FORÇA DO MOTOR. USE:



CHARGE! contém Friction-Proofing, o aditivo Wynn's usado nas naves espaciais Apollo

Informações, Revenda ou Agência:

T. 672326 - R. Patrocínio, 55-B
Campo d'Oumique Lisboa-3

TINTAS E VERNIZES

marcol

MÁRIO COSTA & C.ª L.ª DA

PORTO

RUA DO ALMADA, 30

LISBOA

RUA S. PAULO, 12-3.º

LORILLEUX-LEFRANC

TINTAS, VERNIZES
E SECANTES
PARA IMPRESSÃO
FÁBRICA E ESCRITÓRIOS

Av. de Pádua, 12-12 B
Telefs. 311061-311082

CABO RUIVO — OLIVAIS

LISBOA - 6

Telegr. LORILUX

O ALEMÃO ESSE EUROPEU TRANQUILO — 4

«NÃO É DINHEIRO que falta à Bundeswehr. O que lhe falta é uma concepção clara da sua missão. O povo não deve considerar o Exército como um mal necessário, mas como uma garantia da sua segurança» dizia Adolf Von Thaden há alguns meses, quando «leader» do N. P. D. (direitas) fez as suas sensacionais e controversas aparições públicas para a corrida eleitoral que Willy Brandt ganhou.

As palavras deste político ultra-conservador, para além do apelo público que parecem fundamentalmente encerrar, contêm uma crítica ao Estado e à mentalidade do alemão do pós-guerra: O Exército é o parente pobre que a República Federal da Alemanha finge não reconhecer quando o encontra casualmente na rua. Na verdade, só o bem-estar social faz os alemães cerrar fileiras. O marco é hoje a grande ideologia capaz de unir os alemães de todos os credos políticos na mesma força. A Bundeswehr, descendente directo da Wehrmacht, versão corrigida e reduzida da grande máquina de guerra alemã dos anos 30-40, tendo a dirigi-la oficiais em grande percentagem (cerca de 1 por cento) partidários de Von Thaden, é uma força completamente integrada no sistema da N. A. T. O., está inteiramente dependente das decisões de um estado-maior conjunto estrangeiro.

É verdade que os oficiais — bastante conservadores de uma maneira geral — não vêem nesta actividade colectiva da N. A. T. O. objectivos primordiais para um militar profissional alemão. Mas não é menos verdade que aqueles que ainda hoje vêem com receio o rearmamento alemão não têm razão para semelhante preocupação.

Perguntará, então, o leitor como se pode estar tranquilo perante um grupo de oficiais que são membros de associações tradicionais, a quem von Thaden se dirige, indirectamente, nos seus discursos, provenientes, em larga escala, da máquina de guerra hitleriana (de 25 mil oficiais de carreira, 16 mil vieram da Wehrmacht).

E a sua pergunta tem toda a razão de ser desde que desconheça que durante 15 anos o ministério da Defesa germânico Ocidental tem deparado com as maiores dificuldades para formar as fileiras das Forças Armadas, malgrado as poucas facilidades de rearmamento que os americanos desde sempre fomentaram.

O Exército alemão tem actualmente 450 mil homens, dos quais cerca de metade são soldados «semi-profissionais», correspondendo na Alemanha a esta designação aqueles que se comprometeram a servir mais de dois anos. Dos hoje existentes 25 mil oficiais, só 9 mil decidiram escolher a carreira das armas a partir do fim da guerra.

Segundo números de Bonn, faltariam 40 mil oficiais para que tudo funcionasse bem. A Luftwaffe, grande orgulho de Hitler, luta hoje com dificuldades devido à falta de especialistas e de técnicos qualificados. Os numerosos pilotos alemães que a R. A. F. eliminou e os sucessivos desastres com os tristemente célebres caças «Starfighters» não permitem que a República Federal da Alemanha tenha o poderio aéreo que fez estremecer a Europa.

Grande número dos oficiais alemães de hoje, encontram-se nas Forças Armadas por razões económicas; isto acontece principalmente com médicos originários de famílias modestas — alistando-se no Exército para um serviço de quatro anos, eles não só ganham ampla formação e prática profissional, como também conseguem reunir o necessário para um consultório. Estas razões, perfeitamente admissíveis, criam no entanto mais dificuldades aos organizadores do Exército alemão: dificilmente eles distinguem quem são os verdadeiros militares, decididos a de-



O alemão confia mais no 7.º Exército dos E. U. A., que lhe ocupa território do seu país, do que nas Forças Armadas nacionais

UM EXÉRCITO AMERICANIZADO

Por JOAQUIM LETRIA



Na Alemanha Federal o Exército é o parente pobre que se finge não reconhecer quando passa casualmente na rua

dicarem-se inteiramente à carreira, e quem são os «oportunistas».

Americanização

TIVE OPORTUNIDADE de, em Dudelstadt, a 30 quilómetros da cidade de Göttingen, percorrer com um oficial do Exército de fronteira (uma R. D. A.) a linha de demarcação que divide o país em duas Alemanhas. Partindo sobre a neve, por vezes, o carro que um condutor de 19 anos guiava seguramente, levou-me às torres, às barreiras, aos pontos de observação para o lado de lá, onde patrulhas do Exército do Povo, com cães policiais à trela, exer-

ciam a fiscalização da linha de demarcação. Este foi o meu único contacto com as Forças Armadas alemãs nesta viagem. Único contacto directo, num pequeno «Volkswagen» oliva, do «Kommando» de Dudelstadt. Mas pude observar como não só o material mas também as relações oficial-soldado, a própria farda, se tinham americanizado. Comprovei-o avançando pelos montes da região e também, mais tarde, bebendo e conversando no «Casino» dos oficiais daquela força ali estacionada. O soldado alemão de 1970, não é mais aquele homem de pernas rígidas nas paradas militares, obediente

a secar e frias vozes de comando. O dólmen e as calças são considerados pelos tradicionalistas como «pouco militares».

Para mim, que já falei de botas ao referir-me aos alemães na primeira desta série de reportagens sobre a República Federal, a principal modificação da Europa foi aí que se situou. Não haverá mais tacões fazendo batimentos, nem solas a ranger sobre o quer que seja: o Governo alemão resolveu o problema estipulando que o Exército passaria — já há tempos — a usar, sómente, botas de sola de borracha. E isto, apenas isto, não deixou de ser fortemente discutido...

Problema de consciência

MUITAS PESSOAS que em Lisboa assistem a documentários ou vêm fotos de cerimónias na Alemanha que metem soldados, não deixam de dizer: «Pronto, aí estão eles outra vez, preparados para tudo». No entanto, o alemão confia mais no 7.º Exército dos E. U. A., que lhe ocupa território do seu País, do que nas suas próprias Forças Armadas.

A par do que Von Thaden chamou de «falha de concepção da sua missão», o Exército alemão tem ainda a enfraquecimento dos objectores de consciência. Há dois anos, em 1968, 11 798 jovens pediram para ser dispensados do serviço militar, enquanto 3458 «semi-profissionais» foram dispensados, a seu requerimento.

De «transistor» na mão, mascando pastilha elástica, e pistola-metralhadora à bandoleira aquele soldado que deixei num isolado posto fronteiriço, em Dudelstadt era bem a imagem do jovem militar alemão de hoje. Muito longe das fardas cinzentas e dos longos capotes da triste época. Neste caso, parece, inclusive, não se tratar apenas de uma questão de figurino: Comparar a Bundeswehr com a Wehrmacht é o mesmo que comparar um «Caterpillar» com um martelinho para pregos de arame.

ANTÓNIO PESTANA
CONTRAMESTRE DE ALFAIATE

COMUNICA A TODOS OS SEUS EXMOS. CLIENTES QUE SE ENCONTRA DESDE 1 DO CORRENTE AO SERVIÇO DA CONHECIDA E CONCEITUADA ALFAIATARIA

J. NUNES CORRÊA & C.ª, LDA.

RUA AUGUSTA, 250 — LISBOA

ONDE ESPERA CONTINUAR A MERECE O FAVOR DAS VOSSAS ORDENS

J. NUNES CORRÊA & C.ª, LDA.

ALFAIATES DESDE 1856

RUA AUGUSTA, 250 — LISBOA

Têm o prazer de comunicar a todos os seus Exmos. Clientes e Amigos que se encontra ao seu serviço, desde 1 do corrente, o conhecido e competente Contramestre

ANTÓNIO PESTANA

CASA POMBO

— DE —

JOSÉ PINTO DA CRUZ
POMBO, LD.ª

COVILHA

Sede: COVILHA — Telef. 22 177

Coja
Filiais: Tortosendo — Tele. 95 293
Serra

ESTANCIA DE MADEIRAS
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
CAMIONETAS DE ALUGUER

AUTOMÓVEIS
S/ CONDUTOR
AUTO ESTRELA

Os melhores preços

Av. João Crisóstomo, 65-A
Telef. 534331 - 561394
LISBOA

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

S. A. R. L.

SEDE: LARGO DO CHIADO, 8 — LISBOA

Para os devidos efeitos se declara que pela Assembleia Geral Ordinária, realizada em 30 de Março de 1970, foram eleitos para o triénio 1970/1972 para o Conselho de Administração os seguintes Senhores Accionistas: José da Silveira Machado, Companhia de Seguros CONFIANÇA — representada por António Carlos de Mello Champalimaud — Manuel de Madureira Fialho Prego, Dr. João António de Moraes Silva Leilão e Engenheiro Luís Filipe Pinto Elyseu.

Lisboa, 6 de Abril de 1970

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Tito Castelo Branco Arantes

COMPANHIA PORTUGUESA
DE CELULOSE

S. A. R. L.

Capital Esc.: 270.000.000\$00

Rua Joaquim António de Aguiar, n.º 3 — Lisboa

Avisam-se os Senhores Accionistas de que, a partir do dia 13 do corrente mês, se encontra a pagamento o dividendo do exercício de 1969 (cupão n.º 21), na Sede da Companhia e nos Bancos Espírito Santo e Comercial de Lisboa e Banco Pinto & Sotto Mayor, em Lisboa e Porto.

O pagamento às Caixas de Previdência será exclusivamente efectuado na Sede da Companhia.

Lisboa, 6 de Abril de 1970

Pelo CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Eduardo Rodrigues de Carvalho

José da Cunha Saraiva & C.ª Lda.

IMPORTAÇÃO — EXPORTAÇÃO

LÃS, PENTEADOS E FIBRAS

PRODUTOS QUÍMICOS PARA A INDÚSTRIA
TEXTIL

RUA CONDESTAVEL NUN'ALVARES N.º 40

TELEFONES PPC 23067/68 — TELEG. SARAIVA

COVILHÃ

ORGANIZAÇÕES HOTELEIRAS
ALMEIDA CAMPOS

Café-Restaurante «MONTALTO» — Telef. 22042

«MONTIEL» — Pastelaria — Snak-Bar — Tel. 22086

«PASTELARIA LISBONENSE» — Especialidades Regionais — Tel. 22067

Estalagem «O PASTOR» — Telef. 22130

«Socied. Residencial SOLNEVE» — Telef. 23001/2

«ESTALAGEM DA NEVE» — Considerada de Utilidade Turística
Tel. 52215

«CAFÉ CINE» — Telef. 52366

A mais considerada organização hoteleira da Beira Baixa ao serviço do Turismo.

FUNDÃO

J. B. Terenas & Filhos, Lda.

FABRICANTES DE LANIFÍCIOS

Especializados em casimiras finas WOOLMARK

Acabamento «PERROTTS»

TELEFONE: 22 006

COVILHÃ

COMÉRCIO — INDÚSTRIA DE MEDICAMENTOS E ÓPTICA

ZENITE FARMACÊUTICA

RAUL FRANKLIN DE ALMEIDA BONINA

Rua Comendador Campos Melo, 41 — COVILHÃ — Portugal

DIVISÃO DE ÓPTICA — LABORATÓRIOS: RUA DA INDÚSTRIA

Química — Drogeria e Perfumaria ZENITE

Rua Comendador Campos Melo, 49

ÓPTICA ZENITE — (Receitas médicas de óculos)

Rua Campos Melo, 41

DIVISÃO FARMACÊUTICA — Associado: Vergílio Barata Isaac

Telefone 22 664 — Rua da Ramalho, 47 - 49



Ministério do Exército

Direcção do Serviço de Material

COMISSÃO DO PLANO DE AQUISIÇÕES
DO EXÉRCITO

CONCURSO PÚBLICO N.º 3/70 — PAE 69

AVISO

Torna-se publico que o Concurso referenciado foi adiado para 24 ABR 70, tendo havido alteração da Especificação Preliminar n.º 30 MS (Rev. 1).

A revisão desta Especificação encontra-se patente na Secretaria da COMPAE/DSM (Rua Rodrigo da Fonseca, N.º 180-3, -Dt.ª — LISBOA), onde pode ser consultado por todos os interessados, das 14 h. às 18.30 h. dos dias úteis.

Lisboa, 4 de Abril de 1970.

O Presidente da COMPAE/DSM,
LUIS BORGES RAMOS
Ten. Cor Eng. SM

JOÃO INÁCIO DA CONCEIÇÃO & FILHOS
FÁBRICA DE LANIFÍCIOS

TELEFONE: 22 692

COVILHÃ

AGÊNCIA PARAÍSO

OS MELHORES CARROS FUNEBRES DA REGIÃO E DO CENTRO
A MAIS ANTIGA E MAIOR ORGANIZAÇÃO DA BEIRA BAIXA
EÇA PRÓPRIA — URNAS E PARAMENTOS RELIGIOSOS

MANUEL PARAÍSO JÚNIOR

Rua Nogueira dos Frades, 1-3 — Rua do Forno, 5-7

TELEFONE 22 935 — COVILHÃ

«BROTHER»

A máquina de escrever, mais preferida em todo o Mundo, pela sua técnica, robustez, etc.

A venda nos agentes oficiais

Representante:

A PESTAMISTA MERCANTIL, LDA.

Av. Almirante Reis, 10-C — Lisboa

PENSÃO S. FRANCISCO

Organização de FRANCISCO ANTUNES

TELEFONE 22263

Serviço de casamentos, baptizados e excursões, com esplanada frondosa.

Auto Jardim: Aven. Heitor Pinto.

POLO NORTE: Café, sala de chá, pastelaria e confeitaria.

LARGO 5 DE OUTUBRO — COVILHÃ

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL JÚLIO DE MATOS

Serviço de Abastecimentos

Grupo III — Reparação
de máquinas de lavar

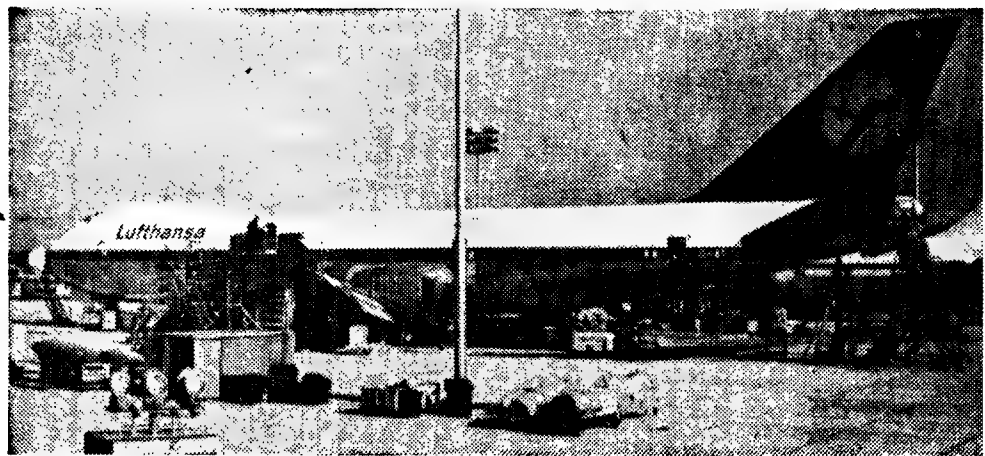
Até às 13 horas, do dia 11 do corrente, encontram-se patentes no Serviço de Abastecimentos deste Hospital, todos os dias úteis, das 10 às

13 e das 14 às 17.30 horas, excepto sábados, em que o Serviço encerra às 13.30, as condições para a reparação em referência.

Lisboa, em 6 de Março de 1970.

O CHEFE DO SERVIÇO

O «Diário de Lisboa» encontra-se a venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Anas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.



O «BOEING 747» — As companhias do «Grupo Atlas» — Air France, Lufthansa, Alitalia e Sabena — assinaram em Bruxelas um acordo pelo qual a instrução dos seus pilotos e mecânicos sobre o «Boeing 747» (que mostramos na gravura) será feita num simulador de voo da Lufthansa. A Iberia, apesar de não pertencer ao Grupo, também aderiu ao acordo. O Grupo Atlas foi constituído com o fim de reduzir ao mínimo as despesas de exploração dos «Boeing 747» através de um plano conjunto de revisão dos aviões e instrução do pessoal navegante.

COMUNICADO DO S. I. P. DAS FORÇAS ARMADAS

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate na província de Moçambique o furiel miliciano n.º 032410/66, Manuel Silveira Fonseca; os soldados n.º 58353/68, António Augusto Ribeiro, n.º 075573/68, Domingos Jorge Morais, n.º 193611/69, José Francisco Raposo e os soldados do recrutamento da província, n.º 707002/69, Aussé Temusse Alvaro, n.º 712241/67, Carlos Sambo, n.º 706614/69, Cassimiro José Nomade.

O furiel miliciano Silvério Fonseca era natural de Nossa Senhora do Rosário, Idanha-a-Nova, e filho de José Augusto Fonseca e de Maria José Silveira. O soldado Augusto Ribeiro era natural de Boavista, Lousada, e filho de Augusto Ribeiro e Eng.ª Rosa Ribeiro. O soldado Jorge Morais era natural de Anjos, Vieira do Minho e filho de Severino Augusto Morais e de Maria Jorge. O soldado Francisco Raposo era natural de Sines e filho de José Manuel Inácio e de Francisca Maria Raposo.

A 4.ª EDIÇÃO DE «TONS VERDES EM FUNDO ESCURO»

Joaquim Págo d'Arcos, há 25 anos, publicou o livro «Tons Verdes em Fundo Escuro», que acaba de ser reeditado em quarta edição. Na obra dedicada a Ribeiro Couto, o autor, entre outras coisas afirma: *Tudo que escrevi, desvalioso embora, levou por demais a marca da sinceridade ou do sofrimento para que se lhe não reconheça ao menos a profunda seriedade.*

Na MOITA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Sebastião Araújo Alegria, Rua Machados dos Santos, 8.

I ENCONTRO DE MULHERES DA ÁFRICA AUSTRAL

De 29 de Junho a 4 de Julho realiza-se em Moçambique o I Encontro das Mulheres da África Austral, organizado pelo Centro Moçambicano de Estudos Cooperativos. Com este encontro pretende-se que as mulheres que nele tomem parte, pelo confronto das soluções adoptadas nos respectivos países para problemas seme-

lhantes, pela discussão de preocupações comuns e afins se enriqueçam como mães, esposas, donas de casa, profissionais e cidadãs.

Para este I Encontro estão previstos os seguintes temas: economia doméstica, bem-estar social, nutrição, educação, contribuição das mulheres pa-

ra o desenvolvimento das cooperativas e diversos.

Todas as mulheres que desejarem inscrever-se podem-no fazer para o Centro Moçambicano de Estudos Cooperativos, Caixa Postal 1138, Lourenço Marques. O Centro proporcionará todas as informações pedidas.



Gazcidla - resposta urgente à sua urgência

Já quase um milhão de famílias usam Gazcidla!
Porque Gazcidla é económico,
limpo, prático e seguro.
Gazcidla tem agentes em
todo o país, proporcionando

aos seus consumidores
entregas sem demora
e uma assistência técnica
rápida e eficiente.
Quase um milhão de famílias
podem comprovar estas verdades.



GAZCIDLA
uma chama viva onde quer que viva

O requinte e a beleza do
ORIENTE
nas estradas de
PORTUGAL

CHEGARAM
NOVAS UNIDADES



SUBARU FF1

O MELHOR CARRO DE PEQUENA CILINDRADA
DESTA DÉCADA (TRANSCRITO DA REVISTA CAR AND DRIVE)

SUBARU UM SÉRIE FORA DE SÉRIE

Representante em Portugal:
SOGERIM - SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.
AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 23-ABC-LISBOA
TEL. 56 0159

KONI



a chave
da segurança

De um molho de chaves vulgares,
destaca-se a mais importante.
KONI é realmente importante para si.
A sua segurança encontrou-a chave certa.

Representante:
SOGERIM - SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.
Av. António Augusto de Aguiar, 23-ABC-Lisboa
Telef. 560156

HOLLAND-AFRIKA LIJN
AMSTERDAM



Serviço mensal de navios rápidos, com escala por
LISBOA aceitando carga p/ descarga, directamente,
nos portos de:

CAPE TOWN
PORT ELIZABETH
EAST LONDON
DURBAN
LOURENÇO MARQUES
BEIRA

somente para cargas em
trânsito por estes portos

«Abbekerke» 21 de Abril

AGENTES DE NAVEGAÇÃO

WIESE
& CA LT

Rua do Alecrim, 12-A — LISBOA-2
Telef. 370241 (10 linhas) — Teleg. «Wieseco» — LISBOA
Telex 1322 «Wiese» P

**PARA TODA E QUALQUER
TRANSACÇÃO
SOBRE PROPRIEDADES**

deve
consultar
o mediador
oficial

COMPRA, VENDA
E HIPOTECAS DE
PROPRIEDADES

A ALENTEJANA

de A. ASSUNÇÃO

A mais completa organização do País

Escritório: Praça da Alegria, 6, 2.º E. — Telef. 366082-366087 — LISBOA

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de
Lapa, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carva-
lhido, Rotunda da Boavista, Praça Marques de Pombal, Rua de
Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas,
a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aero-
porto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

TELEF. 32 67 33 e 3 55 95

**AUTO-CAIS
DO SODRÉ, LDA.**

Acessórios
para Automóveis
Óleos, Massas
e Velvulinas

PNEUS E CAMARAS
DE AR
RECAUCHUTAGEM
E VULCANIZAÇÃO
Praça Duque da Terceira, 9
LISBOA

RESTAURANTE O PACO

COZINHA PORTUGUESA E ESPANHOLA
CUISINE PORTUGAISE ET ESPAGNOLE
PORTUGUESE AND SPANISH COOKING

Avenida de Berna, 44-B Phone 77 06 42

**ESTRADA
LIVRE!**

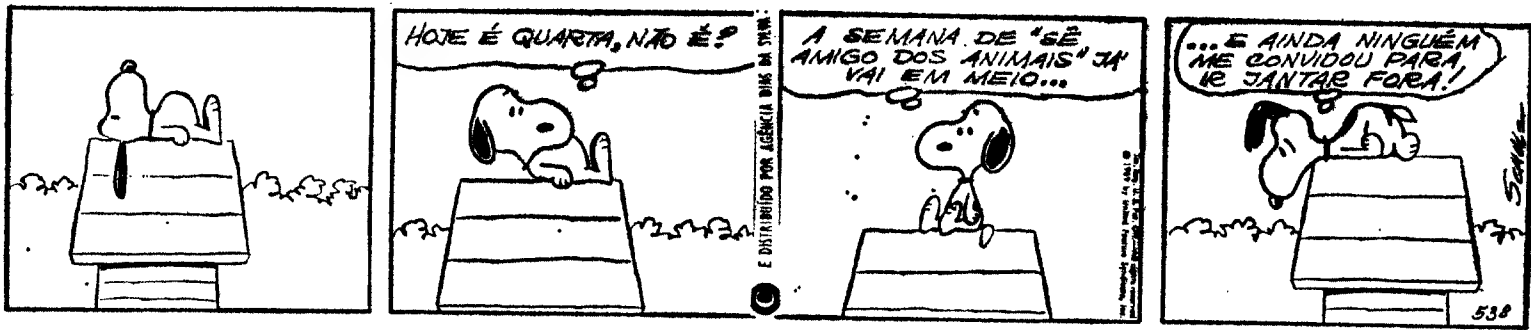
COM

MIXO

REPRESENTANTE:

AUTO SERVIÇOS AVENIDA
Av. da Liberdade, 67 — Lisboa

Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIOS)

PROBLEMA N.º 5498

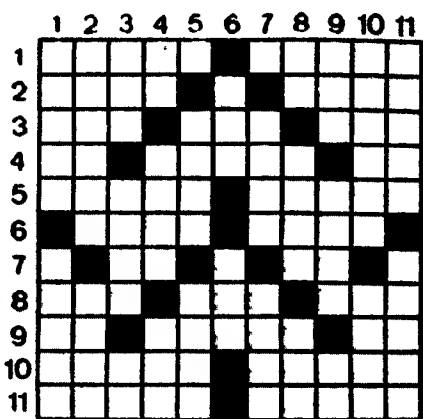
(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9341

HORIZONTAIS: 1 — Nome de fruto africano. Sossagado. 2 — Descanso. Verdadeiro. 3 — Negativa. Patas. Liga. 4 — Rio da Rússia. Apelido. Tempo do verbo haver. 5 — Curar. Pesquisai. 6 — Direcção. Feras temperadas. 7 — Ruim. Sufixo que designa estado. 8 — Bebida usada nas Indias orientais. Mediana. Rezo. 9 — Nota musical. Função. Artigo indefinido. 10 — Cidade de França. Ponha o pé na. 11 — Guarnição de arames. Rebolar.

VERTICAIS: 1 — Bisonhos. Nome de peixe. 2 — Terminar. Come à ceia. 3 — Voz do gato. Cidade de Itália. Rádio (s. a.) 4 — Preposição e artigo definido. Latada. Conclusão. 5 — Nome de fruto. Móvel sobre o qual se come. 6 — Preposição. Patas. 7 — Penúmia. Prender. 8 — V. ração. Fale. Ferro temperado. 9 — Viu. Tronco de árvore limpo de ramos. O mais. 10 — Astúcias. Pulha. 11 — Engordurar. Omitir.

Resolva completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5497

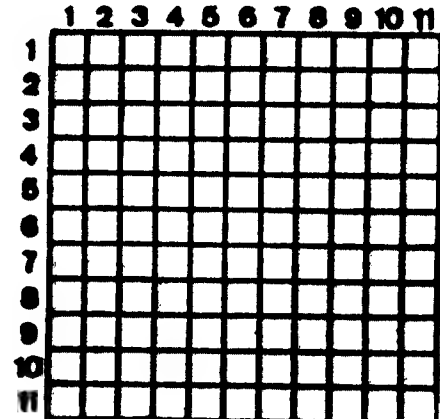
HORIZONTAIS: 1 — Amarmoremos. 2 — Ba-lão. Imano. 3 — Aleta. MANDA. 4 — Na. E. 5 — Aço. Gas. Ana. 6 — Alir. Elsa. 7 — FAZ. Rio. 8 — Al. Malva. Ce. 9 — Uinar. Ingar. 10 — Sauda. Daira. 11 — Árias. Ossos.

VERTICAIS: 1 — Abano. Valsa. 2 — Malaca. Liar. 3 — Olé. Fio. Mui. 4 — Rote. Ramada. 5 — Noa. Gozaras. 6 — Cã. 7 — Rim. SERVIDO. 8 — Enos. L'anos. 9 — Mon. Asa. Sic. 10 — Ondina. Caro. 11 — Soara. SERAS.

Provérbio: MANDA E FAZ: SERVIDO SERAS.

HORIZONTAIS: 1 — Gato ou cavalo castrado. Querida. 2 — Parte do lombo dos bovinos entre a pá e o cachaço. Rio da China. 3 — Decidiram. 4 — Espiga. O Anão da Bíblia. 5 — Em partes iguais. Toca apito. Senhor. 7 — Comer à ceia. Peleja. 8 — Corso. Inundo. 9 — Amónio (s. a.). Empunhona. Sufixo que designa estado. 10 — Recede. Invulgar. 11 — Freguesia do concelho de Guimarães. Estreito.

VERTICAIS: 1 — Pesos. Pesquisa. 2 — Afia. Omitir. 3 — Pondere. Patas. Pedra de moirao. 4 — Água. Guarnições de asas. 5 — Coelho pequeno. (pl.). 6 — Quanto. Prefixo de negação. 7 — Rebentar. 8 — Nome de mulher. Gritaria. 9 — Emir. Joieira. Prefixo de privação. 10 — Fazeis doação de. Presentemente. 11 — Equipa- ro. Verbal.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9340

HORIZONTAIS: 1 — Ana. Rio. Tal. 2 — Sidra. Borka. 3 — Aliem. Aliar. 4 — Oaia. Reno. 5 — Sol. 6 — At. Casão. Co. 7 — Pagas. Miras. 8 — Olos. Sobre. 9 — Lás. los. Ser. 10 — En. Impar. Cã. 11 — Saúna. Lobas.

VERTICAIS: 1 — Asa. Nápoles. 2 — Nilo. Talara. 3 — Odior. Gas. 4 — Rel. Cã. In. 5 — Ramosas. Imã. 6 — As. Gap. 7 — Abaniam. Sal. 8 — Olé. Os. Re. 9 — Trino. Ras. 10 — Alão. Cabeça. 11 — Lon. Coseras.

As complicações para o trânsito numa praça do Porto

PORTO, 7.

Fizemos referência à autorização, dada pela Câmara Municipal, para a instalação na Praça da Liberdade de uma grande barraca de sorteios e, no próximo mês, de mais de uma dezena de outras. O local, precisamente no coração da cidade, é, como toda a gente sabe e a Câmara melhora do que ninguém, o de maior movimento de veículos e de peões, e até agora não foi encontrada qualquer solução para o trânsito complicadíssimo que ali se movimenta a todas as horas. E, com aquela autorização, o pandemónio será maior e haverá mais confusão.

Chega-nos, porém, uma ex-

plicação, a justificar a autorização concedida, ainda que dela se discorde.

O Município pensara, dada a reprovação da Comissão Municipal de Trânsito, em autorizar a instalação das referidas barracas na Avenida dos Aliados, no centro da parte ajardinada, local ainda péssimo pelos mesmos motivos, mas, realmente, com menos prejuízos e dificuldades para veículos e peões. Acontece porém, que os interessados acabaram por obter a autorização. E, mais uma vez, automobilistas e peões se verão aflitos durante dois meses, ficando aquela praça, para já, permanentemente mais suja com os milhares de papélinhos dos sorteios lançados para o chão.



VICE-ALMIRANTE

**JOAQUIM MARIA ALVES
PEREIRA DA FONSECA**

Maria Amália Tamagnini Alves da Fonseca, filha, netas, irmãs e mais família, participam que será remada missa de 30.º dia, amanhã, 8, na Igreja de S. Sebastião, pelas 12 horas. Aproveitam a oportunidade para agradecer a todas as pessoas que tão afectuosamente os acompanharam na sua dor.

NA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 7 de Abril de 1940 publicava:

«LONDRES, 7 — O navio norueguês «Navarre» (2118 toneladas) foi torpedeado, sem aviso prévio, por um submarino alemão, ontem, pela manhã, ao Norte da Escócia. «Todos os oficiais e 9 marinheiros do «Navarre» pereceram com o navio, que se afundou em poucos minutos. Navios neutros recolhiam os restantes 14 tripulantes, que foram desembarcados ontem à noite.

«O «Navarre» é o 55.º barco norueguês que os alemães metem no fundo.»

Curso de preparação para o matrimónio na igreja de Arroios

Com início hoje, vai realizar-se na igreja de Arroios, um curso de preparação para o matrimónio destinado ao esclarecer os noivos sobre diversos problemas relacionados com a sua futura vida conjugal.

As sessões serão em número de seis, nelas participando um grupo de casais e um sacerdote e realizar-se-ão, semanalmente, às terças-feiras, às 21 e 30.

Seminário

de Teoria Matemática da Comunicação e Cibernética

Realiza-se amanhã a vigésima sexta reunião do Seminário de Teoria Matemática da Comunicação e Cibernética.

O tema Funções Aleatórias será tratado pelo dr. Gustavo de Castro.

As sessões decorrem na Rua de S. José, 10, começando às 9 horas.

As pessoas interessadas podem assistir mediante inscrição na Direcção dos Serviços de Telecomunicações dos CTT, Praça dos Restauradores, 58, 4.º, em Lisboa.



LECARDI
— DECORAÇÕES
LDA

**TECIDOS
ESTOFOS
DECORAÇÕES**

ULTIMAS NOVIDADES
SEMPRE AOS MELHORES
PREÇOS

R. NOVA DA TRINDADE, 1-C
(AO CHIADO)
TELEF. 32 81 20 LISBOA

Na MOITA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Sebastião Araújo Alegria, Rua Machado dos Santos, 8.

OUTRO QUARTEL QUEREM OS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DA AJUDA

A Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários da Ajuda vai fazer 90 anos no próximo dia 10. Apesar da próxima idade e dos inúmeros e altos serviços prestados à cidade de Lisboa, a corporação continua instalada — na Praça da Alegria — num quartel sem quaisquer condições.

Mas a direcção dos Voluntários da Ajuda não se limita a registar o triste facto e a lamentar-se de que as coisas tenham chegado a esse estado. Para tentar resolver a questão das instalações, os voluntários da Ajuda encetaram já há algum tempo os necessários contactos com vista à construção de um novo quartel. Segundo fomos informados, o local — também na Praça da Alegria — está já escolhido. A comparticipação da Câmara Municipal de Lisboa está já prometida. A direcção dos bombeiros espera só a concretização das promessas.

Para que se possa fazer

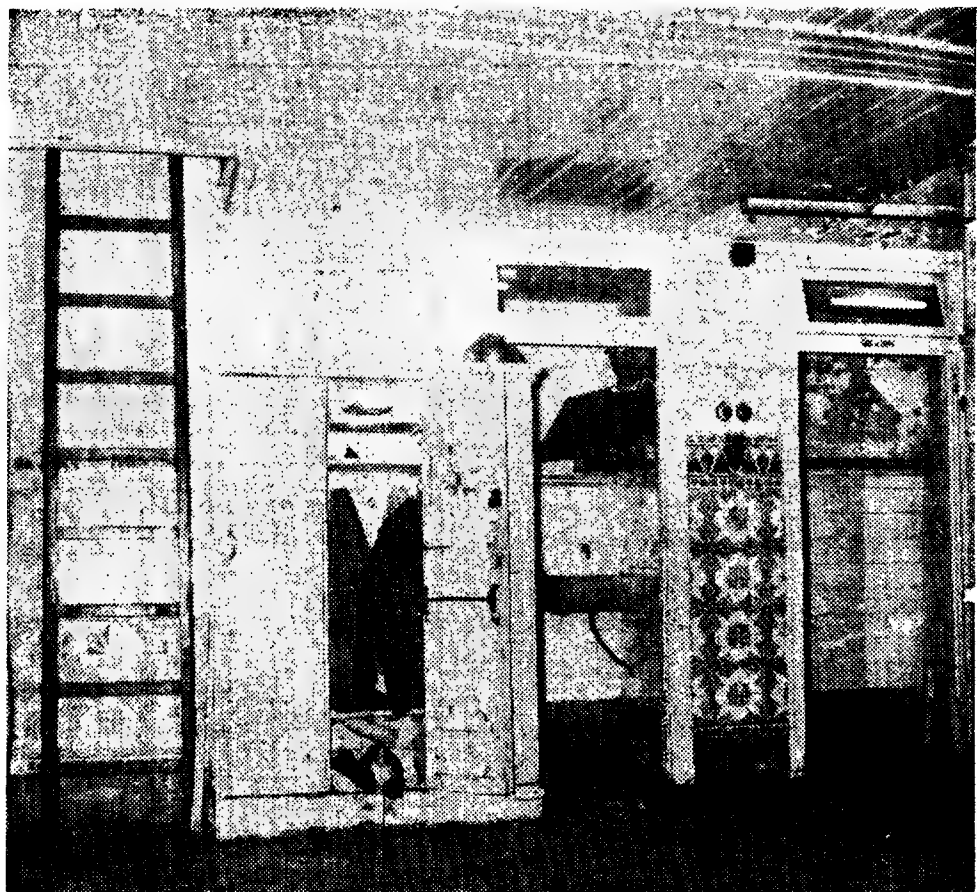
pulação da cidade, um pouco mais de seis vezes por dia com o escasso material de que dispõem.

Para tudo isto, a corporação conta com uma receita de, aproximadamente, três mil escudos mensais mais o que é pago por uma parte dos serviços de ambulância (quem não pode pagar não paga mesmo).

Até à policia temos de pagar quando precisamos de um reboque — desabafou um dos voluntários que nos acompanhou na nossa visita às instalações do quartel da Praça da Alegria.

É verdade que a Corporação — tal como as outras — tem subsídios da Câmara Municipal de Lisboa. No ano passado, por exemplo, a Câmara subsidiou com 143 contos a compra de um automóvel devidamente identificado pelos serviços camarários. O que se passa — segundo nos foi dito — é o seguinte: a C. M. L. dá subsídios desde que eles se destinem à compra de material que

da Ajuda contam, neste momento, com 30 homens prontos para sair. Ao contrário do que muita gente pensa, pela menos nesta corporação, os voluntários não se inscrevem para poderem, de qualquer forma, promover-se socialmente ou usufruir de quaisquer benesses. Os dois bombeiros com quem contactámos — os srs. José Manuel Dinis e Augusto Maris Martins — são vendedores de automóveis tendo um bom nível de vida. Disseram-nos que, de uma maneira geral, essa era a situação da maior parte dos homens da corporação. O facto de terem boas ou razoáveis casas, não os inibe de fazerem dois «piquetes» por semana nas péssimas instalações do quartel.



Neste reduzido e pouco higiénico espaço estão o vestiário, o refeitório e as instalações sanitárias (?) da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários da Ajuda, membro da Associação Internacional de Cruz Verde. A esquerda vê-se a escada para a camarata (?)



A uma chamada urgente, os bombeiros devem corresponder com uma saída rápida, tão rápida quanto as portas o permitam. A mascote da corporação, o «Nice», abre a boca como que de espanto perante o reduzido espaço que o auto-pronto-socorro tem para sair para a rua.

uma ideia dos serviços que os voluntários da Ajuda prestam à cidade basta conhecer alguns números. No ano de 1969 os bombeiros da Ajuda fizeram 127 saídas a chamadas para fogos; 22 saídas para inundações; 16 saídas para esgotamentos de água; 58 saídas para inundações em casas particulares; 108 serviços com material de incêndios; 12 saídas para o aeroporto; 23 falsos alarmes com ambulâncias; 1915 saídas com ambulâncias (das quais uma pequena parte é paga). Feitas as contas, os voluntários da Ajuda saíram do quartel, em serviço da po-

os seus serviços apontam. Os subsídios não podem ser livremente administrados pela corporação.

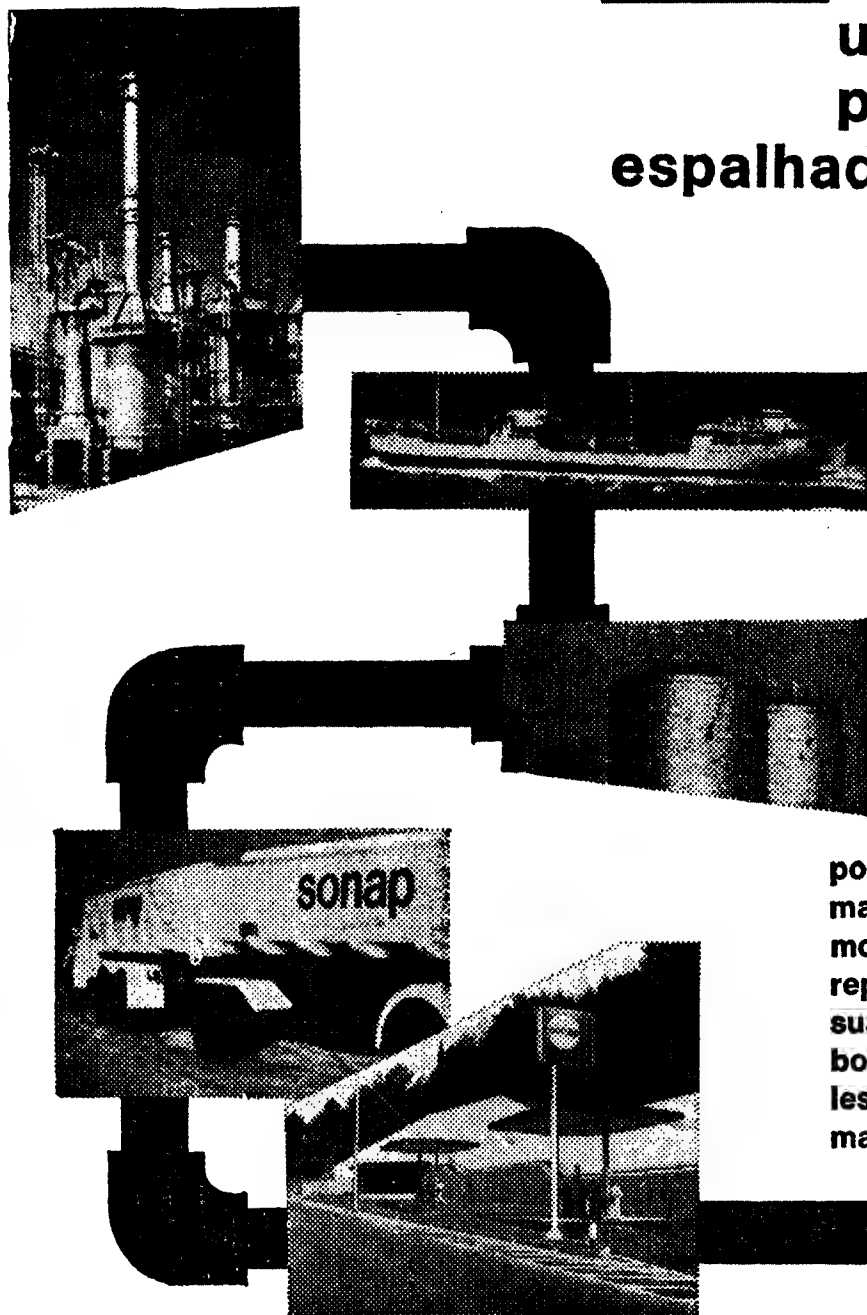
Os bombeiros voluntários

«DIÁRIO DE LISBOA»

Fizeram transcrições do «Diário de Lisboa» ou referências ao nosso jornal os prezados colegas: «Diário de Moçambique», da Beira; «Comércio do Funchal», «Diário do Alentejo», de Beja; «Gazeta do Sul», do Montijo; «Beira Baixa», de Castelo Branco; «Jornal do Algarve», de Vila Real de Santo António, «Notícias de Penafiel» e «Política», de Lisboa.



uma empresa
portuguesa
espalhada no mundo



portugal (europa)
madeira • açores
moçambique
república da áfrica do sul
suazilândia
botswana
lesotho
malawi

combustíveis • lubrificantes

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

NOITE DE CINEMA:

«Uma histórica viagem»

Do ciclo de homenagem ao realizador norte-americano Anthony Mann, é hoje apresentado, pelas 22 horas, o 2.º filme: «Uma histórica viagem», com Anthony Mann, Dick Powell e Paul Raymond.

★

«Um filme sobre factos reais e actuais, ainda que passado nos tempos de Abraham Lincoln...»

II PROGRAMA

«DICK POWELL», «CARTA DE ESPANHA» E «ESTÚDIO C»

A emissão inclui, pelas 22 horas, um filme da série «Dick Powell Show», seguindo-se a rubrica «Carta de Espanha» e, às 23 e 10, «Estúdio C», com a participação de Lenita Gentil e Valério Silva.

canal da crítica

... DISSE: «FAÇA-SE LUZ».

E A LUZ COMEÇOU A SUBIR...

1 — Quando se lamenta o facto de «Curto Circuito» não poder contar com Raul Solnado julgo que ninguém procurará uma situação de confronto, no que respeita à qualidade. Suponho que é o processo, o método que está em causa. Havia uma ligeireza, uma certa maneira fácil, digestiva, de ir ao encontro das pessoas e dos problemas. Raul Solnado dava o contraponto do espectáculo unicamente com a sua presença. Quanta vez, se bem me lembro, esse «espectáculo» se opôs, trazendo-lhes prejuízo, às pessoas e aos problemas...

Começa a ser tempo de abandonarmos o vício saudosista. Seria bom que o nosso público desse provas de tamanha maturidade que lhe permitisse receber, com agrado, discussões de problemas como a da situação do teatro entre nós, da situação da velhice, da penetração da música.

2 — E certo que um esforço para a descontração deve ser, não só tentado, como aprofundado. O interesse pela seriedade dos problemas não ficará molestado na presença, paredes meias, com o humor. Os responsáveis de «Curto-Circuito» já se deram conta do problema. A «coluna de Nicolau», ontem anunciada, corresponde à necessidade de dar ao programa a janela para o humor que lhe fazia falta — já que o «Sim ou Não» nem todos os dias pode contar com um Bateria para animar as hostes... Esperemos que a «coluna» de Nicolau Breyner não seja dórica nem jónica — esperamos que seja uma coluna do nosso tempo, capaz de provocar, para utilizar a expressão de José Viana, «gar-

galhadas com substância». Porque, quanto às outras, José Miguel vela...

3 — A exibição de Poin-dexter, no final do programa não foi de molde a entusiasmar um público mal esclarecido, mal habituado à linguagem do «jazz». As próprias condições de actuação não favoreciam nenhuma espécie de entusiasmo — e

«jazz» não é um músico, «jazz» é um colectivo...

Quanto a Paulo de Carvalho, já nosso conhecido da Televisão (nosso muito conhecido, através de uma emissão de «Estúdio C» pela qual a R. T. P. mostrou um carinho muito especial) não confirmou a impressão que dele tínhamos, como intérprete. Depois, não deixa de ter a sua graça vir Laura Soveral falar da «música ligeira portuguesa», «sempre motivo de controvérsia», e encontrarmos depois um cancionista a cantar em inglês e também num português irreconhecível.

A ida de «Curto Circuito» ao Porto constituiu a grande novidade da emissão de ontem. Assim contactámos com uma excelente ideia do maestro Silva Pereira que, no Teatro Rivoli, leva a música, gratuitamente como o sol,

POSTA-RESTANTE

verdade, um «Estúdio C» na R. T. P., mas não com composições de Ferrer Trindade. Ele e Susy Paula interpretarão poemas e música de um novo com valor chamado Carlos Alberto França.

P. M. — Lisboa — O nosso crítico M. C. teve razão ao afirmar que o 1.º concorrente do último «Curto-Circuito» dissera a palavra «sim», proibida. E fê-lo por duas vezes. A primeira quando Artur Agostinho estabeleceu o seguinte diálogo:

A. A. — Há quanto tempo é que foi?

S. — Bem, eu vim primeiro que os meus pais. Eu ti-

as crianças da cidade. A reportagem ficou prejudicada pelo facto de, no essencial, se tratar de uma repetição. Silva Pereira, ainda não há muito tempo, contou a sua aventura em «Notícia do Espectáculo».

Que outros lhe sigam o exemplo. Outros — incluindo a própria Televisão. Quem, melhor do que ela, podia criar o nosso «Concerto para jovens»?

1 — A «Gerontologia» encontra-se na ordem do dia. O dr. Almerindo Lessa, de quem Glória de Matos lembrou de enfiada cargos e honras com hiperbólica adjectivação, esteve presente para se referir ao assunto. A sua facilidade de expressão contribuiu muito para a visível aceitação que teve junto do público. Ora essa influência poderia ser maior se houvesse menor recurso à erudição, se não existisse tamanha dispersão de assuntos (até quiseram que ele dissesse o futuro, imaginem! Quase cheguei a

(Continua na 35.ª página)

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 45 m — 655 kc/s — As 16 e 5: Canções por Nana Mouskoury; 16 e 30: Roteiro Musical Português; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; 18 e 6: Orquestras ligeiras; 18 e 25: Cristo é a Resposta, pelo padre José Teodoro Marques da Silva; 18 e 40: Conjuntos Instrumentais; 19 e 45:

Rádio Rural — Música, só música; 20: Diário Sonoro, 20 e 20: Um solista... Uma orquestra; 20 e 40: 12.º Episódio do Folhetim «Flor de Nazaré»; 21 e 05: Espectáculo: Magazine de Cinema, por Amândio Videira Santos; 21 e 25: Canções; 22: Tempo de Jazz, por Raul Caetano; 22 e 30: Fados, por Beatriz Ferreira; 22 e 50: Música, só Música; 23 e 05: Programa do noite; 24: Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — As 15 e 40: Quarteto n.º 1, Op. 2 (Kodaly), pelo Quarteto Roth; 16 e 20: Música sinfónica; 17: Discos raros; 17 e 30: Perspectivas da obra de Benjamin Britten; 18 e 30: Rádio Educativa (Auditorium Juvenil); 19: Horizonte Literário, por Amândio César; 19 e 15: Dança e Ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 19 e 35: Música de câmara; 20: Diário sonoro; 20 e 30: A oratória «Oedipus Rex» de Stravinsky, comentada por Maria Helena de Freitas; 21 e 35: Sinfonia n.º 5, em dó sustenido menor (Mahler); 22 e 42: Fantasia Cromática e Fuga em ré menor (Bach); 22 e 58: Fecho

3.º Programa — 383,6 mc/s — 18.º kc/s — As 6 e 4: Programa L-D C, 8. Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée Teatral; 19 e 3: Miscelânea; 19 e 30: Robbalar; 19 e 35: Estúdio 64; 20 e 10: Noite da a dia; 2 e 2: Orquestra; 21 e 30: Música para meditar; 21 e 45: Mundo Rádio; 22 e 3: O Santo; 22 e 5: Comunidade Baptista Independente; 22 e 30: Carroça; 23 e 4: Clube Juventude

4.º Programa — 233,2 m — 285 — kc/s — As 16: Radionama; 18: Orquestras em voga; 18 e 30: Torço e bencção; 18 e 30: Basílica dos Mártires; 19 e 5: Música seleccionada; 19 e 30: Página; 20 e 55: Meditando; 21: Aguarda Mexicana; 21 e 15: Solistas modernos; 2 e 30: Artistas portugueses; 2 e 45: Vozes de Paris; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora

5.º Programa — 290,13 m — 034 kc/s — As 6 e 4: Programa C D C; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 21: Melodias; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 3: Musicalmente quase tudo; 20 e 30: Semana 5; 20 e 45: Elas cantam para si; 21 e 3: Terça-feira à noite; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 8: Música tradicional e

6.º Programa — 94,3 mc/s — Música portuguesa; 0 e 15: A sonata de Beethoven — Sonata n.º 29, op. 106, em bemol maior, por Willem Kempff; 1: Fecho

7.º Programa — 290,13 m — 034 kc/s — As 6 e 4: Programa C D C; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 21: Melodias; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 3: Musicalmente quase tudo; 20 e 30: Semana 5; 20 e 45: Elas cantam para si; 21 e 3: Terça-feira à noite; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 8: Música tradicional e

8.º Programa — 290,13 m — 034 kc/s — As 6 e 4: Programa C D C; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 21: Melodias; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 3: Musicalmente quase tudo; 20 e 30: Semana 5; 20 e 45: Elas cantam para si; 21 e 3: Terça-feira à noite; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 8: Música tradicional e

O BOM GIGANTE:

«AMIGOS INSEPARÁVEIS»

«Amigos inseparáveis», assim se intitula o episódio a exibir pelas 19 e 45. Conta a história de «Marco Polo», o golfinho amestrado do Aquário de Miami, que surge perto da família Wedlo. São intérpretes Dennis Weaver, Clint Howard e Beth Brickell

INQUÉRITO

Começa hoje a ser apresentado, pela RTP, o programa «Inquérito», destinado a focar e a debater importantes problemas nacionais, dando conta de iniciativas e estudos tendentes à sua resolução. O programa trará a público depoimentos de pessoas ligadas a tais problemas, visando o esclarecimento dos mesmos. Esta noite, cerca das 21, o primeiro «Inquérito» visa o decreto-lei sobre a reforma do licenciamento pelas Câmaras Municipais das obras de cons-

trução civil aprovado no último Conselho de Ministros.

História da Música

O dr. João de Freitas Branco, autor do programa, «História da Música», fala, pelas 20 e 25, sobre Bartok e o Folclore.

GRUPO DE TEATRO

DOS ALUNOS

DO LICEU DE CASCAIS

O G. E. T. (Grupo Experimental de Teatro), recentemente criado por alunos do Liceu Nacional de Cascais e exclusivamente formado por jovens estudantes, apresentou-se, agora, naquele liceu, em São João do Estoril.

ESTUDANTES!
3.º CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO
CISNE
RECEPÇÃO: ATÉ 15 DE ABRIL
PRORROGADA ATÉ 15 DE ABRIL

A. GAMA REIS
(MR. CORK)

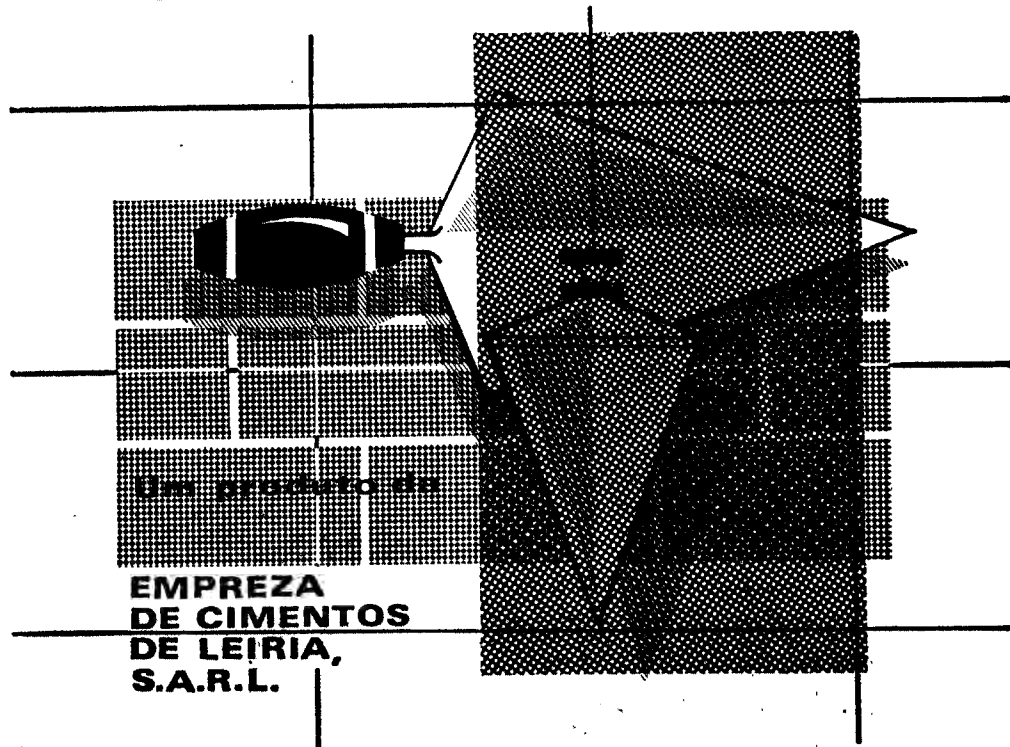


Member of Portuguese Chamber of Commerce
WELCOMES YOU AT

Casa das Cortiças
(CORK HOUSE)
AND AT

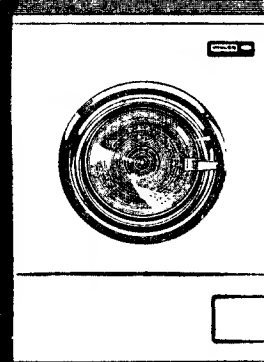
Metropolis
(Mrs. Corks Souvenir Shop)
4, R. ESCOLA POLITÉCNICA
— 10
LISBON (Portugal)
Tele | phone 82 58 58
grams Isolantes
AMERICAN EXPRESS CREDIT
CARDS HONOURED HERE

CONTRA A HUMIDADE CIMENTO LIZ-N HIDROFUGADO



EMPRESA
DE CIMENTOS
DE LEIRIA,
S.A.R.L.

A nova máquina de lavar roupa **PHILCO**
agora com o **PROGRAMA BIOLÓGICO III**



PHILCO
A MÁQUINA MAIS
COMPLETA DO MUNDO

utilize este detergente

A VENDA NA:

SUPERMANOS

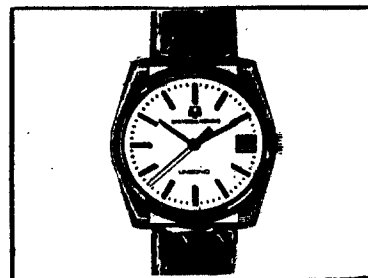
Largo do Mastro, 3 a 9 - LISBOA

Distribuidores Gerais em Portugal - Apartado 139 - PORTO



UNISONIC

O RELÓGIO ELECTRÓNICO COM DIAPASÃO



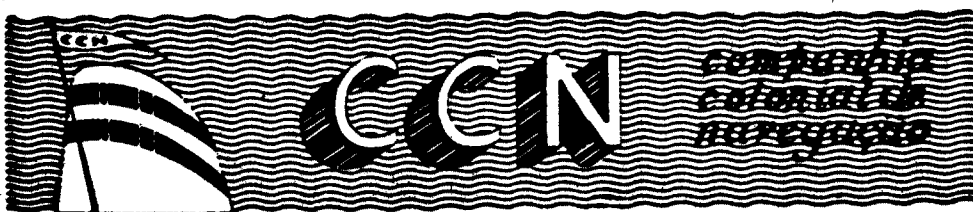
O UNISONIC já não pertence à mecânica

Agora é um electrónico e a sua precisão é
comandada por um diapasão: um oscilador
electrónico que vibra 360 vezes (em vez de 5)
por segundo

E a simplicidade do mecanismo
aumenta a sua resistência

A PRIMEIRA MARCA SUÍÇA QUE
ADOPTOU O RELÓGIO COM DIAPASÃO

UNIVERSAL GENÈVE



PARIDAS

DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«AMBOIM»
a sair em 9 de Abril

Com escala por LEIXÕES, para: PRÍNCIPE, S. TOMÉ,
LOBITO, LUANDA e CABINDA. Carrega até 7 de Abril.

«LUGELA»
a sair em 9 de Abril

Com escala por LEIXÕES, para: PRÍNCIPE, S. TOMÉ,
LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOÇAMÉDES e
PORTO ALEXANDRE (se necessário). Carrega até 7 de
Abril.

«LOBITO»
a sair em 14 de Abril

Com escala por LEIXÕES, para: S. TOMÉ (se necesá-
rio), LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, LOURENÇO
MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO
AMÉLIA (se necessário) Carrega de 8 a 12 de Abril.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

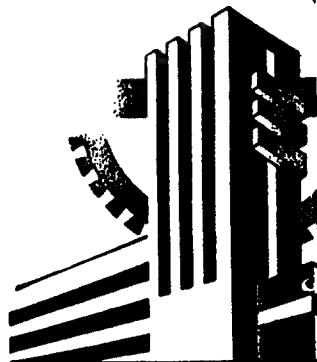
«SANTA MARIA»
a sair em 20 de Abril
às 18 horas

Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE,
PORT EVERGLADES (MIAMI), S. JUAN (PORTO RICO),
LA GUAIRA e CURAÇAU.

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado
sobre o transporte de bagagens

LISBOA - Rua de S. Julião, 63 - Telef. 36 96 21/8
PORTO - Rua Infante D. Henrique, 9 - Tel. 2 33 42

SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES AMADEU GAUDÊNCIO



ARQUITECTURA E ENGENHARIA

TELEFONES

P.P.C. 56 00 51

End. Teleg.: «CONSTRUÇÃO»

CONSTRUÇÕES CIVIS
BETÃO ARMADO
CARPINTARIA
M E C Â N I C A
PINTURAS E ESTUQUES

ESCRITÓRIO E OFICINAS:
R. ALEXANDRE BRAGA, 4-A
LISBOA

DEPÓSITO DE MATERIAIS:
EST. DE MOSCAVIDE, 17-19
Telefones 31 10 72 - 31 20 00

LISBOA

RUA CASAL DO PEDRO, 7
(Marmeladas)

Telefones 69 12 45
PORTO

MORGADO

RAÇÕES E CONCENTRADOS
farinhas e granulados

DIRECÇÃO TÉCNICA
ASSISTÊNCIA ASSEGURADA
por
MÉDICO VETERINÁRIO PRIVATIVO
CONTROLE E ENSAIO BIOLÓGICO
na sua
GRANJA EXPERIMENTAL

fabricas:
**MORGADO
& FILHOS Lda**
BOAVISTA - LEIRIA
telefones 92101/2/3/4

O «Diário de Lisboa» encontra-se a venda nas tabacarias de
Lapa, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carva-
lhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de
Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Astenas,
a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aero-
porto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

CASA SONOTONE

Saúda o Diário de Lisboa, pelo dia
de hoje, desejando-lhe muitas Prospe-
ridades em companhia de todos os seus
colaboradores.

Como se trata de um aniversário não
fazemos publicidade referente a surdos
e a aparelhos auditivos.

A GERÊNCIA

Poço do Borratém, 33-s/l.
Praça da Batelha, 92 -l.º

DINHEIRO SOBRE AUTOMÓVEIS E PROPRIEDADES

ROBREL

R. Rodrigues Sampaio, 69
Telefs. 44602 - 536569

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua dedicação utilize
os comboios eléctricos.

CARTAZ DOS CINEMAS

IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134
As 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
— 70 mm —
BEN (Lee Marvin)
e PARDNER (Clint Eastwood)
**OS MARIDOS
DE ELIZABETH**

ESTÚDIO

(Adultos) Tel. 555134
As 15.30, 18.30 e 21.45
Finalmente em Lisboa
a obra-prima de
Michelangelo Antonioni
A AVENTURA
com Monica Vitti, Gabriela
Ferzetti e Lea Massari

ROMA

(Adultos) Tel. 727778
As 15.30 e 21.30
Uma história divertida
**COMO CASAR
A NOSSA FILHA?**
Alberto Sordi, Anita Ekberg,
Bibi Andersson, Silvana Mangano
e Giulietta Masina
TECHNISCOPE-COLOR

EUROPA

(Adultos) Tel. 661016
FESTIVAL DOS MAIORES
EXITOS DA WARNER BROS.
Realização de Mike Nichols
com Elizabeth Taylor
e Richard Burton
**QUEM TEM MEDO
DE VIRGINIA WOOLF?**
Amanhã, às 15.15 e 21.30:
ESTE DIFÍCIL AMOR (Ad.)

CONDES

(M 17 anos) Tel. 522523 326710
As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
12.ª SEMANA
O filme-choque da temporada
A LIÇÃO PARTICULAR
com Nathalie Delon e Renaud
Verley
COLORIDO

ESTÚDIO 444

(M. 17 anos) Tel. 779095
As 15.30, 18.30 e 21.45
Um estranho encontro entre um
homem frustrado e uma rapariga
sem ilusões!
**COM A CORDA
NA GARGANTA**
com Jean Louis Trintignant

CASINO ESTORIL

NAO HA ESPECTACULOS

MUNDIAL

(M 12 anos) Tel. 538713
As 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA DE ENCHENTES
Paul Newman, Joanne Wood-
ward e Robert Wagner num
dos mais românticos e empo-
lgantes filmes da temporada!

**A GRANDE
COMPETIÇÃO**
(Panavision - Technicolor)
O grande cartaz da Pascoa
de 1970

METRO: Estação Picoas

SÃO JORGE

As 15.15, 18.15 e 21.30
(M 17 anos)
O melhor filme do ano
**O COWBOY
DA MEIA-NOITE**
com Dustin Hoffman
e Jon Voight

MONUMENTAL

(M 12 anos) Tel. 555131
As 15 e às 21 h.
3.ª SEMANA
O FILME MAIS PREMIADO
DO MUNDO
BEN-HUR
Sensacional reposição
com Charlton Heston e Jack
Hawkins

QUINZENA
HUMPHREY BOGART
Amanhã — (Adultos) — 19 h.
SEM CONSCIÊNCIA,
com Humphrey Bogart e Zero
Mostel
Dia 10: «Confúcio de Alma»
(Adultos)

POLITEAMA

Maiores 12 anos Tel. 326305
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
EM 2.ª SEMANA
Em vibrante êxito a nova e gran-
diosa versão do famoso romance
de ALEXANDRE DUMAS
MONTE CRISTO 70
com PAUL BARGE, PIERRE BRAS-
SEUS, MICHEL AUCLAIR e ANNY
DUPERIN
EASTMANCOLOR

AVIS

(M. 12 anos) Tel. 47163
As 15.30 e 21.45
3.ª SEMANA
Uma mulher
selvaticamente ultrajada!
**ENCRUZILHADA
PARA UMA FREIRA**
PANAVISION-COLOR
c/ Rosanna Schiaffino
John Richardson

TIVOLI

(M 17 anos) Tel. 50595
As 3 e 6.15 da tarde (p. r.)
e 9.30 da noite
2.ª SEMANA
Anouk Aimée, Dirk Bogarde
e Robert Forster
Na famosa versão do romance
de Durrele
JUSTINE

No dia 14, às 6.30 da tarde:
RECITAL pelo P. RAMON
CUE e Frei Hermano da Câ-
mara em fados — A favor do
Centro Social da Musgueira
**«SE CRISTO VOLVIERA
HOY A LA TIERRA»**
Bilhetes à venda. (M. 6 anos)

EDEN

(Adultos) Tel. 320768
As 15.15, 18.30 e 21.45
Tom Tryon, Carolyn Jones
e Rick Jason em
A COR DA MORTE
Frank Bigelow é um homem
muito, mas não descansa en-
quanto não encontrar o seu
assassino!

SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 327172
As 15.15, 18.15 e 21.30
A vida e as experiências de uma
mulher livre...
com Michele Mercier
e John Mil
**AS NOITES QUENTES
DE LADY HAMILTON**

ALVALADE

(Adultos) Tel. 763889
As 15.45 e 21.45
A vida e as experiências de uma
mulher livre...
com Michele Mercier
e John Mil
**AS NOITES QUENTES
DE LADY HAMILTON**

RESTELO

(M 17 anos) Tel. 610375
As 21.30
Uma maliciosa comédia
SERAFINO
com Adriano Celentano
e Ottavia Piccolo

LIDO

(M. 17 anos) Tel. 937593
As 21.30
CATHERINE DENEUE mais
bela e sensual do que nunca!
Jack Lemon, o cómico
de sempre!
OS LOUCOS DO AMOR

VOX

(Adultos) Tel. 728288
As 18.30 e 21.45
10.ª SEMANA TRIUNFAL!
de um dos mais sugestivos filmes
da temporada com Rod Steiger,
Claire Bloom e Judy Geeson
**A RAPARIGA
DO AUTO-STOP**
—★—
Junto à Av. de Roma

ODEON

Maiores 12 anos Tel. 326283
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
2.ª MES DE SENSACÃO
8.ª SEMANA DE ENCHENTES
COM O FILME PORTUGUES
**O DESTINO MARCA
A HORA**

com Ivo de Castro, Isabel de
Castro, Anabela, Eugénio Sal-
vador Ivone Silva e Nicolau
Breyner

IMPERIAL

(Adultos) Tel. 45933
As 21 horas
TEXAS, ADEUS
**O GENDARME EM NOVA
YORK**

LIZ

(Adultos) Tel. 48360
As 21 horas
O extraordinário filme
**O SEGREDO DA SANTA
VITÓRIA**

CHIADO TERRASSE

(M 17 anos) As 21 horas
A PRIMEIRA NOITE
O PERFUME DO DINHEIRO

FARMACIAS
DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno J

AJUDA — Mendes Gomes, Lapa-
da da Ajuda, 222 (638256) *
Tapada, Lda., Calç. do Tapada,
83-A (634721)
ALCANTARA — Este: Nogueira,
R. de Alcântara, 5-A (637563)
ALMIRANTE REIS — Antónia, Lda.,
Av. Almirante Reis, 88-B-C
(44723) * Magalhães, Av. Al-
mirante Reis, 4-D e 4-F (49479)
ALVALADE — Libia, Av. do ge-
n. 4-B-C (71681) * Marbel,
Av. de Roma, 18-A (776235)
AMOREIRAS — Amoreiras, Praça
dos Aguias Livres, 8-D (68555)
AREIRO — Lusitana, Av. de Ro-
ma, 8-A (725443) * Chinde,
Rua Agostinho Lourenço, 6-B
(71033)
ARROIOS — Fonseca — R. Car-
valho Araújo, 46-B-C (84708)
AVENIDAS NOVAS — Providência,
Rua D. Friso de Vilhena, 9-C
(770324) * Sá de Bandeira, R.
Marquês Sá de Bandeira, 36-42
(49654672) * Oliveira Vi-
gas, R. Vitoria, 29-A (48966-
55360)
BAIROS DA ENCARNACÃO — Zira,
Pr. das Casas Novas Lote 66
(3072)
BAIXA — Formosinho, P. dos Res-
tauradores, 8 (30927) * Npr-
mal, R. da Prata, 220 (32342-
325553)
BENFICA — Benficus, Est. de Ben-
fica, 44-A (782606) * Pagesso,
Lda., Estrada A-da-Moa 64-C
(702226) * Macedo, Est. do
Poco do Chão, 69-C (703697)
CAMPO DE OURIQUE — Lindeia
— Rua Ferreira Borges, 30
(660955) * Fíndar — Rua D.
Maria Pia, 514 (687949)
CAMPOLIDE — Ronil, R. Rodrigo
da Fonseca, 53 (683438) *
Zenel, R. A. 82, Barro da Li-
berdade (65840) * Nova, R.
de Campolide, 297-C (68745)
CAMPO DE SANTANA — Penin-
sular, Campo dos Mártires do
Pátrio, 17-118 (553308)
ESTEFANIA — Dália, Rua Açores,
32 (52388)
ESTRELA E LAPA — Neves, Suc.
R. da Bela Vista, 6 Lapa, 37
(66125)
GRAÇA — Higienista, R. Heliodora
Salgado, 20-A (844361)
LUMIAR — Patuleia, Herdeiros,
R. do Lumiar, 122-124 (790332)
* Duro, Al. dos Linhos de
Torres, 93-A-B (791131)
OLIVIAIS — Simão, R. Cidade de
Cabo, 6-A (31058)
PALHAVA — Canto, Est. das La-
ranjeiras, 202-B (78084)
PEDROÇOS — Higienista, R. de Pe-
droços, 50-52 (610280)
PENHA DE FRANÇA — Dalton,
Av. Mouzinho de Albuquerque,
7-A (84571) * Europa, Av.
General Roçadas, 27-A-B (Tel.
843880).

* OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

CAPITÓLIO — As 21 e 45: «A Ce-
lestina» (17 anos)
VILLARI — As 21 e 45: 29:
«O Vison Voador» (17 anos)
LAURA ALVES — As 21 e 45:
«Pobre milionária» (17 anos)
MARIA MATOS — As 21 e 45:
«A Relíquia» (17 anos)
MARIA VITÓRIA — As 20 e 45
e às 23: «O prato do dia» (17
anos)
A B C — As 20 e 45 e às 28:
«Pega de caras» (17 anos)
VARIEDADES — As 21 e 45:
«Quando ela se despiu» (17
anos)

CINEMAS

OLÍMPIA — As 21: «A Aranha
Negra» (12 anos)
CINEARTE — As 21: «A Máscara
de Demónio» (17 anos)

ROYAL — As 21: «Primavera em
Roma Mrs Stone» (17 anos)
SALÃO LISBOA — As 19: «O Ex-
presso de Van Ryan» (12 anos)
MOSCAVIDE — As 21: «As Mu-
lheres» (17 anos)
PARIS — As 21: «O segredo de
St. Vitoria» (17 anos)
IDEAL — As 21: «Desejo Perver-
so» (17 anos)
ORIENTE — As 21: «O cantico
da carne» (12 anos)
JARDIM — As 21: «100 anos
do sol» (12 anos)
PROMOTORA — As 21 e 30: «A
roleta da morte» (12 anos)
S. L. BENFICA — As 21: «Zorro,
o rebelde» (12 anos)
LUMIAR — As 21: «Os ossos do
ofício» (17 anos)
VOZ DO OPERÁRIO — As 21: «A
Brigada do Diabo» (12 anos)

Teatro de Cascais

ALGÉS — STADIUM — As 21 e
30: «O Bateio de Raquel» (17
anos)
OEIRAS — OEIRAS-CINE — As
21: «A Sereia de Mississipi» (17
anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e
30: «Muito para viver, pouco
para morrer» (17 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V. — As 21
e 30: «Spartacus» (12 anos)
VENDA NOVA — CINE-PORTU-
GAL — As 21: «Tarzan e o
companheiro» e «Os gladiadores
espartanos» (12 anos)
QUELUZ — QUELUZ-CINE — As
2 e 15: «Davey, o folgado»
e «O processo Quillier» (17 anos)

Banda

ALMADA — INCRIVEL — As 21
e 15: «Eles só matam uma vez»
(17 anos)
BARREIRO — CINE-BARREIRENSE
— As 21: «A Chamada» (12 anos)

Boite

BOITE (3 estrelas)
M 17
RESTAURANTE
Preços normais
até às 22 h.
Bar — 17 às 21 h.
Rua Ferreira Lapa, 38-D
Encerrados aos domingos

Outra Banda

ALCOHEIT — Gamero — L. An-
tónio dos Santos Jorge 5 (Tel.
3400)
ALHOS VEDROS — Gasmão — R.
Cândido do Res 30 (Tel.
24020)
ALMADA — Magalhães — Rua
Capitão Leão, 8-A (720242)
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança
— Est. Nacional 74 (Telefone
24302)
BARREIRO — Central — Av. Al-
fredo da Silva, 48 (7273443)
COVA DA PIEDADE — Castro Re-
dignos — L. 5 de Outubro, 62
(Tel. 27021)
MOITA — Silve Rocha — P. do
República, 6 (Tel. 239029)
MONTIJO — Moderna — R. Bu-
mão Porto, 60 (Tel. 230156)
SESIMBRA — Lopes — R. Cón-
dido do Res 67 (Tel. 229028)
SETUBAL — Oliveira — L. do Mú-
sericórdia (Tel. 22488)
SEIXAL — Godinho — L. do Igre-
ja 5 (Tel. 228580)

Linha de Cascais

ALGÉS — Combatentes — Av.
Comb. G. Guerra 66 (telefone
3953)
CAXIAS — Nave — Rua Bernar-
dim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás
— R. Costa Pinto, 86 (Tel.
2432034)
OEIRAS — Godinho — Rua Cón-
dido do Res 98 (Tel. 2430090)
PARADE — Grinche — Av. da Re-
pública 81-A (Tel. 247204)
ESTORIL — Marques dos Santos —
R. Ferreira 1-A-5 (Tel. 260116)
CASCAIS — Cordeiro, Av. Comb.
G. Guerra, 40 (Tel. 280170)
Nave, Est. de Alcide — Fon-
tainhas (Tel. 28044)

Linha de Sintra

AMADORIM — Melo — D. João I —
Lote 96 — Bairro Janeiro (T.
932756). Central — Av. Car-
doso Lopes, 25 (Tel. 932201)
Igreja — P. da Igreja, 22-A
(Tel. 937740). Jardim — Av.
Conde de Oeiras, Loja X-1 —
Rebolero (Tel. 938424)
DAMAIA — Damola — P. Ale-
xandre, 9-A (Telefone 70523)
QUELUZ — Gili, Av. Miguel Bom-
bard, 28 (Tel. 950117) * Si-
mões Lopes, Av. Elias Garcia 5
(Tel. 950123)
CACÉM — Central — Rua Elias
Garcia, 55 (Tel. 940034)
MEM MARTINS — Quilme — Est.
Mem Martins, 285 (T. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim
(Tel. 980456)
SINTRA — Marrazes, Largo Afonso
de Albuquerque (Tel. 980155)
VENDA NOVA — Nave — R. Elias
Garcia, 10 (Tel. 933920)
COLARES — Colares — Abrejo
(Tel. 299088)

canal da crítica

(Continuação da 37.ª página)

temer que Glória de Matos
na pedisse leitura da sina
entrevisada não recorresse
a termos a que o nosso pu-
blico não tem acesso.

Tudo andou muito no ar,
muito no vago. O nosso povo
não ficou a saber que existe
um problema grave de ve-
lhice, não no ano 2000, co-
mo se disse, mas agora já.

Eis que nos aparece um
empresário de revista: Jo-
sé Miguel Mals do que isso:
um empresário-símbolo. Pa-
ra ele todo o mau era da crí-
tica moderna que desancou a
sua revista. Sem razão. A
revista é formidável, o pu-
blico gosta, agora até vai
em «tournée» a Angola e

Mozambique, mas até lá o
público tem uma casa às or-
dens no ABC.

Eis que nos surge um ho-
mem inteligente e lucido:
José Viana. Muitas das suas
palavras vão ficar na recor-
dação dos telespectadores,
vão orientá-lo quando se
trate de escolher uma revista
(ou um filme, ou um pro-
grama de televisão). Rir é
próprio do homem, sim, mas
«rir com inteligência», se-
gundo a expressão de José
Viana.

A experiência de José Via-
na, o seu conhecimento dos
palcos por esse mundo fora,
sabe como é difícil estabele-
cer limites às ações de vigi-
lância que, com a maior das
facilidades, passa de um do-
mínio para outro.

Ainda no capítulo da dis-
cussão sobre a revista, im-
portava sublinhar a acção de-
senvolvida pelo moderador
Joaquim Benite. A facilidade
de expressão, a atenção aos
problemas em debate, o co-
nhecimento aprofundado des-
ses mesmos problemas, a
preocupação de esclarecer
(e não apenas a de «mode-
rar», pois na realidade Joa-
quim Benite foi mais espe-
ritado do que moderador, e
ainda bem) demonstraram
que a escolha do seu nome
foi acertada. Um pouco mais
de á-vontade frente às cam-
ras daria maior relevo à sua
intervenção. De qualquer
modo, grande parte do êxito
deste debate ficou-se-lhe a de-
ver. Porque, como diz o povo,
quem sabe-sabe.

6. — Foi o melhor «Curto-
Circuitado». Deus trabalhou 6
dias e descansou o sétimo.
«Curto-Circuitado» pelo contrá-
rio, começou a trabalhar ao
sétimo. Oxalá recupere o
tempo perdido.

MÁRIO CASTRIM

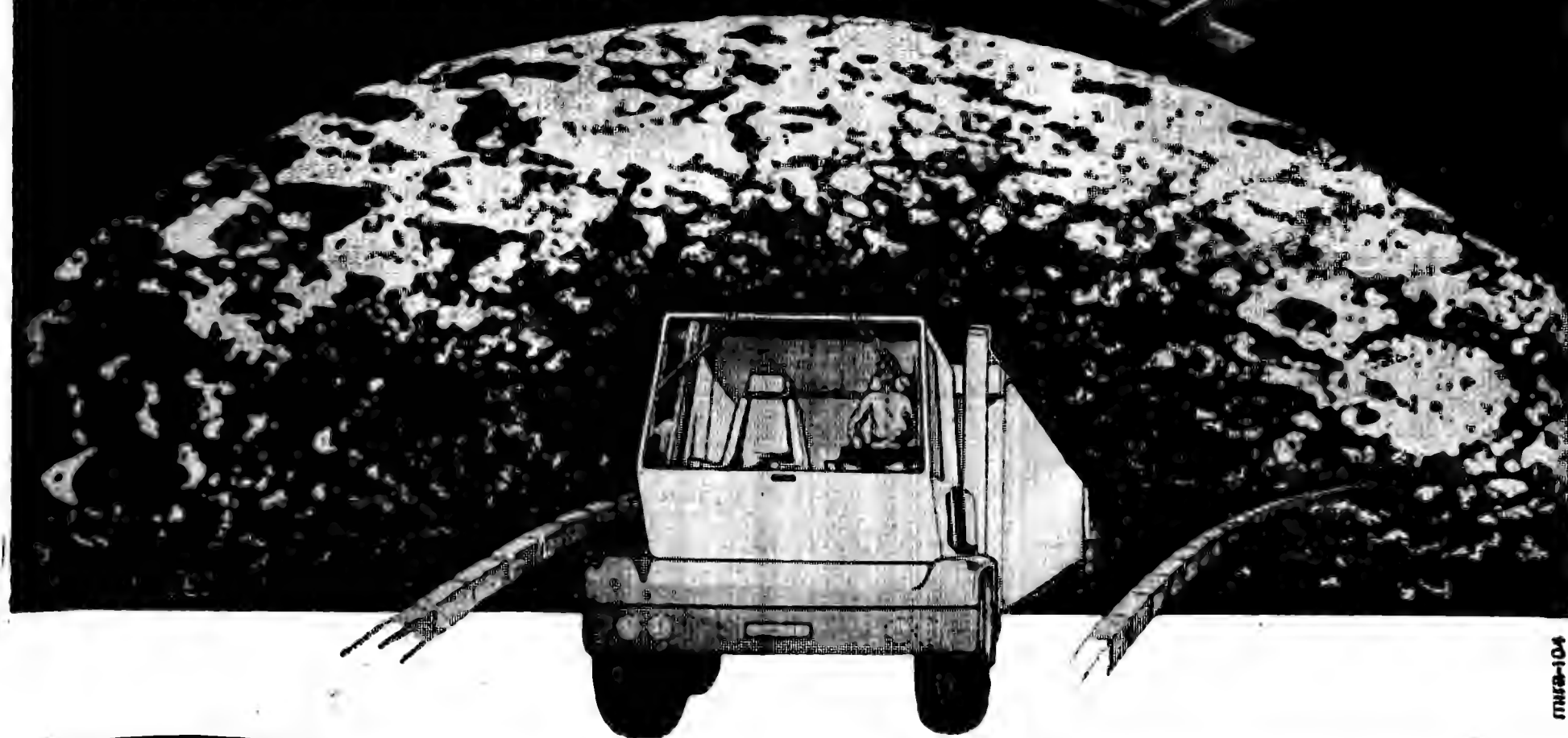
FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

COMO SERÃO OS CAMIÕES DO ANO 2000?

BREVEMENTE O PRIMEIRO VEÍCULO DE RODAS TRILHARA A SUPERFÍCIE LUNAR !...

NÓS SABEMOS QUE OS TÉCNICOS TRABALHAM JÁ NO NOVO PROTÓTIPO.

PREVÊ A SUA PARTICIPAÇÃO
ACTIVA NOS TRANSPORTES FUTUROS...



104-111

**HANOMAG
HENSCHEL**

QUALIDADE E TÉCNICA EXPERIMENTADAS

REPRESENTANTES IMPÉRIO DA BEIRA, AUTOMÓVEIS, S. A. R. L. • AV. GUERRA JUNQUEIRO, 24-C • TELEFONE 72 80 81 • LISBOA-1

POEMA

por Vitor Oliveira Jorge

durante todo o ciclo de nevoeiro sempre ouvi cânticos, e percorri os estuários com inocência, e com uma predisposição rara para me exaltar nesses pequenos átomos de realidade que a minha epiderme atingia, e logo se lhe agregavam envelhecendo-me. é isso, preocupava-me o tempo e a ternura que me estaria reservada dentro do ciclo do silêncio: assim, demorava-me no ventre dos estuários, colecionava aves, e nunca me espreguicei demasiado ou dormi além do suficiente, mas nessa espera tive as minhas aventuras, uma noite de amor intenso com a Ave-do-Paraíso custou-me uma mão, no mais, foi o nevoeiro, a minha pele escurecendo e os cânticos insistentes. ah, e os estuários que coleccionei ainda no *Tractatus*, sem cujo êxito talvez esta espera se tivesse tornado cedo insuportável.

AINDA SOBRE ALBERTO SAMPAIO

por Dinis Duarte Pestana

Alberto Sampaio publicou o seu segundo romance. Uma altura possível em que poderás escrever algumas considerações acerca do seu primeiro romance, e do espírito com que o recebeu a crítica, lançar um olhar sobre algumas lacunas e incompreensões, mal-entendidos e deformações que ocasionam determinadas críticas e críticos, que conservativamente continuam a exercer o seu mister, sem livremente deixarem respirar os outros devido à cátedra que ocupam e abusivamente utilizam, apafecendo o que de novo aparece. Digo abusivamente porque, exercendo uma avaliação crítica para o nosso tempo, dirigida a um público actual e não da época presente, ou neo-realista, essa avaliação vem eivada de hábitos e necessidades sócio-culturais passados; entim, nego a essa crítica a sua oportunidade ou actualidade, e até representatividade, uma vez que obras modernas, hoje escritas, são para ela incompreensíveis, porque em moldes diversos. Não que me preocupe a existência de personalidades com ideias fósseis, e mesmo que continuem a exprimi-las — mas que privilegiadamente estes antepassados tenham acesso às páginas literárias dos jornais de grande tiragem.

Mas regresso à estreia de «O Choque» que escolhi, não porque deva ser evidenciado de entre outros livros publicados nos últimos anos, mas porque me parece poder representar um desajuste entre essa crítica, apressada e preconceituosa, e alguns valores expressos nesse livro; valores (não só específicos

mente literários) que por isso mesmo não foram apreçados, e cujo esquecimento ou negação equivale a uma negação da vitalidade da própria literatura, especialmente dos novos rumos que os jovens ficcionistas procuram.

Ao ler «O Choque», a ele aderi emocionalmente, com entusiasmo. Essa adesão, todavia, não me impediu notar as aflições e tropeços de expressão, quando o elemento verbal se enredava em meandros que denunciavam a dificuldade de o autor em dominá-la — o que, porventura, levou João Gaspar Simões a repetir, estafadamente, que o estilo pode matar uma obra.

Entre o Tejo e o Mar Morto, muitas águas há em teor de sal, e muitos peixes vivem nelas. Assim como o peixe fora de água é peixe morto, linguagem sem estilo é amorfa e tediosa; e o estilo, como a água, deve ser bem transparente em cada gota, e fortemente colorido no seu todo. A palavra é comum, mas o estilo é já pessoal, uma organização segunda do discurso, uma meta-linguagem que dá cor ao que queremos comunicar; mas não independente do que queremos comunicar, numa falsa dicotomia clássica forma-conteúdo, que a ser válida tornaria lícito mudar um romance em ensaio retirando-lhe uma particular organização de palavras verbais, ou levá-lo, até certo ponto, ao mundo da música, retirando-lhe qualquer relação com o mundo real, e considerando tão só um jogo estético de palavras.

Estático de palavras, para voltar a J. Gaspar Simões, o desajuste está, sobretudo, parece-me, na utilização ou transposi-

ção indevida, que faz dos preceitos da sua escola.

A dificuldade de Alberto Sampaio em encontrar expressão exacta para as suas ideias salienta desagradavelmente o seu estilo. Isto não impede que se note, na sua busca formal, a métrica, algumas preocupações e tentativas que, a meu ver, não foram detectadas ou valorizadas.

Antes de mais vamos pôr de lado o mito que um livro deve trazer a marca da novidade, sobretudo quando a novidade significa esses elementos mais aparentes que facilmente se descobrem numa superficial leitura. Por isso não será novidade para a literatura portuguesa o furor e desparagem com que fala de moral e de mitos religiosos, que sabemos caducos, ou esse estatuto da mulher, que nos é apresentada em igualdade com o homem; não será novidade esse particular impeto com que o autor se dirige ao público; nem tão pouco um personagem, como o Margarida (apesar de se ter afirmado que estava fora da literatura portuguesa) e o á-vontade com que o autor ri dos mitos que nos apertam o quotidiano. Sim, com certeza nada disto é novidade. As ideias são esquecidas, recuperadas, transformadas, revestidas, mas o seu núcleo substancialmente continua idêntico, simplesmente surgem noutros contextos, mascaradas de novos roupagens — esse «estilo» que alguns desejam negar. É a novidade «real» do escritor, apresentar-nos ideias velhas dando a ilusão de serem novas... e de facto, porque de outra forma valorizadas, são novas.

(Continua na página seguinte)

Diário de Lisboa

juvenil

N.º 667 DOS JOVENS PARA TODOS

ESTRANHO LEMA

por Carlos Miguel

1. baixámos as persianas à timidez e à vergonha
2. fizemos das palavras e dos gestos fontes inesgotáveis
3. e uma gota de sangue affluir aos olhos dela

POEMA PARA O MANUEL RIBEIRO SANTOS

por Hélia Correia

nascendo juntos
subitamente na raiz das coisas
com a mesma manhã por chaga
as mesmas horas por medida
o mesmo rosto à superfície da palavra

crescendo juntos
clandestinamente na cidade
a mesma aprendizagem do instinto
o mesmo rio colado às costas
o mesmo anúncio a mesma cor guardada
as mesmas armas fáceis no Verão

EIS A MÚSICA

Proposições para uma
linha (de rumo)

«ESPIRAL»

I Para quem nos não sabe de outros espaços (I) e (ou) de outros tempos, dizem:

Não vamos fazer do «Juvenil-Espiral» espaço-tempo para mole continuidade das intenções e dos processos já assumidos. Mas campo aberto-vivo para a possível liberdade de circulação o choque-(ou-não) de todas as teorias-teses-práticas-hipóteses musicais que.

Não haverá regulamentos, regras, preceitos nem preconceitos. Bastará o desejo (assumido) de esclarecer-(se).

Por onde começar? Pois, pela discussão-dissecação (seguida ou não de construção) da «Nova» «Música» Portuguesa, das musi-

cas Pop, das músicas «erias»

Importante — que cada leitor construa para si, o ciclo reflexão documentação reflexão escrito ou (e) leitura para «Espirais» reflexão.

Ah, e não se admitem verdades inflexíveis!!!

2. E para quem nos não sabe, dizemos:

F. F. de voltar atrás, e ler o número I, porque está lá tudo

Fernando Cordelro
Tito Livio
Jodo Próspero.

Nota I (I) e única «Denominador» «Jornal do Algarve»; «Ohave-15»; «República», em sábados alternados.

A VIAGEM

por Pedro Jofre

Circularmente
o sangue percorre
as fronteiras possíveis
da carne do poema.
Seguro
penetra no sossego
mineral das coisas
e desvenda um muro
em cada rua
sem nome.

(Cria raízes)

lentamente
corrói os vértices
do medo
e perturba o ritual
da moeda de judas

(tem a idade exacta
da memória)

adiante
presume
um corpo.
É já fogo um facho
aceso no limiar
da esperança.

assim
desprende
palavras antigas
ou urgentes
rios interiores

assim também
liberta as veias
do silêncio
e a verdade alojada
no fundo dos ossos

depois
a inauguração
músculo por músculo
duma nova maneira
de habitar a cidade
ou as searas

só então
coagulará.

SOBRE ALBERTO SAMPAIO

(continuação)

É por isso Alberto Sampaio me pareceu novo em «O Choque», e de resto basta que sintamos uma prosa viva, dinâmica, para pensarmos na sua actualidade. Parece-me que até certo ponto foi injusto o esquecimento a que o livro foi votado, por ter sido completo: jamais voltei a ver, após a onda de críticas que o seu aparecimento suscitou, livro ou autor serem citados numa folha qualquer literária, ou mesmo naquelas resenhas que às vezes aparecem com o nome de balanços literários ou qualquer outra coisa. Ou talvez não tenha razão, esteja a valorizar o que valor não tem, ou até talvez o esquecimento seja involuntário — pois afinal esse escritor nunca escreveu um artigo de jornal só para dizer que existia — porque o homem tem necessidade de ser lembrado de vez em quando.

Antes de acabar, quero deixar bem evidente que não foi directamente «O Choque» que me levou a escrever este artigo, antes o desejo de apontar alguns desvios em que a crítica constantemente cai ao salvaguardar e perorar mitos que nada explicam da literariedade de uma obra: pelo contrário, continuando fechados a novos valores, não se apercebendo de novas faces da literatura de ficção, alguns críticos, em vez de ajudar a literatura, estão a retardar a sua aceitação no público menos esclarecido. É preciso, de vez, deitar abaixo tais preconceitos, destroná-los da sua anquilosada cadeira de couro.

João Palma-Ferreira disse bem, ao afirmar que três pilares da literatura passada ruíram finalmente. E amargamente se constata que para aceitação do novo é preciso a morte dos «velhos».

CONVERSA DO HOMEM E DO PERIQUITO

(história para crianças — para o Luís Miguel, Rita, Sofia e Catarina)

O senhor Edmundo dirigiu-se para a cozinha, ainda de roupão em cima do pijama de flanela. Ao fundo, junto da janela, a gaiola pendurada com um periquito.

— Bom dia.
— Bom dia.
— Dormiste bem?
— Menos mal.
— Está frio, hem, ó Prigo.

— É a altura, é a altura.
— Tu não te fantas de estares sempre fechado?
— O hábito, tu sabes, cria raízes.
— E de que é que tu gostas?

— Olha, de manhã gosto de me pôr ao sol, sentindo os raios que trespassam o vidro da janela. Sinto-me reconfortado e começo a debicar o meu peito. Também gosto de te olhar.
— Comoves-me. Mas ó Prigo, nunca te apeteceu fugires? Eu já tenho desenhado às vezes a portinhola aberta, mas tu não ligas.

— Julgas que eu nunca reparei. O que acontece é não me apetece.
— Mas tu não tens pena?
— O que é ter pena Edmundo?

— Não sei como te hei-de explicar.
— Eu percebo o que queres dizer. Há as árvores, as plantas, os outros pássaros, não é?

— Mais ou menos.
— Mas repara que eu daqui conheço-lhes muito melhor o valor.
— Mas também não as gozas!

— Quem te disse? Há muita forma de se gozar.
— Queres que eu te ponha a gaiola na janela?
— Agradecia-te.

— Que tal?

— Repara, Edmundo. Os pássaros não estão quietos nos ramos daquela amoreira. Eles não a gozam. Passam por ela, simplesmente.

— Se fosses livre, o que farias?

— Penso que em cada dia estaria vinte e quatro horas numa árvore. No dia seguinte, iria para outra.

— Prigo, tu gostarias de te ir embora?

— Não sei bem. Tu disseste há pouco que eu não era livre. No entanto, vê tu, eu sei quando me deixas a porta da gaiola aberta, e mesmo assim não fujo. Sou livre, portanto. Mas não sei se gostaria de ser como os outros. Talvez passasse a ser como eles e só reparasse nos ramos das árvores, tentando saber qual o que suporta o meu peso, e esquecer-me-ia de lhe sentir o aroma e notar qual a cor das flores. Penso, também, que sentiria a tua falta.

— Sabes, Prigo, eu penso que tenho um periquito. Dantes pensava que tinha um pássaro.

— Já te disse que o hábito cria raízes. A verdade é que estou tão habituado a ti que me parece que se um dia não te visse chegar aqui de manhã, não sentiria o sol no meu peito.

— Não sei, mas penso que, igualmente se tu desaparecesses talvez me pusesse a chorar, ou a fazer alguma coisa do género.

— Às vezes ponho-me daqui a olhar-te e sinto-me muito perto de ti. Se por acaso estás contente, eu fico-me aqui, calado, a rir-me da tua alegria, porque eu estou muito próximo.

Se, pelo contrário, estás triste, eu ponho-me a cantar até sentir que já não estás triste. Depois, tu chegas-te à gaiola e dá-me um bocado de pão esfarelado nos teus dedos, mas isso não é o mais importante. O que interessa é que tu vistes até junto de mim.

— A falar verdade, Prigo, também às vezes me inquieto com o teu silêncio e por isso vou para o pé de ti e tento entreter-te. É nesses momentos que te deixo a gaiola aberta.

— Depois, quando voltas e me vês ainda cá dentro, ficas contente e vens-me coçar a cabeça. E eu, também fico contente.

— Acontece, no entanto, que de vez em quando, tenho pena de ti, pois tu só sentes o sol através do vidro.

— O que é ter pena?

— Já te disse que não te sei explicar.

— Quanto ao resto: é verdade que só sinto o sol através do vidro, mas assim é melhor porque não entra o frio nem as poeiras.

— Ao deitar-me já estou impaciente pela manhã para te ver e receio sempre que te vás embora, apesar de saber que isso não irá acontecer.

— A mim acontece-me algo de semelhante, principalmente o receio que te aconteça qualquer coisa. Mas é esse medo, Edmundo, que faz com que de manhã, mal sinto os teus passos, me sinta feliz, sinto quanto custa a felicidade.

— E não serias mais feliz se fosses livre como os outros pássaros?

— Já te disse que sou livre. Ser livre é saber o pe-

so das coisas, amá-las para lutar com elas e por elas.

— E tu lutas? Estás apressado!

— Se estivesse nas árvores não sabia qual era precisamente o peso delas. Como poderia lutar por elas?

— Para passarmos o tempo, vou-te ler um livro.

— Está bem.

— «Foi então que a raposa apareceu».

— Bom dia, disse a raposa.

— Bom dia, respondeu amavelmente o principzinho, que se voltou para trás, mas não viu ninguém.

— Estou aqui, disse a voz, ao pé da macieira.

— Quem és tu?, disse o principzinho. És muito bonita.

— Sou uma raposa, disse a raposa.

— Anda brincar comigo, pediu-lhe o principzinho. Estou tão triste.

— Não posso brincar contigo, disse a raposa. Não fui «ativada».

— Ah! desculpa, disse o principzinho.

— Pensou um bocado, e acrescentou:

— Que é que queres dizer «ativada»?

— É uma coisa muito esquecida, disse a raposa. Quer dizer «criar laços».

— Edmundo, já sei o que é ter pena.

— É o que se sente quando temos um laço que se parte, ou se dissolve, ou quando se sabe que a outra ponta está longe.

— É isso é, Prigo.

— Estou com sono. Edmundo.

— Então boa noite.

— Boa noite.

**HOMEM SEM
MEMÓRIA É
HOMEM
SEM
HISTÓRIA.**



Fosforo Ferrero
**ILUMINA
A MEMÓRIA**

**DAS MÃOS
E DAS MÃOS**

por Ernâni Balsa

As mãos de abraão zacut olham as nossas mãos e dizem-nos as coisas que os nossos dedos sacudiram. As mãos de abraão zacut agarram todos os outros e enquanto as mãos vivem eles são obrigados a viver. Depois as mãos são cobertas por luvas, mas antes tudo no palco são mãos porque as mãos de abraão zacut são suficientemente grandes e eloquentes para encher os olhos a quem quer que tenha os olhos fechados e depois fazê-las compreender dedo por dedo. No palco estão as mãos de abraão zacut e na plateia quase que não há mãos. É desconfortável notar as mãos nossas mortas nos braços das cadeiras e as mãos dele vivas à luz da vontade e da decisão. Decididamente é triste ver que faltam ali ainda tantas mãos.

**PEDRÓGÃO
—1970**

por Orlando Cardoso

volto à praia da nossa infância e as palavras as nossas palavras são mitos são vagas desdobrando-se neste inverno de areia sós deslocamo-nos na crista da vaga mais calma que nos banha os pés lentos cruzamos os nossos olhares insones e navegamos neste mar de inverno que não habitamos

«A SEREIA DO MISSISSIPI»

por Jorge Lorca

Podia ser que o filme não tivesse mais nenhuma qualidade, mas uma indiscutivelmente teria: prende a atenção do princípio ao fim. Pelo menos já é algo de valor que não podemos omitir.

O que me levou a ver este filme? Crítica (por acaso) não li nenhuma nem faço a mínima ideia do que os críticos teriam dito. Não fui, portanto, influenciado por ninguém. Claro que perguntei a vários amigos — «Que tal é o filme?» — e na resposta deixava-me sempre na mesma. Uns diziam é bom, outros é mau, e um «barrete» (e estes eram em muito maior número), mas a estas opiniões mais que lacónicas, não acrescentavam a mínima justificação. Ora, quando uma pessoa vê um filme e quando alguém pergunta o que pensa, dá a sua opinião e conta mais ou menos o que se passou ou fica com uma ideia formada. Para mim era razão mais que suficiente para ir ver o filme.

Começarei por analisar Julie. A morte do canário e a consequente reacção de Julie provoca-nos um choque e ao mesmo tempo um interesse e dúvida sobre essa figura. É o primeiro exemplo que Truffaut nos dá da falta de sensibilidade de Julie. Por outro lado, a sua reacção é normal, visto que o canário não representava para ela o que representava para a verdadeira dona, funcionando como objecto secundário.

Podemos dividir em duas partes o comportamento de Catherine Deneuve: a Catherine Deneuve-Julie e a Catherine Deneuve-Marion. Esta última é, sem dúvida, a mais rica em tudo. A Julie actua e aparece-nos como uma figura enigmática, na qual tentamos apanhar o traço psicológico e não conseguimos, precisamente porque representa um papel, não é ela, há desajustes a todo o momento. Truffaut não explora Julie, até porque não teria interesse nem estaria de acordo com a sequência dos factos.

Aparece-nos então a Marion e é aí que o filme começa a criar polémica. A infância e a adolescência de Marion vai ser a chave do seu comportamento actual. Aliás, tudo se explica por uma única palavra: sensibilidade (recorde-se a calma com que ela viu o detective morto).

Para uma Marion orfã, que nunca esperou nada da vida, que esteve num orfanato que mais parecia uma prisão onde a personalidade era desde logo estancada; uma Marion que se quis fazer mulher antes do tempo, que, apesar de ter somente 14 anos, já calçava sapatos de salto alto, «velha» em resumo, a nota dominante tinha de ser forçosamente a falta de sensibilidade.

O dinheiro era a única coisa que ainda lhe poderia dar felicidade. Recorde-se a sua frase: «Com dinheiro tem-se tudo o que se quer: consideração...» Consideração que anteriormente nunca teve. O dinheiro para ela sobrepuja-se a tudo, era o seu escape.

O que representava para ela Louis? Alguém que a viu de uma maneira à qual ela não estava habituada.

Até aqui estaria tudo certo, mas o que se apresenta como inverosímil é a cena final na qual Marion tenta envenenar o marido. O que fez reagir das mais diferentes maneiras os espectadores foi o arrependimento dela que muitos não levaram a sério. Como se explicam atitudes tão opostas e, à primeira vista, inconciliáveis: o acto de envenenamento frio, premeditado e sem vacilações e, imediatamente a seguir, o arrependimento desconcertante e frases como «Amo-te muito»?

Como já atrás referi e mais uma vez não posso deixar de salientar, Marion era insensível a tudo. A atitude do marido ao aceitar esse envenenamento, ao dizer que a ama e que não se arrepende de nada, desconcerta-a e fá-la cair em si. Na verdade Louis não só lhe perdoou como até

aceitou o seu acto. Foi isso que a levou àquele estado completamente oposto ao anterior.

Truffaut acaba da melhor maneira, deixando como que todo o filme em suspenso. Outro qualquer final iria tirar ao filme aquele «suspense» que, desde o início, foi a característica dominante. É certo que muitos ficaram aborrecidos: são aqueles que querem tudo explicado, que não querem dar trabalho à imaginação e ver tudo feito. Mas Truffaut não faz filmes para platéias portuguesas ou outras que se lhe assemelhem.

Quanto aos actores, pouco há a dizer. Quem viu Catherine Deneuve em «A Repulsa» acha-a aqui superficial. Falta-lhe expressão em certas cenas. Jean-Paul Belmondo está longe do seu melhor.

O diálogo tem momentos em que é penetrante, incisivo. Além disso não pára, flui e não deixa uma cena em branco.

Agora pergunta-se: o que tem este filme de positivo? Resumindo:

1 — Não há lacunas, não há momentos em que a imaginação pare por falta de inspiração. O «suspense» sucede-se em cada imagem até ao fim do filme.

2 — A figura de Julie, melhor a de Marion, banal, pelo menos, não é. Desconcertante, talvez, se não a compreendemos. Explicando o seu comportamento a partir da sua infância, do seu passado enfim, vemos que está absolutamente de acordo com o que seria de esperar. O mérito de Truffaut está, precisamente, em conseguir dar-nos essa riqueza de pormenores, esse comportamento de Marion.

3 — O diálogo, sendo vulgar, faz-nos pensar. Encerra muitas ideias, conceitos e atitudes.

Contudo, apesar de tudo isto, não o aconselho ou deixo de aconselhar seja a quem for. Isto porque muitas pessoas à saída disseram ser o maior «barrete» que viram até hoje. Opiniões.

POEMA

por José

Subtil

fui ao mar, amor
de lá me fiz para ti
lavrador de palavras
escultor dos teus filhos.

amor, foste como o porquinho da índia
de manuel bandeira
porque foste teimosa, porque
hoje estás do outro lado onde me espero
e para onde o vento me leva as palavras retidas
que conservei nos teus olhos
meus horizontes
nos teus lábios onde me escutei
amor, pois é amor, o mar arranca
os nossos segredos às dunas

OS TEUS NÍTIDOS OLHOS QUE PROCURAM

por João Leite Ferreira

Há anos Ana foi criança, era menos encorpada, muito, mesmo bastante menos encorpada: um «bicho», um «bichinho» que existia, somente.

Brincava à «apanhada» e ria, ria: criança, ainda, encaras-me nos olhos, o cansaço, lembra? corria pelos pátio coalhado de flores, denso em beleza, cor que jogávamos e o relógio bonito que caiu, o chão de mármore da casa de jantar, o relógio que parou de fazer tic-tac, choraste. eu não era um príncipe das histórias e não te ofereci um relógio novo, mais bonito, de ouro e com rubis, mãos com que apanhei, agarrei uma flor e que diante de ti — absurdo visto pelo prisma gasto dos anos, «ana, toma!».

areia de praia nos olhos, as ondas agigantadas perto de nós e um dia gritos gente que corre para junto das rochas duas pessoas tinham ido para fora de pé mais uma outra, e o momento do barco a remos contra as pedras, o mergulho do banheiro de bone branco perfeitamente nítido como num filme e o «stoppe» dessa imagem na minha memória, o eléctrico, o velho eléctrico que rangia, choalrava e após um longo espaço — tempo, longos anos em que cresci, em que me cresceu a barba, anos enrugados em inutilidade.

— sabes que ando a escrever um livro? um livro que nasceu de um artigo muito extenso que nunca publiquei. «Para uma psicologia cibernetica», ou «da cibernetica»? sou por deferência, aprovação tácita do teu «acto»: escrever um livro, que vais buscá-lo, vai ser lançado no mercado dentro de meses — «uma bomba! uma bomba!» um grosso maço de folhas dactilografadas, aspergidas de rabiscos e anotações à margem.

o fofa da cama em que me remexeste os cabelos enquanto lia, enquanto llamos e escrevia só, pela noite velada de luz de 25 w e tu dormias, não te acordava, cobria-me com o roupão no comprido sofá.

olho o negro denso do quarto, vermes que nas trevas da tua cama rasa de terra batida te chupam os olhos, que belos.

— vou-me embora, de vez. — com convicção e amargura teatral, a lentidão com que te arranjas contrasta com a firme e vigorosa decisão tomada, e vais dizendo não, não vou voltar.

uma tarde encontrei-me deitado no corredor, barriga para baixo, o braço esquerdo lançado para a frente e o outro debaixo do corpo, sangue na cara, os olhos, as lentes partidas.

— eles vieram, eles vieram A;

um arco-íris sai do meio do rio: «lindo» exclama uma voz feminina no banco da frente, o comboio abandona.

— «supõe que eu saia»... o enquadramento clássico do meu corpo a desaparecer na esquina, tomei o autocarro.

preenchi papéis, havia uma certidão de óbito e o médico com uma carta, com a conta, que morreras, e no funeral, no enterro o olhar dos acompanhantes, censura por não representar o papel que me cabia, não chorei — quem eras? rapariga que amei, «esposa»? «minha mulher»? Ligação legalizada a que os ditos civilizados normalizados chamam casamento? não, e não usavas amei, deito-me na tua cama, de onde me vias bater as teclas da velha underwood e que não dormias, a renda da casa ao fim do mês, água, gás, electricidade e as traduções, demastado o cuidado com que as fazíamos, gosto da tua cama; apago a luz do candeeiro e redescubro-te no negro denso que vive o quarto, trevas de terra e bichos, vermes, que te já sabem, agora: talvez tenham começado a chuparte os olhos, os teus belos olhos com que me viste espalhado pelo chão, sangue na cara, que os olhos partidos.

— A, eles vieram... a gare repleta de gente: impossível tirar o bilhete e não perder o comboio.

há muito som e cores esbatidas no fresco entardecer, o laranja do sol recortado pelo horizonte irregular de prédios.

Necessito que me sorris, ana, sorri!

sorris, mas o que nos estrutura difere, estamos longe um do outro, talvez na mesma margem, mas longe, o sacramentalismo verbal de um encontro, foi há quanto tempo? e recordes-me de uma alegria bruta invade-me e mais perto, ana, estamos na mesma margem! e falas de um ensaio que escreves «Para uma psicologia cibernetica» — ou «da cibernetica»? — um grosso maço de folhas dactilografadas que trazes debaixo do braço.

o não-sedoso de teus cabelos secos, soltos, que cheiram a «champoo», sob a tarde de Maio — o lugar-comum que me obsidia, me domina, que me vive, ana, dar-te uma flor? murcha, que apodrecida de água á porta de um cemitério em domingo com sol, havia uma certidão de óbito e o médico com uma carta, redenção, no ar que sobe do rio que brilha.

o autocarro chega á porta do estúdio em menos de dez minutos, passas pelo vazio semeado de reflectores, de papéis de cenário, projectores, tripés.

./soa Mozart: a abertura de «Don Giovanni» lançada de choffe na opacidade da grande sala, perto e interruptor, que não acende as luzes. Sei-te, ah! há quanto tempo? há quanto tempo me esperavas? (supõe que eu saia?) porque me esperavas, o estúdio estava fechado, mas lembro-me que te dei uma das chaves, imobilizo-me sem me localizar, não te vou perguntar o porquê, «estás» e isso basta-me a música parou, ruído do braço automático do giradiscos que regressa ao descanso.

fala, ana. Fala! e bruscamente na cegueira do silêncio ambiente gritado/ e na rua sob o crepúsculo reverente que bate o teu rosto doce, apertas-me a mão fria e dizes a sorrir — pedir «oh vamos, vamos!»

POEMA

por Alce

Sarabando

Amanhã
Quando partires uma
corda

Do violino
Para atares os cabelos

Sabereis
Porque é que as
canções

Atam as pessoas
Umas à outras

AUSÊNCIA

por Vasco Câmara Pestana

espero
ao domingo que a tarde se vire
como uma moeda atirada ao ar
e eu fique no lado favorável
na planície do sol brando

domingo sempre me pareceu um dia preto
alguém dirá que isto tem a ver com a infância
e eu concordo.
num jardim ao domingo
havia os velhos deitados pelos bancos
em grupos tristes com gravatas pretas
e as velhas mesmo as mulheres novas
mãe antigas vestidas com os sonhos velhos
com olhos uvas secas enrugadas
enegrecidos dentro das gavetas fechadas
passeavam enroladas nos largos xailes pretos
ou dispostas indiferentes às janelas
o espelho era a outra janela em frente
e havia ainda aquelas crianças todas cheias de cores
na mão sei porque quando pressentia nos gestos já
o movimento seco dos xailes grandes
eram pântanos caídos dos ombros pelas costas
domingo era um dia preto.

dos telhados caem as tardes e
são pesados mantos cobertores cheios de traça
movendo-se milimetricamente no vento quente
como fiéis de balança extremamente sensíveis
das tardes cai o pó partículas pólen das tardes
chegam-me ao nariz e fico com vontade de dormir
num banco côncavo onde caiba a cidade
dentro das tuas mãos enche-me o sono
a calma magnífica da cidade ao domingo e
o sono levanta-se do chão da cidade das tardes
sobe em mim cresce o sonho fumo cheio de sol
que transporta o meu pensamento—aves nos ramos
da árvore leve que é o sono
árvore que cresce mole no mar
inconsciente e
tu sentada ao lado encostada ao tronco
raiz a pensar
a cor do silêncio é muito próxima do preto.

POEMA

por Maria Francisca
Efegénio

Aqui onde chove
A falta dum abrigo
Há vozes que es-
talam
Sem fronte
Aqui há poeira
doente
Há marcas sem a
origem
De mãos

Aqui
Neste lugar exacto
Onde estou
Os movimentos mer-
gulham
Sem prisão

POEMA

Baptista
por José Agostinho

submissa paz sob as oliveiras, quem a lembra?
era agosto e alguém chegava, uma ternura
marítima e vagamente triste imobilizava-se
às portas da cidade, o mar era isso—uma
onda e mais uma onda, um peito sereno de
viajante anunciando qualquer festa equívoca.

abriam-se as portas da cidade e entrava-se.
assim; devagar como no sonho, e a areia nos
sapatos indicava o norte porque era de lá
que se vinha.

na kareira as mãos acendiam mais um cigarro
da vida, tudo mudaria, os elfos seriam de
verdade e os meninos também, e isto porque
se chegava, porque se vinha.

hoje há poeira sobre nossos nomes, há fumo,
só fumo no ventre dos sorrisos, do amor que
nos roubaram um dia.

hoje permanecemos, um outono e outro ainda,
à espera, de uma foice de uma espiga, à
procura, de um regaço de uma ternura.

NUMA AVENIDA DE UM PAÍS (CONSTRUÍMOS ESTE POEMA)

por José Freire Antunes

poema sofrido em uma folha verde, poema como o
teu corpo nascido dum impulso, de uma neces-
sidade, aqui é o mundo onde serenamente me aper-
cebo de que estou vivo, se quiser gritar grito,
se partir a cabeça ninguém tem nada com isso,
só que podem mandar-me calar do quarto ao lado,
aqui é um barulho infernal, tudo de ti me grita,
aqui teu corpo, aqui minhas mãos.

no começo era engano simples das flores que mar-
cava o caminho, mais tarde ardeu-nos aquilo que
até aí pronunciávamos sem nexo, apenas porque os
outros também o faziam, sim começou a arder-nos,
e desejei-te, e necessitei-te, não te zangues se
eu disser os teus cabelos desesperadamente loi-
ros, também.

o muro era um limite, costumávamos encostar-nos
a ele, pegávamos no compêndio de história e jogáva-
mos ao vinte e um à procura do nosso deus, como
algo de importante, indispensável, como a lavra-
dor e a chuva, ele apareceu, afrodite, afrodite ace-
nando-te do olimpo, oferece-te nectar.

uma vez acordei a madrugada e corri pela avenida,
apanhei-te o sol, corria pela avenida, apareceste, tu
como isadora num bailado caprichoso, corri pela
avenida e a tua gaze roxa predeceu-se na roda do
meu desespero, viveste, lá por baixo estava o rio,
a água e o barulho das mulheres que iam para os
teares, o sangue, a lama, o rio, corri pela avenida
e chamaste-me louco, vinhas com uma fita azul
nos cabelos, o teu corpo, os olhos, as pernas, os
lábios, és feia, amo-te, corri pela avenida e tocou
qualquer coisa parecida com uma sineta, não sei
se seria a escola se o comboio que se estendia
no rio.

fala tu agora, corramos pela avenida e tu vinhas
com os olhos de sono, lutavas com o frio que te
dobrava os cabelos, corremos pela avenida me-
te-me toda em ti, principiaste pelos cabelos que
armazenaste nas mãos, depois foram os lábios que
viveram nos teus, entretanto o mundo gritava-te, o
mundo apedrejava-te, corremos pela avenida, vol-
tamos ao muro, deitaste fora o compêndio, decidi-
mente tínhamos inventado os nossos deuses, ou-
ve: fala-te agora com uma emoção muito pro-
funda, amo-te ei-lo, livre, belo, inventado, lis.

REGULAMENTO DOS COLABORADORES

1 — O Suplemento Juvenil do «Diário de Lisboa» destina-se a ser colaborado exclusivamente por jovens que dão os primeiros passos na literatura, no ensaio ou nas artes plásticas.

2 — Não solicitamos colaboração. Os nossos leitores com vocação literária não devem esperar por convites. Devem enviar-nos, pura e simplesmente, a sua colaboração, à qual garantimos a maior atenção e o melhor acolhimento.

Direcção: «Diário de Lisboa-Juvenil», Rua Luz Soriano, 44, Lisboa.

3 — Em virtude de o nosso suplemento se organizar com uma certa antecedência, não estranhem os pretendentes a colaboradores não verem trabalhos seus no «Juvenil» referente à semana em que os remeterem.

4 — Não é obrigatório dactilografar a correspondência nem os originais. Basta escrever em letra bem legível.

5 — Os originais devem ser escritos num só lado do papel. Cada poema em sua fe-

lha e todos os poemas assinados. Isto é muito importante!

6 — Se houver duas ou mais folhas, estas devem ser numeradas.

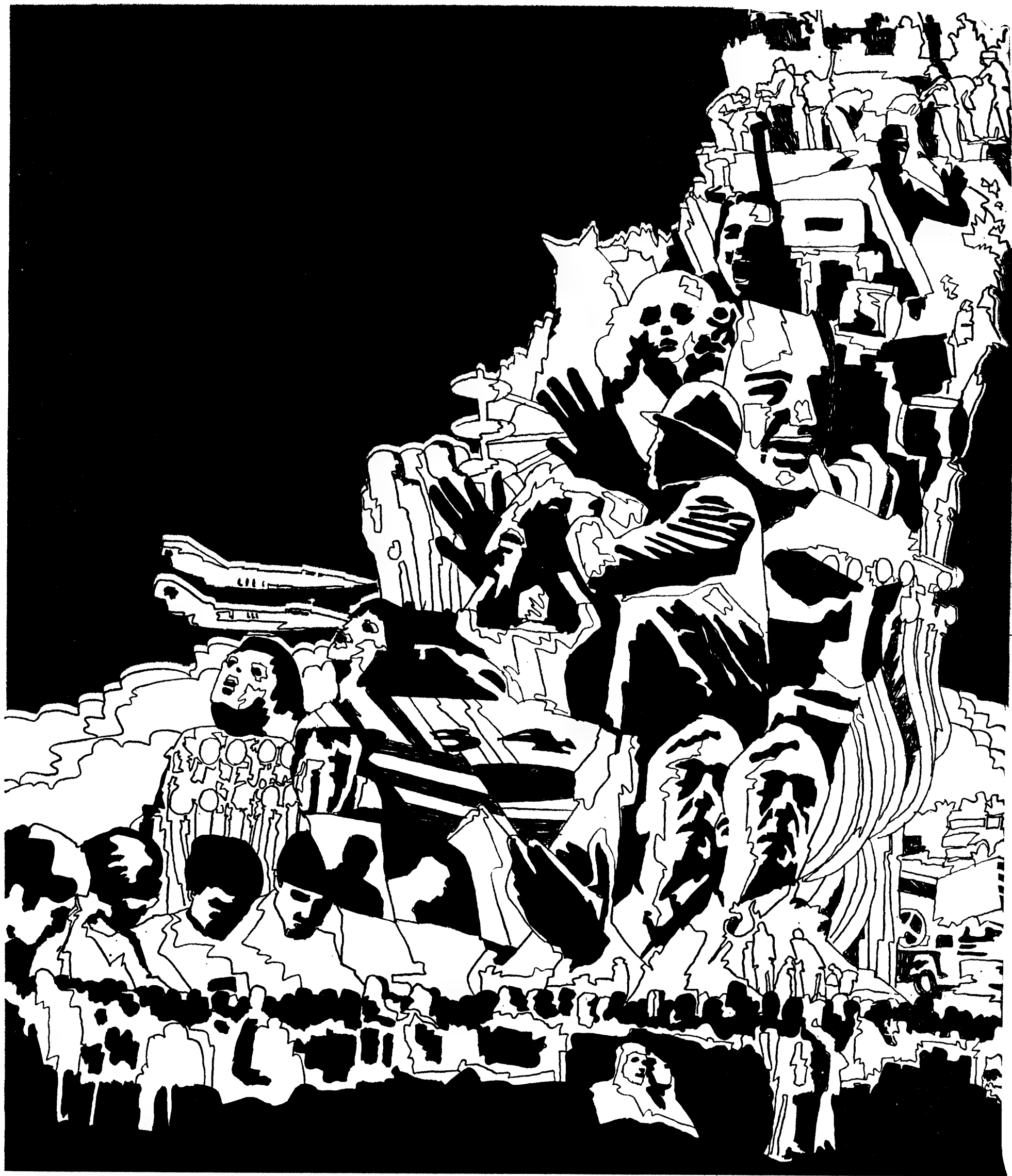
7 — Os originais não devem ser demasiado extensos.

8 — Não podemos devolver originais. Aconselhamos os nossos colaboradores a ficarem SEMPRE com uma cópia em seu poder.

9 — Da primeira vez que os Amigos nos escrevem devem enviar nome completo, direcção, profissão e idade.

10 — É permitido o uso de pseudónimo, mas os elementos de identificação atrás mencionados são indispensáveis.

11 — O «Diário de Lisboa-Juvenil» alheia-se completamente das tendências políticas ou crenças religiosas dos seus jovens colaboradores. Ele quer ser o campo em que, pelo amor à Beleza, à Verdade, à Justiça, à Vida, todos os jovens dêem as mãos.



49.^o
ANIVERSÁRIO



49.º ANIVERSÁRIO

Nas sessenta e quatro páginas deste suplemento, que faz parte do número comemorativo do 49.º aniversário do «Diário de Lisboa», reunimos uma série de artigos e inquéritos particularmente dedicados a problemas nacionais de indiscutível actualidade. Inserimos, também uma crónica-reportagem do nosso estimado colaborador José Rodrigues Migueis, enviada especialmente de Nova York.

EDITORIAL

Baralhar e dar de novo
por José Ribeiro dos Santos 2

PORTUGAL E A EUROPA

A integração de Portugal no contexto cultural, político, económico e social europeu está ou não a acelerar-se?
Resposta do deputado dr. José da Silva 4
Resposta do prof. Francisco Pereira de Moura 5

A REFORMA DA UNIVERSIDADE

Entre o passado e o futuro
por Miller Guerra 8
Os quatro reitores falam da reforma da Universidade:
Reitor da Universidade de Coimbra 9
Reitor da Universidade de Lisboa 10
Reitor da Universidade Técnica 10
Reitor da Universidade do Porto 13
Ponto de vista dos alunos:
Resposta de um aluno de Arquitectura 14
A reforma e a Universidade Nova
Palavras do ministro da Educação Nacional 14

DESPORTO

O desporto em crise
por Fernando Ferreira 16
Continuará o espectáculo desportivo a ser um espectáculo de massas?
7 desportistas respondem 18
O trabalho e o jogo
Mesa-redonda em que intervieram José Fernandes Fafe, José Esteves, Joel Serrão, padre José Carlos de Sousa e João dos Santos 21

CINEMA E TEATRO

O cinema em Portugal e a projectada proposta de lei
Mesa-redonda em que participaram Fernando Lopes, Francisco Duarte, Luís Silva, Manuel de Azevedo e Seixas Santos 23
Crítica e a-crítica de teatro
por Luís Francisco Rebello 51

Acredita num teatro verdadeiramente popular em Portugal?
Respondem: um espectador, um actor, um empresário, um autor e um encenador 53

LITERATURA

Uma teoria do romance dos anos de quarenta
por Óscar Lopes 30
10 escritores x 10 obras = 100 anos de literatura portuguesa
Inquérito a que respondem António Quadros, Augusto Abelaira, David Mourão-Ferreira, Eduardo Prado Coelho, E. M. de Melo e Castro, Fernando Namora, João Palma-Ferreira, José Cardoso Pires, Liberto Cruz e Natália Correia 32

ECONOMIA

Portugal na perspectiva da integração económica europeia
por Manuel Bello 37
Qual é o mais importante problema com que hoje deparam a indústria, o comércio e a agricultura?
Depoimento do eng.º Francisco de Almeida e Sousa, vice-presidente da Associação Industrial Portuguesa 39
Depoimento de António Miranda Velloso, presidente da União dos Grémios de Lojistas de Coimbra 39
Depoimento do eng.º-agr.º Eugénio Castro Caldas, professor do Instituto Superior de Agronomia 61

SINDICALISMO

Por onde vão os grémios e os sindicatos portugueses? 41
O interesse actual pelos sindicatos não atingiu ainda a classe operária de construção civil
— diz o presidente do grémio, eng.º Virgílio Preto 41
As causas do marasmo em que caíram os nossos sindicatos não podem ser imputadas aos trabalhadores
— afirma Daniel Cabrita, presidente do Sindicato dos Bancários 43

O MUNDO EM QUE VIVEMOS

Sua majestade o automóvel
por José Rodrigues Migueis 57

FALAR DE POLÍTICA, em que termos? Não queremos dizer uma definição do que seja política, mas apenas considerar a evolução daquele conjunto de circunstâncias que acompanham o fenómeno político, referir e analisar os dados reais e tentar a sua interpretação. Mas não será fácil, porventura, conduzir o leitor a essa tentativa, deixando-o socorrer-se dos dados tradicionais usados na avaliação da nossa curva política, pois se correria o risco de, mesmo através de um raciocínio impecavelmente desenvolvido, apurar uma conclusão errada, na medida em que os dados gerais da política portuguesa têm de se considerar de todo alterados. O tabuleiro do xadrez é outro.

Podemos talvez marcar como ponto de partida para este esboço analítico as eleições de Outubro. Se quisermos observar a composição das listas de candidatura, concluiremos naturalmente que elas denunciaram, do lado da oposição, o propósito de deixar que se definissem tendências diferenciadas e, no sector governamental, um desejo de renovação integrada, que as circunstâncias revelaram não ter chegado até onde o teriam desejado aqueles que o conceberam e procuraram levar a efeito.

Do lado oposicionista viu-se emergir um novo «leader» que fez o seu aprendizado político nos quadros existentes do sector católico e servindo nas estruturas do regime. Outros, provindos de idênticas ou semelhantes origens, sem chegarem á mesma expressão de relevo, fizeram do mesmo passo a mesma opção.

Inversamente, viu-se aproximarem-se do regime, aceitando servi-lo até em posições de direcção, pessoas que, embora sem responsabilidades políticas nem terem aparecido publicamente como tais, tinham feito o seu trânsito dos últimos anos em atitude de crítica e desacordo com a evolução dos negócios públicos.

SE NOS PERGUNTASSEM quem ganhou as eleições de Outubro, talvez para responder puséssemos de lado a interpretação estatística dos votos apurados e houvéssimos de escolher outro método, que seria, porventura, o da análise espectral. Então diríamos que a força grande que se revelou vencedora da consulta eleitoral foi a que veio dos sectores católicos, cujos representantes estão ou estiveram em toda a parte: no Governo, no Parlamento, nos quadros constituídos da ex-União Nacional, e nos dois ramos em que o bloco oposicionista aceitou aparecer cindido. A sublinhar este aspecto, poderá acrescentar-se que não foram apenas os católicos leigos, mas muitos sa-

BARALHAR E DAR DE NOVO

por JOSÉ RIBEIRO DOS SANTOS

cerdotes dos vários graus da hierarquia que apareceram e têm permanecido na posição activa de militantes políticos.

Ao mesmo tempo, entre as personalidades que deixaram de fazer parte do Governo, é possível identificar quem, tendo começado a sua carreira em contacto com intelectuais da esquerda, se situa hoje na condição de um dos mais destacados «leaders» da ala direita do regime ou, pelo menos, tida como tal.

Isto que quer dizer? Apenas o que já acima deixámos enunciando, isto é, que os dados gerais da política portuguesa se encontram profundamente transformados.

É dentro destes novos esquemas, a que não é possível desde já chamar a nova arrumação, porque ela está esboçada mas ainda não sistematizada, que se torna necessário estabelecer e fazer mover todos os raciocínios com que se pretenda alcançar a interpretação do nosso horizonte político, ainda tão carregado de nuvens de várias tonalidades.

É DIFÍCIL SUPOR, entretanto, como é que vão evoluir os movimentos ondulatórios através dos quais se há-de tender para essa futura arrumação, sabido como é que o Governo permanece na posição de não admitir o reconhecimento de outras correntes de opinião além daquelas que se exprimem dentro da própria organização política; hoje designada por Acção Nacional Popular, que é, como se sabe, a herança transformada da antiga União Nacional. Chamar-lhe «partido único» ou dizer que «não se trata de um partido» são as duas atitudes de que se dá conta, sendo certo que essas duas atitudes correspondem à óptica tradicional dos dois grandes sectores que permanecem na cena política nacional, isto é, respectivamente, o oposicionista inorgânico e o governamental instituído.

Mas dentro ou fora dessas duas tendências ou, talvez até, para além delas, não se pode fugir ao reconhecimento de que a política portuguesa renunciou à estática em que foi confinada durante quatro dezenas de anos, para ganhar uma evidente dinâmica que, nem por ser lenta e modesta e por se operar fora dos moldes tradicionais, pode ser completamente ignorada. Pelo contrário, ela está à vista, quer no que diz respeito ao próprio debate dos temas de significação política, quer no que diz respeito à própria actividade administrativa, com o Governo empenhado em sucessivas intervenções, das quais até agora não saiu verdadeiramente o que possa chamar-se qualquer grande reforma, mas onde se vê ter-se deixado cair o preconceito do «nec tangere» imobilista, para se reconhecer a neces-

sidade de rever muita coisa e admitir e praticar essa revisão.

PODE DIZER-SE que o País assiste hoje, quase ininterruptamente, a reuniões de vários tipos, várias dimensões, vários estilos e variadas designações, onde se promove a discussão activa de numerosos e também variados problemas de sector. Os interessados assistem, participam, discutem, ouvem e falam. Perdeu-se o prejuízo de supor que tudo era ou havia de ser indiscutível como se fosse definitivo, em troca do que se encontrou e admitiu o hábito e o gosto da contradita. Poderá dizer-se que nem sempre se apuram grandes conclusões, mas ganha-se (recupera-se) o hábito de estar presente, o interesse pelos problemas, o desejo de cada interessado ter voto na matéria que julga dizer-lhe respeito. A vários níveis o fenómeno se verifica e, nalguns casos, tiram-se consequências úteis que não ficam ignoradas e que, pelo menos, vêm enriquecer o capital de ideias e de experiência que se considera disponível para novas oportunidades.

Ao mesmo tempo, no sector publico, departamento por departamento, seria fácil fazer o inventário das numerosas pequenas reformas que se têm operado, a maior parte das quais constituem o reconhecimento do bem fundado de muitos queixumes que se faziam, mesmo quando não se ouviam, sobre variados aspectos da vida portuguesa. Saúde, educação, habitação, orgânica dos serviços, trabalho, previdência, salários, tudo isso tem estado a ser revisto e retocado, abandonado que foi o método que Getúlio Vargas praticava sob a sua conhecida fórmula de «deixar estar como é que está para ver como é que fica».

Caíram vários «tabus», no que não pode deixar de se ver um certo desejo de ir ao encontro do movimento generalizado da «contestação», que é uma das características do nosso tempo, incómodo porventura para quem o sofre, incompreensível talvez para os que vêm de outras experiências de vida a que estão ou se sentem ligados, mas expressão de vida da sociedade contemporânea, evidentemente no cadinho das grandes transformações.

COM TUDO ISTO, qual é a posição do regime? Com tudo isto, qual é a posição do presidente Marcello Caetano?

Permanecendo fiel à doutrina de que ele próprio foi um dos inspiradores entre nós, o estilo Marcello Caetano é uma modalidade, talvez moderada, mitigada, actualizada do corporativismo, que, de resto, não o esqueçamos, está inscrito como princípio e regra na Constituição em vigor. A pequena adapta-

ção que possa verificar-se, no sentido a que alguns desejariam que seja ou que fosse a liberalização do regime, não deveria entender-se como sinal de transigência ou de concessão, mas o desejo de o tornar mais admissível, mais funcional, mais conforme com as realidades. Portanto, no pensamento dos responsáveis por essa eventual transformação, não se trataria de recuar, mas de aperfeiçoar.

Certos pequenos indícios de transformação do sistema político-económico em vigor, acrescentados aos pequenos mas sucessivos «retoques» que vêm a ser dados a alguns sectores da administração pública, ao desejo expresso de empreender reformas de outro fôlego, são os traços onde nos parece possível encontrar os sinais que caracterizam e identificam a fase actual do regime, a orientação e o estilo do seu actual inspirador, que tem talvez antecedentes históricos.

Há três ou quatro anos, na abertura do curso de férias para estrangeiros, na Faculdade de Letras, a lição inaugural proferiu-a o prof. Marcello Caetano, com um título em que se envolvia a ideia da história dos sistemas constitucionais portugueses. Conhecida a opinião daquele professor, hoje Chefe do Governo, sobre as características particulares do presidencialismo português preceituado na Constituição de 33, não faltou quem sentisse aguçarse-lhe a curiosidade de ir espreitar a conferência.

Foi o autor bastante discreto, dizendo então muito menos do que já por mais de uma vez tinha deixado escrito, mas fixou-se durante mais de metade da conferência na época da Regeneração, cujos meandros explanou com grande minúcia, evidentemente significativa de um interesse especial, porventura até, ao menos aparentemente, com certa admiração pelo sistema que, lançado por Saldanha, veio a ter em Fontes Pereira de Melo a sua mais profunda e demorada expressão.

As características principais do movimento a que veio a chamar-se da Regeneração, instalado em sucessão do «regime de patronato e de corrupção» de Costa Cabral, foram talvez o rearranjo que se procurou e conseguiu fazer das forças políticas existentes e o desejo de reformas e de grandes obras de interesse público que vieram a ter a sua maior expressão no fontismo, em 1870, precisamente há um século.

Não queremos dizer com isto que, a um século de distância, procure Marcello Caetano adoptar o mesmo modelo. Mas, ainda que quiséssemos, podia não ser certo, mas não era com certeza desprimoroso. Nem desejaríamos que fosse.

PORTUGAL E A EUROPA

A INTEGRAÇÃO DE PORTUGAL NO
ECONÓMICO E SOCIAL EUROPEU

UM DOS PROBLEMAS mais significativos para o futuro do País relaciona-se, certamente, com a forma como se está a processar a sua integração na Europa. Mesmo os que acentuam a vocação atlântica de Portugal, não negam a sua realidade europeia. A queda característica

da nação portuguesa não tem sido usada como alternativa. Com mais ou menos incidência, a Europa continua a ser um dos principais parâmetros do espaço em que se move a realidade portuguesa.

Pedimos, portanto, a algumas personalidades que respondessem à seguinte pergunta: «A integração de Portugal no contexto cultural, político, económico e social europeu, está ou não a acelerar-se?».

RESPOSTA
DO DEPUTADO
DR. JOSÉ SILVA

«Sou dos que sinceramente pensam que Portugal não pode isolar-se da Europa sob pena de se ir despejando nela pela sangria contínua da emigração. Atrás dos homens irão depois — ou já estão a ir também — os insuficientes capitais de que dispomos.

A integração de Portugal no contexto europeu, embora limitada aos aspectos económico-sociais, apresenta-se desde já como via de salvação e de fortalecimento e como garantia de melhores condições para a defesa do Ultramar. O conjunto português, embora predominantemente africano pelo território, assenta num motor europeu. E parece-me mais seguro chegar à África através da Europa que prescindir desta a pretexto daquela para se confiar numa suficiência falaz de recursos económicos e fórmulas sociais.

Medir o ritmo em que a integração, entendida como simples aproximação, se estará a processar é tarefa difícil. Julgo mais apropriado falar de «lentidão» que de «aceleração». Apesar de tudo, não sou pessimista porque acredito no nosso poder de recuperação e já descobri alguns sinais, se não de aceleração, pelo menos de reconhecimento de que essa é a via do futuro.

No aspecto económico, foi oficialmente reconhecida a necessidade e urgência de uma aproximação da Europa. O recente discurso do Secretário de Estado da Indústria no Colóquio de Política Industrial teve o sabor de um acto de contrição e de propósito de emenda e marcou o «momento europeu» da nossa política económica.

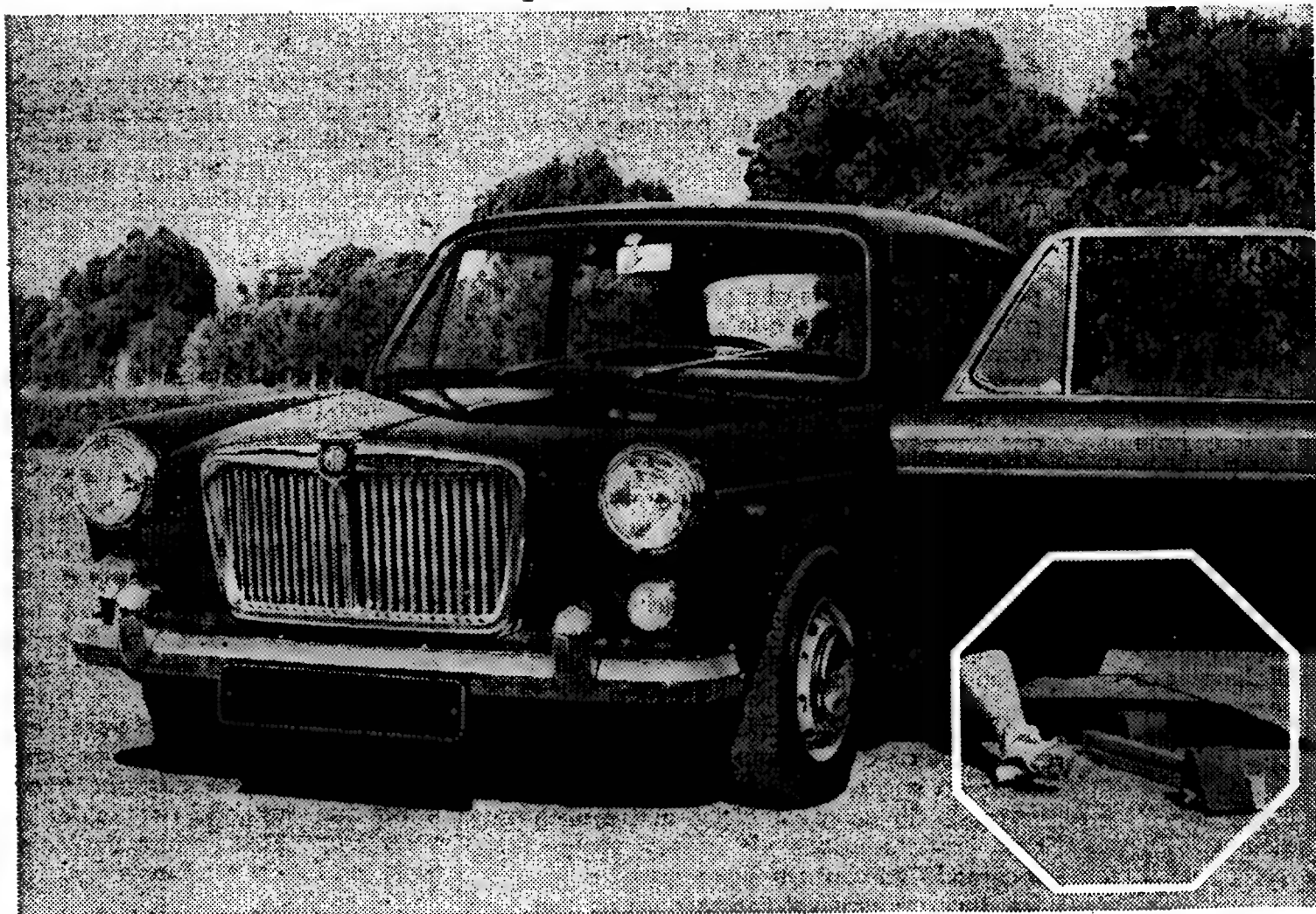
A polémica que susci-

(Continua na 6.ª página)



1300 MARK II

a classe desportiva de sempre...

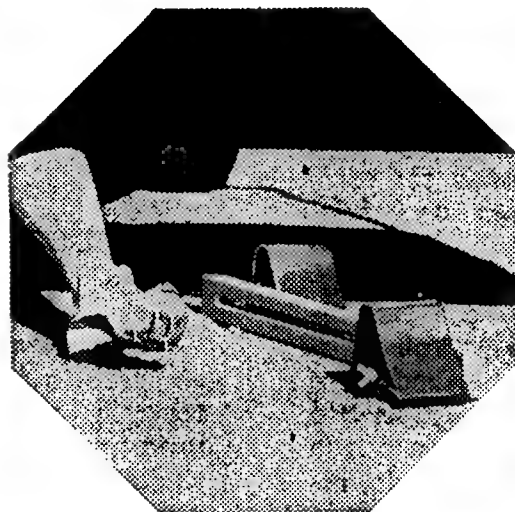


...e o arranque e a aderência
ao terreno de um "sprinter"!

Com um arranque instantâneo, cheio de poder de aceleração e bem agarrado ao terreno «aquele» sprinter, tal e qual como um MG 1300 Mark II, será o primeiro a chegar à meta. Tenha por meta o MG 1300 Mark II e será sempre o primeiro! É fabulosa a sua condução desportiva e de um conforto notável o seu interior requintado. Experimente uma sensação nova, uma nova maneira de conduzir, ao ter nas mãos, sempre pronto a satisfazer a sua «queda» desportiva, o MG 1300 Mark II

A. M. ALMEIDA, S. A. R. L.

Av. da Liberdade, 11 - Av. 5 de Outubro, 168 - Rua da Escola Politécnica, 39 - Lisboa / Rua Sá da Bandeira, 501 - Porto / Agentes em todo o País



DR. JOSÉ DA SILVA

CONTEXTO CULTURAL, POLÍTICO ESTÁ OU NÃO A ACELERAR-SE?

RESPOSTA DO PROF. FRANCISCO PEREIRA DE MOURA

«Como Portugal não é um todo perfeitamente homogéneo, convém examinar o que se passa nos diferentes grupos significativos, em matéria de integração europeia.

Os trabalhadores de menor qualificação profissional, das zonas rurais, de construção, mesmo de actividades industriais e dos serviços, foram os que mais rapidamente tomaram os caminhos da Europa. Accio-

nados por motivações económicas ou políticas suportando os maiores riscos e sofrimentos lá andam pela França e Alemanha às centenas de milhar, e já com tendência visível para se radicarem definitivamente em grande numero. Para esses, a aceleração do processo de integração europeia foi espantosamente veloz, e aceleração que é económica e social primeiramente, mas que já abarca o mundo cultural e atingirá o contexto político — senão na geração dos emigrantes adul-

tos, na seguinte, a dos mais jovens, que já não serão portugueses.

Entre toda uma classe média baixa, que vai da pequena burguesia dos proprietários e empresários medianos da terra, das indústrias e do comércio e serviços, até aos trabalhadores em posições de chefia ou com qualificações profissionais, e aos empregados desempenhando funções burocráticas nesses mesmos sectores, não são sentidas directamente as implicações económicas da integração: é, antes, ao nível cultural que

essa integração progride. Os meios de comunicação, com relevo particular para TV o turismo e, porventura mais importante do que tudo, o desporto-espectáculo estão a contribuir para um alargamento de horizontes completamente insuspeitado ainda há bem poucos anos atrás. Mas o terreno fica assim desbravado para outras integrações: os organizadores da «Taça dos Campeões dos Europeus» ou do «Festival da Eurovisão» já predisuseram estas classes médias a aceitar formas suprana-

cionais. Para a vida social europeia — por muito que as combatam no terreno político alguns jovistas ciosos das fórmulas e da tacanhez tradicionais.

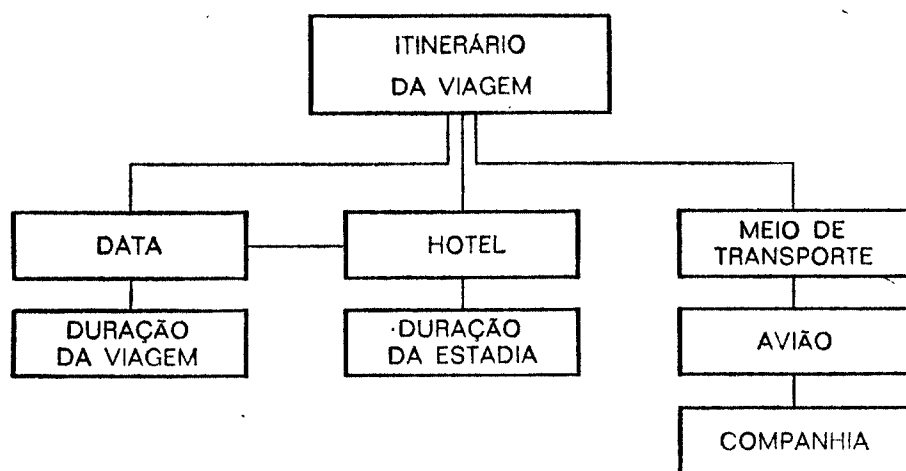
O «pessoal» intelectual e técnico, desde aquilo que resta das profissões liberais até aos escritores e artistas e aos especialistas de formação universitária, também se manifesta em abertura progressiva à construção europeia — seja no contacto cultural, seja pela vivência política. Sempre assim aconteceu, aliás, entre as nossas ca-



PROF. FRANCISCO
PEREIRA DE MOURA

madas cultas. Mas as peculiaridades actuais da política portuguesa, com sua persistente e típica «falta de assunto», des-

(Cont. na pág. seguinte)



estará completo
o seu plano
de viagem de negócios?



A resposta é sua; entretanto, não podemos admitir que tenha descurado o assunto «Seguro-de-viagem». Se, por 486\$50, não está ainda seguro em 1 milhão de escudos contra os riscos de Morte e Invalidez Permanente que possam ocorrer durante a viagem e estadia, 21 dias, o tempo necessário para a sua deslocação à Feira de Osaka, o seu plano de viagem está incompleto.

N'A MUNDIAL
CADA SEGURO É MAIS SEGURO

**sinta
o prazer
de
usar
camisas
com a marca**

LotoRio

**alta
qualidade**
a sua
maior
vantagem!...

ASSISTÊNCIA PERMANENTE COM GARANTIA

Portugal e a Europa

RESPOSTA DO DEPUTADO DR. JOSÉ DA SILVA

(Continuação da 4.ª página)

tou enredou-se logo no tópico político e pouco sincero da fidelidade ao Ultramar; mas, apesar das miragens e deslumbramentos utilizados nela como figura de retórica, não deixou de ser salutar.

No aspecto político estamos a ensaiar timidamente uma experiência de pluralismo, embora a resistência à democratização continue sólida.

Os objectivos meramente políticos estão, porém, a perder a prioridade, em favor da promoção económico-social. E o que é mais reconfortante

é que certos problemas da mais alta importância nacional, como o da reforma da Universidade, começam a ser estudados e tratados pelo método democrático da participação de todos os sectores interessados. Enfim, são poucos e tímidos os passos em frente, mas não se registam passos atrás.

No aspecto social destaco também como «indicio» favorável e recentíssimo aquela conclusão do Colóquio de Política Industrial em que se reconhece a necessidade de um aumento rápido dos salários e melhoria do esquema de segurança so-

cial. Não é, evidentemente, uma medida, mas constitui um bom sinal. Importante medida, já consagrada em promessa, será a da elevação da escolaridade obrigatória.

Finalmente, no aspecto cultural considero particularmente animadoras as promessas recentíssimas da reforma do ensino universitário e da promoção da investigação científica.

Aqui fica a minha resposta. Reconheço que me fiel talvez demasiado de promessas, indícios e sinais. Corro o risco da ingenuidade dos optimistas, mas faço-o conscientemente na convicção de que é mais sadio acreditar em que isto vai seguir mesmo para a frente.»

RESPOSTA DO PROF. FERNANDO PEREIRA DE MOURA

(Continuação da pág. anterior)

viam para os factos e as interpretações das políticas lá de fora o esforço e o interesse disponíveis. A par disso, o ensaio de industrialização obrigou à aquisição dos conhecimentos técnicos alheios, o que se fez através do contacto de especialistas nacionais com os núcleos técnico-económico-comerciais dos países avançados. De modo que a difusão da língua anglo-americana (a juntar ao tradicional francês), a vulgarização da viagem para negócios ou para

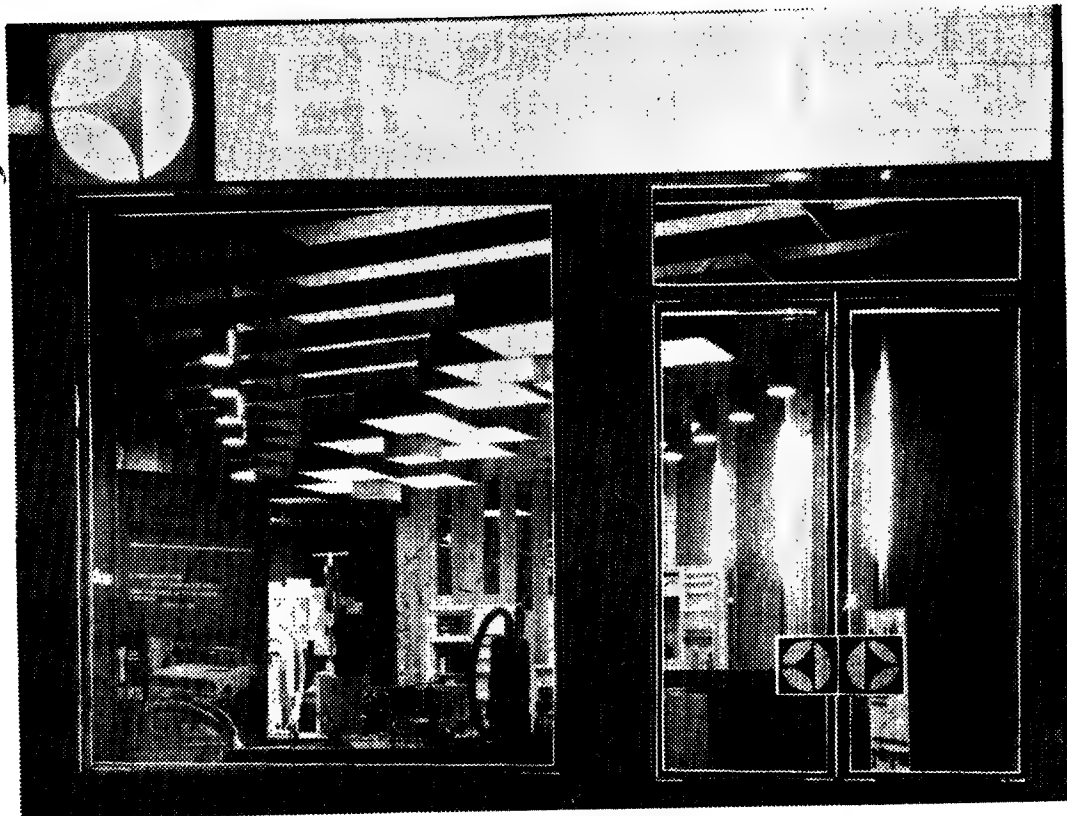
perfeccionamento técnico, o estreitar de laços pessoais com peritos de outros países, e a transformação de estruturas mentais que assim se foi processando, sobretudo entre as camadas mais jovens — tudo constitui um conjunto de factores abertamente favoráveis à integração.

Restam os grupos dominantes — na economia, na sociedade, na política. Ai, parece agora evidente que se desenhavam duas tendências, há muito latentes e uma vez por outra sugeridas como quadro interpreta-

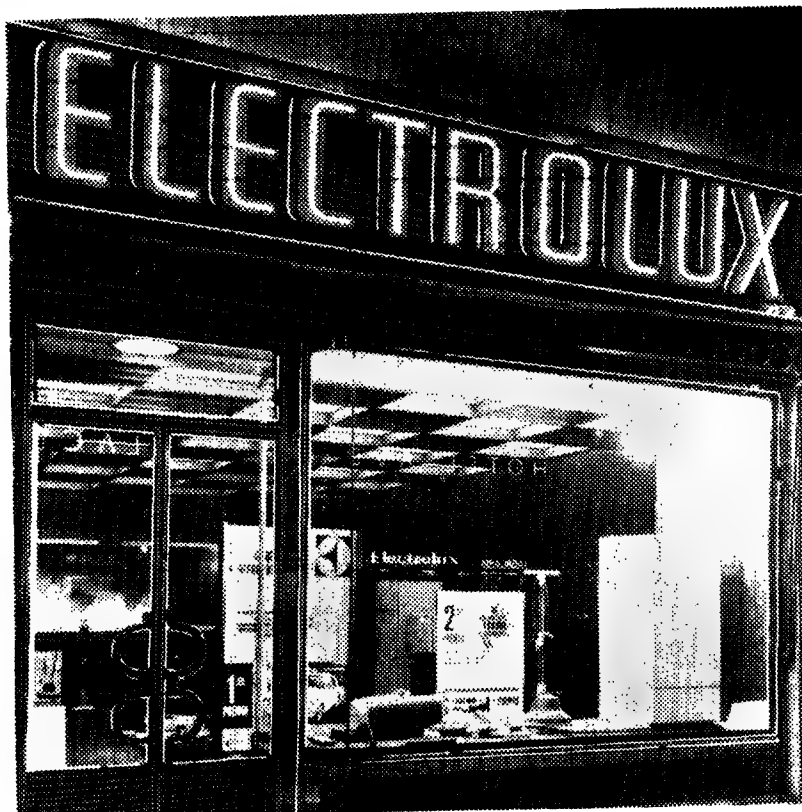
tivo da evolução portuguesa em colóquios e em escritos, mas que ultimamente entraram a clarificar-se e, até, a defrontar-se vigorosamente: no colóquio de política industrial, na Assembleia Nacional e — mais significativo — nas assembleias gerais dos grandes bancos e empresas industriais, a pretexto do exercício económico-financeiro que agora findou. São tendências designadas por tradicional ou arcaizante, uma, e por modernizante-evolutiva a outra; ou então, em termos de insistência no projecto de unidade económica transoceânica como alternativa para a viragem aberta à Europa e à adesão integradora.



Electrolux



SECÇÃO DE VENDAS E SALÃO DE EXPOSIÇÃO:
Rua Pascoal de Melo, n.º 15-A • Lisboa
Telefones: 55 6115 - 55 6116 - 55 6117 • Apartado n.º 1368



SALÃO DE EXPOSIÇÃO E VENDA:
R. 1.º de Dezembro, 120-B • Lisboa • T. 328246

SEDE, ESCRITÓRIOS, DEPARTAMENTO INDUSTRIAL, DEPARTAMENTO TÉCNICO-COMERCIAL, ASSISTÊNCIA TÉCNICA, OFICINAS E ARMAZÉM:
AVENIDA LEITE VASCONCELOS, LOTE 28 — ESTRADA DE ALFERRAGIDE (AMADORA) — TELEFONES: 97 02 42 - 97 02 43 - 97 04 90 - 97 04 96



Electrolux



***num mundo
em transformação...***

o futuro tem prioridade!

***a Sociedade Geral, assegurando uma resposta ao presente,
prossegue com firmeza e entusiasmo na sua vocação marítima.***



SOCIEDADE GERAL

A REFORMA DA UNIVERSIDADE

ENTRE O PASSADO E O FUTURO

por MILLER GUERRA

AS PESSOAS ATENTAS ao que se passa no campo do ensino, por certo observaram acontecimentos desusados nos últimos meses. O principal, talvez consista na modificação da atmosfera que envolve o fenómeno universitário que se tornou menos densa, menos conformista e um pouco mais livre. As ideias ventilam-se com maior à-vontade, as correntes de opinião tomam corpo e sentido, o próprio movimento de formulação dos problemas precisa-se em torno de alguns dos eixos da reforma esperada e urgente.

Até há poucos meses, e particularmente no ano transacto, os assuntos respeitantes à Universidade, eram objecto de estudos, colloquios, artigos, entrevistas, comunicados e outras formas de expressão de opiniões (sem esquecer os dois números especiais da revista *Análise Social*), quase todas estranhas — e em grande parte opostas — aos modos de ver das autoridades académicas e ao pensamento governativo. Facto que em si nada tem de inédito, pois sabe-se como as ideias reformadoras partem quase sempre do meio exterior às instituições. Mas o facto importante a que nos referíamos não é esse: é o de serem agora os próprios responsáveis pela direcção e gerência do ensino superior, do ministro aos reitores e vice-reitores, que falam uma linguagem à qual não se estava habituado. Outrora — durante quantas décadas? — o assunto dos discursos de posse, orações solenes, cerimónias de transmissão de poderes, actos de circunstância, cifravam-se no desenrolamento dos conceitos tradicionais sobre a «alma mater», a «Universitas magistrorum et scholarium», a que não faltava a toada nostálgica, bem como os lamentos sobre o estado da Universidade invadida por massas estudantis, a estreiteza dos locais e as más condições da carreira docente.

Pediam-se reformas, é verdade, mas a maioria das vezes com a timidez e cautela adequadas ao momento e aos propósitos. E, assim, não obstante as necessidades incontestáveis e boas intenções, as reformas nem sequer se preparavam com firmeza. O mundo universitário, parado, hermetico, ia acumulando dificuldades sobre dificuldades, embaraços, enleios, que não se podiam resolver dentro do âmbito dos seus claustros e, fora deles, não encontravam quem lhes acudisse.

O discurso do prof. Velga Simão no seu acto de posse de ministro da Educação, o do prof. Gouveia Monteiro na cerimónia de investidura de reitor da Universidade de Coimbra, e o decreto que permite a equiparação do doutoramento feito em Universidades estrangeiras ao efectuado nas nacionais, constituem três momentos que marcam a transição do modo ordinário de encarar o ensino superior e os seus problemas para outro diferente, que, sem ousadia ou risco de engano, poderemos designar por modernizador.

Com efeito, a maneira desenvolvida e realista com que o ministro diagnosticou o estado das Universidades: «o sistema vigente atingiu o ponto de rutura», demonstra que se apercebeu da gravidade da situação; quando aponta «o conservadorismo obstrutivo e paralisante», descobre uma das raízes do mal; quando afirma que «a reforma da Universidade constitui a preocupação primeira» do seu Ministério, acerta no caminho para alcançar os seus desígnios.

Por seu turno, o novo reitor da Universidade de Coimbra pronunciou um discurso de importância pelo conteúdo doutrinário e pelas circunstâncias que precederam e lhe rodearam a posse. Além de outros pontos, tocou num a que nos vamos referir por ser melin-



PROF. MILLER GUERRA

droso, como sabemos, mas que, por isso mesmo, carece de consideração ampla e calma, isto é, pondo de lado conhecidos os pontos de vista emocionais e sumários. «Entendo que a Universidade deve ser despolitizada», disse o prof. Gouveia Monteiro. E acrescentou: «Bilateralmente, claro está. O estudo, o ensino, a investigação exigem um clima de serenidade incompatível com a luta política». E esclareceu o seu pensamento da seguinte forma: «Em primeiro lugar, não estou defendendo que na Universidade deva ser interdito falar de política. Pelo contrário, tem todo o cabimento discuti-la nos lugares e momentos oportunos. Porém, no terreno intelectual puro, como se pode discutir arqueologia ou física nuclear. Ao livre debate de ideias, em todos os ramos da cultura, não vejo qualquer perigo sério, de um lado, porque o futuro de uma doutrina depende apenas do seu valor intrínseco, e este acabará sempre por determinar-lhe o sucesso ou o malogro, independentemente das ajudas ou dos entraves que procurarem impor-lhe».

Excelentes e apropsitadas asserções são estas, que podem causar espanto ou incómodo na mente de algumas pessoas, mais propensas a dar ouvidos a uma única voz do que a vozes diferentes, dissonantes, mas livres.

Pouco diremos com respeito à equiparação dos doutoramentos, porque isso não levaria longe. Basta dizer que a disposição legal abre a porta das Universidades a perto de centena e meia de docentes instruídos pela maior parte em centros científicos de reputação internacional. O que representa a entrada nas estruturas de ensino superior de talentos cultivados lá fora, trazendo métodos, ideias e finalidades da pedagogia e da investigação, colhidos em lugares selectos, só o tempo o pode dizer. Contudo, como é difícil profetizar que, se não se organizarem mecanismos mal-tusianos de defesa, estabelecer-se-á uma corrente activa que muitíssimo contribuirá para actualizar a educação superior.

Não deixamos de tocar num assunto levantado pelo vice-reitor da Universidade de Lisboa, no discurso de posse. Diz respeito ao modo de provimento dos cargos académicos, que se faz por designação superior, como se sabe, sem interferência do corpo docente. O novo interferência do corpo docente e muito menos do discente. O novo vice-reitor fez votos para que a nomea-

ção seja substituída pela eleição. É assim que devia ser, e assim, certamente, será, caso o espírito reinante na esfera governativa acabe por triunfar sobre o que imperou até aqui.

Talvez as nossas palavras deixem a impressão no leitor de que a tão falada reforma universitária já começou, e, portanto, pouco mais há a fazer do que acompanhá-la (ou contrariá-la, segundo é a vontade de muitos!).

A verdade é que somente se traçaram os primeiros delineamentos. Mas a expectativa foi tão longa, e as necessidades tamanhas, que só de ver uma pálida luz se cre que já é dia claro.

Por enquanto, como dissemos, apenas existe uma atmosfera diferente, que permite encarar a Universidade com um espírito mais europeu do que aquele em que estávamos mergulhados. Isto parece pouco, mas é bastante, se atentarmos que saímos de um longo período de entorpecimento. Ainda que custe, temos de reconhecer com amargura, mas sem azedume, que houve muita inércia, imprevidência e improvisações neste capítulo, que é dos primaciais em todos os Estados modernos, ou que pretendem modernizar-se.

Era perfeitamente previsível e, por conseguinte, remediável a tempo, a desordem causada pela afluência dos estudantes, que alojaram as estruturas institucionais, as instalações, os equipamentos, os laboratórios e as bibliotecas, os corpos docente e administrativo, numa onda alterosa e avassaladora, de que a nossa cultura e progresso são as vítimas. Os efeitos far-se-ão sentir a seu tempo, isto é, daqui a anos, no momento em que a carencia de diplomados superiores, engenheiros, economistas, cientistas sociais, professores, médicos, agrónomos, investigadores, se acentuar ainda mais, tornando-se um gravíssimo obstáculo ao desenvolvimento económico e sociocultural. Então se verá o resultado de uma orientação do ensino que, em vez de velar pela formação dos quadros científico-técnicos — nervo da evolução das nações modernas — a deixou quase ao deus-dará, como se as Universidades continuassem a ser a «turris eburnea» das minorias privilegiadas. O estado presente das Universidades não surgiu subitamente pelo malefício de uma «crise» inexplicável ou pelo inconformismo e turbulência da juventude, como há quem o queira fazer crer. É preciso não esquecer isto, para que nos acabem de pregar que a mocidade está pervertida e o mundo louco — e que por aí se explicam todos os males, mesmo aqueles que eram evitáveis, se se houvesse perscrutado o movimento criador da história.

Não obstante, ainda é tempo de lançar as reformas e empreender as inovações que vençam atrasos e resistências (institucionais e sociopolíticas).

Supomos que o impulso se deve esperar mais da fundação de novas Universidades do que da reforma das existentes. Ensina-nos a história pátria e alheia, e mostra-nos o que se passa actualmente em outras nações, a extrema dificuldade de introduzir modificações profundas nas estruturas universitárias, principalmente quando elas são do tipo institucional das nossas: centralizado, uniforme, autoritário, tradicionalista. Estas características conferem-lhes uma rigidez tal que qualquer reforma perturba o sistema inteiro, gerando oposições quase invencíveis. Note-se que o defeito está menos nos homens do que no sistema que os engloba e modela. É impossível, ou, pelo menos, difícil, sair do círculo, romper a cadeia de hábitos, de modos de pensar, de comportamentos e motivações, sem tomar atitudes heterodoxas e incómodas, a que poucos se dispõem,

A orgânica do nosso ensino superior, ou outro do tipo napoleónico-latino, assenta em dois pilares fixos, inamovíveis — os conselhos escolares e a burocracia, particularmente a Direcção-Geral. No vértice está o ministro, na base os estudantes, que constituem os elementos mudáveis e transitórios. O que dá continuidade, conserva, forma as tradições e endurece o sistema, é o binómio conselhos escolares-burocracia.

Nestas condições, uma reforma iniciada e levada a efeito pelos próprios conselhos e senados é coisa pouco provável. A Universidade, como instituição que é, tende a «preservar no ser». Isto não significa que seja impossível a reforma, mas para isso é preciso: a) que actuem forças externas inovadoras; b) que haja dentro delas pessoas ou grupos de docentes e discentes empenhados na acção; c) que as estruturas tecnoburocráticas (conselhos escolares, Direcção-Geral, Junta Nacional de Educação, etc.) se transformem. Em particular, deveriam estar representados nos conselhos escolares o corpo docente (e não somente os catedráticos) e os estudantes. Pelo seu lado, o Ministério devia dispor de órgãos de estudo, planeamento e gestão modernos que facilitassem a tomada de decisões do ministro e dos (futuros?) secretários de Estado da Cultura, da Ciência e do Ensino Superior, atribuindo-se ao ministro funções coordenadoras. Tal como as coisas estão, os intuitos reformadores são frágeis — basta que o ministro mude, que a energia crítica e inovadora dos alunos decaia, ou as condições sociopolíticas endureçam para que a «recuperação» se dê, isto é, para que as forças conservadoras readquiram a preponderância, interrompendo a marcha evolutiva encetada. Temos exemplos na história destas acções suspensivas, não é preciso procurá-los alhures.

Supomos, por isso — e estamos em boa companhia — que a reforma da educação superior só se efectuará duradouramente criando novas Universidades.

Este ponto é tão importante que não pode ficar em aberto, pois começa a divulgar-se ideias imprecisas sobre o conceito de novos centros universitários.

As novas universidades não devem ser um ramo, desdobramento ou filial das actuais — isso equivalia a perpetuar o sistema que precisamente se procura substituir. É claro que os «desdobramentos» são precisos, mas há muito tempo deviam ter sido feitos!

As novas Universidades têm de ser coisa diferente: novidades e não repetições. Segundo nos parece, deviam assentar nas seguintes bases: a) tipo institucional anglo-saxónico, que se tem mostrado muito mais flexível e adaptável às sociedades modernas do que as do modelo colimbrão-napoleónico-latino; b) as matérias cultivadas seriam preferentemente, e de começo, as que se não acham representadas nas Universidades tradicionais, ou aí se encontram mal representadas; c) o corpo docente seria composto por jovens de valor comprovado pelo «concurrículum vitae», e não pelos concursos.

É mais fácil, eficaz (e quem sabe se mais barato?) instaurar do que reformar instituições antigas. Todavia, o processo tem de ser simultâneo, a fim das formações recentes impulsionarem as tradicionais, e estas tenham ensino de mostrar a sua capacidade de adaptação e progresso.

Encontramo-nos nesta ocasião entre o passado e o futuro — o presente é apenas o receptáculo das esperanças. Por agora, nada mais se pode dizer, mas não é já bastante, quando durante décadas nem esperanças havia?

OS QUATRO REITORES FALAM DA REFORMA DA UNIVERSIDADE

REITOR DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

«Por paradoxal que possa parecer, à primeira pergunta tanto se pode responder afirmativa como negativamente.

Negativamente, porque a Reforma terá que ser um conjunto de medidas cuidadosamente preparadas e coordenadas, um todo coerente, que venha dar uma face nova à Universidade portuguesa. Nunca poderá ser uma manta de retalhos, feita de sucessivos diplomas, que vão surgindo a ritmo mais ou menos rápido.

Afirmativamente, porque as disposições já tomadas eram de prever

fundamental, quer na essência, quer na metodologia.

Em minha opinião, deveremos começar por

constituir grupos de trabalho, eficientes e representativos, quer para o estudo dos aspectos técnicos, quer para a dis-

cussão das modificações de carácter institucional.

Assim, em cada Faculdade, os vários sectores interessados (professores catedráticos, professores extraordinários e agre-

gados, professores auxiliares, assistentes, estudantes, investigadores, técnicos, pessoal administrativo e pessoal menor) deveriam eleger, cada um deles, dois grupos de trabalho, um para os

aspectos técnicos, outro para os institucionais. Esses grupos começariam imediatamente a trabalhar e submeteriam, com a brevidade possível, os

(Continua na página seguinte)

ENTENDE que nas últimas medidas governamentais se iniciou já a tão esperada e desejada Reforma da Universidade?

Qualquer que seja a sua resposta, quais as disposições que julga deverem-se seguir às já tomadas?

no plano geral da Reforma que se espera, e estou certo que nela virão a enquadrar-se perfeitamente.

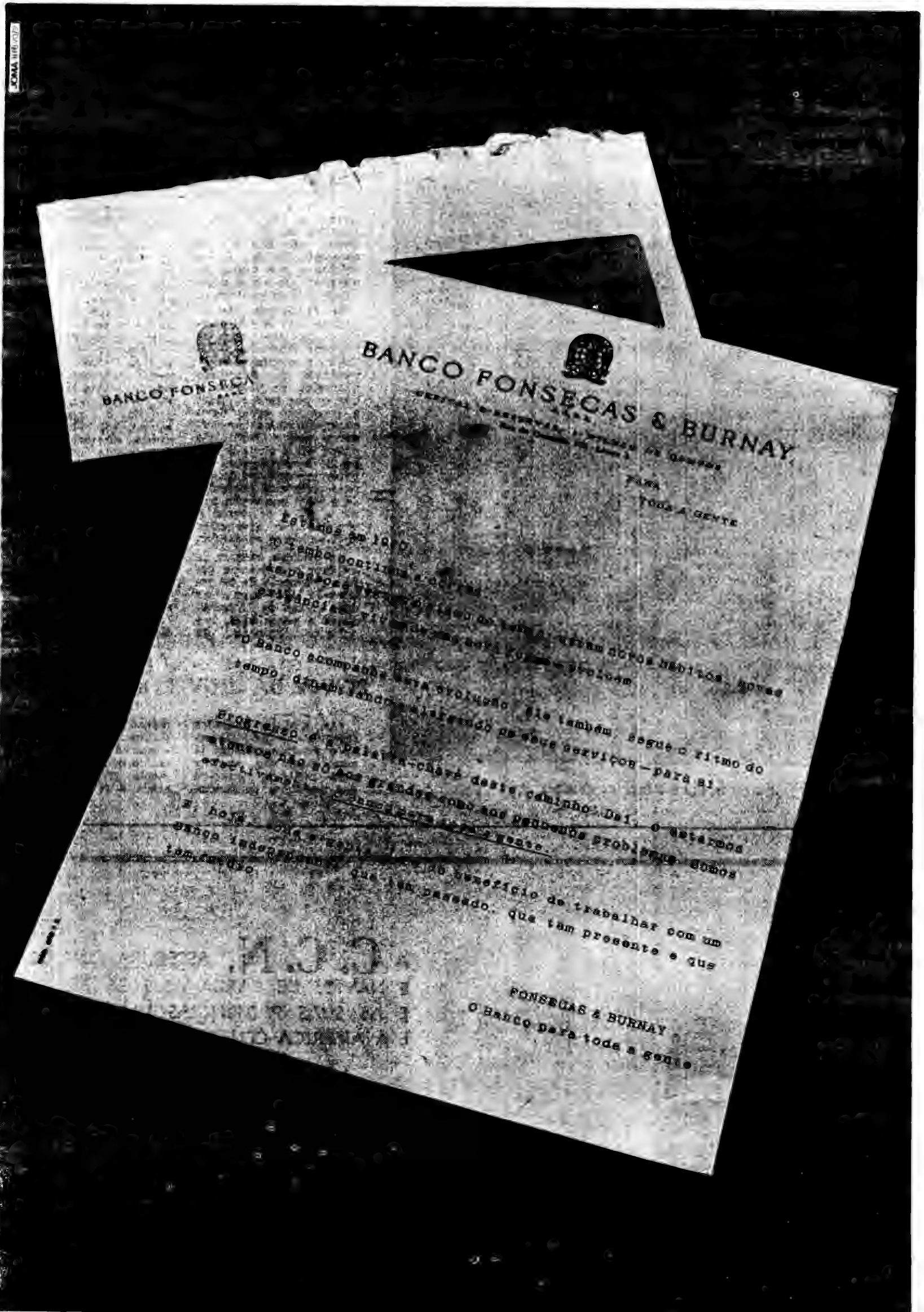
Como se explica então o paradoxo aparente? De um modo muito simples. É que uma Reforma da extensão e profundidade que se desejam exige um longo trabalho de preparo, incompatível com urgências prementes. Ora, simultaneamente, havia aspectos do nosso sistema que se achavam tão agudamente desactualizados que não se compadeciam com mais demoras.

Assim, dou o meu inteiro acordo a que se hajam desde já antecipado algumas medidas de emergência, a que, aliás, eu próprio aludi no meu discurso de posse. Além das flagrantes injustiças que vieram remediar, os diplomas tiveram, a meu ver, um outro mérito: criaram confiança na promulgação da Reforma. Não há dúvida que muitos já iam descrendo, e nesse número me incluo.

O passo a seguir, deverá ser uma ampla auscultação de opiniões acerca da Reforma universitária. Considero este ponto



PROF. GOUVEIA MONTEIRO



OS QUATRO REITORES FALAM DA REFORMA DA UNIVERSIDADE

(Continuação da pág. anterior)

resultados das suas discussões aos seus representantes. Das críticas destes e consequente debate surgiria o documento final, representativo dos pontos de vista do grupo em questão.

Entrar-se-ia depois numa discussão inter-grupos que, para os aspectos técnicos, deveria reunir os representantes das Faculdades análogas das diversas Universidades; e, para as facetas institucionais, os representantes das várias Faculdades de cada Universidade.

Os relatórios desta nova fase deveriam ser outra vez sujeitos às assembleias de todos os estratos interessados, para conclusão definitiva dos pareceres.

Ao lado desta consulta interna, julgo que há duas outras auscultações a fazer. Por um lado, a dos sectores portugueses extra-universitários susceptíveis de dar a sua colaboração, por exemplo as organizações profissionais, o Instituto Nacional de Estatística, o Gabinete de Estudos e Planeamento da Acção Educativa, etc. Por outro lado, impõe-se uma visita a Uni-

versidades estrangeiras, tanto a instituições tradicionais como às de vanguarda, para averiguação e confronto dos seus métodos de trabalho e dos resultados obtidos.

É, como se vê, uma tarefa imensa, para a qual se necessita da colaboração e do espírito de sacrifício de todos. Sem que a realizemos, porém, nada poderemos construir de sólido e duradouro.

Coimbra, 28 de Março de 1970.

JOSE DE GOUVEIA
MONTEIRO

REITOR DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

«Para que se projecte e realize a reforma de qualquer instituição é necessário possuir um conhecimento exacto do estado em que se encontra no instante considerado (incluindo os defeitos ou vícios que a enfermam) e do estado que se pretende atingir que, logicamente, se deve confundir com uma situação perfeita à luz dos conceitos válidos ao tempo.

A Universidade não pode constituir excepção à regra e com ela se tem que conformar.

Há edifícios materiais ou morais que são insusceptíveis de qualquer reforma, se se deixarem vestígios da situação anterior, pois que ela se apresenta de tal forma defeituosa que prejudicaria tudo que sobre si ou ao seu lado se construísse.

Se estivermos atentos ao facto de que a Universidade tem sido capaz de preparar graduados habilitados a reconhecer a necessidade de introduzir alterações no sistema e que os que nela ensinam a aprenderem estão disso consciencializados, concluiremos que a instituição possui em si ainda as raízes de funcionamento capazes de extrair do terreno onde está implantada a seiva que venha trazer a todos os ramos a vivência que desejamos, num ambiente renovador.

As medidas capazes de fornecer a ambiência para a realização de tal renovação serão aquelas que tragam às Universidades a capacidade, largamente esquecida, de

realizarem um ensino de nível superior, sem adulterações, a um cada vez maior número de estudantes e contribuam para o progresso científico.

O ensino a nível superior não é compatível com relações desfavoráveis entre docentes e discentes, nem com uma ausência de actividade permanente de criação científica e cultural, nem pode ser remetido a um simples acto de transmissão de conhecimentos programados, deficientes de originalidade, a uma massa anónima de estudantes cujo aproveitamento tem que ser analisado por formas impessoais e mais ou menos indirectas.

Cria-se assim um limite crítico acima do qual as Universidades deixam de funcionar em condições aceitáveis. A restrição do acesso à Universidade não se pode adoptar, restando portanto, como única solução viável a do aumento do número actual de Universidades. Só assim se poderá vir a situar o ensino universitário, nas características próprias e a reconduzi-lo a uma rentabilidade altamente desejável e que, actualmente, não possui.

Deve ainda, segundo uma estrutura científica convenientemente organizada, possuir a Universidade no seu seio os elementos mais aptos e bem preparados. As condições que se ofereciam àqueles que se propunham à carreira universitária tornavam-na pouco atractiva, obrigando a dispersões e criando enormes dificuldades de recrutamento.



PROF. CARVALHO
BARREIRA

As medidas recentemente promulgadas ou anunciadas modificam substancialmente a situação e permitem prever uma selecção de valores capaz de actuar de forma decisiva na criação do escol docente e discente que materialize a realização duma Universidade actualizada. São já medidas de grande alcance e que permitem encarar com optimismo a esperança de ver atingida a meta que todos desejamos.

PROF. CARVALHO
BARREIRA

REITOR DA UNIVERSIDADE TÉCNICA

«As medidas tomadas recentemente pelo Governo e algumas medidas já anunciadas vão permitir uma melhoria imediata das condições de funcio-

namento da Universidade portuguesa. Mas muito ainda há a fazer e, o que se me afigura particularmente grave, muito há ainda a averiguar, antes

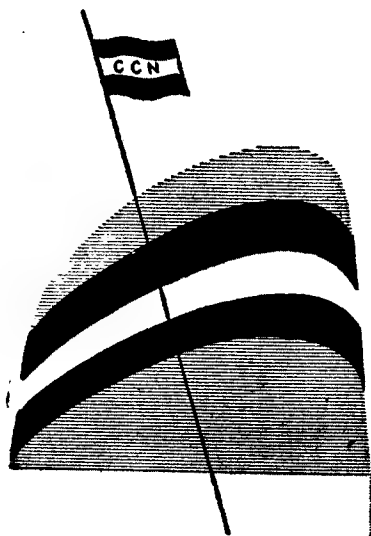
de se tomarem as medidas mais importantes.

O decreto-lei sobre a carreira docente, que aca-

(Continua na 12.ª página)



A «velha» Universidade de Coimbra



A **C. C. N.** ASSEGURA COM OS SEUS PAQUETES E NAVIOS DE CARGA AS LIGAÇÕES ENTRE PORTUGAL E AS SUAS PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS DE ÁFRICA E A AMÉRICA CENTRAL

Rua de S. Julião, 63 — Telef. 36 96 21 — LISBOA
Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 23 342 — PORTO

mais um troféu "carro do ano" para o Fiat 128

*Pela quarta vez,
num curto espaço de tempo,
o Fiat 128 foi considerado
o "carro do ano"
por um júri de 19 membros,
representando 11 países,
e pelos redactores
da revista inglesa "CAR".*

*Além deste júri especializado
que apreciou
a "intuição técnica do projecto",
o Fiat 128 recebeu ainda
a preferência
de 100.000 leitores da revista
que o elegeram
entre os 70 modelos
de carros apresentados.*

**Prémios "carro do ano"
conquistados pelo Fiat 128:*

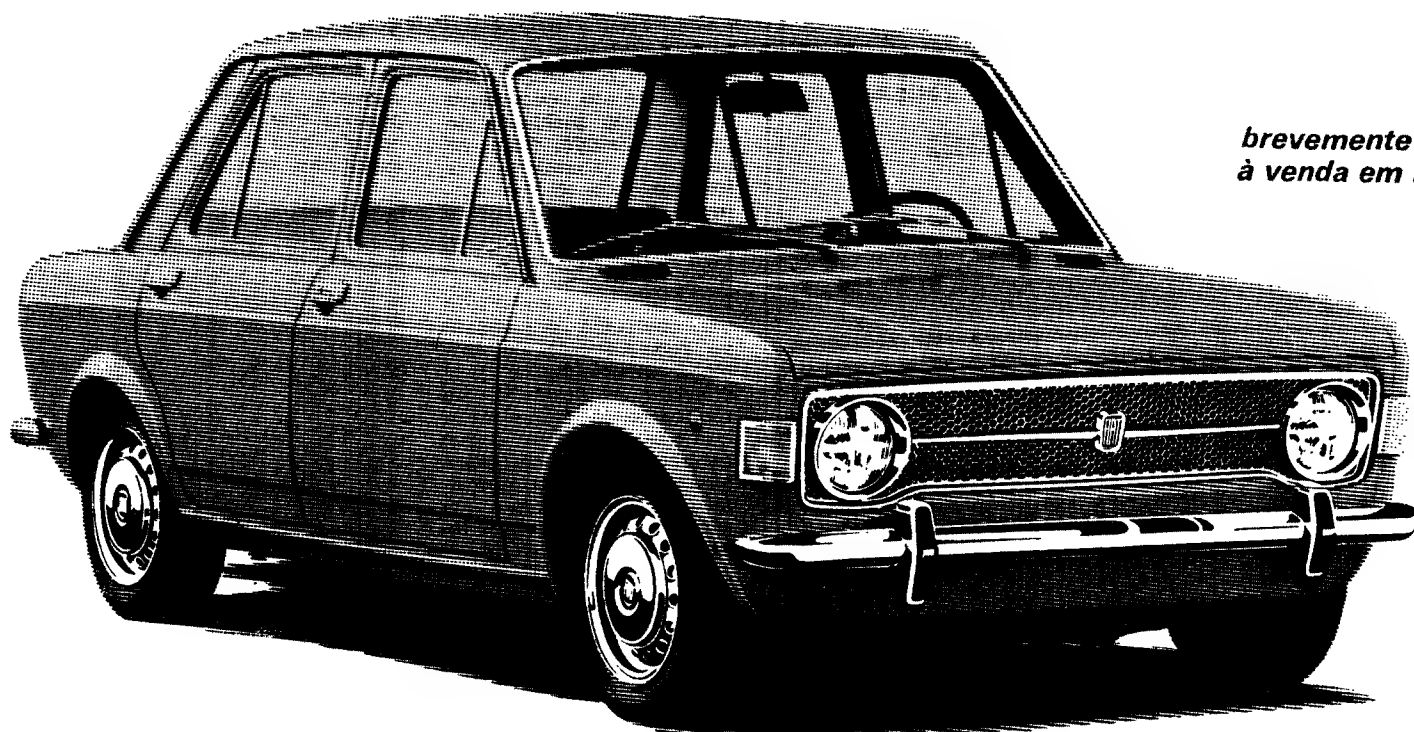
"Autovisie" - Holanda

"Teknikens Värld" - Suécia

"Technické Noviny" - Checoslováquia

"Car" - Inglaterra

FIAT 128



*brevemente
à venda em Portugal*

FIAT PORTUGUESA, S.A.R.L. LISBOA - Av. Eng. Duarte Pacheco, 15 * PORTO - Av. dos Aliados, 173



MARGARINA ESPECIAL

Vitaminas, proteínas, calorias - palavras que andam na boca de toda a gente!

Hoje, uma alimentação equilibrada é base de saúde e bem-estar! Fale nisto ao seu médico. Ele dir-lhe-á que Becel é a margarina

especial na alimentação que mais lhe convém!

Para barrar no pão - Becel!

Para cozinhar - Becel!

Becel contém alto teor de óleos vegetais poli-insaturados.

Isenta de sal, mas tão saborosa!

PROTEJA A SUA SAÚDE • USE BECEL!

A venda em todos os bons estabelecimentos, equipados com frigoríficos, das zonas de Lisboa, Porto e Coimbra.

OS QUATRO REITORES FALAM



Os edifícios mais modernos começam já a ser insuficientes

(Continuação da 10.ª página)

ba de ser aprovado em Conselho de Ministros, permitirá, se for bem aplicado, pronto alargamento dos quadros docentes sem que tal implique sacrifício da sua qualidade. Com efeito, o decreto prevê o recrutamento de especialistas onde quer que se encontrem trabalhando, incluindo no próprio Estado, sem os obrigar a abandonar as funções onde se valorizam profissionalmente e sem os sujeitar a provas nem a um mínimo de 12 horas de aula por semana. Este mínimo constituía um obstáculo gravíssimo ao recrutamento de técnicos especializados pois obrigava os docentes, em muitos casos, a ensinar o que não sabiam ou o que sabiam menos bem, para completarem o tempo durante o qual ensinavam o que sabiam e sentiam verdadeiro gosto de ensinar.

A Universidade Técnica, onde já existem, mas onde deviam existir muito mais cadeiras versando técnicas especializadas, nas quais só é possível adquirir experiência e competência e manter conhecimentos actualizados no exercício da profissão ao serviço da indústria, de autarquias locais, de organismos de condenação e, muito particularmente, de centros de investigação, vai ficar habilitada,

se às suas Escolas forem concedidas as indispensáveis verbas, a reforçar os seus quadros já no próximo ano lectivo.

A par das novas facilidades para o recrutamento de especialistas, que prestarão serviço em tempo parcial, o decreto contém disposições que vão certamente atrair para a carreira docente muitas pessoas que não queriam ou não podiam aceitar os sacrifícios que até agora

tal carreira exigia para ser exercida em tempo integral.

Além do aumento de vencimentos convém referir o conjunto de disposições destinadas ao aperfeiçoamento e valorização do pessoal docente. Infelizmente os benefícios destas medidas só de aqui a algum tempo começarão a ser colhidos. Mas agora a Universidade pode passar a contar com professores que a ela se doem integralmente, não só dando aulas e trabalhando activamente em actividades circunscritas, mas também colaborando com os estudantes em trabalhos de investigação, destinados a desenvolver neles uma atitude crítica e criadora. Tal só será possível se, ao contrário do que actualmente se verifica, forem proporcionados meios à Universidade para nela se proceder a investigação de apoio ao ensino. O eng.º Manuel Rocha, ao ser empossado recentemente no grau de doutor «honoris causa» pela Universidade do Porto, proferiu sobre esta matéria palavras bem claras para as quais convém chamar a atenção de todos os que se interessam pela elevação do nosso nível cultural.

O decreto sobre o regime dos doutoramentos virá pôr ordem onde existia alguma confusão. Pessoalmente, teria preferido que



PROF. VASCO COSTA



CAIXA ECONÓMICA DE LISBOA

DEPÓSITOS A PRAZO

AS TAXAS DE:

4,5% ao ano
1% ao ano

depósitos à ordem

até à taxa de 2% ao ano

Condições especiais para depósitos de menores

LISBOA — Sede: — Rua Aurea, 219-241

Dependência Urbana: Rua Almeida e Sousa, 18

PORTO — Filial: — Avenida dos Aliados, 90

Agências - AVEIRO • BRAGA • BRAGANÇA • CASTELO BRANCO • COIMBRA

• ÉVORA • FARO • VISEU

DA REFORMA DA UNIVERSIDADE

a revisão das provas para doutoramento tivesse sido empreendida conjuntamente com a das provas para professor extraordinário e para catedrático. E isto porque essas provas, muito embora destinadas à avaliação de aptidões e de qualificações distintas, constituem um conjunto, que conviria estudar e discutir globalmente, como aliás foi posto em relevo no Colóquio realizado na Universidade Técnica em 1965.

Encontra-se em estudo e será em breve promulgado um decreto de permitir um primeiro alargamento dos quadros do pessoal docente e administrativo. Novos alargamentos se seguirão, como anunciou o ministro da Educação perante as câmaras de televisão no dia 31 de Março. Sem alargamento dos quadros não será possível fazer face à complexidade crescente das matérias a ensinar e ao rapidíssimo aumento das populações escolares.

O ministro da Educação Nacional tomou a iniciativa de promover a consulta das Escolas acerca duma reforma da Universidade, na qual deseja sejam ouvidos todos os interessados. As medidas atrás referidas podem considerar-se como os primeiros passos dessa reforma, da qual já podemos esperar grandes benefícios. Mas a grande reforma ainda está por vir. Para ela precisamos que faltem as informações suficientes para a estruturar.

Tal reforma — a grande reforma — terá de ser precedida da indagação de quais os técnicos de que o País necessita e de averiguação de qual a forma de ensino mais adequada à sua preparação. Uma reforma deste tipo não poderá ser baseada em simples opiniões expressas pelos interessados, mas sim em estudos profundos, a confiar a especialistas. Tais estudos deverão ter em conta políticas de desenvolvimento técnico-social ainda por definir, mas sem as quais não vejo como poderemos ajuizar das necessidades do País. Considero a indagação de tais necessidades tão importante que a

escolhi para tema das palavras proferidas ao ser empossado do cargo de reitor da Universidade Técnica, em 1963.

Aliás, com a ciência a progredir muito rapidamente e com as técnicas a evoluírem ainda mais depressa, temos de nos conformar com viver numa experimentação contínua, adoptando as soluções que em cada momento se afigurem mais adequadas sem veleidades de conseguir uma reforma definitiva.

Quanto às disposições que julgo deverem seguir as já anunciadas e tomando como certa a reforma actualmente em estudo por iniciativa do ministro, penso que conviria iniciar desde já a averiguação das necessidades acabadas de referir, promover o convívio dos elementos do corpo docente entre si e com os estudantes e cuidar da preparação pedagógica do corpo docente.

PROF. VASCO COSTA

REITOR DA UNIVERSIDADE DO PORTO

«A solução imediata dos múltiplos problemas que afectam a Universidade do presente, e que são causa de tensão e de perturbação da sua actividade, apresenta-se urgente. Torna-se necessário conseguir restabelecer rapidamente, não só o ambiente de trabalho indispensável às actividades docentes, discentes e de investigação científica, como ainda de se encontrar o clima de ponderação e de estudo propícios ao equacionamento e preparação da Universidade do futuro.

Críticas, de tendências as mais diversas, deixam por vezes transparecer a ideia de que a Universidade se encontra em crise, não se tendo revelado evolutiva, e que apresenta incapacidade para se auto-reformar.

Analiseemos alguns factos para se compreender o que devemos à Universidade do passado, e quais as dificuldades do presente.

Se procurarmos conhe-

cer quais os elementos humanos que nos últimos anos assumiram ou presentemente suportam a imensa tarefa da condução dos destinos do País, nas mais variadas formas da sua actividade, e que o elevaram ao nível de progresso e prestígio que hoje desfruta, quer na tecnologia quer ainda nos domínios das Ciências, do Ensino, e da Defesa Nacional, facilmente verificamos que esses elementos humanos em grande parte pertencem à Universidade ou possuem formação universitária.

Cumprindo à Universidade, quer do passado quer do presente, transmitir aos seus alunos o conhecimento actualizado da época e contribuir para a criação de Ciência e Cultura, o espírito e orientação evolutiva implícitos no ensino Universitário que foi ministrado pelos nossos maiores é semelhante ao espírito dos docentes actuais, e certamente

continuará a constituir uma das bases fundamentais de orientação da Universidade do futuro.

Poderá então perguntar-se qual a explicação da inquietação e por vezes perturbação da vida Universitária actual?

Embora o problema equacionado a presente múltiplos aspectos a considerar, se o analisarmos sob o ângulo das condições do ensino Universitário verifica-se que os dois factores que presentemente mais contribuem para a sua deterioração, com repercussão directa na sua eficiência e portanto no ambiente académico, são: 1) a deficiência quantitativa de docentes em relação ao elevado número de alunos que lhes compete ensinar e orientar; 2) a insuficiência em espaço e qualidade das instalações universitárias.

Com a promulgação do Decreto-Lei sobre o pessoal docente do Ensino Superior Universitário, já

aprovado pelo Conselho de Ministros em 13 de Março de 1970, o Governo da Nação veio ao encontro da solução da primeira das dificuldades actuais do Ensino Superior, o que portanto significa o início da tão esperada e desejada Reforma da Universidade.

Quanto à falta de instalações universitárias adequadas, a gravidade da situação obriga a encontrar soluções imediatas, ou nalguns casos a médio prazo, enquanto se aguarda o estudo da criação de novas Universidades, que terão de ser previstas, se a afluência de alunos aos cursos universitários se mantiver no ritmo crescente dos últimos anos.

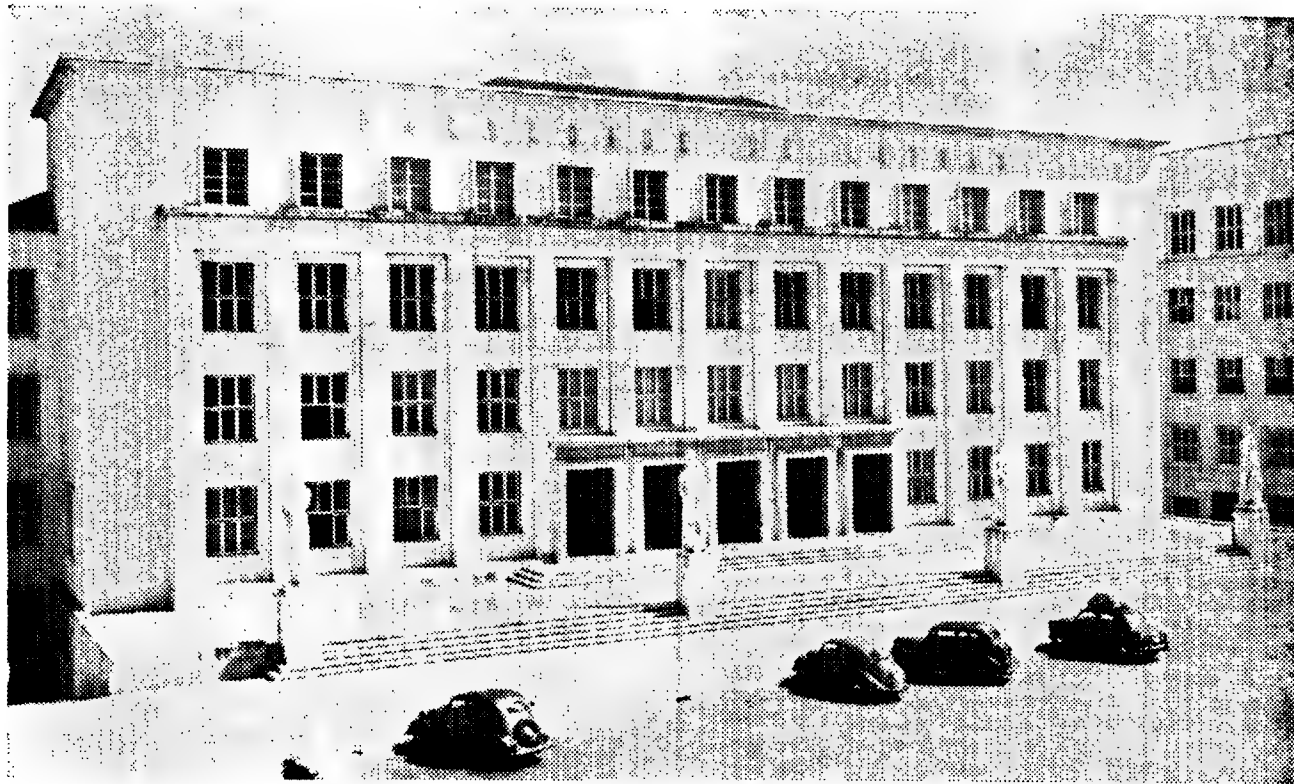
Outros problemas, relativos aos discentes, devem ainda ser urgentemente estudados tais como: a preparação pré-universitária, o grau de capacidade dos candidatos quanto a bom rendimento nos estudos superiores, a conveniente escolha do curso para serem evitadas ultteriores desistências ou transfe-

rências e o ensino pós-escolar. Finalmente poderá ser posto o problema da orientação quanto à escolha dos cursos em relação com as necessidades do desenvolvimento económico e social do País.

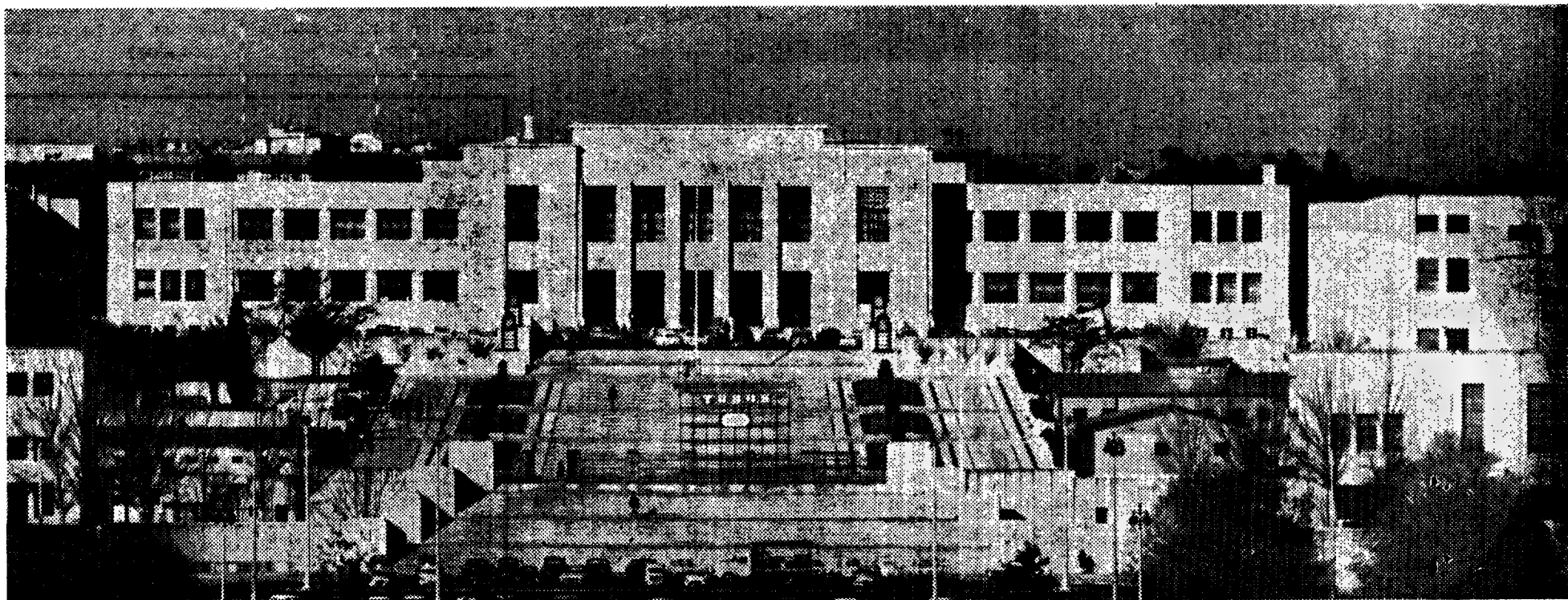
Fácilmente nos aperceberemos da importância do assunto se nos debruçarmos sobre os resultados do inquérito, a que procedemos, sobre a frequência, em 1969-70, das licenciaturas na Universidade do Porto.

Vejamos os factos: Faculdade de Letras: Filosofia 260 alunos; História 520; Filologia Românica 165; Ciências Pedagógicas 620; Faculdade de Farmácia-Curso Profissional 260; Licenciatura 170; Faculdade de Medicina 1310; Faculdade de Economia 1545; Faculdade de Engenharia-Engenharia Civil 73; Electrotécnica 127; Mecânica 155; Minas 4; Química Industrial 125; Faculdade de Ciências-Matemáticas 21; Geográficas: 1; Físico-Químicas

(Cont. na pág. seguinte)



A actual Faculdade de Letras de Coimbra — a nova cidade universitária na velha cidade



O actual edificio do Instituto Superior Técnico marca o início de um novo período de exigências do ensino universitário

A REFORMA E A UNIVERSIDADE NOVA

— Palavras do ministro da
Educação Nacional

O problema das instalações universitárias para o ensino e a investigação não pode, por razões óbvias, ser resolvido com a presteza desejada. Há que traçar um plano a médio prazo e, entretanto, estudar o alargamento e a adaptação dos edifícios existentes. Mas não podemos ficar parados. Para situações de emergência há soluções excepcionais. Dentre elas salientamos o melhor aproveitamento das instalações disponíveis pela organização de horários que incluam o período nocturno.

A execução das medidas citadas determina um esforço financeiro da ordem dos 150 000 contos anuais. Naturalmente, a Nação terá o direito de perguntar à Universidade e ao ministro qual a rentabilidade deste investimento. Não será possível dar uma resposta satisfatória se a Universidade permitir no seu seio professores que não ensinam, que não dão aulas e que não esclarecem os seus discípulos ou alunos que não trabalham e não estudam.

A Universidade não pode ser acidente na vida de uns e de outros, acidente que se traduza em fugazes passagens de professores e alunos por anfiteatros e laboratórios. Isso não é Universidade.

A reforma, na inovação criadora que comporta, tem de encarar este facto com a maior firmeza e objectividade. Há que proceder para com professores e alunos exclusivamente em atenção à capacidade e ao esforço de cada um.

Não se descortina razão para manter na actual situação professores que oferecem à Universidade uma ínfima parte do seu tempo e alunos que colecionam anos de matrícula.

A Universidade nova tem que ser casa de trabalho. Fala-se muito em nome do povo. Julgo identificar-me com ele ao proclamar esta verdade como exigência nacional. Não o compreendendo de outro modo os trabalhadores que mourejam no campo e os operários que labutam nas fábricas. Será trabalhando que melhor poderemos ir ao encontro dos seus anseios — promovendo a criação de mais riqueza, contribuindo para a sua repartição, caminhando para uma maior justiça social.

OS QUATRO REITORES FALAM...

(Continuação da pág. anterior)

50; Biológicas 72; Geológicas 51; Geofísica 2; Matemática Pura 20; Matemática Aplicada 51; Física 32; Química 112; Engenharia Civil 92; Electrotécnica 279; Mecânica 145; Química Industrial 221 e Minas 5.

Um ilustre membro do Governo, num estudo recentemente divulgado pela Imprensa, ao referir-se ao planeamento do desenvolvimento industrial e tendo em conta a entrada do País na competição internacional, chamou a atenção para a importância e grau de prioridade que nos deve merecer a exploração do subsolo nacional. Repare-se na reduzida fre-



PROF. SOUSA PEREIRA

quência actual, na Universidade do Porto, das licenciaturas que poderão conduzir à formação de técnicos com essa finalidade. Outros exemplos poderiam ser apresentados.

Se pretendemos uma Universidade que além da sua missão específica de ensino e de investigação científica também esteja ao serviço das necessidades do desenvolvimento económico e social do País, parece dever começar-se por rapidamente se proceder a uma cuidadosa prospecção, a nível nacional, de quais as exigências presentes, e em futuro previsível, de técnicos e profissionais de formação universitária. É ainda de in-

teresse encontrar forma de esclarecer e orientar os futuros candidatos à Universidade, encaminhando-os para as licenciaturas mais necessárias e úteis ao País.

Os factos apontados revelam a complexidade e urgência de solução dos problemas universitários actuais, e o cuidado que deverá haver ao serem preparados os planos de estudo, os quadros docentes, a orientação da juventude, e o estudo de instalações que sejam adequadas às necessidades do presente e do futuro.

O Reitor da Universidade do Porto

PROF. A. DE SOUSA PEREIRA

PONTO DE VISTA DOS ALUNOS

Resposta de ANTÓNIO MARQUES MIGUEL
aluno de arquitectura da E. S. B. A. L.

P. — Entende que com as ultimas medidas governamentais se iniciou a tão desejada reforma universitária?

R. — Foi tomada uma atitude — recolha dos processos disciplinares decorrentes a alunos universitários.

Nomeadas novas pessoas para lugares já feitos.

«Que fosse eu o últi-

mo a ser recrutado deste modo, à margem da Assembleia Geral da Universidade, do Senado ou dos Conselhos Escolares, já teria valido a pena o sacrifício que a mim próprio imponho desde este momento.» (Palavras do vice-reitor da Universidade de Lisboa, prof. Torres Pereira). Esboçada a reorganização da carreira dos docentes universitários,

Mas, repetiu-se a que «Universidade se pode auto-reformar».

P. — Quas as disposições que julga deverem-se seguir às tomadas já?

R. — Prolongando as linhas anteriores, diria: primeiro que a forma, o conteúdo.

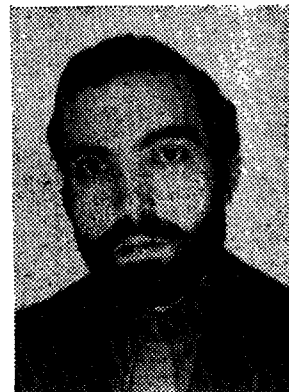
Ensinar ou aprender? Qual Universidade? Universidade o que é?

Universidade de quem e para quem?

O que devemos exigir e o que nos é exigido?

Armazenadores de «cultura» ou trabalhadores de conhecimentos?

Depois é que viria, reformar ou formar, nunca «auto-reformar».



Há que conhecer nas respostas o seu sentido de acção.

Estas disposições devem começar a nível geral, e não pelo particular de cada escola.

Poderão estas coisas serem promulgadas ou, na outra hipótese, serem tomadas para medidas imediatas?

COMECE A PRIMAVERA

COM AS NOVAS COLECÇÕES

DA

LOJA DAS MEIAS

ROSSIO, 1 — LISBOA

fotogravura
DIMAR

Rua da Glória 2 A 3
Telef. 34822 Lisboa



FOTO D'ESA

Seguro de Vida por Medida

Uma oportunidade completamente nova que a Império lhe oferece para estudar a segurança da sua família em moldes diferentes

Viver até um dia, poder ou não dar aos filhos uma preparação para a vida, ser o apoio sólido dos que dependem de nós, ter na velhice um repouso merecido, são coisas incertas e naturalmente inseguras para cada um de nós.

É contra esta incerteza que a Companhia de Seguros Império lhe oferece agora o **SEGURO DE VIDA POR MEDIDA**, que representa uma oportunidade completamente nova para estudarmos o seu caso pessoal em moldes diferentes.

Com o **SEGURO DE VIDA POR MEDIDA**, a Império oferece-lhe **AGORA** um seguro estudado caso a caso, à medida da sua segurança e também à medida das suas possibilidades.

Consulte-nos e estudaremos estas possibilidades para lhe oferecermos um seguro diferente.

Recorte, preencha e envie hoje mesmo o CUPÃO (abaixo). Receberá, completamente **GRÁTIS** e sem qualquer compromisso, uma edição ilustrada com explicações e exemplos sobre o **SEGURO DE VIDA POR MEDIDA**.



À COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO
Rua Garrett, 62 — Lisboa 2

Queiram enviar-me a vossa publicação explicativa sobre o **SEGURO DE VIDA POR MEDIDA**.

NOME _____
ENDEREÇO _____



|| AO SEU SERVIÇO ||

IMPÉRIO
a sua seguradora

RUA GARRETT, 62 — LISBOA 2

O DESPORTO EM CRISE

por FERNANDO FERREIRA

O ATRASO DO PAÍS no campo das actividades gimnodesportivas atinge proporções assaz superiores ao registo, e por todos reconhecido, no campo da instrução pública.

Com efeito, as práticas da ginástica e dos vários desportos introduzidos em Portugal através dos clubes, só tardia-

mente encontraram eco nas entidades oficiais. Só assim se compreende que apenas em 1940 se criasse um estabelecimento especificamente dedicado à formação de agentes de ensino da educação física, dotado de todas as características inerentes.

Ainda mais recente (1942) foi o aparecimento de um órgão de Estado com a incumbência de incentivar, coordenar, promover e fiscalizar as tais actividades em todo o território nacional, a D. G. D.

Não esqueçamos, também, a construção do Estádio Nacional (1942), marco monumental, e até turístico, a assinalar uma data na vida da Nação, mas, até há relativamente pouco tempo, de mínima influência no nosso desporto.

I. N. E. F. Direcção-Geral dos Desportos, Estádio Nacional, iniciativas válidas e bem intencionadas do Governo, que nem sempre, ou pouquíssimas vezes, atingiram os objectivos para que foram criados, devido a nunca terem sido dotados com verbas adequadas para efectiva e progressivamente cumprirem a sua missão, considerando, como se compreende, o longo período antetotobola

O I. N. E. F. alojou-se vários anos em instalações de ocasião, e construídas as instalações da Cruz Quebrada rápida-

mente estas se desactualizaram. Se já hoje conta com um Pavilhão Desportivo, ainda não dispõe de uma piscina.

A D. G. D. vegetou longamente, é o termo numa posição puramente burocrática, sem influência marcante no curso das actividades gimnodesportivas. Uma ou outra iniciativa de valor não produziram a aceleração necessária para lançar aquelas numa senda dinâmica e progressiva de desenvolvimento.

O projecto das instalações desportivas do Estádio Nacional nunca se chegou a completar, nem nos aspectos que interessava, se foi ampliando com o rodar dos anos. Basta considerar que, actualmente já em pleno período de receitas totobolísticas, ainda lhe falta a piscina e, segundo cremos, mais algumas instalações.

Viveu-se longos anos no imobilismo desportivo, na estagnação devida à falta de um progressivo aumento de meios materiais. As nossas insuficiências de raiz quanto ao campo desportivo foram-se agravando mais nitidamente quando as restantes nações do Globo, de melhor nível geral, passaram a conceder aos exercícios físicos ainda mais atenções e superiores meios financeiros.

Por essas alturas, reconhecidas as minguaças verbas orçamentadas com vista ao aprimoramento da saúde e vigor físicos da juventude portuguesa, e

à semelhança do que então se promovia em certos países da Europa, alguns destes até classificados entre os de melhor nível de vida e adiantada civilização, alvitrou-se a instituição entre nós dos «concursos de prognósticos».

Da nossa primeira viagem de estudo à Suécia, no Verão de 1946, vai fazer, portanto, um quarto de século, trouxe-mos para a D. G. D. o «dossier» referente ao «tipsjantz», designação do totobola dos suecos.

Evidentemente, que nem todos os países avançados tombaram nessa solução, de que a vizinha Espanha é um exemplo altamente frizante. A França, e bastos países de Leste, encarregaram-se para a subvenção oficial, com réditos do erário público, no que diz respeito ao incremento da prática e correspondente administração das actividades gimnodesportivas nos respectivos países. Aliás, o Governo espanhol também dedica verbas oficiais às actividades gimnodesportivas.

A inanição, quanto ao Desporto, de meios financeiros ou a relutância em lhes outorgar, por autorização do Orçamento Geral do Estado, levaram os responsáveis da Nação, após uma insistência de vários anos, por parte de alguns sectores, a autorizar a introdução em Portugal dos prognósticos desportivos.



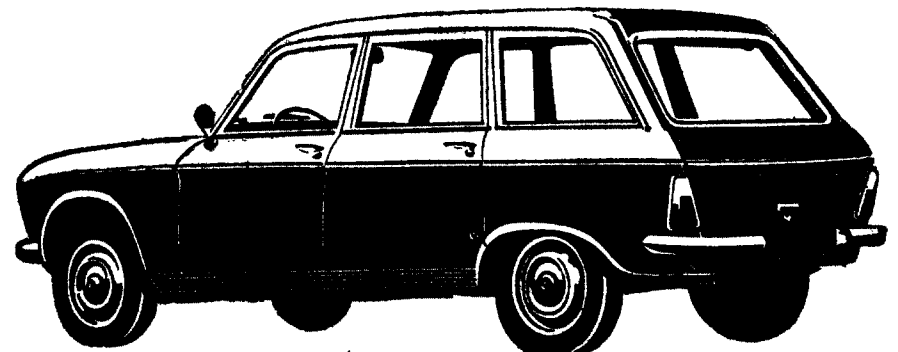
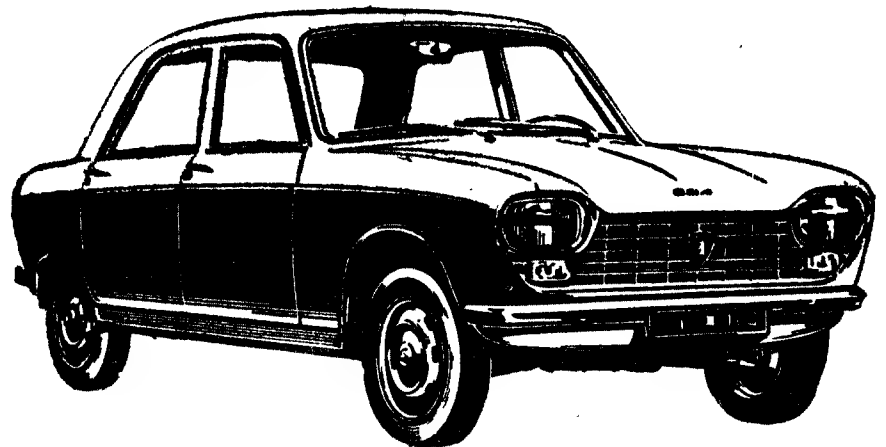
PROFESSOR
FERNANDO FERREIRA



CHOCOLATES DROPS BOMBONS

Regiroa

RUA SA' DE MIRANDA 2, LISBOA-PORTO



204
PEUGEOT

MOCAR, LDA.

Av. Art. Reg. de Agulha, 10-A, 10-B - LISBOA

MOTOR • disposto transversalmente inclinado a 20°
Super quadrado - 4 cilindros
Cilindrada - 1130 c.c.
Taxa de compressão - 9,2/1
Potência - 55 HP
Regime - 5800 r.p.m.
Cabeça em alumínio de câmaras bi-hemisféricas
Válvulas à cabeça
Cambota de 5 apoios
EMBRAIAGEM • de comando hidráulico
CAIXA DE VELOCIDADES • 4 velocidades para a frente, todas sincronizadas
SUSPENSÃO • traseira e dianteira independentes
DIRECÇÃO • de cremalheira
TRAVÕES • de disco à frente, atrás de tambor, assistidos com servo-freio
PNEUS • 145 x 14
CONSUMO • entre 6, 8 e 9,5 l aos 100 Km, segundo carga, percurso e velocidade
VELOCIDADE MÁXIMA • 148 Km/h



O entusiasmo das multidões é uma das características do fenómeno desportivo dos nossos dias

Ainda que parte de certo modo reduzida do bolo total, as receitas totobolísticas constituiram um verdadeiro «mandá» para o idealista arruinado, se bem que trabalhador e dedicado, que era então o «desporto nacional».

Entretanto, o fenómeno desportivo aperfeiçoava-se, alargava-se, atingindo âmbitos desmesurados, e intricâncias, cada vez mais difíceis de compreender pelos leigos na matéria, nos países mais avançados em todos os campos da actividade humana, logo mais receptivos e entendedores quanto à imperiosa necessidade dos exercícios físicos em paralelo com as «benesses» da civilização.

A implantação vitoriosa do milionário totobola em 1961, e a subsequente criação do Fundo de Fomento do Desporto concitaram o júbilo de todos os desportistas dirigidos e dirigentes. O Desporto Português, decrepito, pobretnas, positivamente exangue, ia, finalmente, libertar-se das suas servidões, poder alimentar-se e desenvolver-se, construir casa, organizar-se decentemente, utilizar o avião em vez de viajar deitado durante a noite no chão dos corredores de carruagens de 2.ª classe.

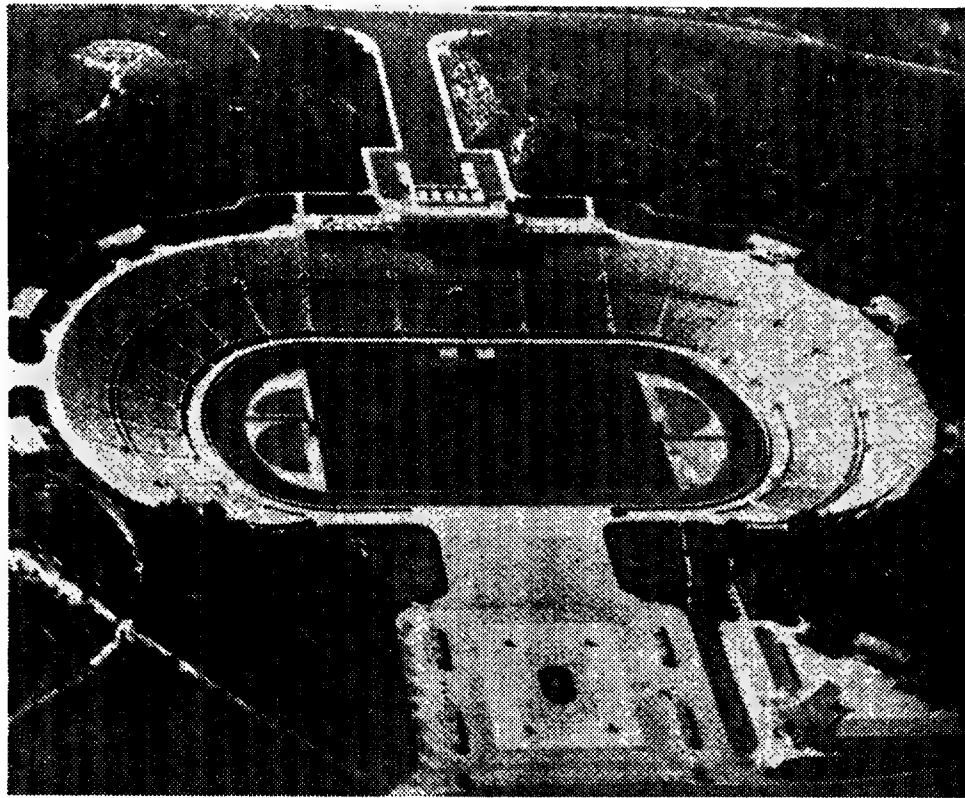
Poderia, enfim, bater-se com dignidade e, quiçá, até com êxito, com nações não muito evoluídas desportivamente e não ser, na quase totalidade das modalidades, «o último, ou o pe-

núltimo, por troca com a Grécia ou a Turquia», segundo as próprias palavras do actual director-geral dos Desportos.

Essa doce ilusão, baseada, é bom lembrarmo-nos, no vil metal, dura vai para nove anos. O dinheiro não dá tudo. Assim como aos ricos, por vezes, falta saúde e felicidade, as verbas do Totobola — 400 mil contos de 1961 a 1969, ainda segundo declarações do director-geral dos Desportos — não trouxeram organização ao raquítico Desporto Nacional. Não admira, portanto, que, tanto o seu nível técnico como a quantidade dos seus praticantes, continuem pobríssimos, apesar das verbas de que actualmente se dispõe. Socorrendo-nos, mais uma vez, das declarações do dr. Armando Rocha, no decurso de uma reunião com dirigentes de vinte federações desportivas — embora cientes da verdade dos nossos conceitos, logo, sem medo que nos apodemem de maldizentes, demagógicos e frustrados — fazemos apenas justiça a este alto funcionário desportivo do Estado pela inteligente análise da situação do Desporto Nacional. Com efeito, o director-geral dos Desportos disse, então: «O nível desportivo do País tem descido francamente».

Perante este panorama, considerando agora o período post-totobola, que conclusões há a tirar? Em nossa opinião, ressalta, primeiramente, a ideia de

que os meios financeiros proporcionados pelo Totobola só em parte, que não é a maior, têm sido rentáveis. A orga-



A construção do Estádio Nacional pode considerar-se como o início de uma nova era para as instalações de desporto-espectáculo. Ao Estádio Nacional outros estádios se seguiram, entre os quais o da Luz, igualmente caracterizado por uma preocupação de monumentalidade

nica e as estruturas do desporto federado, aquele que representa, sob o ponto de vista técnico, a «élite» do País, continuam arcaicas, não devidamente mentalizadas nem dinamizadas para gerir as suas actividades com modernidade, de uma maneira evoluída. A educação física escolar, continuando pa-chorrentamente só a aplicar-se com efectividade no ensino médio, e, apesar de progressos sob certos aspectos, claudica e começa a sofrer de divergências resultantes da proliferação de teorias e procedimentos nocivos à boa marcha do ensino.

Da observação deste panorama desprende-se, implicitamente, a ideia de um desfasamento total, cujas culpas, as principais e mais responsáveis culpas, só se podem assacar aos dirigentes máximos do Desporto Português. Uma coisa é certa: os dinheiros do Totobola continuam a escoar-se ano a ano. Resta-nos, porém, a esperança de que, pairando mais alto, o Governo, apesar de preocupado com outros instantes problemas da vida nacional, não descure a solução, para nós também instante, visto tratar-se da saúde e vigor físico do Povo Português, das questões ligadas à Educação Física e Desportiva do País.





CONTINUARÁ O ESPECTÁCULO DESPORTIVO A SER UM ESPECTÁCULO DE MASSAS?

HA SÉCULOS que o espectáculo desportivo atrai as multidões exercendo sobre elas uma acção mais ou menos alienatória, mas sempre propicia a um extravasar de emoções impossível de verificar-se em qualquer outro espectáculo. O espectáculo desportivo é, actualmente, o espectáculo das multidões. Até que ponto, porém, este aliciante espectáculo estará ameaçado pelas mutações que o avanço tecnológico e o progresso social imprimem aos hábitos e ao gosto dos indivíduos? Continuará o espectáculo desportivo a ser, no futuro, o grande e absorvente espectáculo das multidões ou será que a promoção social dos povos e, em muitos casos, a sua emancipação política e económica virá provocar a fuga da bancada da grande massa de espectadores, solicitadas e atraídas por outros lazeres que anteriormente lhes estavam vedados? Algumas figuras de relevo do meio desportivo nacional respondem a

este breve inquérito, pronunciando-se sobre uma questão que inquieta já os mais esclarecidos dirigentes desportivos.

Em muitos países, e muito principalmente nos Estados Unidos, o espectáculo desportivo é já independente do próprio desporto em si, tornando-se uma actividade dos «business-men», encarada e realizada segundo as mais sadias normas de gestão comercial. O desporto, no seu mais limpo estado de pureza, pode, assim, ser comprado como mercadoria capaz de ser vendida às massas sob a forma de espectáculo. Nesta base, o seu progresso nos anos futuros e o progresso do próprio espectáculo parecem não oferecer dúvidas.

A pergunta que pusemos aos nossos entrevistados foi a seguinte: «Acha que o espectáculo desportivo continuará, no futuro, a ser um espectáculo de massas?».

ABRAHAN SORIN:

«É natural que sofra se não for protegido»

Destacado elemento do departamento de futebol do Sporting, Abraham Sorin, que conhece toda a ambiência do espectá-

culo desportivo, admite certas dúvidas, quanto à sua expansão, declarando:

— O espectáculo desportivo, se não for protegido contra o ataque da TV, é natural que sofra. No entanto, eu defendo a hipótese de que

a TV acaba por fazer mais propaganda do que concorrência. Desde que o espectáculo desportivo seja de valor terá sempre o seu público. No entanto, pode vir a ser necessário proteger o espectáculo desportivo das inclemências do tempo. O público exigirá, no futuro, mais comodidade

do que aquela que hoje lhe é oferecida.

DR. JOSÉ MARIA ANTUNES:

«O espectáculo desportivo continuará a ter o mesmo interesse»

Para o dr. José Maria Antunes não haverá no espectáculo desportivo qualquer crise que o impeça de ser o entretenimento das massas.

— Na minha opinião, o espectáculo desportivo, que já vem da antiguidade, continuará a ter o mesmo interesse. Estou convencido de que vai haver mutações na preferência, como houve desde a Grécia antiga até hoje, tal como tem havido mutações no espectáculo teatral. A natureza humana essa não se modificou. Temos necessidade de competir e, quando há competição, há espectáculo. Todos os lazeres que poderiam competir com o espectáculo desportivo acabam por cansar. O indivíduo terá que preparar noutro ambiente a sua necessi-



ABRAHAN SORIN

Dentadura postíça? Finalmente pode esquecer-se dela!

O **Pó Fixativo Dr. Wernet** conserva os seus dentes firmes, no lugar certo. Pode mastigar com confiança, beber líquidos quentes, rir e falar livremente, sentindo-se senhor de si, sem sequer pensar que usa dentadura.

O **Dentu-Creme** é a pasta de dentes especialmente concebida para dentes postíços. Contém 4 ingredientes especiais:

- 1 - Um produto especial que conserva os dentes com um aspecto saudável.
- 2 - Um produto que torna os dentes naturalmente brancos.
- 3 - Um preparado de hexaclorofene anti-infeccção.
- 4 - Um desodorizante que dá à sua dentadura e à sua boca uma frescura inigualável.



Usando o pó **Fixativo Dr. Wernet** deixará de se preocupar com os dentes postíços e, com **Dentu-Creme**, sorria e esqueça-os.

EXTERNATOS

• **LEAL CONSELHEIRO**

Rua do Alecrim, 47, 2.º — Telefone 32 69 57

• **NOVO RUMO**

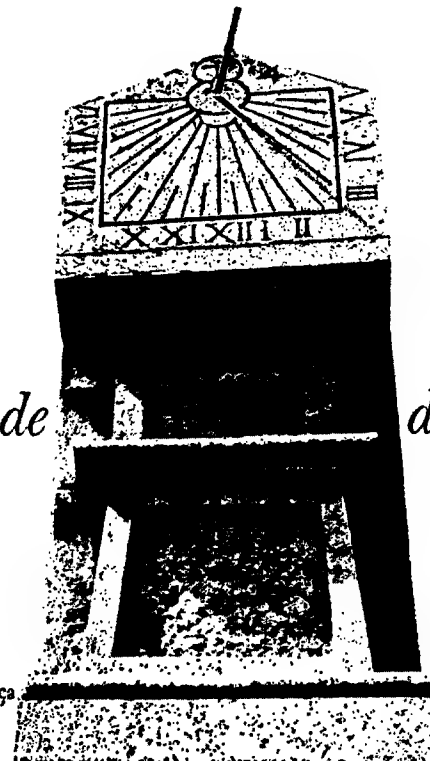
Fraça Luís de Camões, 6, 1.º, E.º — Tel. 36 14 26

Cursos intensivos de **ADULTOS**

a idade da razão é a idade da experiência



30 anos de publicidade de progresso e de confiança



INTERNATIONAL MARKETING ASSOCIATION

RIZZOLI PUBBLICITÀ

7 desportistas respondem



JOSÉ MARIA ANTUNES

dade de movimento. Existirão sempre pessoas que vão assistir aos jogos porque há competição. E a vida foi sempre competição.

JOAQUIM CAMPOS:

«O desporto continuará a arrastar as multidões»

O árbitro internacional Joaquim Campos acredita no próprio desenvolvimento do espectáculo desportivo.

— Não creio que o desporto esteja condenado pelo facto de uma certa parte da juventude se ter divorciado desses problemas. A minha opi-



JOAQUIM CAMPOS

nião é, até, de que há tendência para um entusiasmo cada vez maior. Muitos não terão predilecção pelo desporto mas há sempre uma renovação de entusiasmo e o futebol e outros desportos continuarão a arrastar multidões. Veja-se o

caso do F. C. Porto, por exemplo, que tem feito esta época maus resultados e a sua massa associativa continua a ser enorme, enchendo o estádio, o que prova que o público não vai atrás dos resultados mas sim do verdadeiro espectáculo. Penso que há possibilidade de incrementar outros desportos, mas o futebol, será sempre rei, embora para mim não



FERNANDO VAZ

seja o mais espectacular dos desportos.

FERNANDO VAZ:

«Uma evasão para o praticante e para o público»

O treinador Fernando Vaz pronunciou-se do seguinte modo:

— Penso que, no futuro, os espectáculos desportivos de toda a natureza serão até uma preocupação dos governos na medida em que proporcionam uma evasão benéfica para a sociedade. Cada vez mais, seja qual for a modalidade, o desporto é uma necessidade irreprimível e profunda da natureza humana. Isso conduzirá a uma integração de todas as actividades desportivas nas próprias escolas, universidades, etc., e determinará uma maior amplitude do es-

pectáculo de massas. Todas as modalidades estão a ter cada vez mais incremento, até mesmo ao nível nacional. O desporto representa para o praticante uma evasão benéfica e para o espectador o meio para o qual pode canalizar muitos dos seus impulsos. Ao pretender um espectáculo que o emocione, o espectador vai dar evasão a si próprio e cana-

lizar excedentes de energia psíquica. O espectáculo é a primeira coisa que o espectador vai procurar.

AIRES DA SILVA:

«Cada vez é maior a ânsia de distração das multidões»

Um dirigente do automobilismo, desporto com larga audiência entre o público, também depôs:

— Acredito que o espectáculo desportivo seja no futuro o espectáculo das massas. Cada vez é maior a ânsia de distração das multidões. Isso levará até a que essas mesmas multidões se dispersem pelos diversos espectáculos. Não vejo razões para que assim não aconteça e, neste momento, não vejo também que o espectáculo desportivo esteja em crise. Cada vez há mais es-

pectadores. No caso do automobilismo, o interesse aumenta na razão directa do próprio interesse do espectáculo e de uma boa publicidade que se faça. Quanto a mim, a exploração do desporto como espectáculo de massas entre nós está ainda a começar, excepto no futebol e no boxe, que são espectáculos inteiramente dominados pelo sentido comercial, o que lá fora acontece em relação a muitas modalidades.

MATOS FERNANDES:

«Só o futebol consegue arrastar multidões»

O antigo atleta benfiquista Matos Fernandes considera que apenas o futebol arrasta multidões, a menos que se trate, por exemplo, de um Benfica - Sporting. Mas esse público já não vai pelo espectáculo desportivo em si. Vai apenas pelo seu clube. De qualquer forma acredito que, no futuro, o desporto continuará a ser um espectáculo de massas, e tudo será melhor que o passado. De 1938 para cá, quando comecei, tenho observado que tudo evoluiu.

SIMÕES:

«O espectáculo desportivo continuará a manter a sua posição»

Ao longo de uma carreira repleta de desloca-



MATOS FERNANDES

ções e actuações nos mais diversos ambientes, o futebolista Simões é um dos homens que melhor podem ter sentido a evolução do interesse das multidões.

— Na minha opinião, o desporto continuará a ser um espectáculo de massas. Aliás, naquelas modalidades dadas como amadoras, nos últimos anos tem-se visto uma maior assistência e um maior interesse. De resto, tem sido objectivo das pessoas responsáveis por essas modalidades um maior contacto internacional para despertar o interesse do público. Em todos os países

em que tenho actuado encontro um interesse total do público, inclusive do público neutral, que aplaude tudo o que de bom se passa no espectáculo, neste caso o futebol. Assisti já, em alguns países onde tenho estado, a jogos de basquetebol e andebol, e o público aplaude da mesma forma e dá a sua adesão ao espectáculo.

Em conclusão, penso que o espectáculo desportivo continuará a ser um espectáculo de massas, que o público prefere a muitas outras distrações e o desporto continua a manter a sua posição quanto a interesse e a espectáculo.



SIMÕES

Uma sensação
de prazer
e frescura

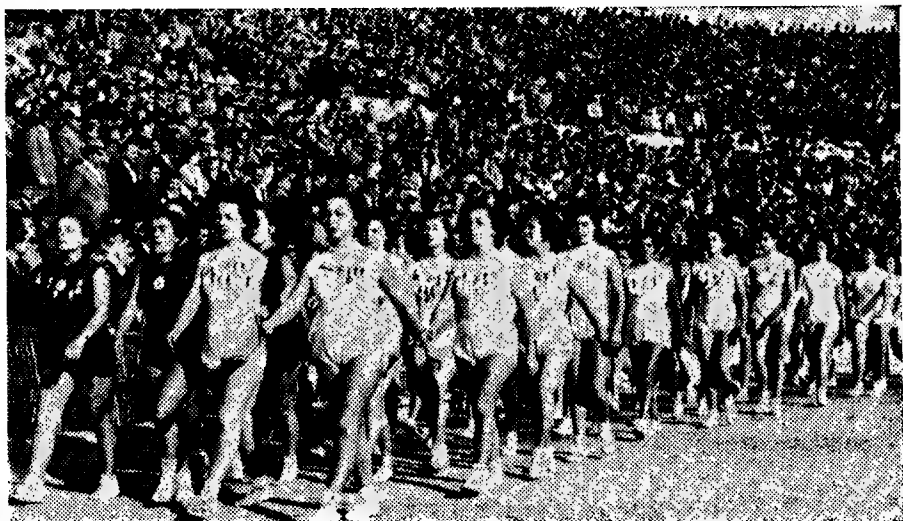
kayak

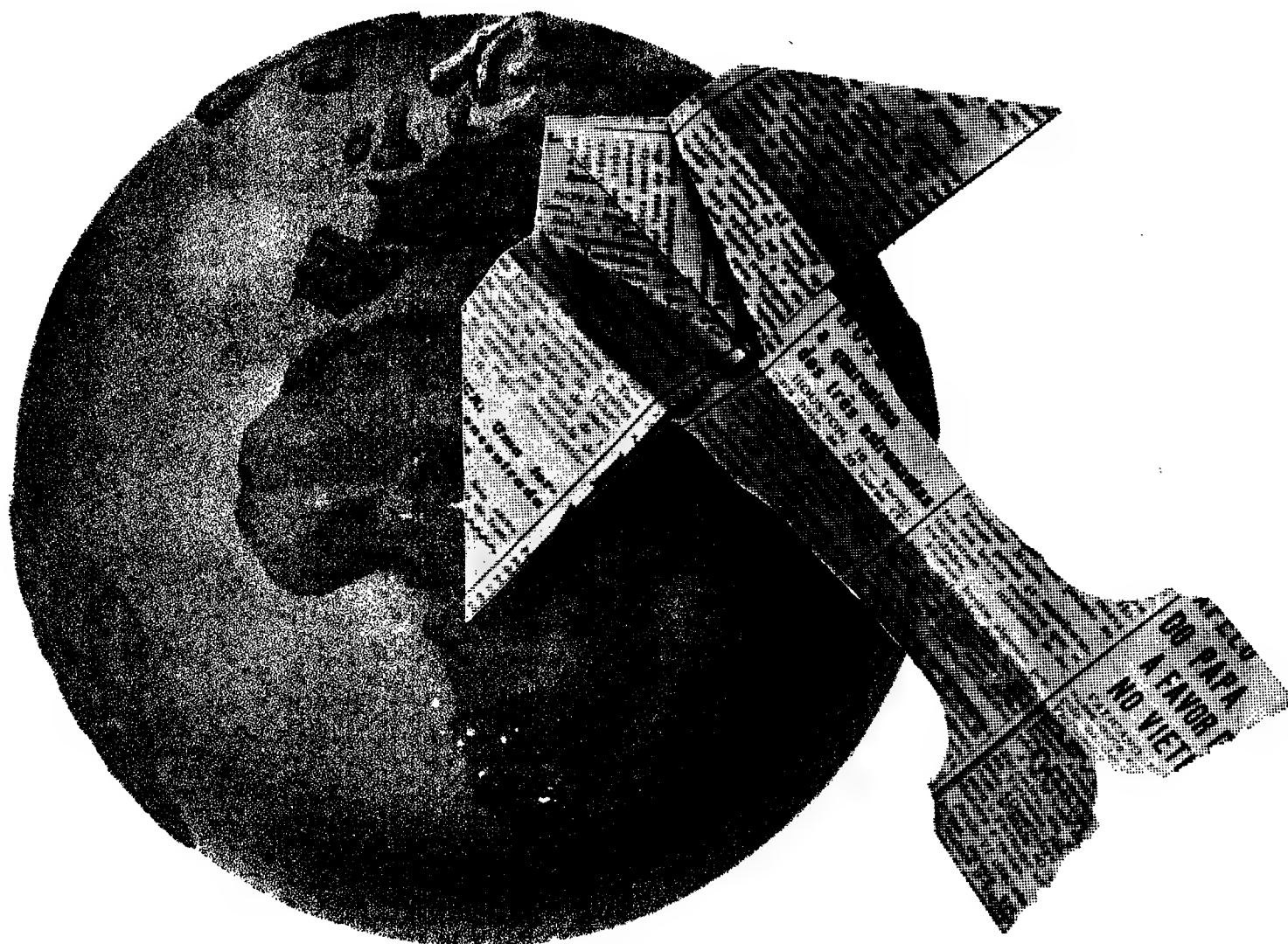


MULTIFILTRO MENTOLADO



A TABAQUEIRA



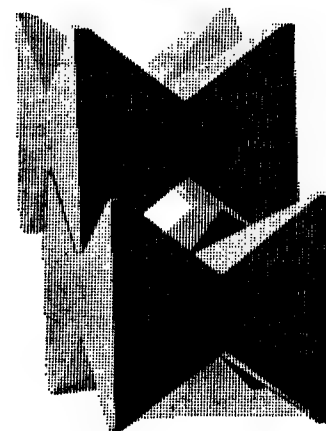


Sabemos que o mundo é pequeno

que as distâncias se reduzem e os mercados se expandem e que as fronteiras começam a tornar-se obsoletas, que se anda mais depressa e que "todos aprendemos com todos!"

Por isso nos associámos à MULTI-NATIONAL PARTNERS, S.A., uma grande associação de agências de publicidade, cujo volume de negócios excede os 200 milhões de dólares, emprega 2.000 pessoas e opera em 36 cidades de 19 países

Africa do Sul - Forsyth & Associates
 Alemanha - Werbeagentur Dr. Hegemann GmbH
 Austria - Publicitas Werbeagentur
 Bélgica - Dechy Société Anonyme
 Canadá - James Lovick Limited
 Dinamarca - Erik C-Eberlin Reklamebureau A/S
 Espanha - Tiempo/Synergie S.A.
 U.S.A. - D'Arcy Advertising Company, Inc.
 Finlândia - Markkinointi Viherjuuri (mv)
 França - Synergie Publicité
 Holanda - Van Buuren, Van der Burg & Hegemann
 Inglaterra - C. Vernon & Sons Ltd.
 Itália - Stile-D'Arcy
 Líbano - Promotec
 México - D'Arcy Advertising Company, Inc.
 Noruega - Viking Reklamebyrå A/S
 Portugal - Exito-Agência de Publicidade, Lda.
 Suécia - Viking Annonssbyrå AB
 Suíça - Bureau d'Etudes Publicitaires BEP S.A.



somos uma moderna agência de publicidade de serviço completo



EXITO - Agência de Publicidade, Limitada

O TRABALHO E O JOGO

PARA ESTABELECE o paralelo com o inquérito sobre desporto-espectáculo, reproduzimos, a seguir, uma mesa-redonda sobre «O trabalho e o jogo», levada a efeito no Clube Shell. Nela intervieram José Fernandes Fafe, José Esteves e Joel Serrão (todos eles colaboradores do «Diário de Lisboa»), padre José Carlos de Sousa e o psicanalista João dos Santos.

**JOSÉ FERNANDES FA-
FE** — Nós combinámos di-
vidir o tema «O trabalho e
o jogo» em três subtemas.
Primeiro, as noções que
cada um dos intervenientes
usa no debate. Haverá de-
pois um intervalo para que
a assistência possa fazer
quaisquer perguntas sobre
este subtema.

Segundo, a experiência
profissional de cada um
dos participantes a respei-
to do trabalho e do jogo.
Depois, novamente um in-
tervalo, para quaisquer per-
guntas da assistência sobre
este subtema.

E, por fim, a questão de
se o trabalho se pode trans-
formar em jogo. No fim, es-
peramos que o público pon-
ha problemas, portanto,
vou começar por pedir aos
participantes que nos di-
gam com que noções de
trabalho e de jogo entram
neste debate.

JOSÉ ESTEVES — Não
sei se é contra as regras
do jogo, mas tenho desde
já uma proposta a fazer.
Proponho que José Fer-
nandes Fafe se não limite
a moderar, mas entre tam-
bém como participante acti-
vo, considerando que se
trata de um artista e de
um ex-professor de Filoso-
fia, e é muito importante
que ele participe. Se todos
estão de acordo seremos
cinco e não quatro partici-
pantes, nesta mesa quase
redonda.

Eu estou aqui natural-
mente como homem de
desporto atento à relação
entre o jogo e o desporto.
Tenho experiência de qua-
se trinta anos de activida-
de, não só como professor
de Educação Física, orien-
tando jogos de natureza
educativa, com crianças do
1.º ciclo, mas também co-
mo treinador de desporto
com uma longa experiência
e que levantou o problema
muitíssimas vezes. Que re-
lação há entre o desporto

e o jogo, qual é o conteú-
do único do desporto? Pa-
ra responder a estas duas
perguntas eu peço desde
já a vossa colaboração —
o que, provavelmente, será
contra as regras do jogo.

Permito-me fazer uma
pergunta, aliás duas per-
guntas, para as quais soli-
cito desde já as vossas res-
postas. Na vossa opinião,
qual é o factor, qual é o
aspecto, qual é o sinal
mais visível das pessoas
que jogam? Gostaria que
qualquer das pessoas
adiantasse já uma explica-
ção, uma resposta. Quando
nós vamos jogar os adul-
tos ou as crianças, qual é
o factor mais visível que
nos permite dizer que eles
estão a jogar? Algumas das
senhoras, alguns dos se-
nhores pode ajudar na res-
posta a esta pergunta? Quando as crianças jogam,
particularmente as crianças,
que cada vez jogam mais,

qual é o sinal que nos per-
mite saber que eles estão
a jogar? O factor que nos
permite dizer que as crian-
ças ou os adultos estão a
jogar é a alegria. Estão de
acordo com esta palavra?
O prazer, satisfação, ale-
gria. Alegria que será, por-
tanto, uma demonstração
do prazer que sentem.
E agora permito-me fazer
uma distinção entre a ale-
gria daqueles que jogam,
a alegria de todos os par-
ticipantes, a alegria comuni-
cada, e a alegria só da
parte dos participantes do
grupo, uma alegria que se
conquista à custa ou atra-
vés da tristeza daqueles
outros participantes.
É uma distinção que eu po-
nho desde já à vossa con-
sideração porque me pa-
rece que através dela che-
gamos provavelmente a
uma filosofia do jogo e
talvez até a uma filosofia
de convivência social. Uma
das actividades humanas
é que há menos alegria
em precisamente a activida-
de desportiva de competi-
ção, da alta competição, a
actividade desportiva em
que a alegria daqueles que
ganham é conquistada à
custa da tristeza daqueles
que perdem.

JOEL SERRÃO — Talvez
valha a pena lembrar a eti-



NO CLUBE SHELL: A assistência entrou no debate

Esteves Dias quer que
eu participe inteiramente
nesta mesa-redonda come-
ço por lembrar que o
José Esteves e o dr. João
dos Santos apresentaram o
prazer como característica
essencial do jogo. Estou
inteiramente de acordo.

Joel Serrão caracterizou
o trabalho como imposição,
acrescentando que o traba-
lho podia no entanto vir a
ser livremente aceite. Este
livremente levanta alguns
problemas, mas não é a
ocasião de abordá-los a
fundo.

Se, quanto a tónica no
prazer, quanto ao jogo, e
na imposição, quanto ao
trabalho, parece-me que a
questão fica bem centrada.
Podem conceber-se socie-
dades em que o trabalho
não seja uma imposição?
Não creio. Não é concebi-
vel que uma sociedade
possa subsistir sem traba-
lho — por mais reduzido

ção, necessidade na activi-
dade de jogo.

Ainda assim, ainda admi-
tindo este determinismo do
inconsciente, o sujeito, em
consciência, vive, o jogo
como actividade livre, sen-
te que joga porque quer
jogar.

De forma que — no pla-
no da consciência — a des-
truição é possível: vive-se o
trabalho como uma impo-
sição, vive-se o jogo como
liberdade. Não vejo que
haja outra maneira de os
distinguir. Podemos distin-
guir com alguma clareza o
jogo do trabalho. É-se obri-
gado a trabalhar para vi-
ver. Ao passo que o jogo
é alguma coisa que o su-
jeito vive, é uma actividade
livre.

**PADRE JOSÉ CARLOS DE
SOUSA** — Para participar
também neste início de con-
versa começava por lembrar
uma frase que na minha ju-

dicar-nos não apenas ao
descanso, mas ao jogo.

DR. JOÃO DOS SANTOS
— Eu, como psicanalista,
creio que devo insistir so-
bretudo nos aspectos ge-
néticos do trabalho e,
assim, começaria por lem-
brar que para jogar é ne-
cessário ter um corpo e um es-
pírito. Um corpo, um físico
e uma actividade psíquica
e lembraria, portanto, os
primeiros jogos da criança
pequena entre os quais o
jogo do espelho. O jogo do
espelho consiste na desco-
berta, pela criança peque-
na, de que o espelho re-
presenta a sua própria pes-
soa e na satisfação que a
criança encontra em encon-
trar uma projecção do seu
próprio corpo. Aliás, pode-
ríamos encontrar no dese-
nho da criança pequena
uma projecção do seu pró-
prio corpo. No entanto é
preciso que a criança com-
pare o seu próprio corpo
(a sua própria pessoa)
com outra para que isso
lhe permita julgar. Mais
tarde a criança entra em
actividades pré-lúdicas uma
das quais (e parece ser a
mais importante) é o jogo
do carrinho de linhas, des-
coberto por Freud com
uma criança de sua famí-
lia, que tinha 18 meses e
se entretinha a lançar ob-
jectos do canto da sala
onde habitualmente estava
e que, a certa altura, des-
cobriu um jogo que consis-
tia em lançar um carrinho
de linhas preso por um cor-
del que ela puxava para
poder fazer reaparecer
aquele que tinha desapare-
cido. Estas actividades pré-
lúdicas seriam o princípio
da representação mental, o
princípio, portanto, de uma
actividade psíquica. A crian-
ça, não podendo suportar
o desaparecimento momen-
tâneo da mãe sem ter pa-
pel activo nesse desapare-
cimento, jogava com um
carrinho de linhas para di-
zer a si própria: «Ela desa-
parece mas eu faço-a vir
quando eu entendo». Isto é
talvez um bocado complexo
para que todos percebam
mas poderei responder às
questões que me forem
propostas.

A propósito de prazer,
do prazer que as pessoas
sentem em jogar, eu lem-
braria ao dr. José Este-
ves e a todos os partici-
pantes que na verdade as
pessoas têm um certo pra-
zer em representar atrage-
dias, em assistir à repre-
sentação de tragédias, isto
é trágico mas eu jogo com
o que é trágico. E a partir
desses jogos simulados em
que a criança interioriza os

(Continua na página seguinte)



JOSÉ ESTEVES: «O jogo é uma manifestação de alegria»

mologia das duas palavras
em causa. Trabalho vem de
tripalio que era o aparelho
que os ferradores usavam
para manter a besta fixada,
enquanto o ferrador fazia o
seu trabalho. Daí, o signifi-
cado de sujeição ligado à
palavra.

Entendo que o trabalho
é o esforço despendido de
disposições e necessidades
especiais, livremente acei-
te, ou meramente sofrido.

Jogo vem de uma pala-
vra latina que significava
jogo das palavras e que, aliás,
não se distinguia de
uma outra palavra que di-
zia respeito, propriamente,
ao jogo, acção. Eu diria,
portanto, que o jogo é o
esforço despendido em vis-
ta do prazer.

**JOSÉ FERNANDES FA-
FE** — Já que o professor José

que este seja. O trabalho
é, pois, sempre, uma ne-
cessidade objectiva, e a
consciência dos indivíduos,
subjectivamente, ele surge
como uma necessidade vin-
da do exterior, que se im-
põe ao indivíduo.

Posto assim o problema,
parece-me que a distinção
entre trabalho e jogo fica
muito facilitada. O jogo se-
rá uma actividade que, ao
contrário do trabalho (im-
posição) se realiza porque
se quer. Jogamos porque
nos apetece jogar, com in-
teira liberdade escolhemos
jogar e deixamos de jogar.

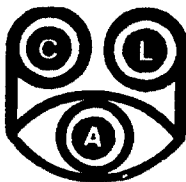
Bem sei que há uma
objectação de monta ao que
acabo de dizer, vinda da
Psicanálise. (Não é, dr.
João dos Santos?) Freud
afirma que o jogo é deter-
minado pelo inconsciente,
há, portanto, aí determina-

ventude ouvi bastante e que
na altura não fui capaz de
compreender, a qual se en-
quadra perfeitamente aqui:
o jogo é a coisa mais sé-
ria que o homem faz. Eu
julgo que tem uma impor-
tância extraordinária na me-
dida em que ao fazermos
a relação entre trabalho e
jogo eu afirmaria que o
trabalho deixa de ser um
estado da pessoa para ser
uma imposição da pessoa,
na medida em que o traba-
lho se transformou em meio
de subsistência para a so-
ciedade. Ao passo que é a
gratuidade que marca fun-
damentalmente o jogo. As
grandes reivindicações fei-
tas no trabalho têm sido
reivindicações para poder-
mos ter mais tempos livres,
para ter seis horas de tra-
balho, para podermos de-

PENSE

NO SEU FUTURO

São ILIMITADAS as suas possibilidades
se FALAR LÍNGUAS



CURSOS RÁPIDOS no
**CENTRO AUDIO-VISUAL
DE LÍNGUAS**

Praça Luís de Camões, 36-3.

LISBOA — Chiado — Tel. 34 988

Poderá o trabalho transformar-se em jogo ?

(Continuação da pág. anterior)

problemas, em que a criança projecta os seus problemas e descobre imensas coisas a jogar. Portanto, antes da idade esco-

lar, como eles conhecem tudo da vida, sabem que há mistério e problemas nas relações humanas entre os adultos e ao mesmo tempo são profundamente «ignorantes». Estou

de acordo com o dr. Faïe quando ele diz que há uma necessidade de trabalho que vem do exterior. Eu julgo que o trabalho é essencialmente trabalhar a matéria, trabalhar os mate-

riais, trabalhar a madeira, trabalhar a pedra, trabalhar a tinta e trabalhar todas as coisas que são palpáveis.

JOSÉ ESTEVES — Um célebre psicólogo americano de origem alemã fez

experiências com três grupos de crianças: um a que chamou ditatorial, autocrático, um outro democrático e outro anárquico. O professor do primeiro grupo mandava tudo e as crian-

ças tinham apenas de cumprir estritamente as suas indicações. No grupo democrático o professor propunha trabalho, ouvia opiniões e tudo se fazia em equipa. E no grupo anárquico dava breves indicações e deixava as crianças entregues a si próprias. O grupo em que as crianças participavam mais humanamente era exactamente o democrático.

Volto ao jogo e ao desporto, e àquilo que me diz mais directamente respeito. Quando perguntei qual era o sinal mais visível, algumas pessoas indicaram a competição. A competição é realmente fundamental no jogo, mas quando se compete com outro indivíduo há que distinguir dois conceitos de competição. A competição-colaboração (são precisos os adversários do lado de lá da rede para jogar o voleibol) e a competição hostilidade em que o adversário do lado de lá não é colaborador. É um inimigo, a quem eu tenho de ganhar um determinado prestígio que resalta do jogo. Ou perante o qual eu perco uma determinada parte de prestígio social, com todas as frustrações que isso pode originar. Este é o tipo acabado, é o tipo perfeito da competição desportiva: o adversário não colaborador mas o adversário inimigo.

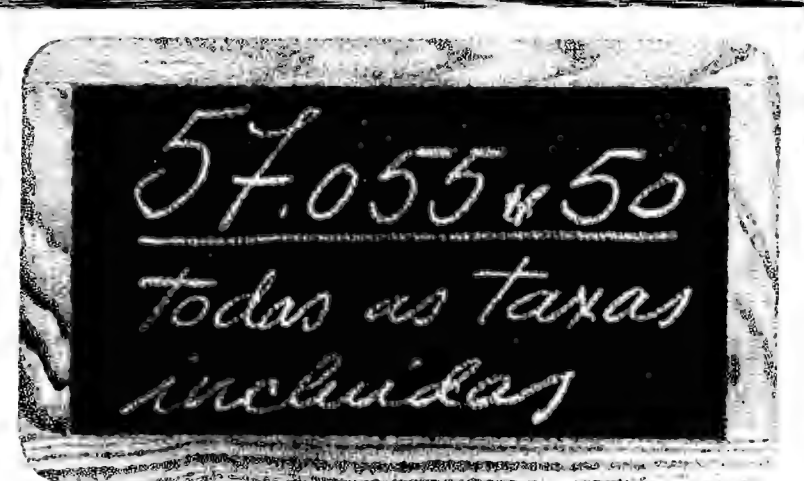
JOÃO SANTOS — Quando distingui trabalho e jogo, lembrei-me de Picasso. Picasso, que conheci pessoalmente, é um homem que ri da cabeça aos pés. E ao mesmo tempo lembrei-me de Picasso em dois filmes em que ele entrou. Um que não foi exibido em Portugal e em que Picasso aparecia juntamente com um grande escritor a apresentar uma cena com as suas cerâmicas. Ele põe os pratos com umas caras e põe os pratos dentro. Picasso põe as cerâmicas, os pratos com caras diante da sua própria cara e representa uma cena em que faz pantominas. Noutra sequência do filme ele aparece a tomar banho na praia, sai do mar, sai das ondas muito satisfeito, vem para a praia e desenhava na areia figuras. Num outro filme que me parece significativo e que também não foi exibido em Portugal, vemos Picasso a procurar encontrar alguma coisa com muita dinâmica. Ele pinta sobre uma tela transparente, rasga papéis, recebe e transforma e nós apercebemo-nos realmente quanto dinamismo há naquelas telas, já um tanto cristalizadas, que são os quadros de atelier e de exposição.

JOSÉ FERNANDES FAÏE — Dado o adiantado da hora, será melhor saltarmos a segunda parte e passarmos à terceira: Pode o trabalho transformar-se em jogo?

JOSÉ ESTEVES — Pois sim. Sob certas condições: a que corresponderão habitualmente a um tratamento amistoso, sem hostilidade, sem ambições, sem frustrações. Isto é fundamental do que se queria demonstrar: num ambiente de colaboração colectiva, as pessoas, a certa altura, encontram uma sensação de bem-estar, através desse trabalho de participação.

Existe na nossa sociedade

vale a pena medi-lo aos contos de reis



Percorra palmo a palmo o Viva Standard. Procure conhecer concretamente as vantagens que ele oferece:

Linhas simpáticas e elegantes, espaço interior vasto, mas aconchegado, condução rápida e segura, grande porta-bagagens, motor saudável e resistente (57 Hp às 5400 r.p.m.).

Depois, no seu concessionário Vauxhall, pergunte o preço. Verá que vale a pena medi-lo aos contos de reis.

VAUXHALL

VIVA STANDARD



MARK OF EXCELLENCE Um produto GENERAL MOTORS montado em PORTUGAL com assistência técnica em todo o País.

57 contos de boa marca

(Continua na pág. 48)

O CINEMA EM PORTUGAL

E A PROJECTADA PROPOSTA DE LEI

Com o objectivo expresso de enfrentar a «crise do cinema português» e «ir ao encontro de solicitações que, no sentido de uma reformulação da política do cinema» lhe vinham desde há algum tempo a ser dirigidas «pelos sectores implicados e de que a Imprensa amiúde se fez eco», enviou o Governo à Assembleia Nacional um projecto de proposta de lei, que está neste momento a ser estudado pela Câmara Corporativa, para formulação do respectivo parecer. Na base do novo diploma, como se diz no intróito respectivo, figura a criação do Instituto Português de Cinema (subordinado à Direcção-Geral da Cultura Popular e Espectáculos), que sucede ao Fundo de Cinema Nacional e através do qual «passará a processar-se a acção orientadora, de coordenação e fiscalizadora de toda a actividade

cinematográfica nacional, designadamente no que respeita ao fomento e disciplina dos diferentes sectores da indústria de cinema (produção, estúdios e laboratórios, distribuição e exibição), relações internacionais aos níveis cultural, técnico e económico-financeiro, realização de festivais, cinema de amadores, publicações e organizações especializadas, incluindo a Cinemateca Nacional.»

Pareceu-nos, por isso, oportuno analisar alguns dos problemas com que se debate o cinema entre nós, bem como certas das suas mais legítimas aspirações. Para isso reunimos, em volta de uma mesa, quatro individualidades ligadas a diferentes sectores da actividade cinematográfica.

MANUEL DE AZEVEDO — Creio que podemos começar pelo enunciado geral das realidades cinematográficas portuguesas e, depois, considerar em que medida as soluções preconizadas no projectado diploma respondem às esperanças dos diferentes sectores.

LUIS SILVA — Parece-nos que uma lei chamada «de protecção do cinema nacional» deveria ter em conta as realidades... e uma realidade de momento é a crise do cinema, crise a nível mundial e, naturalmente também, a nível nacional. Internacionalmente a crise faz-se sentir mais no aspecto da produção. O cinema americano, por exemplo, está a atravessar neste momento uma crise que é pior do que a que sofreu no período da depressão, em 1929-30. Ora aí está a ideia da dimensão da extraordinária crise do cinema americano, com todos os reflexos que poderá vir a ter sobre os restantes países, pois estou certo de que todos reconheceremos que o cinema americano ainda hoje domina o panorama mundial, pelo menos quanto às estruturas.

Ao nível nacional, os problemas são vários, alguns deles como reflexo da crise que se sente na América, na França, na Itália, em todos os países onde a produção é uma realidade, e outros por razões puramente locais. O aparecimento da televisão, por exemplo, veio criar uma concorrência grave ao cinema e há outros fenómenos de ordem social diversa. Se de facto nós somos um País que está a evoluir, dos países que mais rapidamente estão a evoluir na Europa — e isto é muito importante — do ponto de vista social, do ponto de vista do rendimento nacional bruto, do ponto de vista de produção nacional, isso traz um reflexo negativo ao cinema. O facto de as populações viverem hoje, de uma forma geral, francamente melhor do que viviam, tem reflexos negativos no cinema e todos nós podemos desenvolver este ponto de vista e chegar às conclusões naturais. O cinema, sendo um espectáculo essencialmente popular, deixou de constituir uma necessidade entre as primeiras, na medida em que as pessoas têm várias opções.

MANUEL DE AZEVEDO — De qualquer modo, menos acessível do que já foi...

LUIS SILVA — Esta crise existe. Mas para além desta crise há uma indústria, com um conjunto de estruturas já perfeitamente formadas. Eu refiro principalmente a estrutura da exibição, estruturada com os seus quadros e, naturalmente por isso mesmo, com as suas responsabilidades. A apoiar toda esta estrutura, chamemos-lhe industrial, existe a distribuição. Isto existe como uma estrutura económica. E há inúmeras pessoas que vivem disso e, portanto, à mercê do agravamento de uma situação que já de si e neste momento é precária.

Portanto, o que é que se pretende da lei de cinema, ou que eu julgo se deveria pretender de uma lei de cinema? Por um lado, seria uma melhoria das condições de trabalho das estruturas já criadas, porque elas é que são uma realidade, porque existem centenas e milhares de pessoas que vivem e ganham o seu pão desta actividade. Por outro lado, há um problema de produção. Ora se eu julgo que a produção existe a um nível que talvez pudesse classificar, se mo permitissem, terrivelmente limitado. Se nós considerarmos que a produção no nosso País se pode nivelar a zero — e interrompam-me, por favor, se não estão todos de acordo comigo...

FERNANDO LOPES — Estamos de acordo.

SEIXAS SANTOS — Sim, três a quatro filmes por ano não representam nada do ponto de vista industrial. É zero.

LUIS SILVA — Consideremos, portanto, que a produção é zero. Ora a nós parece-nos que há uma preocupação na lei do cinema de saltar do zero para o cem, quer dizer, sem mais nada. Vamos daqui e amanhã produzem-se não sei quantos filmes de fundo e produzem-se isto, aquilo e aquilooutro. Ora eu posso referir um exemplo que vivi e que me parece poder ser útil para a produção nacional. Eu visitei um país que está a fazer tentativas de produção desde 1943, se não me engano. Refiro-me à Jugoslávia. Naturalmente que ele não conquistou os mercados internacionais. Mas uma coisa fez, uma



coisa pretende ele fazer como estruturação daquilo que pretende fazer, que já fez e está a fazer. Começou por criar a sua escola de Zagreb, com as suas curtas-metragens e há dez anos apareceu uma série de realizadores que saíram desta escola. Através da curta-metragem revelaram-se determinados realizadores, técnicos e actores, que naturalmente partiram daí para outros voos. Ora eu não vejo fazermos o mes-

mo no nosso País, não vejo ajudarmos a curta-metragem. Não sei quantos filmes de curta-metragem produzimos por ano, mas julgo ser um número bastante limitado.

FERNANDO LOPES — Da ordem das dezenas. Estatisticamente, aquilo que se produz em Portugal e que entra na categoria da curta-metragem atinge umas largas dezenas. Simplesmente nisso entram jornais

de actualidades e coisas desse género, que constituem, como aprendizagem ou escola, pouca coisa. A outra curta-metragem que existe e já pode entrar numa categoria semelhante a essa que o sr. Luis Silva reteriu em relação a Zagreb são curtas-metragens também publicitárias, isto é, são pagas por empresas onde os realizadores tentam meter qualquer coisa de pessoal e fazer qualquer coisa que tenha aparência

de cinema, mas às vezes não tem. A curta-metragem de criação, portanto livre de outros compromissos que não sejam os do próprio realizador, esse de facto pouco aqui existiu. O Fundo do Cinema que até hoje tem funcionado perdeu de facto essa oportunidade ao longo de anos. Houve uma curta época em que deu a sensação de seguir esse caminho. Mas depois desviou-se dele, por razões várias. Podia ter sido um ponto de partida para alguns realizadores. Eu, por exemplo, comecei por aí. Mas neste momento, de facto, posso dizer que a curta-metragem, a esse nível, não existe. As poucas que têm existido com algum interesse devem-se apenas a esforços pessoais, a esforços individuais.

LUIS SILVA — Parece-me que, antes de nos lançarmos na produção nos termos em que a lei prevê, haveria que criar as estruturas de base, que permitissem um crescimento harmónico, a revelação de va-

MESA-REDONDA EM QUE INTERVIERAM O PRODUTOR-REALIZADOR FERNANDO LOPES; O EXIBIDOR FRANCISCO DUARTE; O DISTRIBUIDOR LUIS SILVA; O CRÍTICO E ASSISTENTE DE REALIZAÇÃO SEIXAS SANTOS; E O REDACTOR DO «DIÁRIO DE LISBOA» MANUEL DE AZEVEDO QUE SERVIU DE MODERADOR

(Continua na pág. seguinte)

O exemplo do cinema jugoslavo

[Continuação da pág. anterior]

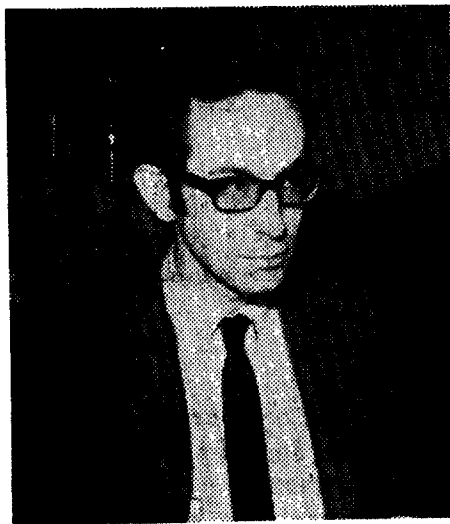
lores que depois, logicamente, viessem a aparecer com os tais voos mais largos, portanto as longas-metragens, os filmes de fundo. Isto permitiria o aparecimento de realizadores, de toda aquela série de técnicos que fazem e transformam a película virgem numa realidade artística. Ajudaria, naturalmente, ao aparecimento de um tipo qualquer de desenho animado, que existe em quase todos os países da Europa e que, naturalmente, vem desde o velho Walt Disney, mas já como manifestação perfeitamente individualizada. ou de um país, ou de um determinado grupo de artistas. Finalmente, poderia vir a dar origem à criação de elencos, mas para isso julgo que o caminho teria de ser outro. Ali também não vi nada feito.

Eu, por exemplo, trabalho com uma empresa americana que é, basicamente, uma grande empresa de televisão mas que, como ramo da sua actividade, tem de facto uma produtora de filmes de fundo. Ora este exemplo parece-me ser válido. Vejo pouco televisão, mas nunca deparei ali com a média-metragem, a série de TV que permitisse exactamente a revelação dos tais actores, dos tais indivíduos que se tornem conhecidos do público e que partindo, digamos, de uma série do tipo «Virginia», viessem mais tarde a aparecer no cinema. Esta seria outra maneira de chegarmos aquilo que se pretende, que é a criação das «élites» capazes de fazerem filmes de fundo. Ora isto leva-me ao princípio. Referi dois aspectos que me parecem fundamentais: a crise do cinema e o problema

da produção. Eu julgo que a lei do cinema, tal como está concebida, não encara estas questões com realismo. Referi estes dois casos exactamente para referir os pontos em que julgo não estar a questão posta como eu gostaria de a ver posta.

MANUEL DE AZEVEDO — Considero muito importante o problema aqui levantado da falta de uma escola de cinema, de um centro experimental, estadual ou com o auxílio directo do Estado, no sentido de impulsionar o aparecimento de novos técnicos e cineastas e básico para a preparação de um clima de verdadeira produção nacional.

LUIS SILVA — Não disse nada disso. O que eu disse é que se deveriam criar as condições necessárias. Não sei como, nem me interessa



SEIXAS SANTOS



LUIS SILVA

como. Pode ser através de uma empresa, pode ser como se quiser, mas os caminhos a seguir é que são estes: a curta-metragem e a média-metragem; a série filmada da televisão, para se poder chegar à produção, em que há realidade de produção. Ora eu não

vejo que isto sejam caminhos que estejam devidamente previstos e esquematizados na nossa lei de cinema. Isto é um aspecto.

FERNANDO LOPES — Eu vou rapidamente sintetizar aquilo que me parece mais importante dizer, como produtor e realizador. A insuficiência de meios técnicos e financeiros para a produção de filmes leva muitos realizadores portugueses a terem que funcionar como produtores de si mesmos, dado que não encontram qualquer apoio para as fitas que querem fazer. Portanto, como realizador, tenho que olhar para uma lei a pensar nos apoios que ela pode conceder exactamente a realizadores que, como eu, querem fazer filmes essencialmente portugueses. E digo «essencialmente portugueses» porque aquilo que parece mais claro nesta lei é uma grande vontade de abrir Portugal à co-produção, isto é, a integração ao fim e ao cabo de uma possível indústria de cinema português no conjunto da indústria de cinema tal como ela hoje se pratica na Europa. A crítica que eu tenho a fazer a isto, para além de outras críticas que se poderão fazer à co-produção em si, é a de que talvez esta lei neste aspecto tenha vindo um bocadinho tarde. Tenho a sensação de que o problema da co-produção se põe hoje de uma maneira bastante diferente. O cinema evoluiu extraordinariamente em todos os seus aspectos e quando o sr. tenente-coronel Luís Silva há pouco falou da crise do cinema americano, eu creio que é mais justo e mais lógico falar da crise do cinema-espectáculo, tal como tem existido nos últimos trinta ou quarenta anos. Se estou um pouco em oposição ao que disse o tenente-coronel Luís Silva, é porque há uma crise do espectáculo de cinema. O consumidor do cinema, hoje em dia, exige outra coisa. Tenho a impressão de que o cinema evoluirá essencialmente para um consumo de ordem cultural.

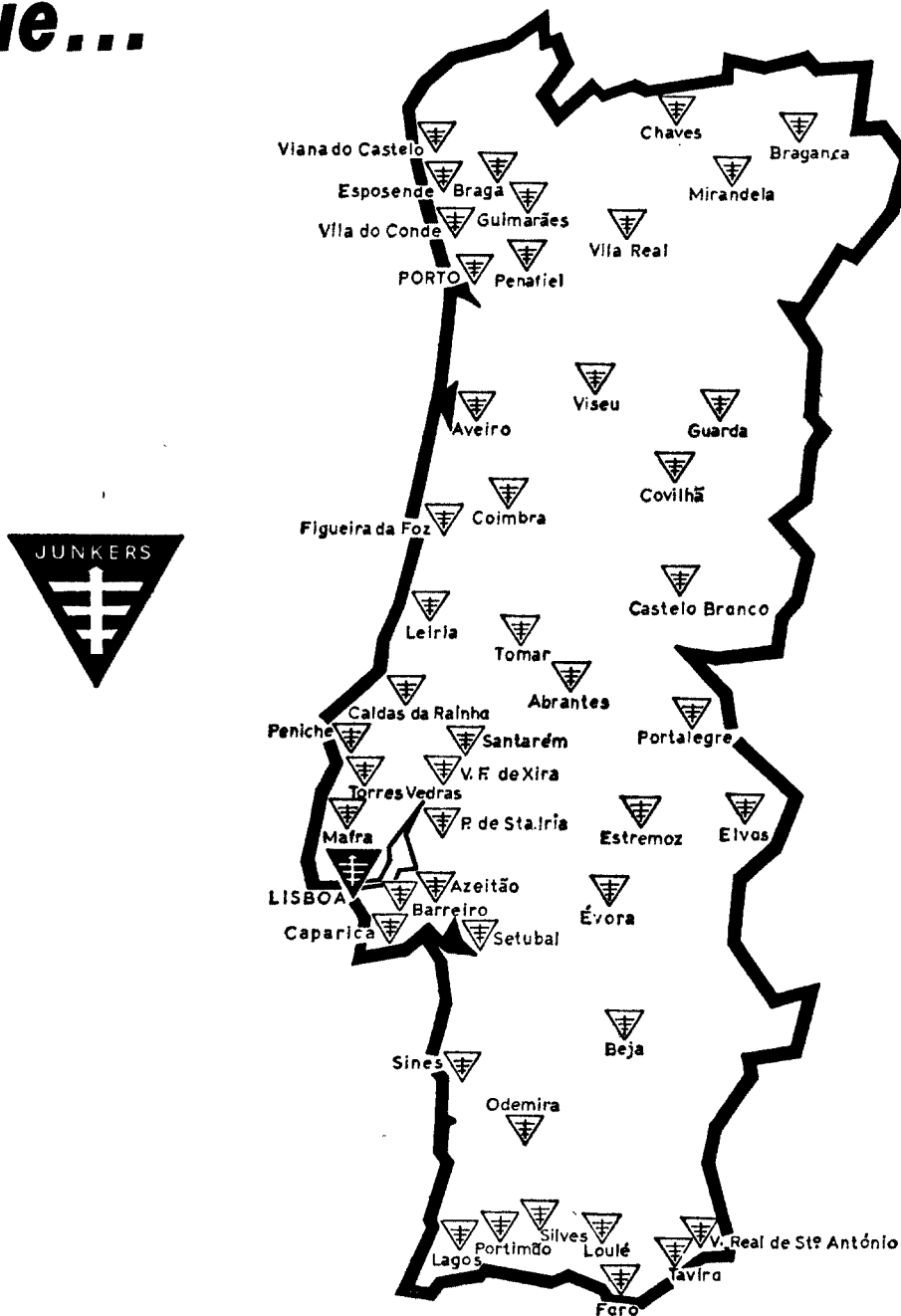
É uma lei que vem atrasada, mas não tira totalmente as lições do estrangeiro. E é, sobretudo, como é muito comum trabalhar em Portugal em tudo o que nós propomos fazer, conservadora em relação ao futuro. Quer dizer, é pouco prospectiva na medida em que não encara as possíveis inovações futuras do cinema, que me parece serem passadas fatalmen-

te pelos espectadores de cinema que existirão daqui a dez, quinze ou vinte anos. Na lei há coisas que prevêm, por exemplo, algumas facilidades quanto ao que se refere ao formado reduzido, de 16 milímetros, portanto maior acessibilidade do cinema às zonas do País onde ele não tem existido praticamente. Mas parece-me que se desenha em Portugal, pelo menos em alguns centros urbanos, sobretudo em Lisboa — não sei se no Porto, em Coimbra e noutros lugares o mesmo se verifica — a criação de um espectador mais exigente. A lei do cinema devia levar isso em conta, incluindo um estatuto especial para cinema de arte e ensaio e, inclusivamente, facilidades para importação de filmes para esses circuitos de cinemas. Não só facilidades de importação como outras facilidades de ordem fiscal.

Como realizador, eu tenho todo o interesse em que se veja em Portugal um determinado tipo de filmes. Interessa-me que exibidores e distribuidores tenham o maior número possível de facilidades na exibição desses filmes, enquanto que sou capaz de ser extremamente crítico quanto ao funcionamento da exibição e da distribuição daqueles filmes que nós mais vemos.

Estou a falar de um ponto de vista de realizador quando me refiro a este problema, porque isto naturalmente vai condicionar o público. É que eu quero fazer um determinado tipo de cinema, que não sei bem classificar qual seja. Não é exactamente um cinema de qualidade, é-o apenas na medida em que pertence a um cinema com um determinado tipo de exigência estética, com um determinado tipo de exigências culturais. Portanto a mim interessa-me que haja um público preparado para isso e que haja inclusivamente salas onde se possam ver esses filmes, coisas que até aqui não têm acontecido. Isso portanto parece-me faltar um tanto nesta lei. Nada está referido quanto a facilidades de importação de certos filmes e coisas assim no género. E parece-me importante mencioná-lo na futura lei, na medida em que se pensa fazer uma indústria de cinema em Portugal. Essa indústria não pode existir no vazio, tem de existir em função do público, dado que nós estamos a fazer filmes para serem passados em cinemas

Portugal de lés a lés conhece o fabuloso JUNKERS-70 que...



...PARA FUNCIONAR NÃO NECESSITA DE FÓSFOROS
CARREGA-SE NO BOTÃO E...

COM A MAIOR SEGURANÇA E MÍNIMO CONSUMO FICA-SE COM
A MÁXIMA TEMPERATURA





FRANCISCO DUARTE



FERNANDO LOPES

com bilhetes. Esta relação nunca variará na história do cinema, o que pode variar é o sistema de funcionamento desses próprios cinemas, para passar a ser um ponto, uma forma de encontro ou de debate cultural, coisa que hoje pouco é. Portanto isso pressupõe que haja uma boa localização das salas, que haja por exemplo uma grande possibilidade de acesso de muitas camadas de público, o que dependeria dos preços dos bilhetes e de coisas desse género.

Não sei bem como é que isso poderia vir a funcionar, mas de qualquer modo se houvesse um grande número de facilidades, se as salas tivessem menos despesas, se exibidores e distribuidores tivessem menos impostos, menos problemas com determinado tipo de filmes, estou convencido de que muitos deles estariam interessados em promover ou em fazer a promoção de um certo cinema.

FRANCISCO DUARTE — Em certas condições é muito provável.

FERNANDO LOPES — Pois disso, nós, realizadores portugueses, beneficiamos na medida em que os nossos filmes, depois, se integrariam com relativa facilidade nessas salas e aí estabeleceriam, portanto, um contacto com o público português, coisa que até hoje não tem sido possível. Isto é um ponto. Por outro lado, um do princípio que todas as leis podem ser boas. Dependem, sim, das pessoas que as aplicam. Como realizador, em função de uma lei de cinema, mais problemas tenho, nessa medida, sabendo eu que vai haver, por exemplo para os subsídios, conselhos que vão decidir a quem vão ser dados tais subsídios. A maneira como está prevista na nova lei o funcionamento desse conselho parece-me extremamente perigosa, na medida em que fatlamente vai cair em muitos dos erros em que caiu o anterior, que resultam de um conceito de cinema. Eu espero que a futura lei do cinema seja suficientemente aberta para admitir uma verdade comestinha: que

o cinema só pode existir e florescer se houver uma grande isenção na distribuição dos subsídios e uma capacidade de abertura muito grande. Há os problemas e há os modos de vida das pessoas. O Portugal de hoje não é o mesmo de há dez ou quinze anos e temos que ter isso em conta. Os costumes, os hábitos, os pontos de vista modificaram-se e este problema que se põe para nós, realizadores, põe-se também para os exibidores e distribuidores, naturalmente, nas fitas que eles podem exhibir e apresentar. Portanto, a criação de uma indústria de cinema em Portugal tem que levar isso em linha de conta. Por outro lado, neste momento, parece-me que há por razões várias uma hipótese de existir um cinema português. A hegemonia do cinema americano e nível mundial continua a existir na mesma, não há dúvida nenhuma. Mas como os próprios americanos já devem ter compreendido, parece-me que há neste momento uma hipótese de existirem cinemas nacionais com alguma autonomia,

como é, por exemplo, o caso de Portugal, se a produção de filmes se orientar essencialmente para os futuros consumidores de cinema, se a produção do cinema português for sobretudo orientada para uma grande exigência do ponto de vista cultural, do ponto de vista estético, do ponto de vista humano, de uma grande franqueza em relação aos nossos próprios problemas, se não for orientado essencialmente para a produção de nível europeu. Refiro-me à produção de consumo corrente e a lei parece-me um bocado orientada para este lado, pela via da co-produção. Não teremos «chance», se formos pelo lado da produção à europeia, com vedetas da moda e temas mais ou menos à moda. Nestas condições temos poucas possibilidades de concorrer internacionalmente, porque de facto o nosso aparelho técnico é reduzido.

MANUEL DE AZEVEDO — O que o Fernando Lopes acaba de dizer leva-me a insistir na minha observação de há pouco. Não é possível haver um cinema português sem haver uma escola. Ora uma lei, como esta, que cria o Instituto Português de Cinema, deveria fundamentalmente criar um Centro de formação de cineastas e de técnicos e possuir um estudo experimental onde ali pudessem aprender a fazer cinema personalidades capazes de garantirem uma produção de qualidade no nosso País. Essa observação de há bocado (com que julguei interpretar o sentido geral do que tinha sido dito pelo sr. Luís da Silva, que aliás achou que

eu estava abusivamente a interpretar as suas palavras, o que não é o caso) era também a minha opinião. Parece-me que efectivamente um Instituto Português de Cinema deveria possuir um Centro e um estúdio, isto é, uma escola profissional onde as novas gerações pudessem ter possibilidades de aprender um mínimo, uma escola capaz de formar equipas para o futuro. O Fernando Lopes também referiu um aspecto que me parece importantíssimo: a falta explícita da lei a qualquer coisa como um Estatuto do Cinema não Comercial, uma aspiração há muitos anos levantada pelos cineclubes, que pretendem a entrada livre e fácil de filmes de alto nível artístico ou considerados experimentais. Por outro lado, esta lei já admite a utilização do 16 milímetros como forma de divulgação e expansão do cinema a zonas rurais ou não abrangidas pela actual rede dos cinemas comerciais. Penso que estes aspectos, que considero importantes, poderiam ser agora analisados mais em pormenor pelos presentes.

SEIXAS SANTOS — Por mim acho bem. A parte que se refere ao 16 milímetros é, para mim, o lado mais positivo da lei, que vai precisamente de encontro ao lado mais prospectivo do cinema. Este formato permite um tipo de experiências que em 35 são difíceis, visto serem extremamente dispendiosas. Poderão funcionar cinemas de 16 milímetros não só na província, como na capital, como no Porto, como em Coimbra. Quer dizer, não há na lei nenhuma indicação de limitação. Isto

parece-me importante, se é exacta a leitura que faço da lei. Por outro lado, se não há realmente uma indicação de um estatuto de cinema de arte e ensaio — e isso é grave — está implícito num parágrafo que a comissão de exame e classificação de espectáculos determinará em relação aos filmes de 16 milímetros os que são de carácter cultural e faz uma observação muito precisa: os que tenham carácter experimental e de ensaio. A mim parece-me que competiria à comissão de exame e classificação de espectáculos determinar o que é um filme experimental ou de ensaio. De qualquer modo, quase se admite a criação de um estatuto de cinema de ensaio. Isto parece-me estar subentendido. Só o que me parece muito discutível é ser a comissão de exame e classificação de espectáculos a determinar o que é um cinema experimental ou um cinema de ensaio. Isto parece-me que não faz muito sentido e não acredito que na comissão de espectáculos haja pessoas preparadas para distinguir o que é um cinema de qualidade, o que é cinema experimental e, sobretudo hoje, o que é um cinema não comercial no sentido amplo, até porque no sentido restrito nós podemos considerar que o cinema experimental é um cinema comercial.

Em relação à escola de cinema, parece-me que não é tão importante como isso, e aí discordo da posição do Manuel de Azevedo. Como exemplo do que quero dizer posso citar um caso concreto em Portugal, e

(Continua na página seguinte)

não somos o MAIOR
mas queremos ser

O MELHOR
ao escolher
O SEU BANCO
seja
exigente



BANCO DA AGRICULTURA

LISBOA • PORTO

POSTO CÂMBIOS
AGÊNCIA

O interesse de uma escola de cinema

(Continuação da pág. anterior)

experiência do Cunha Teles dos anos sessenta. Chegou a Portugal com a intenção de fazer cinema. Não havia realmente realizadores, não havia operadores, não havia técnicos de cinema, do tipo de cinema que ele se profunda fazer. E no entanto em dois anos apareceram concretamente três realizadores importantes: Fernando Lopes, aqui presente; o Paulo Rocha e o António Macedo, que fize-

ram fitas industrialmente interessantes a nível internacional e apareceram operadores que não existiam. Alguns destes trabalharam com operadores estrangeiros que estiveram cá e, portanto, adquiriram alguma experiência. Julgo que ao nível técnico essa experiência é importante, mas tenho dúvidas a nível de criação pessoal, portanto a nível de realizador...

FRANCISCO DUARTE —
Peço desculpa de interrom-

per. Você falou na aparição do Cunha Teles como produtor, do facto de ele se propor fazer cinema nacional com ambições num momento em que não existiam realizadores, nem fotógrafos, nem operadores, nem técnicos. Não existia ninguém. Parece-me que da atitude do Cunha Teles resultou o aparecimento do Fernando Lopes, do António Macedo, enfim, de nomes que se começam a firmar. Mas eu pergunto, o que aconteceu ao Cunha Teles?

FERNANDO LOPES — Interrompo também o Seixas só para lhe lembrar duas coisas, mas que não têm nada a ver com aquilo que perguntou o Duarte. O aparecimento de pessoas nos filmes do Cunha Teles não pode ser posto assim tão esquemáticamente. As pessoas não vieram do nada. Eu pessoalmente tinha trabalhado muitos anos na televisão e possuía um curso de realização numa escola de cinema de Londres. O Macedo tinha feito bastan-

tes fitas como amador. O Paulo Rocha tinha um curso de realizador do I. D. H. E. C. O próprio Cunha Teles tinha um curso de realizador do I. D. H. E. C. O Augusto Cabrita era operador há seis anos na televisão e todos os técnicos que foram utilizados por nós, no som por exemplo, eram técnicos da televisão. A única coisa que se criou do nada foram, sobretudo, técnicos importantes como electricistas e maquinistas. Isso sim. Mas de facto o Teles fez, quanto a mim, um aproveitamento muito inteligente e muito dinamico daquilo que existia, dando-lhe outro sentido. Mais do que criar do nada, ele veio aproveitar inteligentemente e dinamicamente aquilo que existia e que mal funcionava. Esse mérito ninguém lhe pode tirar, mas o que ultimamente se diz do Cunha Teles parece-me extremamente exagerado. O Teles foi extremamente oportuno. A sua melhor qualidade é, possivelmente, o seu sentido da oportunidade. Pena é que às vezes esteja confundido com um sentido de oportunismo.

FRANCISCO DUARTE —
Peço desculpa Fernando Lopes, mas a minha pergunta continua de pé e, afinal, parece-me agora mais pertinente, porque existindo um numero de homens válidos como realizadores, como operadores, como homens de som, com escola, com curso, com larga formação, com tempo de prática, tudo isto afinal admite e prova, mais do que admite, a existência da equipa. Mas ao Cunha Teles, eu insisto, o que lhe aconteceu?

SEIXAS SANTOS — Posso dizer que a experiência do Cunha Teles falhou totalmente. Mas falhou totalmente no aspecto da continuidade, não como experiência em si. E falhou porque não tinha quaisquer estruturas por trás dela a protegê-la.

FRANCISCO DUARTE —
Financieiras, não é?...

SEIXAS SANTOS — Não. Não estou a pensar nas estruturas financeiras, estou a pensar nas estruturas legais. Realmente o Cunha Teles fez um cinema que ia na altura um pouco contra a corrente. Fez, quer dizer, fizeram os realizadores que com ele trabalharam, um cinema que vai contra o que na altura se fazia em

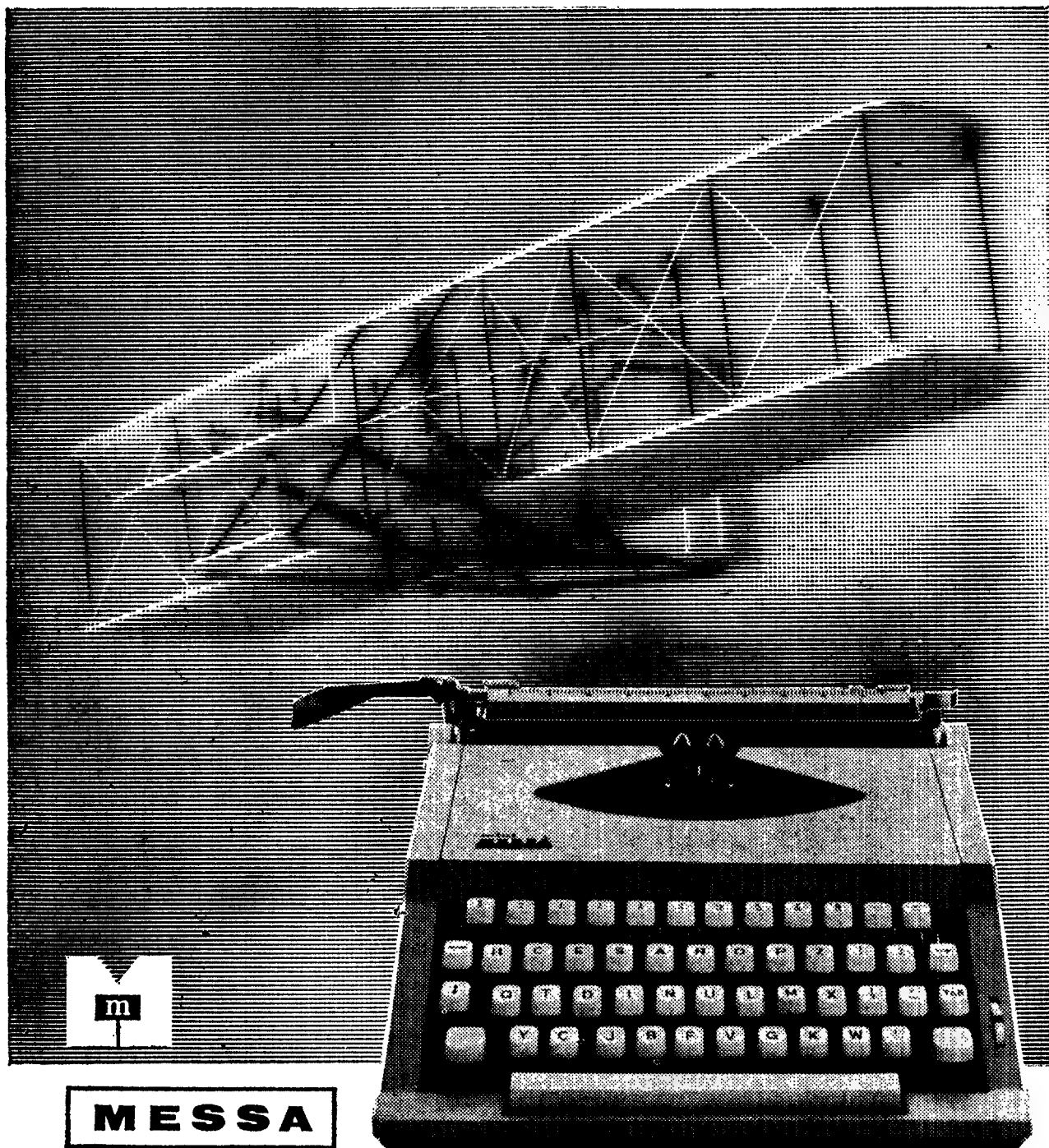
Portugal. E ele não encontrou a nível legal a protecção eficiente. Ele não encontrou, por exemplo, a obrigatoriedade de exibição de filmes portugueses nas salas do País que, segundo a lei de 48, determinava uma proporção de 5 para 1. Uma semana de cinema português para cinco de cinema estrangeiro. Esta exigência foi abolida em 59 por inexistência de uma produção real que permitisse cumprir a lei. As salas não podiam ser continuamente multadas por não levarem o que não existia. Portanto não havia uma protecção às fitas que o Cunha Teles fez nem, realmente, um mercado interno suficiente para amortizar essas fitas. Isto é, evidentemente, muito importante. As fitas estreiam-se e, evidentemente, vão ser um fracasso comercial porque, apesar da experiência dos cineclubes, não havia uma real preparação de um público a um nível vasto para receber um tipo de cinema que não era o cinema português comercial tradicional. Por outro lado, o cinema novo, aquilo a que se chama «cinema novo» português, na opinião dos profissionais de cinema mais antigos, terá prejudicado o cinema comercial português. Não custa admiti-lo, mas também é verdade que o cinema comercial estabeleceu um isolamento radical do público, sobretudo do público cidadão. A ideia que faz hoje o público cidadão do cinema português é a de que é um horror. Ainda recentemente em entrevistas feitas na rua, a percentagem de pessoas que não viam filmes portugueses «por ser realmente um horror» era assustadora. Cerca de 80 por cento. Isto é, uma coisa com a qual se tem que contar e com a qual o Cunha Teles não contou. O Cunha Teles, de certa maneira, foi um ingénuo. Aliás, numa entrevista que deu muito recentemente e que vai sair em breve, ele descobre com algum espanto que era um grande ingénuo e não um vivaço, como supunha que era. Isto explica um pouco o falhanço da experiência do Cunha Teles. O Fernando Lopes, pelo seu lado, disse que uma parte das pessoas que trabalham nesses filmes tinham cursos, ou, pelo menos, uma certa experiência. Mas o que eu queria dizer é que desde que a máquina começa a funcionar as pessoas aparecem automaticamente. Isto parece-me importante. A minha grande reserva é que me parece ser preciso estabelecer na lei uma grande prioridade à produção.

entre a máquina voadora e a mini MESSA 2000 há um tempo de progresso

Apesar de combinarem a singular elegância de linhas com uma estrutura leve e equilibrada, separa-as todo um estilo de vida. A máquina voadora traduz o romantismo de uma época e a Mini-Messa 2000 a juventude de uma máquina de escrever dinâmica e moderna. Concebida para ser transportada como um objecto de uso pessoal, quase

não tem peso. É ágil e elástica na sua batida, apurada na sua técnica de fabrico, sugestiva na suavidade das suas cores, belíssima no seu estojo de viagem. Embora portátil, a Mini-Messa 2000 foi feita para trabalhar e estudada para resistir.

Tem o carácter das máquinas de escrever MESSA.



MESSA

MAQUINAS DE ESCREVER S. A. R. L. — Mem Martins

CAMBISTA TESTA

CÂMBIOS — LOTARIAS



TOTO BOLA
RUA DO ARSENAL, 74

SE QUER FESTA...

Jogue no «TESTA»

A lei, segundo cálculos que circulam, virá a criar receitas entre 25 a 35 mil contos, mas o Instituto vai-se atribuir tarefas que estão, na minha opinião, para além dos 35 mil contos. Vai dispersar-se num número excessivo de actividades e o essencial, que é a produção, vai ser fatalmente prejudicado. Suspeito que dentro de alguns anos nós estaremos a revogar novamente a obrigatoriedade, que parece estar impingida em relação ao contingente de exibição dos filmes, porque novamente não haverá filmes portugueses, pois vejo o Instituto prever uma assistência financeira que vai da produção aos estúdios, laboratórios, salas de sonorização, remodelação e construção de novas salas, prémios, bolsas de estudo, estudo desenvolvido sobre cinema, etc. Parece-me subentendida a existência de uma escola e a construção da escola. E nós sabemos que as escolas são sempre deficitárias.

LUIS SILVA — O Seixas Santos falou numa escola, nesta fase da sua intervenção. Mas era contra a escola na fase inicial...

SEIXAS SANTOS — Mas eu não estou a defender a escola. Estou apenas a dizer que o Instituto subentende, na sua existência, a criação de uma escola de cinema.

MANUEL DE AZEVEDO — Perdão. Quando defendi a necessidade de uma escola ou, pelo menos, de um estúdio experimental que funcionasse como escola prática de novas equipas, notei uma coisa óbvia, é que na lei não se fala disso, quer dizer, o Instituto não prevê qualquer escola, segundo me parece...

SEIXAS SANTOS — Eu pensava que não estava explícito mas que estaria implícito na criação de um Instituto a existência de uma escola de cinema. Não sou de maneira nenhuma contra a criação de uma escola de cinema. Evidentemente, também penso que não é a existência de uma escola de cinema que resolve o problema do cinema português. Julgo que é o estabelecimento de uma forte prioridade, quer dizer, de um forte auxílio financeiro à produção que pode garantir a existência do cinema português.

LUIS SILVA — Como é que resolve o problema das realidades...

SEIXAS SANTOS — Bom, primeiro não sou eu que o tenho de resolver. É o projecto de lei que lhe impõe uma solução. Evidentemente, a produção é uma coisa muito dispendiosa, num estado de subdesenvolvimento eu penso que o cinema que se vai fazer em Portugal deveria ser um cinema do ponto de vista da produção. Mas foi por acaso que me referi inicialmente ao 16 mm. O meu ponto de vista é que temos de fazer um cinema de certa maneira subdesenvolvido. Isso parece-me fatal. Mas onde ir buscar o dinheiro é, evidentemente, o problema. É um problema oficial, é um problema de Governo, de Estado. É um problema de lei. A solução que o Governo propõe não será a melhor. Ela parece-me con-

fusa, mas, evidentemente, o Estado não tem dinheiro para meter na produção.

FERNANDO LOPES — Eu gostaria de pegar nas últimas palavras do Seixas. Uma coisa que todos nós verificamos na antiga lei de cinema, tanto os que fazem filmes portugueses, como os distribuidores e exibidores, é que de facto aquilo que existiu no antigo e ainda existente Fundo de Cinema para a promoção do cinema português, era dinheiro que vinha do próprio cinema. Isso deu

grandes discussões. A certa altura pôe-se o problema de concorrer ou não ao Fundo de Cinema, na medida em que fazer filmes subsidiados pelo Fundo de Cinema seria uma forma de colaboração política. Eu acho que não se deve ter medo das palavras e acho que devo deixar isto aqui dito. Este problema, por exemplo, foi muito lalado entre jovens cineastas, sobretudo. Ora eu, embora nunca tivesse um subsídio para filmes de fundo meus, devo dizer que fui sempre de opinião que devíamos

concorrer a esse dinheiro, porque era dinheiro do cinema, era dinheiro que vinha do próprio cinema, era pago pelos distribuidores e exibidores, na maioria dos casos. Eu sei, por exemplo, de casas distribuidoras que pagavam 700 ou 800 contos por ano para o Fundo de Cinema. Nesta proposta de lei parece que o dinheiro vai vir outra vez do cinema. Mais, até vai sair dinheiro do cinema para o teatro, que é uma coisa que ainda não percebi porque. Pois volta-se a pôr um problema que eu não

sei se alguém aqui presente quer tocar nele: já que se quer fazer uma indústria de cinema em Portugal, porque é que o Estado efectivamente não há-de investir dinheiro nela, como noutras indústrias? Quer dizer, a criação de uma indústria de cinema a sério terá de se processar pelos meios adequados, fazendo inclusivamente parte do Plano de Fomento, como se faz para outras indústrias. De outro modo parece quase impossível. Como o Seixas já aqui referiu, o Instituto Português de Cinema vai

ter tantas obrigações que o dinheiro não vai chegar. O Estado terá de ir buscar outra vez à distribuição e à exibição somas mais consideráveis e a exibição e a distribuição irão responder que já estão em crise.

Por outro lado, parece-me que a lei deveria considerar uma participação activa da Televisão em relação à criação de um cinema português, sabendo todos nós que a Televisão constitui um elemento de crise muito importante pa-

(Continua na pág. seguinte)

Torne o seu transporte comercial mais evoluído



Com a camioneta Mercedes-Benz L406 D na linha de 3500 kg de peso bruto

Dentro desta linha pode escolher uma vasta gama de modelos, que sempre se evidenciam pela avançada técnica MERCEDES-BENZ:

Camioneta - 1.600 Kg. de carga útil, 3 lugares na cabine, 3,50 m ou 4,42 m de comprimento de caixa.

Furgão - 1.600 Kg de carga útil, 9 m³ de capacidade, 1,75 de altura interior.

Mista - de carga e de passageiros - 5, 7, 9, 13 e 16 lugares.

Autocarro - de 20 ou 24 lugares.

Ambulância - de 2 ou 4 macas.



C. SANTOS S.A.R.L.

Rua Artilharia Um, 101-A e B - Lisboa
Porto - Coimbra - Braga - Faro - Olhão
Agentes em todo o País

O cinema novo português

(Continuação da pág. anterior)

ra a exibição e para a distribuição e até para a própria produção, na medida em que ela veio substituir, em toda a província, por exemplo, o espectáculo de cinema que lá existia, não só do cinema estrangeiro mas também do cinema português, que foi muito prejudicado por isso. O cinema português era o único contacto que havia entre muitas populações e a história, personagens e paisagens tipicamente portuguesas e na sua língua. Agora há a Televisão que ainda por cima é «de borla», quer dizer, ainda por cima pode funcionar como espectáculo público, aliás, ilegalmente. Portanto, uma coisa também a pôr como sugestão seria o da Televisão, que é hoje uma indústria altamente rendosa neste País, vir a participar a sério em dinheiro para um futuro cinema português.

SEIXAS SANTOS — Eu ia precisamente falar nisto, porque há um parágrafo num preâmbulo da lei muito significativo. Diz exactamente: «Com efeito, sendo a publicidade um instrumento de penetração e alargamento de mercados eminentemente moderno e actual, e altamente reprodutivo, pareceu ao Governo

que nela poderia buscar-se uma compensação dos prejuízos que para o cinema resultaram do advento de técnicas mais recentes de comunicação, em que afinal assenta a própria actividade publicitária.

FRANCISCO DUARTE — Na realidade, este ponto tem sido largamente debatido pelos exibidores e distribuidores. Mas este apontamento que o legislador aqui estabelece é ainda menos compreensível. Reconhece-se que a Televisão causou prejuízos ao cinema, mas o legislador estabelece que outra fonte de receita deverá ser a publicidade efectuada através do cinema. Quer dizer, cinema, pelo facto de ter sido prejudicado, vai agora passar a pagar uma taxa especial nos filmes de publicidade que ali forem projectados.

SEIXAS SANTOS — Não, suponho que quem vai pagar é o anunciante.

FRANCISCO DUARTE — Se o anunciante vai ver sobrecarregados os seus encargos com mais uma taxa por cada filme que passa no cinema, irá naturalmente reduzir esse volume de publicidade para divulgação do seu produto. É claro que isto fará diminuir ainda mais as fontes

de receita que os cinemas têm ao seu dispor.

MANUEL DE AZEVEDO — Creio que alguns aspectos importantes já aqui foram abordados, alguns até com certo desenvolvimento, relativos a problemas do cinema em geral e do cinema português em particular. Poderíamos tentar aproximar-nos do fim desta conversa, que já vai longa dando uma volta para aspectos que os presentes considerem importante referir ainda.

FERNANDO LOPES — Eu por mim vou terminar. Creio que disse aquilo que era essencial quanto à minha posição como realizador de filmes portugueses. Na minha primeira intervenção, eu falei aqui da questão das salas de arte e de ensaio e de outras, salas menos formais do que aquelas que nós temos actualmente. E mencionar esse aspecto como sendo importante para todos nós que fazemos filmes e para os que os importam e para os que os exibem, para podermos acompanhar as futuras evoluções do gosto do público e inclusivamente da cultura das massas, entendida aqui no sentido global do termo, isto é, de não nos esquecermos de dar ao cinema a possibilidade de ele continuar a

existir no gosto das pessoas. Tal como está hoje está a ser de facto posto em causa, está em grave crise. Corremos o risco de qualquer dia, por exemplo, a televisão tomar conta de grande número de pessoas que antigamente iam ao cinema. Portanto, acho que a própria exibição, a própria distribuição teriam de rever os seus métodos. Mas para rever os seus métodos teriam que se sentir apoiados legalmente.

SEIXAS SANTOS — Eu queria fazer uma pequena observação: com o sistema de contingência, suspeito que os primeiros filmes a serem afectados serão os filmes de qualidade, porque à partida são filmes menos rentáveis. Se o distribuidor tem que importar filmes em proporção com os filmes portugueses, evidentemente ele terá tendência a escolher os mais rentáveis, deixando ficar de fora os menos rentáveis. Portanto, parece indispensável, se se for para um sistema de contingência, prever um estatuto de arte e ensaio, porque senão até os poucos filmes que vamos de qualidade deixarão de vir.

LUIS SILVA — Sobre a questão do cinema de arte e ensaio, as facilidades possíveis podem ser de va-

riadíssima ordem. Uma delas seria não contarem para a contingência. Outra seriam os subsídios às próprias salas que trabalham com filmes dessa natureza exactamente pelo seu carácter cultural. Julgo que se pensa nos círculos oficiais na possibilidade, que me parece importantíssima, de apresentação, só de ensaio, de alguns filmes especiais, na sua versão integral e sem legendas, naturalmente para um público reduzido. Por outro lado, há uma realidade no nosso País que julgo ser importante referir aqui: é a realidade do espectador. Aliás, isto tem vindo a ser referido já com uma certa insistência, principalmente num determinado tipo de crítica que a imprensa hoje formou e criou. É de facto uma realidade. Há um determinado tipo de público, uma camada mais jovem, capaz de apreciar obras de valor. E, portanto, um espectador ideal, uma camada importantíssima, na medida em que, na sua maioria, vai dos 17 aos 25 anos. Eu próprio recomendei à empresa que represento a criação de um cinema-estúdio exactamente dentro dessas características, do filme de qualidade, do filme aparentemente pouco comercial. Estou francamente convencido de que este tipo de cinema tem já defesa financeira no nosso País. E interessa que tenha, do ponto de vista cultural e para satisfazer um tipo de espectador que é aqui essencial, não só pelo seu número como pela projecção e pela infiltração que ele possa ter inclusivamente, quer para cima, quer para baixo, no que se refere a idades e, naturalmente, no que se refere às camadas sociais.

MANUEL DE AZEVEDO — cido, não tenho dúvidas, de que o futuro nos vai trazer um espectáculo de cinema totalmente diferente do que se processa actualmente. Estou profundamente convencido de que muito em breve os cinemas de estúdio, os cinemas de arte e ensaio, constituirão, não direi a primeira linha de exploração cinematográfica, mas uma linha para a qual se terá de olhar com muita atenção. É claro que divagámos agora um pouco para os cinemas de arte e ensaio, para o cinema no seu aspecto cultural, já quase a abdicar do termo espectáculo. Portanto, derivámos para este campo saindo francamente da razão que nos reuniu nesta mesa-redonda que era a análise do nascimento, análise da possibilidade de uma indústria cinematográfica em Portugal. O sr. Luís Silva refreiu-se à existência em Zagreb, portanto na Jugoslávia, de uma tentativa de se criar um cinema nacional. Isso de certa maneira foi contestado pelo Fernando Lopes...

FERNANDO LOPES — Conheço um pouco o que se passou com o cinema jugoslavo e acho que em certa medida o exemplo deles é importante para nós. Simplesmente tra-a-se (e é o que estamos aqui a discutir em relação à nossa lei, a uma possível lei de cinema português e achei que era o que o sr. Luís Silva queria dizer) de um desenvolvimento planificado, em que tudo se foi harmonicamente desenvolvendo, enquanto os problemas que na nova lei de cinema em Portugal vem trazer a todos nós, inclusive a distribuidores exibidores, é que, como dizia o sr. Luís Silva, queremos passar do zero a cem. Quer dizer, há uma falta de planificação. Eu falei aqui, por exemplo, da não inclusão do cinema nos Planos de Fomento. Portanto, o cine-



MANUEL DE AZEVEDO

são o grão garante a verdade do café puro



Uma chavena
de Café Puro!
Pausa!...
Confortáveis minutos
de repouso!

O homem que afeiçoa os dias
pelo ritmo das horas de trabalho
sente no Café Puro a segurança
de um estímulo natural.

Do puro Grão do Café
moído e preparado na altura,
nova coragem
numa chavena de Café Puro!

CAFE
Grão puro e preparado na altura

GRANDE
OURIVESARIA DA MODA
OURIVES - JOALHEIROS

Tendo como divisa sempre bem servir

RUA DA PRATA, 257 — Telefone 32 14 31 — LISBOA-2

ma como indústria continua a estar desintegrado dos diplomas que vão orientar a própria passagem de país subdesenvolvido a país em vias de desenvolvimento. Faz-me muita confusão que o cinema continue de fora dos Planos de Fomento. O exemplo que o sr. Luís Silva apresentou parece muito interessante, exactamente por ter sido feito ao contrário do nosso. Eles começaram praticamente a seguir à guerra, e passados vinte e tal anos, nós começamos a ter conhecimento da existência de um cinema jugoslavo, com valor próprio e com identidade própria. É isso que queríamos para nós.

FRANCISCO DUARTE — A Jugoslávia tem, portanto, a sua planificação cinematográfica de há 20 anos. Noutra latitude, podíamos também referir o caso do Canadá, com o «National Film Board». Não há dúvida que o Canadá está-nos a dar um exemplo interessantíssimo. Toda a gente ligada ao cinema, e mesmo o público em geral olha com muito interesse os documentários saídos desta academia de cinema canadiana. E, no entanto, o Canadá não tem uma indústria cinematográfica, possuindo o triplo ou o quádruplo da nossa população ainda com a vantagem de falarem francês ou inglês, que, portanto, lhes permite a expansão para o mercado mundial.

Entrando agora no plano das realidades e aspirações, é uma realidade incontroversa a existência em Portugal de um parque económico constituído por casas de espectáculo (cinemas de exibição) e por escritórios e oficinas onde se pratica a distribuição, portanto donde sai a alimentação destas casas. Ora estas indústrias ou formas de comércio atravessam uma situação muito grave. Parece fora de qualquer sentido tentar vir obter os 25 ou 35 mil contos, a que o Seixas Santos se referiu há pouco, a uma indústria já de si periclitante. Há necessidade de sermos realistas e, portanto, encontrar uma forma capaz e justa

de criar um cinema nacional. Porque há necessidade de se fazer um cinema nacional. Nesses aspectos estamos todos de acordo e a proposta de lei foi inspirada, sem dúvida, pela melhor das intenções. Mas há que evitar que se agrave a situação de exibição cinematográfica e da distribuição.

SEIXAS SANTOS — Tenho a impressão de que o sr. Francisco Duarte é exacto no que diz. Penso, no entanto, que talvez em relação a determinados sectores da exibição, os problemas sejam complicados, porque estamos a verificar uma transformação da própria indústria cinematográfica da produção. O que aconteceu é que, por exemplo, determinada época foi marcada pela construção de salas grandes. É o caso concreto do S. Jorge, do Monumental, do Império. Eram salas para acolher um cinema «grande». Ora nós sabemos do êxito de duas ou três fitas americanas no ano passado, fitas que não foram muito caras, que não foram grandes produções. Isso provocou uma forte confusão na própria produção americana. Quer dizer, eles pensam que, em vez de fazerem, por exemplo, uma superprodução que custa não sei quantos milhões e que rende esses milhões, mais um milhão, talvez o empenho de capital não se justifique. E isto tem consequências. Penso que isto é um problema grave, um problema que não podia ser previsto, mas a verdade é que não sei o que vai acontecer dentro de dez anos a determinados tipos de cinemas. São cinemas demasiado grandes, provavelmente, para o cinema que se virá a fazer.

FRANCISCO DUARTE — Você está plenamente dentro da realidade. E o caso, flagrante, do cinema S. Jorge, que abriu com uma capacidade para dois mil espectadores e actualmente funciona com 1460. Subtraíram-se, portanto, ao cinema, ao longo destes anos, aproximadamente 550 cadeiras.

SEIXAS SANTOS — Eu creio que o sistema de tributação antiga era realmente muito prejudicial aos cinemas. Nesse aspecto, o sistema de tributação que se prevê na nova lei da contribuição industrial é mais favorável. No entanto, queria só acrescentar uma coisa: nessa contribuição industrial que se prevê para o cinema, e que é objectivamente menor do que as contribuições que se pa-

gam actualmente, há um pequeno adicional que nós não sabemos quem o vai pagar. Evidentemente, suspenso muito que a tributação não será menor mas maior, com a nova lei de cinema.

LUÍS SILVA — No que diz respeito aos bilhetes de cinema, eles estão hoje onerados com um conjunto de encargos. É a partir do bilhete de cinema que se

vende que, depois, toda a indústria funciona. Eles são onerados de uma determinada percentagem e é em função dessa percentagem que nós podemos referir os nossos preços e, portanto, os encargos que temos. Em termos de pura economia, não é o público que paga o adicional, porque há o bilhete de cinema que custa X, neste X incide uma determinada percentagem, que não interessa co-

mo é que é paga. O que interessa é que é uma determinada percentagem que depois é conduzida para os cofres do Estado.

SEIXAS SANTOS — De qualquer maneira, se fosse o espectador a pagar esse adicional, isso teria como consequência imediata uma nova redução de assistência às salas. Por acaso, nu-

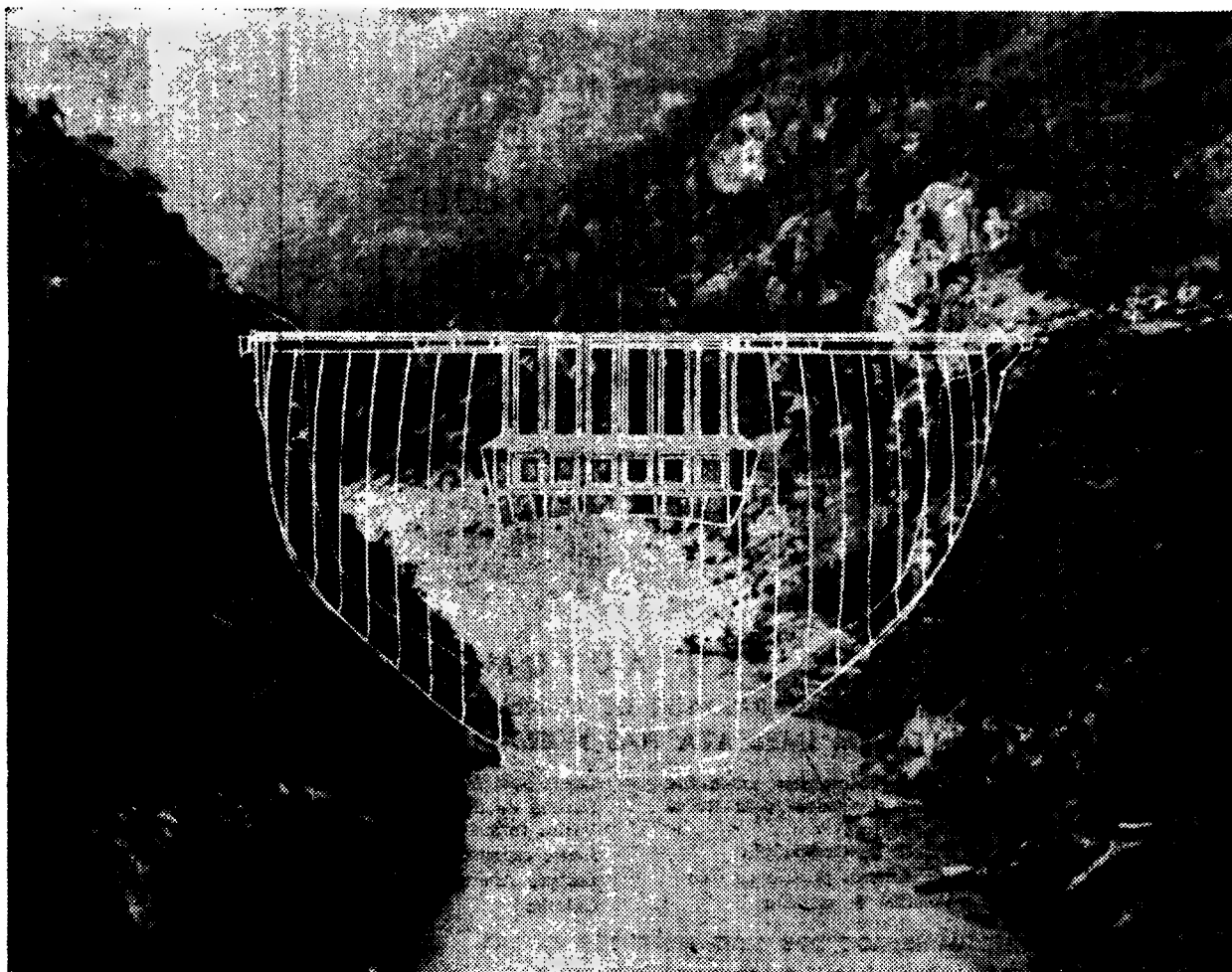
(Continua na página seguinte)



Ingersoll-Rand

mais uma vez presente
nos maiores empreendimentos nacionais

CABORA-BASSA



Quando esta barragem estiver pronta orgulhamo-nos de ter contribuído, com este equipamento INGERSOLL-RAND, para que Portugal garanta o fornecimento de energia eléctrica a diversas nações.

10 CRAWLAIRS	
4 BROCKE JUMBOS	
7 COMPRESSORES ESTACIONÁRIOS	
17 COMPRESSORES PORTÁTEIS	

material fornecido à ZAMCO-Zambese Consórcio Hidroeléctrico



Máquinas de costura — Radiadores e caldeiras para aquecimento central — Ferros de engomar — Caloríferos — Fogões de cozinha — Banheiras, lavatórios colectivos e outro material sanitário de ferro esmaltado — Marmitas e equipamento complementar para grandes cozinhas — Material para lavandarias — Bombas centrífugas e manuais — Tornos de bancada de ferro fundido — Forjas portáteis — Ventoinhas para forjas — Motores de explosão de pequena cilindrada — Artigos para bicicletas, motorizadas e motocicletas — Acessórios de ferro maleável para canalizações — Acessórios para linhas de alta tensão — Tubos para canalizações e outros usos — Obra de ferro fundido normal e de ferro maleável — Galvanização de artigos de ferro.

OLIVA - Indústrias Metalúrgicas, S. A. R. L.

S. JOÃO DA MADEIRA

por ÓSCAR LOPES

Em âmbito mais restrito, o grupo da *Presença* tem apenas um público limitado de centenas de leitores por inícios do decénio de 1930, e a sua consagração por um público da ordem dos milhares de leitores pode, suponho, datar-se de 1936-38. É em 1936 que Régio publica as *Encruzilhadas de Deus* e, facto sócio-culturalmente mais significativo, é em 1937-39 que Gaspar Simões se torna, na secção *Os Livros da Semana* do *Diário de Lisboa*, o porta-voz do presencismo perante o público da grande imprensa. Trata-se de um fenómeno importante, porque é também o início da primeira carreira profissional de cri-

Gaspar Simões mantém quanto ao romance a sua atitude geral caracterizadamente anti-intelectualista, bafejada por leituras de Bergson e seus discípulos literários (Thibaudet, Du Bos), Alain e Chestov. É funda a sua desconfiança em relação a esse instrumento de despersonalização que se chama «inteligência». No entanto a intuição, mormente a «intuição psicológica» a que atribui papel capital no dom de romanciar, teria uma base experiencial, assentaria em vivências, na observação extro- e introspectiva, e às vezes essa nota é mesmo por de mais carregada: *O romancista não poderá imaginar para além das suas próprias aspirações: quem nunca desejou matar, não poderá ter por herói um assassino.* Bastam no entanto uns momentos de ciúme, por exemplo, para (e esse foi um dos objectivos de *Elói*) um ficcionista dotado fazer reagir as personagens como reagiriam homens agitados por esse, ou qualquer outro, sentimento dominante. Mas entre romancista e personagem a identificação tem de ser «visceral» e não «ideológica»: *nada há mais preju-*

Ao amadurecimento da novelística e do teatro presencistas corresponde também, e que é natural, a da sua doutrina estética. Delineei já, noutro lugar, a história de uma teoria da literatura que procura definir-se através de manifestos, artigos críticos e polémicos da *Presença* e de publicações com ela relacionadas, e que resulta fundamentalmente de um diálogo entre o intuícionismo então muito radical de Gaspar Simões e um oposto, e relativo, intelectualismo, ou dialecticismo, de Régio. Como contributo para estudo da fase, por assim dizer, adulta dessa teoria estética tentarei agora agarrar os problemas que mais preocupam Gaspar Simões quando crítico consagrado e influente dos anos de 40. Limitarei esse contributo a um aspecto apenas: a sua doutrina do romance. A escolha de tal aspecto justifica-se por duas razões de peso. Em primeiro lugar, Gaspar Simões é um romancista, que ainda há pouco estudei em conjunto, autor, entre outros menos felizes, do primeiro, em data, e um dos melhores romances psicológicos, *Elói*, 29, 3.^a ed. «novamente revista» 59, e ainda de um ciclo romanesco de costumes provincianos, *Uma História da Província*, 2 vols. 34-36. 3.^a ed., «novamente revista» 66, que continua a ler-se com bastante interesse. Em segundo lugar, e aliás por isso mesmo. Simões dedica à estética do romance uma extensa bibliografia, que abrange Ten-



JOSÉ RÉGIO



**proteccão total
para os motores
modernos**



Capas para faróis
Buzinas de todos os tipos
Vários formatos de espelhos
Jantes especiais
Escapes Abarth
Cassetes

ENORME VARIEDADE DOS MAIS RECENTES EXTRAS
FACA-NOS UMA VISITA E GOSTARÁ COM CERTEZA

AUTO PORTUGUESA, LDA.

Rua Rodrigues Sampaio, 50-A — LISBOA — Telef.: 4 74 96 / 4 25 27

O Cinema em Portugal

ma pequena estatística, verifiquei que em dez anos o preço dos bilhetes de cinema aumentou 50 por cento. Ora um novo aumento de mais 20 ou 30 por cento, neste momento, seria provavelmente fatal para a exibição e para a distribuição. O que me parece é que neste momento o Godard resumia muito bem a situação crucial que neste momento atravessa o cinema em geral. Ele dizia: «Antipagamente ia-se ao cinema,

MANUEL DE AZEVEDO — Isso levar-nos-ia para problemas já um pouco fora do espírito desta conversa, como, por exemplo, o facto de o cinema ter começado como um espectáculo

altamente popular e barato e hoje ser um espetáculo com ambições culturais e artísticas, mas caro. De certo modo, portanto, hoje já não se pode considerar que o cinema seja acessível a uma classe humilde como o foi no tempo em que era um espetáculo de feira. Mas como isso nos levaria muito longe, resta-me agradecer a valiosa participação de todos na discussão deste problema, que tem fortes reflexos no ambiente industrial, cultural e artístico do nosso País.

DO ROMANCE QUARENTA

dicial à verdade do que a lógica. As personalidades de matriz intelectual faltaria a necessária feminilidade, abandono ao mais forte, submissão sensual à natureza que o romance requer.

Neste intuicionismo psicológico estimulado pela experiência, e que visivelmente reage contra o «romance de tese» naturalista, o centro de gravidade desloca-se cada vez mais, em teoria, para o lado do factor experiência, ou



JOÃO GASPAS SIMÕES

observação, à medida que a doutrina se vai afinando. É certo que, como romancista, Gaspar Simões deu muito melhores provas na sua única obra efectivamente psicológica, *Elói*, do que nos posteriores romances ou contos de costumes e intenção ética. Mas o ensaísta, pelo contrário, corroborou-se.

Antes de me explicar a este respeito gostaria de salientar um aspecto do referido intuicionismo-psicologismo que é tanto mais curioso quanto Simões se apresenta como campeão antinaturalista: precisamente, o seu aspecto de herança naturalista, de um naturalismo à Taine. Com efeito, a referência, através mencionada, de uma identificação «visceral» do autor com a sua personagem não constitui bem uma metáfora, num homem da *Presença* nado e criado em caldo de cultura vitalista, de metafísica biológica. Simões acredita tão piamente como Oliveira Martins, Teófilo ou Basílio Teles em determinismos «rácios» nacionais. Assim, por exemplo, o inglês tem imaginação psicológica: eis o que falta ao português. Devido à sua «indole lírica», o português seria incapaz de observar e de «desdobrar-se», de escrever histórias a que, no fundo, não sirva de protagonista. Daí uma condenação a, ou cair na impersonalidade, ou então na sátira caricaturizante, humoral, sarcástica.

Retomemos agora o fio à meada da importância crescente da observação na doutrina de Simões. Inicialmente, ele faz sobrelevar Camilo ou Machado de Assis a Eça de Queiroz, pelas «rácias» razões expostas: nos dois primeiros haveria, sim, autenticidade nacional (?), humor vital, vindo do «âmago da personalidade» «temperamento»; a Eça restaria o oposto mesmo da «alma», restaria o «espírito» intelectual, superficial e francês. Mais tarde, este juízo sumário será discretamente rectificado. Eça eleva-se a paradigma nú-

mero um do nosso melhor património romanesco; e Camilo, com todo o seu enorme talento, não se teria libertado afinal do seu provincianismo — um provincianismo que (nota-o finamente Simões) se não limita à arte de efabular, mas se estende ainda à própria arte de viver, pois que também pessoalmente se sujeitou à voluntária disposição dos seus heróis, que procedem de acordo com o considerarem-se apaixonados, ignorando a tragédia real daquilo que, na sua existência, extravasa de uma ideologia romântica.

De acordo com tal ps.covitalismo, esta doutrina do romance secundariza a importância da ambientação, da «imaginação física» e, sobretudo, do enredo

relativamente à das personagens. Estas deveriam ser «redondas» e não «planas», deveriam acidentar-se de todas aquelas surpresas e contradições reactivas que Dostolevski, modelo supremo, impusera à ficção; mas teriam, ainda assim, de ser, num romance, muito mais rígidas no seu carácter do que homens de carne e osso. Para o presencismo, a ficção é, neste sentido, um «documento humano», fórmula de sabor ainda algo naturalista (a exigência de «temperamento» deriva, aliás de Zola para Régio e Simões), mas sob esta importante reserva: um documento humano, seja qual for o seu grau de humanidade, pouco é se não formular interrogações eternas, quer dizer, se não incarnar

problemas que o homem ainda não resolveu. E o documentalismo da observação, interna e externa, assenta até, por vezes, neste contraste pouco feliz: a poesia funda-se essencialmente na abstracção, o romance assenta na observação.

Mas a especificidade estética do romance, como defini-la? Gaspar Simões esclarece que o «documento humano» romanesco se não reduz a uma selecção tipificante do real: a verdade do romance não é a verdade da vida. Esta exigência serve-lhe mesmo de critério para (coisa que hoje estranhemos) condenar o *Ulysses* de James Joyce, es-

(Continua na 35.ª página)



OSCAR LOPES



Negócios com a Inglaterra? Consulte o Banco Inglês

O Bank of London & South America tem a sua sede em Londres e filiais em Birmingham, Manchester e Bradford.

Está pois, devido à sua organização extremamente actualizada, preparado para lhe oferecer uma assistência insuperável em todas as suas operações bancárias com este país.



BANK OF LONDON & SOUTH AMERICA LIMITED

(BANCO INGLÊS) O BANCO DA SUA CONFIANÇA

LISBOA - Rua Áurea, 40-48 Av. Duque de Loulé, 97 A - Rua Palmira, 37
PORTO - Av. dos Allados, 2-20 Rua da Constituição, 738

10 ESCRITORES x 10 OBRAS = 100 ANOS DE LITERATURA PORTUGUESA

COM TODOS OS INCONVENIENTES do (jornalisticamente) necessário esquematismo de uma pergunta breve, ainda assim consideramos de interesse submeter dez escritores portugueses da hora actual (escritores das mais variadas opções estéticas e filosóficas) à questão «Quais as dez obras mais importantes da literatura portuguesa dos últimos cem anos?». O confronto das respostas recebidas, tanto pelos denominadores comuns como pela diversidade das opiniões, permitirá aos nossos leitores aquilatar da riqueza e da representatividade da produção literária nacional desde a (íclita) Geração de 1870 até aos nossos dias.



ANTÓNIO QUADROS

Procurando o *reclamo* suficiente para me dar objectividade crítica e pesando os factores simultâneos de originalidade de pensamento, de qualidade estética, de ressonância dentro da cultura portuguesa, de assunção dos valores que considero pessoalmente essenciais, de empenhamento do próprio autor, e buscando ainda não me circunscrever apenas à esfera literária, citarei estes dez livros:

História de Portugal, de Oliveira Martins
Sonetos Completos, de Antero de Quental
Os Maias, de Eça de Queiroz
A Ideia de Deus, de Sampaio Bruno
Pátria, de Guerra Junqueiro
Regresso ao Paraíso, de Teixeira de Pascoaes
Húmum, de Raul Brandão
O Criacionismo, de Leonardo Coimbra
Mensagem, de Fernando Pessoa
Poemas de Deus e do Diabo, de José Régio

AUGUSTO ABELAIRA

É evidente que isto é um jogo — aceita-se ou não jogar, conforme a Lua, e conforme a Lua joga-se desta ou daquela maneira. Aceito o jogo (impondo-me a regra de não citar mais do que uma obra de um mesmo autor, para evitar os monopolistas) e adianto as primeiras cartas, aquelas que me parecem inevitáveis:

A Brasileira de Prazins,
Os Maias,
O Livro de Cesário Verde,
Poesias (F. Pessoa).

Das seis cartas que me restam, muito mais aleatórias, acrescento uma que também me pareceria inevitável, se não

me sentisse obrigado por António Sérgio a pôr-lhe sérias restrições:

História de Portugal (Oliveira Martins).

E, já que falo de Sérgio, como não considerar também inevitáveis os seus *Ensaio*s, com os quais ele pretendeu, embora sem grande êxito valha a verdade levar-nos a pensar com um mínimo de rigor?

Agora hesito, olhando as vinte ou trinta cartas (apesar de tudo!) que guardo na mão. De má vontade (embirro com o homem, altamente reaccionário, ao que penso), não resisto a acrescentar (e que bela oportunidade para me mostrar liberal, tolerante!):

As Farpas (as do Ramalho).

De Aquilino,
Terras do Demo.

De José Régio,
As Encruzilhadas de Deus.

De José Gomes Ferreira
Poesia III.

Feitas as contas, verifico, espantado, que um dos trunfos maiores o guardo ainda comigo — eu, que já não tenho direito a jogar mais! Como estou entre amigos, peço licença para recolher uma carta, de maneira a poder substituí-la por outra que, tivesse ela nascido em França e passaria por haver influência



de Camus (isto, embora falso, até acabaria por ser verdadeiro, caso Deus estivesse efectivamente disposto a escrever direito por linhas tortas!):

Húmum.

Que carta tirar da mesa, eis o problema... Vale-me ser afinal um homem sectário: embirro com a Ramalhal Figueira, acho as *Últimas Farpas* um livro detestável, decreto para mim próprio que *As Farpas* são todas detestáveis, recolho-as — e graças ao *Húmum* ganho a partida.



DAVID MOURÃO-FERREIRA

É deveras sintomático (de várias coisas!) que se formulem inquéritos deste género; e levar-nos-ia bastante longe uma análise dos preconceitos quantitativos (ou superstições numéricas) que lhes estão na origem... Todavia, como não quero ser desagradável, limitar-me-ei a lembrar que a cultura de um país — mesmo no que respeita ao circunscrito sector da sua produção literária — não pode nunca reger-se por números, nem tão-pouco se compadece com os processos magazinescos de «os dez mais bem vestidos», ou «as dez mais bem despidas», ou «as dez maiores fortunas do mundo»... Por isso mesmo, hesitei muito antes de responder nos termos que me propõem. Elaborei, no entanto, inúmeras listas; e tive depois a tentação de colocar, em cada uma, à laia de comentário (para que me servissem de lição!), aquelas palavras com que Valéry Larbaud, em circunstância idêntica, resumiu um dia os inglorios esforços desta natureza: «Bête comme l'enquête»... Mas vivemos em sociedade, não é assim? É preciso pois sacrificar, de quando em quando, nas aras da conveniência, entrar no jogo sem apontar o absurdo das suas regras, participar, em suma, nesta frenética mania de ajuizar em forma de decálogo, de distribuir notas para a esquerda e para a direita, de «examinar» e «classificar», com rigorosa pontuação, todas as manifestações da vida pública (o que não deixa, aliás, de parecer muito estranho, numa altura em que por toda a parte se contesta a legitimidade dos «outros» exames...).

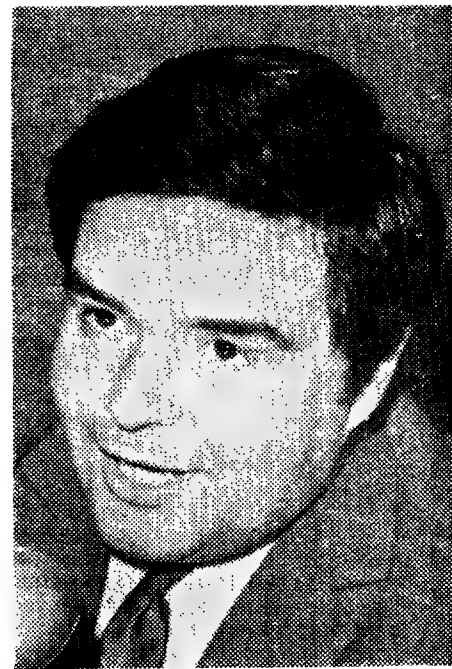
E vamos então ao jogo, que já é tempo. Se os inquiridores se contentam com «as dez obras mais importantes» da literatura portuguesa dos últimos cem anos, só poderei lamentar — por eles — que se contentem com tão pouco, mas não lhes recuso o concurso da minha boa vontade. Aqui vai, pois, uma possível relação, onde apenas figuram autores mortos:

O LIVRO DE CESÁRIO VERDE E A OBRA POÉTICA DE FERNANDO PESSOA; OS MAIAS DE EÇA DE QUEIROZ, O AGOSTO AZUL DE M. TEIXEIRA-GOMES, O HÚMUM DE RAUL BRANDÃO E O MALHADINHAS DE AQUILINO RIBEIRO; O D. JOÃO E A MASCARA DE ANTÓNIO PATRÍCIO E O JACOB E O ANJO DE JOSÉ RÉGIO; OS ENSAIOS DE ANTÓNIO SÉRGIO E OS ESTUDOS HISTÓRICOS DE JAIME CORTESÃO.

De qualquer modo, dificilmente me perdoou não incluir (para só continuar falando de autores mortos) obras como *Eusébio Macário* de Camilo Castelo Branco, os *Sonetos* de Antero, a *Pátria*

de Junqueiro, *A Mulher de Luto* de Gomes Leal, a *Paixão de Maria do Céu* de Malheiro Dias, o *Regresso ao Paraíso* de Pascoaes, a *Clépsida* de Pessanha, as *Poesias* de Sá-Carneiro, os *Gladiadores* de Alfredo Cortez, as *Páginas de Política* de Raul Proença. Trata-se, afinal de contas, de uma lista de mais dez obras... Terceiro elenco se poderia ainda formar com a maior facilidade, apontando o *Portugal Contemporâneo* de Oliveira Martins, *O País das Uvas* de Fialho de Almeida, os *Oaristos* de Eugénio de Castro, o *Só*, de António Nobre, as *Religiões da Lusitânia* de Leite de Vasconcelos, as *Canções* de António Botto, os *Sonetos* de Florbela, a *Folha de Parra* de Tomaz Ribeiro Colaço, as *Ossadas* de Afonso Duarte, *O Pouco e o Muito*, de Irene Lisboa...

E isto, somente, para não indicar outras obras dos autores já referidos — o que é, aliás, perfeitamente absurdo, portanto, de Raul Brandão, por exemplo, *O Doido e a Morte* ou as *Memórias* não são, a outros títulos, menos importantes que o *Húmum*; de Teixeira-Gomes, a *Gente Singular* ou a *Maria Adelaide* não valem menos que o *Agosto Azul*; de Aquilino Ribeiro, *A Via Sinuosa* ou o *São Banaboião* não são menos representativos que *O Malhadinhas*; de José Régio, *O Jogo da Cabra Cega* ou as *Encruzilhadas de Deus* não marcaram uma data menos significativa que o *Jacob e o Anjo*... Por outro lado, se incluíssemos também autores vivos, creio que nem uma lista de cem títulos haveria de nos bastar.



EDUARDO PRADO COELHO

Tendo em conta que o tempo de 100 anos é excessivamente longo para incluir apenas dez livros importantes, esta resposta apontará somente certas obras já relativamente estabilizadas no universo cultural, com prejuízo de outras muito importantes para mim (mas indicá-las seria escolher necessariamente a injustiça...). Assim:

Sonetos, de Antero de Quental
Novelas do Minho, de Camilo Castelo Branco
Portugal Contemporâneo, de Oliveira Martins
Os Maias, de Eça de Queiroz
O Livro, de Cesário Verde
Clépsida, de Camilo Pessanha
Obra Poética (com preferência por Caeiro), de Fernando Pessoa
Húmum, de Raul Brandão
A Confissão de Lúcio, de Mário de Sá-Carneiro
*Ensaio*s, de António Sérgio

FUGUESA

E. M. DE MELO
E CASTRO

Para responder a esta pergunta creio dever precisar as condições em que a resposta me poderá parecer consequente. Assim, só como leitor colocado existencialmente em 1970 poderei responder. Nunca como crítico, que para isso nem a pergunta me parece útilmente formulável, nem a resposta a dar me parece possível neste espaço e lugar.

Mas os juízos (?) de leitor são sempre os antecedentes dos juízos do crítico que neles tem de basear primariamente a sua operação crítica.



Por outro lado, não creio que como homem-leitor, conscientemente colocado em 1970 (e não fatalisticamente arrastado até 1970) possa evitar a interferência do homem-poeta, numa apreciação deste tipo.

Assim, as minhas 10 obras (obra=livro individual?, conjunto de livros de um Autor?, ambos?) são as seguintes:

1) *Obra Poética*, de Fernando Pessoa mais todos os heterónimos; 2) *Ensaaios*, de António Sérgio; 3) *Clépsidra*, de Camilo Pessanha; 4) *A Confissão de Lúcio*, de Mário de Sá-Carneiro; 5) *Poesias*, de Mário de Sá-Carneiro; 6) *Pome de Guerra*, de Almada Negreiros; 7) *O Livro*, de Cesário Verde; 8) *Pena Capital*, de Mário Cesariny de Vasconcelos; 9) *A Torre de Barbel*, de Ruben A.; 10) Esta décima obra ficou por escrever durante os últimos 100 anos, pois devia ser a obra que atestasse indubitavelmente a maioridade da Poesia Portuguesa no Mundo Supra Nacional de hoje.

FERNANDO NAMORA

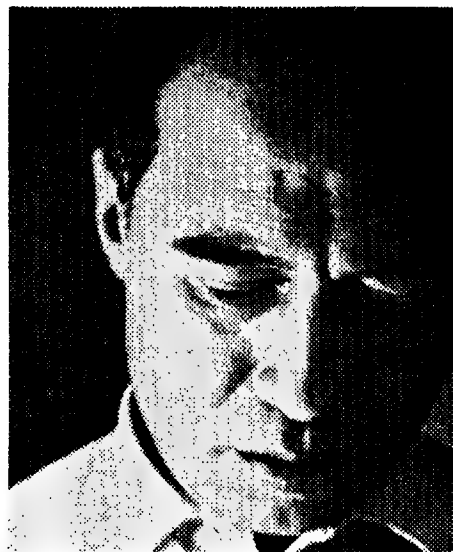
Das dificuldades e ciladas da escolha:

1— Há grandes escritores que não escreveram um grande livro: é no conjunto da obra que está a sua grandeza. Até na literatura portuguesa actual se poderiam colher exemplos significativos.

Assim, o seleccionador é tentado a incluir um certo livro, um tanto imerecidamente, só porque lhe doi que o autor em causa não figure numa lista de obras mestras.

2— Há escritores de mediana ou débil representatividade que, no entanto, escreveram um livro de rara estirpe. Ouso citar um do nosso tempo, entre alguns mais: Noel Teles, um nome praticamente desconhecido, autor de um romance de primeira água: *«Terra Campa»*.

O depoente, desta feita, sente-se intimidado por incluir nos tais dez um livro que, automaticamente, arrastará o respectivo autor para uma posição



que talvez com mais justiça coubesse a outros.

3— Há grandes escritores que escreveram não um mas vários grandes livros. Qual deles escolher? E ainda que o limite rigoroso dos cem anos nos desembarace logo de um Garrett e de alguns mais que apetecia pôr no rol, ainda nos ficam um Camilo, um Antero, um Eça, um Raul Brandão, um Pessoa, um Aquilino, um Régio— que sei eu? Um cabaz deles a deitar por fora. Para já não falar dos vivos, entre os quais há quem nos daria a mesma dor de cabeça

4— Toda a escolha é subjectiva— e não temos que exigir que o não seja. Inevitavelmente, nela se enflam ingredientes perturbadores: a simpatia, a antipatia, o preconceito (e ninguém mais preconceituoso que um intelectual), o sectário «isto» nada mais do que isto», em lugar do «isto e também aquilo», de que nos fala Huxley, para não referir outras contaminações. Tudo coisas que representam uma cilada para quem depõe e para quem o depoimento se destina.

Total: ou a escolha de dez livros resultaria bem artificiosa, a fazer-nos desejar um urgente novo inquérito para nele, afinal, darmos uma resposta que seria tão diferente da anterior como o dia o é da noite, ou então... o melhor será confessar a nossa incapacidade para matar tanta sede com água tão pouca.



JOÃO
PALMA-FERREIRA

«Os Maias», de Eça de Queiroz.
«Só», de António Nobre.

«O Livro», de Cesário Verde.
«Poemas de Alvaro de Campos», de Fernando Pessoa.

«Clépsidra», de Camilo Pessanha.

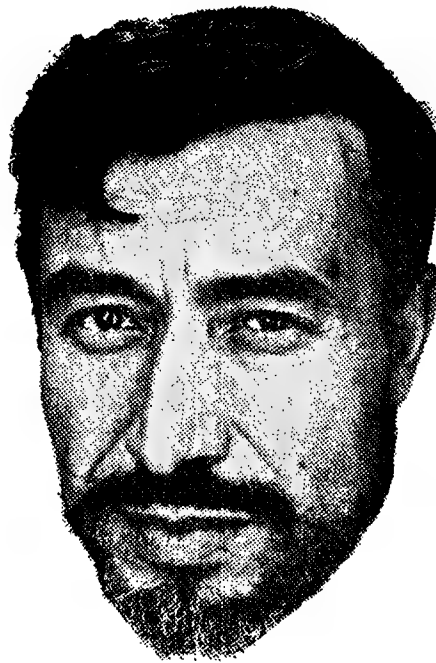
«Nome de Guerra», de Almada Negreiros.

«O Malhadinhas», de Aquilino Ribeiro.

«O Jogo da Cebra Cega», de José Régio.

«Mau Tempo no Canal», de Vitorino Nemésio.

«Aparição», de Vergílio Ferreira.



JOSÉ CARDOSO PIRES

«Novelas do Minho», de Camilo Castelo Branco.

«Os Maias», de Eça de Queiroz.

«Poesias», de Fernando Pessoa.

«Húmus», de Raul Brandão.

«Ensaaios», de António Sérgio.

«A Casa Grande de Romarigães», de Aquilino Ribeiro.

«Barranco de Cegos», de Alves Redol.

Obra de Guimarães Rosa.

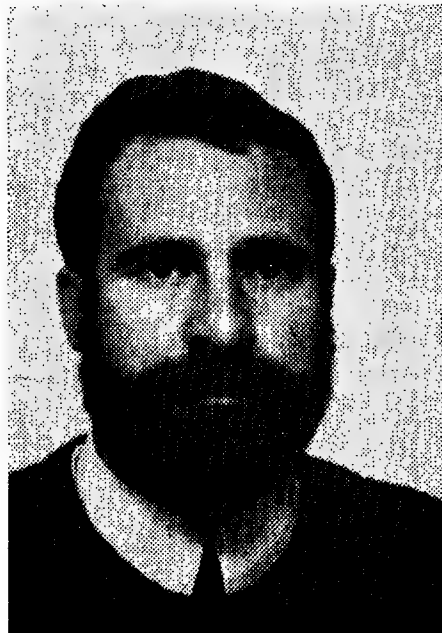
Obra de João Cabral de Mello Neto.

«Uma Abelha na Chuva», de Carlos de Oliveira.

«História da Cultura em Portugal», de António José Saraiva.

LIBERTO CRUZ

Eis o tipo de questionário sempre difícil de responder. Na verdade, podemos considerar as dez obras mais importantes em relação à época em que foram publicadas ou em relação ao nosso tempo. Por razões óbvias prefiro a segunda via. Indicarei assim algumas obras que me ajudaram a compreender o passado e cuja força intrínseca acho susceptível de não de apontar pelo menos de pressentir prováveis caminhos da futura literatura portuguesa. É evidente que esta relação de obras é de momento a que mais me impressiona, mas não é definitiva. Isso seria negar-me como leitor e como membro de uma sociedade que pretendemos viva. Respeito os mortos que o merecem, detesto os cadáveres adiados e reservo energias para as obras que o tempo e a situação, o espaço e a liber-



Inquérito

dade não-de produzir. Dirão alguns que sou optimista. A esses responderei que a Literatura começa sempre amanhã.

«Os Fidalgos da Casa Mourisca», de Júlio Diniz.
«O Primo Basílio», de Eça de Queiroz.
«Obra Poética», de Fernando Pessoa.
«Ensaaios», de António Sérgio.
«Mau Tempo no Canal», de Vitorino Nemésio.

«A Sibila», de Agustina Bessa Luís.

«Pena Capital», de Mário Cesariny.

«Maria Adelaide», de Teixeira-Gomes.

«Alegria Breve», de Vergílio Ferreira.

«O Delfim», de José Cardoso Pires.

NATÁLIA CORREIA

O limite de cem anos imposto a este inquérito é um rigor cronológico que prejudica o rigor antológico.

Exemplo: a produção mais significativa de Camilo é imediatamente anterior a este período. Mas dada a importância inalienável deste autor é inevitável que dele seleccionemos uma obra posterior a 1870. Sou portanto forçada a escolher:

1) «A Brasileira de Prazins».

2) «Os Maias» de Eça de Queiroz, ou «o génio de sermos aquilo que somos» que é contrapartida de «o génio daquilo que podíamos ser», documentado na

3) «Obra poética de Fernando Pessoa».



Apontarei em seguida três obras diferenciadas mas que têm a importância comum de serem em destaque um valor de identificação:

4) «Religiões da Lusitânia», de José Leite de Vasconcelos, (o aprofundamento dos mitos locais que permite uma identificação antológica).

5) «Canceloneiro da Ajuda», edição crítica de Carolina Michaëlis de Vasconcelos (a descoberta do nosso primeiro lirismo ou a grande possibilidade de uma identificação poético-cultural).

6) «Húmus», de Raul Brandão (uma descida às profundidades, abrindo caminho a uma estética de identificação psicológica).

7) «Pátria», de Guerra Junqueiro (anti-Lusiadas, ou a virtude dialéctica de uma literatura que sobrevive porque é capaz de se opor aos seus monumentos).

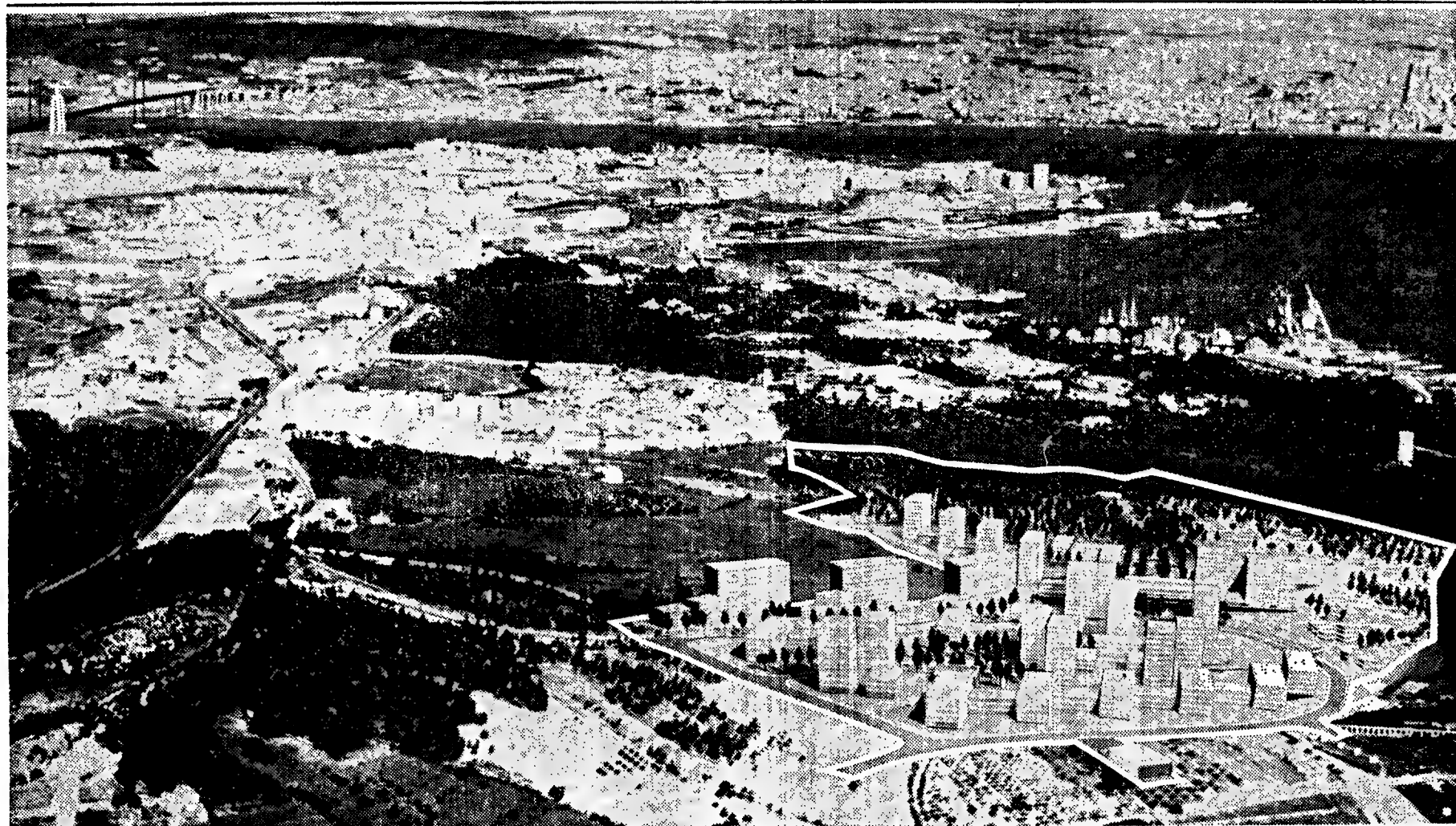
8) «Livro de Cesário Verde» (a temperatura estética ideal do sentimento do ocidental).

9) «Obra poética de Gomes Leal» (o desequilíbrio genialmente desejável da imaginação do ocidental).

10) «A Engomadeira», de Almada Negreiros (a espectacular demonstração de que se pode ser inovador, revolucionário e abominar a pelintra literária portuguesa porque se é português e sem nunca o deixar de ser).

N. B.— Considero esta selecção deficiente por não me terem dado espaço para nela inserir uma obra fundamental como o « regresso ao Paraíso », de Teixeira de Pascoaes. Vai um extra-programa porque o seu valor é mais absoluto do que relativo. Não se repete, não contagia como a poesia de Fernando Pessoa. A sua importância é de começar e acabar em si mesma. Daí o isolamento com que aqui homenageo o poeta.

UM RENDIMENTO IMEDIATO DE 1.066\$70 POR MÊS



Este rendimento é-lhe garantido durante 6 até 12 anos por escritura pública, se adquirir um apartamento mobilado em:

MIRATEJO A Cidade Panorama situada na margem esquerda do Tejo a 3 kms de Cacilhas ou da Ponte sobre o Tejo.

Por 160 contos será seu um apartamento mobilado e decorado por Olaió equipado com: máquina de lavar roupa, frigorífico, fogão, esquentador e exaustor eléctrico de fumos. Poderá administrar pessoalmente este apar-

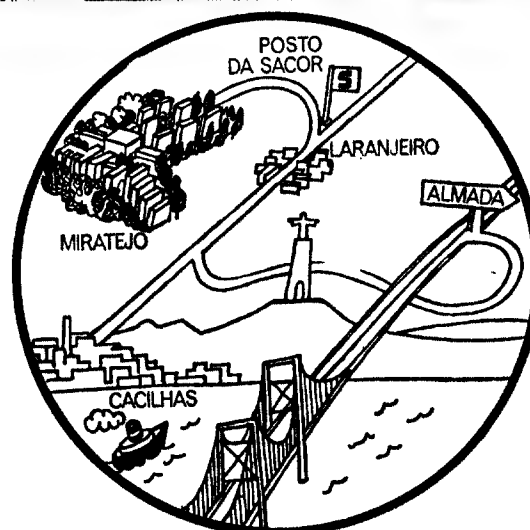
tamento, ou alugá-lo por 6 até 12 anos à REALIMO, o que lhe garante
**O RENDIMENTO ANUNCIADO DE:
ESC.: 1.066\$70 POR MÊS**

INFORMAÇÕES DE 2.ª A 6.ª FEIRA NOS ESCRITÓRIOS DA
REALIMO, S.A.R.L.

AV. ENG. DUARTE PACHECO, 21 - 3.º B
EDIFÍCIO ANGOLA / TEL. 683246 / LISBOA 1
SÁBADOS E DOMINGOS: NO PRÓPRIO LOCAL

Representante no Porto
J. BOTELHO DE ANDRADE

Rua Alm. Leote do Rego, 40 Telefone 4 52 96



MIRATEJO A CIDADE PANORAMA!

SOCIEDADE DE CRISTAIS, LDA.

VIDROS • ESPELHOS • CRISTAIS

VIDRO TEMPERADO

TUDO EM VIDRO
PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

TELEFONES
21416 - 25326

R. do Almada, 25
PORTO

AOS SRS. COMERCIANTES, REVENDEDORES E FEIRANTES DA METRÓPOLE ILHAS E ULTRAMAR

Quereis comprar barato? Façam-nos uma visita e terão os mais BAIXOS PREÇOS DO MUNDO!... em Rádios transistores das famosas marcas: National, Clariom, Sanio, Sharp, Aiwa, Crown, Imperial, Nozaca Belson, etc. Gravadores de 2 e 4 pistas e profissional dos mais recentes modelos, relógios de pulso suíços, despertadores, pilhas, braceletes, bonecas, brinquedos e milhares de artigos a preços incríveis e ainda o famoso rádio CONION de que somos representantes exclusivos para a Europa.

SANTOS & FERRÃO, LDA.

COMÉRCIO GERAL

RUA PASCOAL DE MELO, N.º 44, 1.º, DIR.
(à Cervejaria Portuguesa)

LISBOA

Uma teoria do romance nos anos de quarenta

(Continuação da 31.ª pág.)

sa «aventura falhada» e talmente carecente de «originalidade natural», até ao nível primário da selecção do real. E o ensaísta recorre aqui à teoria da «pouco elaboração estética» que pouco a pouco elaborou estas colunas da «Presença» em diálogo com Régio, ou, noutros termos, recorre à teoria da «deformação» como processo artístico fundamental, segundo uma ideia que julgo inspirada por Ortega y Gasset. As obras só perduram quando gravadas num material de duração eterna — o estilo, cuja fonte é, de resto, «visceralmente» individual e, ao mesmo tempo (e como?) humana. É verdade que a palavra «estilo» ocorre por vezes com certo lastro depreciativo em certos artigos, nomeadamente quando, a propósito de certa tradição nacional de «prosa rica» nos procura precaver contra um *estilo uniforme, muito personalizado, muito aquecido pela personalidade do autor*, e que seria o *pior inimigo do romancista*. O autor mais directamente visado é, evidentemente, Aquilino, com quem Simões travou uma desagradável polémica no *Diário de Lisboa*. Mas precisamente Aquilino (mal compreendido pelos presentistas, como aliás pelo primeiro neo-realismo e ainda por outros que o leram tarde, mal ou incompletamente) sugere-lhe a dada altura a distinção entre «prosador» e «estilista»; e a contradição entre os lados positivo e negativo de «um estilo muito personalizado» conduz Gaspar Simões a uma fórmula cuja dialéctica mereceria um melhor desenvolvimento pelo autor: a do «impessoalismo pessoal», que se evidenciaria pela atmosfera total de uma obra e não pelo pessoalismo indistinto e desproporcionado deste ou aquele ingrediente, verbal, compositivo ou efabulatório.

Mais um passo neste sentido, e Gaspar Simões deixaria para trás a característica metafísica presentista que, desconexamente (ou, pelo menos, sem qualquer esforço autêntico de síntese) tanto substancializa o Homem como o Eu individual, nomeadamente o Eu do artista, de que o estilo seria imediato reflexo vital. Saem-lhe da pena ainda reflexões como esta: *não é o romancista que dá forma ao romance, mas o romance que dá forma ao romancista*. Repare-se no que, para a simples psico-sociologia do romance, e para sua melhor compreensão quer histórica quer estrutural, poderia resultar de uma aproximação entre isto e o que atrás se transcreveu a respeito da concepção camiliana de vida. Mas trata-se, é pena, de momentos intransitivos onde lucila uma breve dialectização psico-sociocultural-etc., logo submersa no psicovitalismo mais puro e simples.

Eis, em resumo, o código da estética do romance que Gaspar Simões elaborou ao longo dos anos de 30 e 40, quando a teoria da literatura não existia ainda sequer, entre nós, como cadeira de Letras. É fácil, hoje, apontar-lhe hesitações e insuficiências. Mas importa não esquecer que isto é como uma cortina atrás da qual havia praticamente, entre nós, o vazio como dou-

trina estético-literária consistente. Os melhores precursores, Lourenço Pinto, Sampaio Bruno, Jaime Moniz, ficavam para além de 1900. O decênio de 20 legara-nos, salvante Brandão, Aquilino, o igno- mais, as degenerescências regionalista-pitoresca, historicista-passadista, esteticista-metapsíquica ou turístico-cosmopolita do naturalismo que vieram espalhar-se até mais tarde. E o primeiro Modernismo de 1915, sem dúvida muito mais criador em poesia do que o de 1927, tem a sua mais alta expressão teórica naquelas notas conhecidas e elucubrações escolásticas, a seco, de Pessoa, apenas, de quando, iluminadas por um fogacho do grande poeta que ele era.



Reunião, em 1947, para a criação da Sociedade de Escritores, que não chegou a concretizar-se. Na fotografia, vêem-se, sentados, da esquerda para a direita, Carlos Selvagem, Matos Sequeira, Maria Archer, Luís de Oliveira Guimarães, Rocha Martins, António Sérgio, Ferreira de Mira, Campos Lima, Carlos Olavo e Sousa Costa; e em pé, César Frias, Gomes Mota, Aquilino Ribeiro e Jaime Lopes Dias

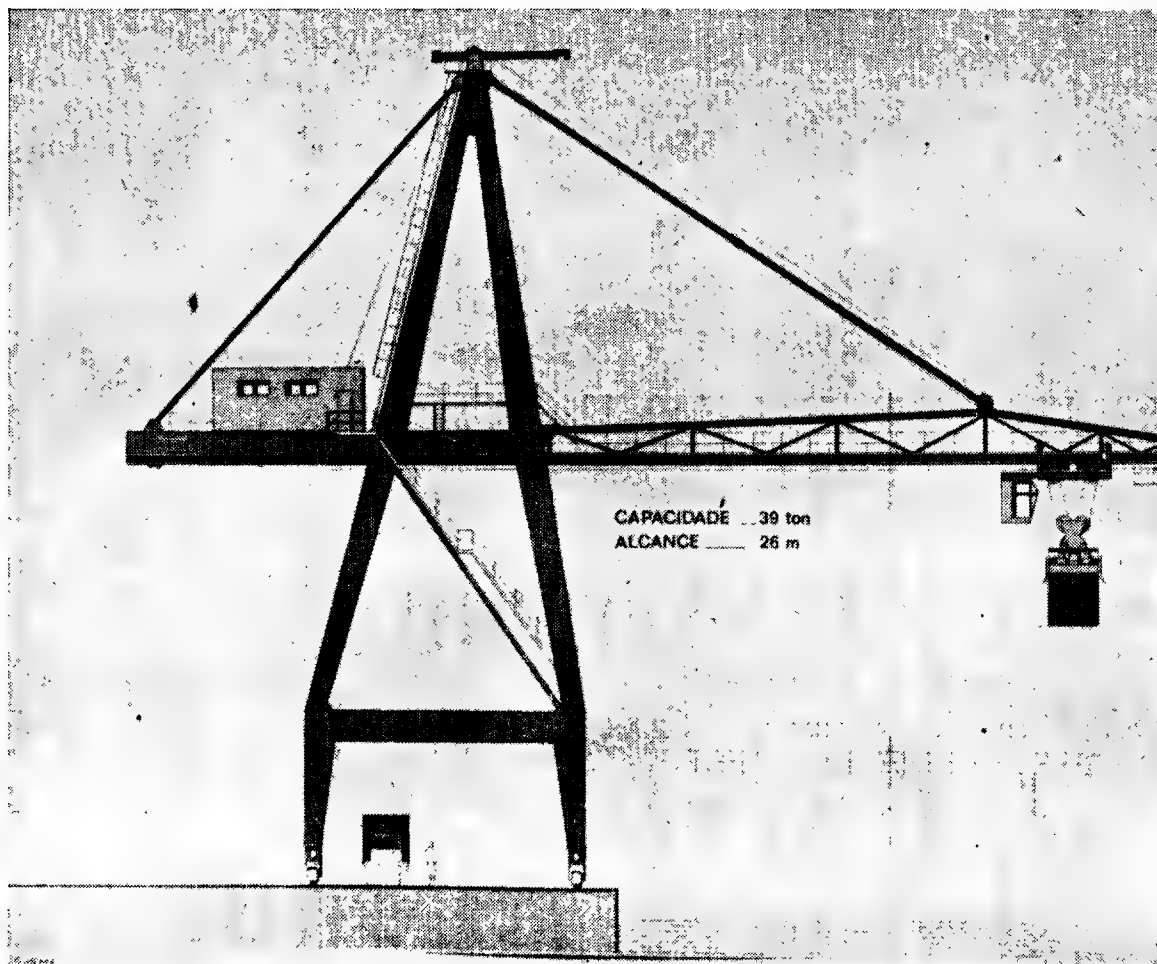
MAIS UM PASSO DECISIVO PARA A CONTENTORIZAÇÃO EM PORTUGAL!

O PORTO DE LISBOA

que tem já ao serviço um empilhador de carga lateral (side-loader), com a capacidade de 25 toneladas, para empilhamento, carga e descarga de contentores de 20 pés, vai equipar-se com uma grua especial para contentores (portainer), já encomendada, para operar no futuro terminal de contentores de Santa Apolónia.

Movimento de contentores de 20 pés (6 m), no PORTO DE LISBOA

1968	763
1969	3071

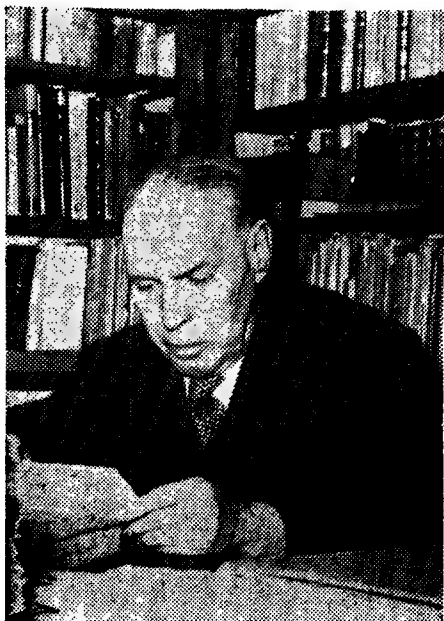


A grua especial para contentores, já em construção



ADMINISTRAÇÃO-GERAL DO PORTO DE LISBOA

Cais do Sodré — LISBOA - 2



AQUILINO RIBEIRO

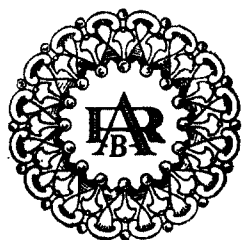
uma mensagem
de
felicitações...

no
49.º aniversário
do
DIÁRIO DE LISBOA

... uma mensagem amiga
da

TAP

MARCA T.A.J. 69



AUGUSTINE, REIS & C.ª

BANQUEIROS

100, RUA DA CONCEIÇÃO, 106

LISBOA

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS



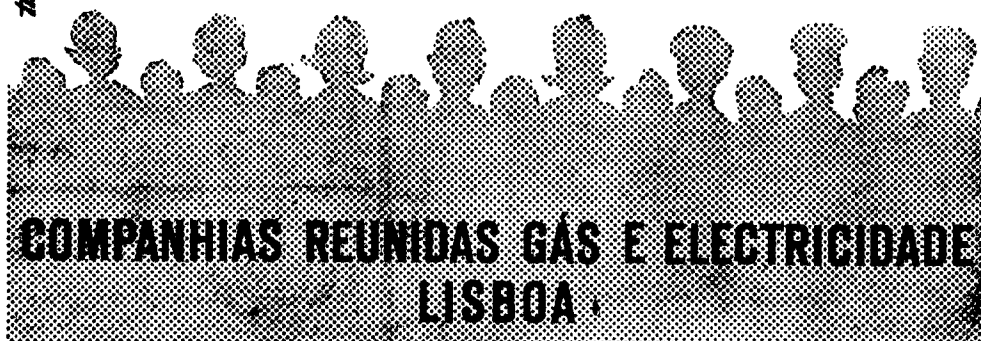
A BEM SERVIR

CONFIANÇA — CRÉDITO — CELERIDADE



SÍMBOLO DE BONS SERVIÇOS

ao dispor do público
- dia e noite -



COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE
LISBOA

PORTUGAL

na perspectiva da integração económica europeia

Por MANUEL BELLO

A DÉCADA DE 70 parece começar, no nosso País, sob o signo de uma nova política económica externa tendente a inserir-nos, de algum modo, no processo de integração europeia iniciado pelos seis países do Mercado Comum.

Alguns actos oficiais vieram marcar claramente esta mudança de orientação, depois de um longo período em que predominavam o ceticismo e as reservas acerca de um «europeísmo económico» que se antevia cheio de riscos e em que era corrente falar-se do «mito da Europa», apontando-se-lhe os perigos, sendo económicos pelo menos políticos.

Há que assinalar, antes de mais, o discurso pronunciado pelo secretário de Estado da Indústria em 16 de Fevereiro último, a que se seguiu, mais recentemente, a nomeação pelo Governo de uma comissão oficial encarregada de estudar «a situação presente e as possibilidades futuras no que respeita aos processos de participação do país nos movimentos que têm por objectivo a integração económica da Europa».

Do discurso do eng.º Rogério Martins depreende-se uma ideia fundamental: a de que a industrialização do continente português só poderá prosseguir se for orientada para a conquista de mercados externos de dimensões maiores que o nosso. O secretário de Estado da Indústria manifestou-se assim concordante com outras vozes que já anteriormente haviam considerado praticamente esgotadas as nossas possibilidades de desenvolvimento industrial com base na substituição de importações e ao abrigo de substanciais medidas proteccionistas. Mas enquanto outros vêem no alargamento e reestruturação do mercado interno a via, ou o «modelo», a explorar prioritariamente no futuro, o referido membro do Governo apontou para a procura externa e para a competição internacional como estímulos fundamentais e decisivos do nosso progresso industrial.

O acesso a mercados externos de grande dimensão permitir-nos-ia beneficiar das «economias de escala» que o mercado interno não proporciona, e assim se tornaria possível criar grandes unidades industriais modernas, eficientes e competitivas, aptas a participarem no processo de integração económica da Europa contemporânea. Esta perspectiva aliciança porém, como é evidente, uma contrapartida necessária: a abertura do nosso mercado interno a uma concorrência mais intensa por parte dos industriais de numerosos países muito mais avançados no caminho da industrialização.

Trata-se, em suma, de perspectivar a inserção do nosso país num esquema liberal de trocas externas e de divisão internacional do trabalho, de que recolheríamos — como ensina a teoria económica clássica — o máximo de vantagens, através da especialização nas produções mais adequadas às nossas possibilidades e recursos naturais.

O discurso a que nos referimos inspira-se, sem a menor dúvida, nos postulados da análise económica clássica acima delineada. Nele se sugere, com efeito, «uma nova política industrial que, rejeitando a autarquia, procure estimular o equilíbrio da balança comercial na base do desenvolvimento da exportação de produtos que possamos produzir em condições de custo internacionalmente concorrenciais». E mais adiante, insiste-se em que «a orientação que deve prestar à nova fase do nosso desenvolvimento industrial será a

de concentrar esforços nos domínios em que podemos alcançar vantagens concorrenciais à escala mundial».

A questão que desde logo ocorre é a de saber em que medida a análise acima transcrita, e as conclusões optimistas dela decorrentes, serão na realidade compatíveis com o estado de desenvolvimento em que nos encontramos no continente português (pois era de Portugal metropolitano que se tratava). Pela nossa parte, seguimos uma linha de pensamento que de há muito temos exposto, por vezes nestas mesmas colunas, a qual nos leva a ter sempre presente que a aplicação de um regime de trocas livres em diversos graus de desenvolvimento pode implicar para os mais fracos, graves obstáculos ao crescimento económico.

Mas o nosso propósito de hoje não é o de voltar a referir toda a problemática já muito debatida, das desigualdades estruturais que, de país para país, de região para região, explicam os efeitos «assimétricos» do intercâmbio entre espaços económicos a que, na realidade, correspondem, em larga medida, situações «dominantes» ou «dominadas». Não ignoramos, aliás, que as políticas extremas de autarquia pura e de livre-cambismo puro são apenas teóricas e que, na realidade, o que existe é uma larga gama de políticas intermédias possíveis.

A nossa participação eventual no movimento de integração económica europeia, dadas as presentes circunstâncias políticas, não poderia provavelmente ir além, no futuro mais próximo, de um acordo de comércio preferencial em condições semelhantes às que foram recentemente estipuladas para a Espanha. Não se tratará necessariamente de um prelúdio à associação, nos termos do tratado de Roma que instituiu a Comunidade Económica Europeia, mas apenas da concessão recíproca de certas

reduções progressivas de direitos aduaneiros.

Seria pois no quadro de uma gradual liberalização das trocas que passaríamos a efectuar o nosso intercâmbio comercial com o espaço económico europeu. Por certo que, em tal quadro, a procura externa poderia actuar com maior intensidade, como factor dinâmico do nosso processo de industrialização; e, por sua vez, uma concorrência externa mais vigorosa poderia também produzir efeitos benéficos em certos sectores industriais portugueses como elemento de correcção e de orientação dos investimentos para as actividades de maior eficiência produtiva e como incentivo à racionalização e à conjugação de esforços das empresas.

O problema que se põe será, ao que supomos, o de adaptar os estímulos do exterior a um processo autónomo de reestruturação interna, susceptível de assegurar, nas melhores condições, a transmissão dos efeitos multiplicadores do desenvolvimento industrial a todo o sistema económico. Nesta perspectiva, assumem relevante importância as relações interindustriais no âmbito do espaço económico interno, e nomeadamente a melhor articulação entre as ilustres viradas para a exportação e as que dependem fundamentalmente do mercado interno; a estas últimas incumbirá diversificar-se, de modo a aumentar progressivamente a produção dos bens de equipamento necessários às primeiras. Neste contexto, supomos que a política de substituição de importações está ainda longe do esgotamento total das suas virtualidades. E não duvidamos de que, por largo tempo ainda, será necessário assegurar adequada protecção a indústrias nascentes e a outras em circunstâncias especiais face à agressividade de competidores estrangeiros.

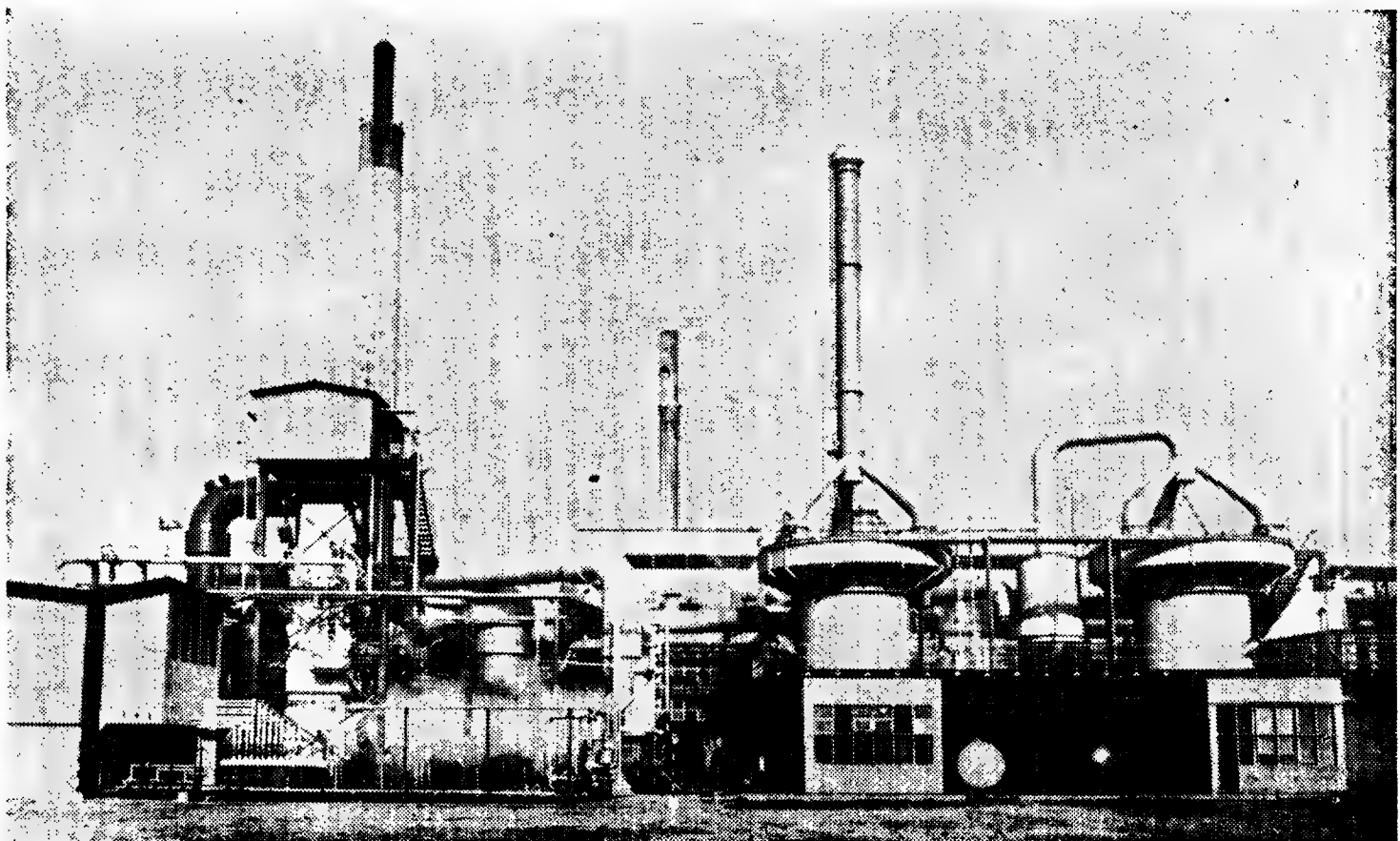
O que não significa que os direitos aduaneiros sejam o único meio de que



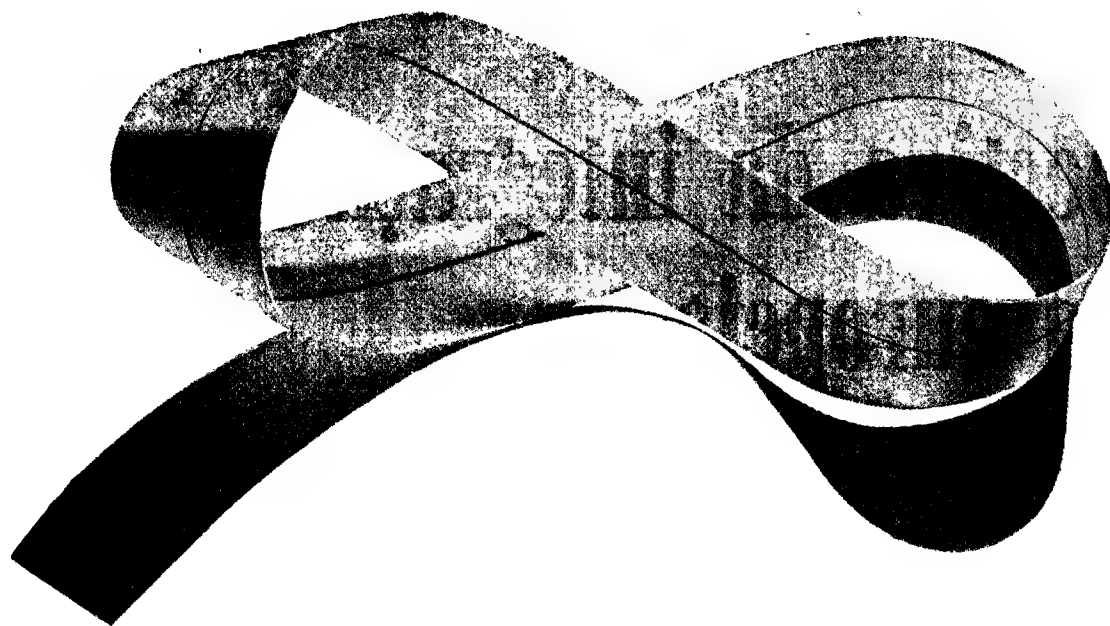
MANUEL BELLO

se pode lançar mão para tal fim; outros meios existem com outros nomes mas de efeitos equivalentes. Citaremos a este respeito as conclusões do recente colóquio de política industrial, organizado pela Associação Industrial Portuguesa, onde se pede «a substituição de um protecçãoismo aduaneiro por todo um conjunto de apoios regulamentares e administrativos que se processam em todas as economias evoluídas, tendentes a consolidar sectores básicos de estratégia do desenvolvimento industrial...». Resta definir — e aplicar... — os novos métodos de promoção activa da industrialização que poderão substituir com vantagem a protecção pautal.

Finalmente, não se esqueça que as trocas externas poderão ser uma das condições do desenvolvimento, mas apenas isso; para além disso há que encarar o que mais importa, ou seja, a definição dos objectivos do desenvolvimento em termos da sua projecção social: a realização do pleno emprego da força de trabalho disponível, a igualdade de oportunidades para todos, a mais justa repartição de rendimento, a atenuação das desigualdades regionais, etc... Será o caminho percorrido na realização destes objectivos — e não apenas o acréscimo do produto nacional, através da instalação de grandes complexos industriais — que nos dará a medida do êxito de uma política industrial que se proponha eliminar as profundas marcas de subdesenvolvimento sócio-económico ainda bem vivas entre nós



«A industrialização do continente português só poderá prosseguir se for orientada para a conquista de mercados externos...»



NUM MUNDO NOVO O BANCO NOVO

BANCO TOTTA & AÇORES

RUA ÁUREA, 88 — LISBOA ★ TELEFS. 36 94 21 - 36 13 31 ★ TELEX 1266 - 1561

MAIS DE 90 AGÊNCIAS E DEPENDÊNCIAS ESPALHADAS PELA METRÓPOLE

ESCRITÓRIO DE REPRESENTAÇÃO EM LONDRES

COMPARTICIPAÇÃO NO BANCO TOTTA-STANDARD DE ANGOLA E NO BANCO STANDARD-TOTTA DE MOÇAMBIQUE



PEIXES DE TODOS OS MARES PRONTOS A COZINHAR

PESCADA • PARGO • MARUCA
• CHERNE DO ALTO • PALMAS



E... TODOS OS PEIXES
DE TODOS OS MARES
FIÉIS À PALAVRA DE
ORDEM: «CONGELAI-VOS»



A MAIOR ORGANIZAÇÃO
DE ALIMENTOS CONGELADOS

TRAVESSA DA SAÚDE, 2 — TELEFONE 61 33 01 — LISBOA

DIFICULDADE PARA A INDÚSTRIA: A QUE FAZ AFASTAR DELA O CAPITAL PORTUGUÊS

— DECLAROU-NOS O VICE-PRESIDENTE
DA ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUENSE

«Qual é o mais importante problema com que hoje depara a indústria portuguesa?»

FIZEMOS a pergunta ao vice-presidente da Direcção da Associação Industrial Portuense e deputado pelo círculo do Porto, sr. en.º Francisco de Almeida e Sousa. Eis o seu depoimento:

«A pergunta põe-me como a homem que, da planície, olhasse uma cordilheira. Qual será, desta, a montanha mais alta?»

«Elas são todas tão altas! Necessariamente que qualquer homem é levado a pensar que a montanha mais alta é aquela que a perspectiva do ponto em que se situa faz perfilar mais alto no céu.

«Pode ser que não seja a mais alta. Só por acaso mesmo o será. No entanto, é o que lhe diz a sua perspectiva. É a única perspectiva que pode ter.

«Neste contexto e só neste contexto, responde-me que a dificuldade primeira da indústria portuguesa é o conjunto de causas que faz afastar dela o capital português.

«Hoje, para fazer indústria válida é preciso muito dinheiro. Não é já o homem cheio de qualidades e de audácia, o homem que quer, que está disposto a tudo para vencer, mas que não dispõe senão do seu valor e da sua vontade, não é já e só um homem assim que consegue o triunfo em espaços económicos como o que nos reservam. «O Mundo evoluiu mui-

to. Já se não pode ir ao mar em caravelas. Ou antes, as caravelas têm que ser diferentes. Hoje só pode triunfar quem for e tiver meios para ser o melhor, quem souber e puder organizar-se, quem conseguir vencer a produtividade dos outros.

«A mão-de-obra é e será cada vez mais cara e o produto tem que ser cada vez mais barato. Para se produzir barato, tem que se dispor de equipamento e, as mais das vezes, tem que se produzir muito. Se se produz muito tem que se vender muito e vender muito exige vender em muita parte, exige organização.

Tanto o equipamento como a organização são hoje muito caros e, o que é pior, rapidamente se tornam obsoletos. As amortizações têm por isso, que ser rápidas. Também elas têm que ser repartidas por grandes números. Também elas, ou sobretudo elas,

exigem grande. Precisamos, portanto, de unir esforços para termos o dinheiro de que a nossa indústria necessita.»

— Mas quem tem dinheiro em Portugal é na indústria que pensa?

«Mais uma vez o digo: não é necessário plebiscito. Todos nós conhecemos o destino sonhado para a poupança que se ameaça.

«E podemos levar a mal? Eu suponho que não. Há qualquer coisa que não está bem nas nossas estruturas. Já não quero falar mais uma vez — tantas vezes já falei — do direito fiscal que taxa por 15 por cento o lucro praticamente líquido de um prédio de rendimento e por 30 por cento a realidade física de um penoso lucro de balanço. Mas, para além disto, há-de haver, há, certamente, razões profundas e estruturais para que quase todos os portugueses prefiram o investimento imobiliário

ao investimento industrial e investimento industrial, sem o qual todos seremos servos, ainda que seja de um hotel de muito luxo.

«Estude-se o nosso mercado de títulos e identifique-se a imediatamente o qualismo feroz das acções das nossas empresas: as que são oferecidas ao público e aquelas de que, tendo dono se ignora tudo.

«Como queremos assim, ter dinheiro para a nossa indústria, como queremos que seja válida e atractiva entre nós a instituição sociedade anónima, única forma de polarização de poupanças no regime em que vivemos?

«Mas enquanto a nossa bolsa de valores for o que é, enquanto a especulação imobiliária esmagar toda e qualquer hipótese de investimento industrial — pelo menos nas acções ao alcance do grande público — só quem for herói quererá

ser industrial a peito descoberto, quererá arriscar na indústria o que o seu suor e o seu sangue conseguirem poupar.

«E a indústria ficará ou continuará a ficar para aqueles que menos que serralheiros não possam vir a ser, merecendo entretanto, indiscutivelmente, ser muito mais, ser muito mais até do que, nas condições presentes, podem vir a ser.

«Por isso saudamos, com entusiasmo e com esperança, as conclusões expressas sobre o tema «Financiamento e Promoção», no recente colóquio de Política Industrial, nomeadamente as constantes do n.º 4 da sua secção A.

«Saber o que se quer, num mundo em evolução como aquele em que vivemos, é mais de meio caminho andado. Cumpra-se o que se concluiu que, cumprindo-se, deixará de ter razão muitas das palavras sinceras que hoje aqui quisemos escrever.»



O COMÉRCIO CONSIDERA INDISPENSÁVEL A RENOVAÇÃO DO DECRETO-LEI 41 204

— AFIRMOU-NOS O PRESIDENTE
DA UNIÃO DOS GRÉMIOS DE LOJISTAS DE COIMBRA

«Qual é o mais importante problema com que hoje depara o comércio em Portugal?»

A PERGUNTA respeitante ao mais importante problema com que actualmente depara o comércio fizemo-la ao sr. António Miranda Veloso, presidente da União dos Grémios de Lojistas de Coimbra, procurador à Câmara Corporativa e membro efectivo do Conselho da Corporação do Comércio. Eis o seu depoimento:

«Dos muitos problemas que preocupam o comércio sobressai, sem dúvida, de entre eles, o respeitante à margem para encargos gerais que aos comerciantes é lícito auferir nas suas vendas. Com efeito, a presunção legal de 7 por cento, estabele-

cida no n.º 3 do artigo 24.º do Decreto-Lei n.º 41 204, ainda em vigor, mostra-se impraticável.

Na verdade, o aumento de custo de vida verificado na última década e os pesados encargos que incidem sobre o

comércio retalhista obstam, decisivamente, que se possa dar cumprimento ao legalmente estabelecido, obrigando os comerciantes a permanentes situações à margem da lei.

Dal que os organismos corporativos responsáveis, cônscios da gravidade da situação tenham diligenciado para que aquele diploma seja revogado e publicada nova legislação à luz das realidades actuais. Para esse efeito foi então apresentado superiormente um trabalho elaborado pelas União dos Grémios de Lisboa, Porto e Coimbra, onde o problema é analisado com todas as suas implicações e onde se sugerem as soluções que se julgam mais adequa-

das aos interesses do comércio. Igualmente pelos Grémios de Tecidos, Modas e Malhas das mesmas cidades, foi apresentada à Corporação do Comércio extensa exposição sobre o assunto.

Todavia, não obstante a imperiosa necessidade de uma imediata e actual regulamentação e apesar de todos os esforços desenvolvidos, nesse sentido, pela Corporação do Comércio, que, neste domínio — é justo referir-lo —, tem tido uma acção verdadeiramente notável, a situação persiste, o que causa aos comerciantes os mais sérios prejuízos materiais e morais.

Efectivamente, dada a absoluta impossibilidade

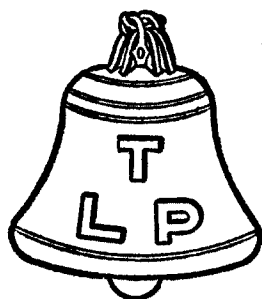
de a generalidade dos comerciantes poder sobreviver com tão limitada percentagem para encargos gerais, e dado que se mostra ainda insuficiente aquela que a Inspeção-Geral das Actividades Económicas se permitiu transitóriamente autorizar, a acção da fiscalização continua a processar-se, originando incómodos de toda a ordem, desde a perda de tempo e dispendiosa constituição de advogado até à necessidade de, algumas vezes, ter de ser prestada caução para os arguidos aguardarem em liberdade o julgamento.

Porque se trata de uma situação manifestamente desprestigiante para uma classe que pelo seu largo contributo para a

economia nacional se julga credora de melhor atenção e, ainda, porque o que se pretende se filia unicamente num elementar princípio de justiça, foi já também solicitado que até ser publicada a nova lei sobre esta matéria a Inspeção-Geral das Actividades Económicas suspenda a fiscalização e que todos os processos pendentes não sejam julgados, a fim de se evitarem injustas e irreparáveis situações.

Espera-se, confiadamente, que assim aconteça e, sobretudo, que este assunto, da máxima importância para o comércio, seja resolvido com a brevidade que as circunstâncias reclamam.»



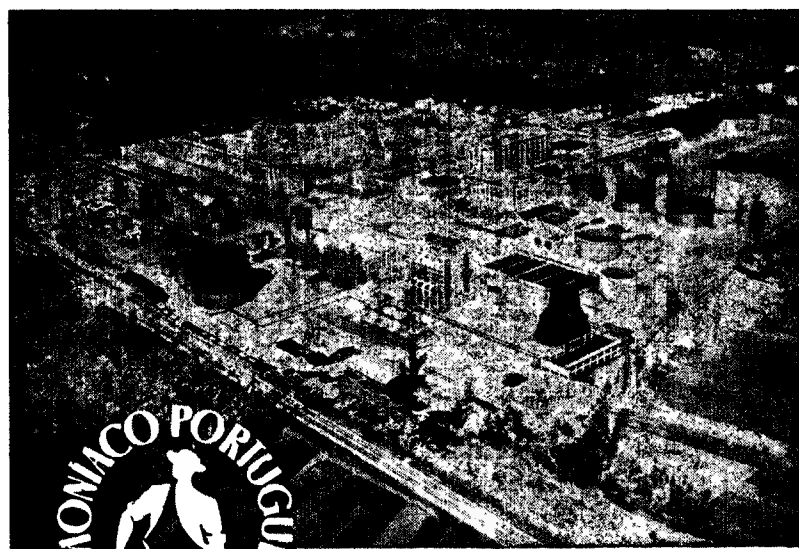


TELEFONES DE LISBOA E PORTO

EMPRESA PÚBLICA — DECRETO - LEI N.º 48 007

AO SERVIÇO DO PAÍS

LISBOA—RUA ANDRADE CORVO, 14
PORTO—RUA DA PICARIA, 5



Vista aérea das instalações fabris em Estarreja de

Amoníaco Português, S.A.R.L.

Sede social: LISBOA — Fábricas: ESTARREJA

Produto principal — SULFATO DE AMÓNIO

Adubo químico com 21 % de Azoto

Outros produtos: Oxigénio, Hidrogénio, Azoto (gases comprimidos),

Amoníaco Anidro, Amónia, Ácido Sulfúrico a 98 %

O Sulfato de Amónio do AMONÍACO PORTUGUÊS, S. A. R. L.

vende-se:

no Mercado Nacional e no Mercado Externo

COMPANHIA DO CAMINHO DE FERRO DE BENGUELA



SEDE E ADMINISTRAÇÃO • RUA DO ATAÍDE, 7 • LISBOA
DIRECÇÃO-GERAL EM ÁFRICA • C.P. 32 • LOBITO • ANGOLA

HOTEL TÉRMINUS • LOBITO

VILLARINHO & SOBRINHO, LDA.

PRODUTOS ALIMENTARES

IMPORTADORES E EXPORTADORES

PRODUTOS DO ULTRAMAR

CAFÉ CHAVE D'OURO

CONSERVAS BOM PETISCO

VINHOS DO PORTO ASSUMPÇÃO

Telefs. 661201
664433 End. Teleg. JEROVI
664278

JANELAS VERDES

L I S B O A

POR ONDE VÃO OS GRÉMIOS E OS SINDICATOS PORTUGUESES?

NÃO É NOVIDADE para ninguém dizer que assistimos, actualmente, a um certo revigoreamento da actividade dos sindicatos portugueses, durante tantos anos sem meios de acção eficiente e sem apoio dos trabalhadores que representam.

Desacreditados junto dos sócios e incapazes de desempenhar as «funções de interesse público» que o Estatuto do Trabalho lhes confia, os Sindicatos só em fins de 1968 viram começar a sua volta um movimento de interesse que continua e tende a ampliar-se.

Apesar de tudo, o panorama que os Sindicatos portugueses apresentam é ainda muito modesto. Segundo o último «Anuário Estatístico», do I. N. E., referente a 1968, exis-

tiam em Portugal naquele ano 325 sindicatos, com 1385 933 sócios e contribuintes. Em contrapartida, o número de grémios era de 559, com 1 101 262 agremiados.

Recorda-se, a propósito, que não existem sindicatos para os trabalhadores rurais nem para os pescadores. Para os primeiros, existiam, no mesmo ano, 650 Casas do Povo com 476 202 sócios; para os segundos, 28 Casas dos Pescadores que agrupa-

vam 58 815 trabalhadores do mar.

O panorama que nos é oferecido por todos estes organismos corporativos prestar-se-ia facilmente a comentários em diversos tons. No entanto, por agora, interessa-nos fixar apenas o revigoreamento que está a sofrer a actividade sindical portuguesa e perguntar qual será o caminho por onde seguirão os organismos representativos dos trabalhadores.

Respondem dois dirigentes: o eng.º Virgílio Preto, presidente do Grémio Regional dos Industriais da Construção Civil e Obras Públicas do Sul e o sr. Daniel Cabrita, presidente do Sindicato Nacional dos Empregados Bancários do Distrito de Lisboa.



Eng.º Virgílio Preto: «A razão do desinteresse pelos Sindicatos residia, essencialmente, no modo como eram feitas as eleições»

O INTERESSE ACTUAL PELOS SINDICATOS NÃO ATINGIU AINDA A CLASSE OPERÁRIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL

— DIZ O PRESIDENTE DO GRÉMIO ENG.º VIRGÍLIO PRETO

O ACTUAL PRESIDENTE do Grémio Regional dos Industriais de Construção e Obras Públicas do Sul, eng.º Virgílio Preto, continua, aos 78 anos de idade, a luta em que há muito está empenhado para prestigiar a classe de empreiteiros a que pertence.

Formado em Engenharia Civil pelo Politécnico Federal da Universidade de Lausanne, na Suíça, em 1918, o eng.º Virgílio Preto iniciou a sua carreira profissional em Genebra, numa empresa especializada em betão armado, sendo, depois, transferido para uma filial da mesma firma em Paris, onde trabalhou durante algum tempo. Regressando, finalmente, a Portugal, o eng.º Virgílio Preto dedicou-se à profissão que ainda hoje exerce: a de empreiteiro de construção civil e obras públicas.

Desde sempre preocupado com os problemas da sua classe, o eng.º Virgílio Preto foi designado, em Abril de 1950, presidente da Comissão Organizadora do Grémio. Procurador à Câmara Corporativa na Legislatura de 1953 a 1957, apresentou uma sugestão com vista à organização dos empreiteiros no sector das Obras Públicas. Foi dessa sugestão que nasceu o Decreto-Lei 40 623, de 30 de Maio de 1956, pelo qual se regulamentou a Indústria da Construção Civil e Obras Públicas e se criou o alvará de Empreiteiros de Obras Públicas.

Presidente do Grémio até 1959, o eng.º Virgílio Preto voltou ao mesmo

cargo há dois anos, resolvido a lutar contra a apatia em que o organismo tem vivido. Permanentemente actualizado, o eng.º Virgílio Preto segue com atenção (e alguma esperança) o movimento de interesse que começou a desenvolver-se à volta de alguns sindicatos. Para bem? Para mal? Em que medida é responsável por esse interesse o Decreto-Lei n.º 49 058, que introduziu alterações à legislação sindical?

— No sector da construção civil, a nova legislação não produziu ainda qualquer efeito. A classe operária desinteressava-se de tal modo do seu sindicato que, embora pagando os «contribuintes» a mesma quota que os «associados» e beneficiando estes de assistência médica, de redução de preço nos medicamentos e assistência jurídica, a quase totalidade prescindia de todos os benefícios e era com certa animosidade que aceitavam o desconto obrigatório feito nos salários para o sindicato.

Quanto aos Grémios, e tanto quanto me é possível observar, não creio que a situação tenha sofrido grandes alterações. No caso concreto do Grémio dos Industriais de

Construção, pode até dizer-se que, até agora, tem dado a impressão de ser constituído por duas entidades: de um lado, os dirigentes; do outro, os associados. A separação tem sido tão profunda que, mais do que desinteresse parece um divórcio.

A verdade é que, noutros organismos, nomeadamente em alguns sindicatos, se verificou um súbito entusiasmo que não passa despercebido a ninguém.

— Como já disse, esse interesse não atingiu ainda a classe operária da construção civil mas tenho conhecimento de que outras classes, como por exemplo a dos bancários, aceitaram com verdadeiro entusiasmo a possibilidade de escolherem livremente os seus dirigentes e ainda a de poderem reunir-se e emitir opiniões. A razão do desinteresse anterior residia, essencialmente, no modo como eram realizadas as eleições dos corpos gerentes.

A necessidade de criar uma carteira profissional

Não é novidade para ninguém dizer que a construção civil se debate hoje com grandes problemas, entre os quais a quantidade e a qualidade de mão-de-obra. O presidente do Grémio tem, naturalmente, uma palavra a dizer.

— Entre os problemas principais, com que o Grémio se debate, está o

do contrato colectivo que pretendeu proteger a classe operária e não passa de uma arma facultada aos trabalhadores para lesar os patrões. Explicando: sendo o industrial obrigado a pagar o aviso prévio de oito dias por despedimento, os operários servem-se abusivamente deste direito, porque sabem que, levando uma conduta de molde a serem dispensados, vão receber ainda um «prémio». Por outro lado, a falta de mão-de-obra é de tal maneira premente que um operário dispensado consegue imediatamente colocação, com salário igual ou superior ao que recebia anteriormente.

«Nestas condições, os salários sobem em espiral e o custo das obras aumenta desproporcionadamente. É que, a estas circunstâncias vem juntar-se o baixo rendimento da mão-de-obra, a falta de disciplina e a desorganização resultante do facto de os operários faltarem normalmente ao trabalho no princípio da semana, o que dá a entender que os salários ultrapassam as suas necessidades. Além disso, a qualidade da mão-de-obra é desoladora, sendo frequente ver um operário apresentar-se como profissional e mal saber pegar na ferramenta. Isto acontece sobretudo com os mais novos que não tiveram nem tempo, nem interesse nem oportunidade de fazer uma aprendizagem séria.»

O eng.º Virgílio Preto entra a seguir, nas causas desta situação, a que chama «deslabro»:

— Por um lado, temos a emigração para a França Alemanha, Canadá e, até, para a África do Sul. Ao número dos emigrantes, vem juntar-se o dos que estão ao serviço das Forças Armadas

«Oficialmente, trabalham em França 600 mil operários portugueses operários portugueses. Na Alemanha, fala-se em 50 mil e, no último número de «Le Moniteur des Travaux Publics et du Bâtiment», de 14 de Março, diz-se que o número de trabalhadores entrados em França, em 1969 aumentou 80 por cento em relação ao ano anterior e que os principais fornecedores de mão-de-obra foram Portugal, a Tunísia, a Espanha, a Jugoslávia e Marrocos.

«Em consequência de tudo isto, o ritmo das obras é irregular e os prazos para a execução imprevisíveis. Mas os donos das obras exigem prazos e os empreiteiros, na esperança de cumprir recorrem à solução simplista de aumentar os salários para conseguirem maior quantidade de mão-de-obra. Só que a quantidade de mão-de-obra é a mesma e tende até a diminuir e os construtores utilizam todos o mesmo processo.»

Há solução para este estado de coisas? O eng.º Virgílio Preto responde: — Antes de mais nada, devia ser criada uma

carteira profissional, apenas passada a quem provasse em exame, ter os conhecimentos suficientes da profissão. Outra solução menos simpática, seria a de rectificar o contrato colectivo, actualizando os salários e, depois, congelá-los durante um certo período que permitisse aos industriais mecanizar a sua produção.

O sindicalismo português precisa de dirigentes

E voltamos aos problemas do sindicalismo português (corporativo), agora numa fase que muitos consideram decisiva. Pergunta-se: poderão os nossos sindicatos caminhar no sentido dos modelos europeus?

— A meu ver, o único sindicalismo útil é o do tipo seguido na Suécia, Holanda e Inglaterra, em que os dirigentes sindicais lutam pelas regalias das classes que representam, procurando, ao mesmo tempo, obter uma maior parte do rendimento nacional, sem esquecer o bem comum. Para isso, é necessário que esses dirigentes tenham uma boa cultura económica ou se apoiem em peritos de modo a não se excederem nas suas exigências.

Acrecenta-se ainda que a cultura dos nossos operários, sobretudo na construção civil, não lhes permite compreender que só do bem comum podem resultar benefícios duradouros para todos.

Fábrica LEIRIENSE de Plásticos, Lda.

ARTIGOS :

INDUSTRIAIS

— EMBALAGENS DE VÁRIOS TIPOS, SACOS DE TODAS AS CAPACIDADES LISOS E IMPRESSOS, PEÇAS TÉCNICAS

PARA CONSTRUÇÃO CIVIL

— PERFIS, ESTORES E AFINS, ISOLAMENTOS (POROSTANK)

DOMÉSTICOS

— UTILIDADES E BRINQUEDOS

AGRÍCOLAS

— MANGA PARA REGA E COBERTURA

PECUÁRIOS

— UTENSÍLIOS PARA AVIÁRIOS

ISOLAMENTOS



MATERIAL ISOLANTE
IMPENETRÁVEL
FRIO • CALOR • SOM

— CÂMARAS FRIGORÍFICAS, COBERTURAS, PAVIMENTOS, PAREDES, TECTOS, CANALIZAÇÕES, CONSTRUÇÃO NAVAL, EMBALAGENS E LARGA APLICAÇÃO NA DECORAÇÃO, ETC.

Sede: LEIRIA — Apartado N.º 49 — Telef. 22 067/24 045

Delegação em Lisboa: Av. Óscar Monteiro Torres, 33-2.º Esq. — Telef. 95 06 73 (prov.)

AGENTES

NORTE: Américo de Oliveira Castro Silva — Tel. 98 25 18 — AVINTES (VILA N. GAIA)
SUL: Manuel Raimundo Colaço — Telefone 27 — ALMODÓVAR
CENTRO: Alfredo José Bento — Telefone 24028 — LEIRIA
AÇORES: J. Alves de Sequeira, Lda — 24264 — PONTA DELGADA

FÁBRICA DE ARTIGOS PLÁSTICOS

BAQUELITE, LIZ, L.^{DA}

CANDARA DOS OLIVAIS — LEIRIA — PORTUGAL
Telefones: 22642 - 22391 - 24142

Fabricantes de:

LISTILENO Tubos e Acessórios em Polietileno
LISVINILO Tubos Rígidos e Flexíveis em P. V. C.
LISPELE Telas e Passadeiras
LISFLEX Mosaicos para Pavimentos
LISVINILEX Compostos e Granulados de P. V. C.
LISFIX Colas para Diversos Fins
ROLIS Réguas, Calhas, Bobinas e Acessórios para Estores
CALÇADO Botas Altas, Botins e Calçado Ligeiro para Homens, Senhoras e Crianças
DIVERSOS — Acessórios Industriais
— Todos os tipos de Perfis
— Materiais para Construção Civil
— Utilidades Domésticas
— Artigos Sanitários
— Brinquedos
— Embalagens

Matérias Plásticas, Lda.

Fábrica de moldação de plásticos

por injeção, compressão, extrusão, sopro e vácuo

Especialidade em artigos sanitários e embalagens

Telefones | Gerência 226 28 | Apartado 64 - LEIRIA
Fábrica 240 51/2

Escritórios em Lisboa e Porto

ÓLEO PURO DE GIRASSOL

GIROL

Fabricado e embalado por:

EOBAL—Extracção de Óleos de Bagaço de Alcobaça, Lda.

Apartado 5 — Telefone 42 095 — ALCobaça

Auto-Leiria, Limitada

AVENIDA DOS COMBATENTES

CONCESSIONÁRIOS FORD

LEIRIA

PORTUGAL

TELEFONES 24191 (6 linhas)

APARTADO — 11

TELEX 1694 AUTER P

FILIAIS :

ALCOBAÇA **CALDAS DA RAINHA** **MARINHA GRANDE**
R. Miguel Bombarda, 131 Rua Capitão Filipe Sousa Rua Machado dos Santos
Telef. 42529 Telef. 22561/53265 Telef. 52344

AS CAUSAS DO MARASMO EM QUE CAÍRAM OS NOSSOS SINDICATOS NÃO PODEM SER IMPUTADAS AOS TRABALHADORES

—AFIRMA DANIEL CABRITA, PRESIDENTE DO SINDICATO DOS BANCÁRIOS

UM DOS MAIS DINÂMICOS dirigentes sindicais portugueses é também um dos mais jovens: chama-se Daniel Cabrita e é o presidente do Sindicato Nacional dos Empregados Bancários do Distrito de Lisboa, organismo com cerca de 15 mil associados. Natural do Barreiro, Daniel Cabrita tem 31 anos, é casado e pai de uma filha. Estudou na sua terra natal onde igualmente começou a interessar-se pela vida associativa, como dirigente cineclubista. Empregado bancário há cinco anos (actualmente numa dependência do Banco Totta e Açores, na Avenida da República), Daniel Cabrita foi eleito para presidente da direcção do Sindicato em Fevereiro de 1969. Passado um ano, é largamente positivo o balanço da actividade desenvolvida e neste período de revitalização da vida sindical portuguesa, o «Sindicato dos Bancários» é apontado como exemplo, pelo seu dinamismo e pela firmeza e desassombro das atitudes tomadas.

A que se deve o desinteresse dos associados pelos sindicatos, durante longos anos? Que mola desencadeou este subitito interesse?

— As causas do marasmo em que haviam caído os nossos sindicatos não podem ser imputadas aos trabalhadores; trata-se, antes, de um reflexo da falta de participação verificada a outros níveis.

A capacidade de acção dos Sindicatos estava extremamente limitada.

Este estado de coisas que, numa primeira fase, poderia parecer vantajoso para o patronato, havia de acabar, embora tardiamente, por ter consequências desastrosas para a economia nacional e, por conseguinte

para o próprio patronato.

Daniel Cabrita tenta explicar o seu ponto de vista e continua:

— Estou a lembrar-me das palavras proferidas há anos pelo actual ministro da Economia que, ao fazer uma análise da situação económica portuguesa, acabou por admitir como causa importante do nosso atraso industrial, os baixos salários pagos ao trabalhador português, o que levava os empresários a não sentirem com premência a necessidade de renovação dos equipamentos industriais e da utilização das mais recentes inovações tecnológicas. O custo da mão-de-obra era tão baixo (e em muitos sectores ainda é) que as despesas

com novos equipamentos se apresentavam como supérfluas.

O BAIXO NÍVEL DOS SALÁRIOS E A ACTIVIDADE SINDICAL

Mas... e os Sindicatos? Qual a sua acção e a sua responsabilidade?

— Podemos, de facto, perguntar se o nível dos salários não seria também uma consequência da inoperância dos Sindicatos, da sua total incapacidade de reivindicação. Daí que eu considere como uma das determinantes da presente abertura sindical aquilo a que pode chamar-se a tomada de consciência, por parte dos dirigentes, de tal situação, sobretudo a partir de fins de 1968. É o momento em que se acentuam no sentido de uma industrialização acelerada, os termos de uma política económica que há pouco caracterizada por uma feição essencialmente agrária.

Efectivamente, o último ano da década de 60 marca, se não uma viragem pelo menos um desvio de rumo na vida portuguesa. Acrescenta, a propósito, Daniel Cabrita:

— Assim, abriu-se uma nova perspectiva, num tempo em que a economia dos países se desenvolve dentro de grandes espaços (alente-se no Mercado Comum) que ampliam as dimensões dos respectivos mercados nacionais. A partir deste momento, pretender sobreviver isoladamente é condenar a o malogro qualquer política económica. Daí que naturalmente se tivesse posto, não só aos actuais dirigentes (estou a lembrar-me das conclusões do recente colóquio industrial) mas também aos empresários, opções decisivas. Algumas, porém, tinham de ser antecipadamente afastadas, mantendo-se a perspectiva da Europa, pela nossa situação geográfica.

Ora esta opção implicaria, a médio prazo, uma transformação das nossas actuais estruturas. Estou em crer que foi esta situação que levou em parte a valorizar a vida sindical. Outro motivo fundamental reside no surto de emigração verificado na última década e que veio tornar evidente a necessidade de criar condições internas de trabalho mais aliciantes que as existentes. Só assim seria possível manter entre nós os quadros profissionais mais qualificados que, por isso mesmo, são in-

dispensáveis à valorização do processo industrial.

Mas há ainda outro factor importante: a transformação operada nas pessoas a partir de 1969 e que as levou a acreditar na possibilidade de os sindicatos poderem desenvolver uma verdadeira acção em de-

fesa dos seus interesses profissionais

UMA NOVA LEI SINDICAL

As alterações à legislação sindical, constantes do Decreto-Lei n.º 49058, e a regulação das relações de trabalho

através do Decreto-Lei n.º 49212, de 28 de Agosto de 1969, são frequentemente apontadas como o «motor de arranque» da actividade sindical. Mas a verdade é que tal legislação não surgiu gratuitamente e não foi tão longe que deixasse

(Cont. na pág. 47)

AZEITE

Prefira à sua mesa

AZEITE OUROSINHO

Embalado nos Armazéns de

RAMIRO AUGUSTO DO VALE, LDA.

R. Serpa Pinto — Telef. 22064 — VISEU

CONHEÇA VISEU

CIDADE JARDIM-MUSEU

NO CENTRO DE PORTUGAL

NOVO MUNDO, Viagens e Turismo, Lda.

Largo General Carmona, 2 — Telef. 22196 e 22737
VISEU

Organiza excursões de e para todo o País

EM VISEU, VISITAS GUIADAS

Refeições típicas — Instalações esmeradas

Serviços internacionais. Marcações em

Comboio — Autocarro — Barco — Avião

CONSULTE «NOVO MUNDO» — VISEU

LOPES & FIGUEIREDO, LDA.

OFICINA E ESTAÇÃO DE SERVIÇO ESPECIALIZADA

Automóveis e camions Austin

Tractores David Brown — Alfas New Holland — Debulhadoras Clayson
Motocultivadores e Tractores Vinhateiros PGS

R. DA VITÓRIA, 15

TELEFS. 2 22 30 - 2 36 56

VISEU



Daniel Cabrita, presidente do Sindicato Nacional dos Empregados Bancários do Distrito de Lisboa: «As actuais condições parecem-me propícias a um revigoramento da vida sindical»

O MAIOR FABRICANTE E O MAIOR EXPORTADOR DO JAPÃO

TOYOTA

não pára de crescer



em 1969
cerca de 1,5 milhões de unidades
produzidas e vendidas
nos 5 continentes



garantia indiscutível
de qualidade

IMPORTADORES EXCLUSIVOS: SALVADOR CAETANO, S. A. R. L.
garantem a continuação dessa qualidade com uma perfeita rede de assistência
e stock de peças genuínas em todo o país, através dos concessionários:

ACORES
NUNO EUSEBIO DO QUINTAL
Rua da Fonte, 2 — Ponta Delgada
Telef. 22647

AVERO
TOMOTOR — SOC. REP., LDA.
Rua Clube dos Galitos, 3
Telef. 23047

ALMADA
AUTO BRASIL (FILIAL)
Rua Dr. Oliveira Salazar, 37-A
Cova da Piedade

BEJA
AUTO BRASIL (FILIAL)
Rua Terreiro dos Valentes, 3
Telef. 208

BRAGA
ARTUR SA (FILIAL)
Av. Eng. Arantes da Oliveira
Telef. 26851

CALDAS DA RAINHA
ADAZIL
Rua Fonte do Pinheiro, 35
Telef. 22856

CASTELO BRANCO
METALÚRGICA DO FUNDÃO
Av. Salazar — Largo Santo António
Fundão
Telef. 62217

COIMBRA
AUTO BRASIL DE COIMBRA, LDA.
Rua do Brasil, 222-D
Telef. 28504

ESPINHO
TOYAUTO
Rua 23, n.º 324
Telef. 620062

FAMALICÃO
BELMIRO GOMES CORREIA
Rua Conselheiro S. Viegas, 20
Telef. 22539

FARO
TOIFARO
Rua Abóim Ascensão, 64
Telef. 23111

GUARDA
QUINAZ & FERREIRA, LDA
Rua Mousinho de Albuquerque, 41
Telef. 94

GUIMARÃES
TOVITE
Av. Conde de Margaride
Telef. 42303

LEIRIA
AUTOJAPA
Av. Heróis de Angola
Telef. 23476

MADEIRA
UNIÃO COMERCIAL (FUNCHAL), LDA.
Rua Visconde de Anadia, 3
Telef. 21191

MARCO DE CANAVESES
MARCAUTO
Apartado 4
Telef. 62356

MARINHA GRANDE
AUTOJAPA
Telef. 62926

MOGADOURO
OLIVEIRA PIRES & IRMÃOS
Telef. 18

MONTIJO
AUTO BRASIL (FILIAL)
Rua José Joaquim Marques, 200
Telef. 231301

PORTALEGRE
A. SAJARA, LDA
Rua do Comércio, 9
Telef. 22

PÓVOA DE VARSIM
BELMIRO GOMES CORREIA
Rua Cidade do Porto, 68
Telef. 62393

SANTARÉM
BENJAMIM DOMINGOS DOS SANTOS
Av. António dos Santos, lote 8
Telef. 1611

SETÚBAL
AUTO BRASIL
Av. Combatentes da Grande Guerra, 44-B
Telef. 25313

S. PEDRO DO SUL
TOYCARRO
Estação de Serviço S. Pedro Lda
Telef. 72291

VIANA DO CASTELO
ARTUR SA
Av. Rocha Páris, 75
Telef. 22749

VILA REAL
TRANSMONTAUTO
Av. Almeida Lucena
Telef. 22344

VISEU
TOYCARRO
Rua Major Leopoldo da Silva, 8
Telef. 23422

TRANSMOTOR, SARL.
LISBOA
Av. Fontes Pereira de Melo, 17-A
Telef. 5 23 47
PORTO
Rua do Campo Alegre, 690
Telef. 6 70 21

COMO EM TODO O MUNDO, TOYOTA VEIO PARA FICAR!

COMPANHIA PORTUGUESA RÁDIO MARCONI

**Concessionária Nacional
de**

Telecomunicações Via Rádio e Cabos Submarinos

SERVIÇOS TELEGRÁFICOS, TELEFÓNICOS E FOTOTELEGRÁFICOS

Circuitos directos com as Ilhas Adjacentes,
Províncias Ultramarinas e Estrangeiro
Comunicações Permanentes com a Navegação
Serviços especiais de aceitação
e distribuição de telegramas

Estações em: Sesimbra — Carnaxide — Alfragide — Vendas Novas — Porto — Funchal — Ponta Delgada — Praia (Cabo Verde) — Luanda — Lourenço Marques

LISBOA { Administração e Escritórios — Praça Marquês de Pombal, 15, 4.º-8.º
Telef. 534191/4
Serviços de Exploração — Rua de S. Julião, 131
Telef. 34531 — Telegramas Telefonados
» 35551/2 — Informações

FUNCHAL — Avenida Arriaga, 7-9 — Telef. 20011

P O R T O — Praça Almeida Garrett, 27 — Telef. 25680

COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA (DIAMANG)

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL SOCIAL: 294 100 000\$00

Empresa portuguesa para pesquisa e extracção
de diamantes em regime de associação de inte-
resses com a Província de Angola.

SEDE SOCIAL

RUA DOS FANQUEIROS, 12 — LISBOA

**DIRECCÃO GERAL NA LUNDA
DUNDO — ANGOLA**

**REPRESENTAÇÃO EM ANGOLA
RUA AVELINO DIAS, 59 — LUANDA**

**TELEGRAMAS:
DIAMANG**

O ROLAMENTO dos CAMPEÕES



RUEV

* SÍMBOLO DA PRECISÃO MECÂNICA

REPRESENTANTES:
AUTO-LUSITANIA — AVENIDA DA LIBERDADE, 73-77 — LISBOA

Propriedades em **CASCAIS** e **ESTORIS**

Consulte: POLICARPO

Av. Marginal RSP, r/c. Dto. — CASCAIS
(Frente ao Cinema S. José)
TAMBÉM ATENDE AOS DOMINGOS
Telefone 28 14 97

ANDARES VENDEM-SE

Em Benfica, Venda Nova, Queluz, Linda-a-Velha, Carnaxide, Sassoeiros e Parede,
c/ 3 a 5 casas assoalhadas, 2 casas de banho, cozinha, roupeiros, etc.
Armazém com área de 600 m², 4,30 de altura todo livre pronto a ser ocupado na
Amadora.

MORADIAS — TERRENOS C/ PROJECTO APROVADO
Transporte privativo que o levará gratuitamente ao local que pretender
FACILITA-SE PAGAMENTO

JOÃO PROTÁSIO NALHA
Rua Luciano Cordeiro, 25, 1.º, Dt.º — LISBOA
Telef. 53 92 00



**Todo o conforto
e bom gosto, na "toilette" diária...**



TECIDOS DE CRISTIANO CABRAL NUNES & FILHOS • COVILHA

CASA SERRANO

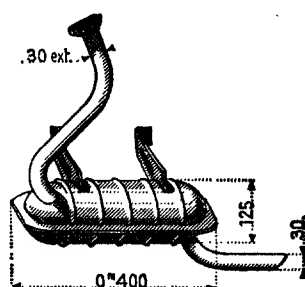
ESPECIALIZADA EM:

CINTAS
E
SOUTIENS

PARA TODAS AS MEDIDAS

Rua da Trindade, n.º 1 — Telef. 36 65 26

BORTEX, LDA.



Temos em stock diversas marcas de silenciosos e
tubos iguais aos de origem c/ descontos especiais. Apro-
veite a n/ campanha de montagens rápidas.

SERVIÇO PERMANENTE DAS 8 AS 21 HORAS

Sede e Estabelecimentos: Rua Marquês de Fronteira,
110-C

Fábrica: Rua Victor Carlos, n.ºs 10-12 (à Pontinha)

Secção de Montagem: Rua Anco do Carvalhão, 75-A
(Campolide)

Telefones: 65 07 63/65 19 45/68 07 88/99 00 51

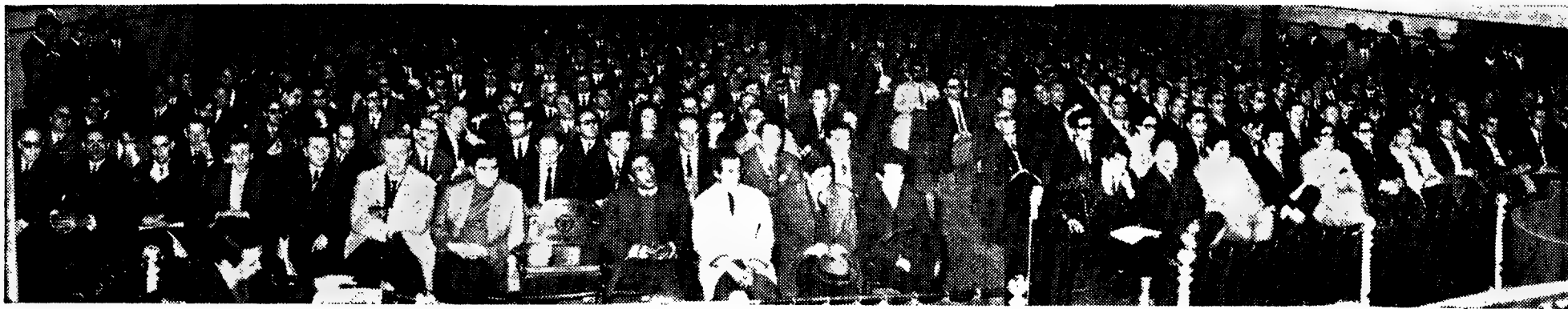
Móveis Janel

MODELAR ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO
DA DECORAÇÃO DO LAR

R. Rodrigues Sampaio, 76-A — Telefone 51695 — LISBOA

A. P. TEIXEIRA, LIMITADA

JOALHARIA — OURIVESARIA — RELOJOARIA
Rua Barros Queirós, 68 (Antiga Trav. de S. Domingos)
LISBOA — Telef. 86 14 54



Aspecto de uma das últimas assembleias gerais do Sindicato dos Bancários, efectuada na «Voz do Operário»

Por onde vai o sindicalismo português?

(Continuação da pág. anterior)

satisfeitos nem os dirigentes nem os patrões, nem os operários.

— Parece importante recordar, antes de mais, o Parecer da Câmara Corporativa que diz que, a propósito do Decreto-Lei n. 49058, diz que «as alterações não são todas as que se consideram necessárias». Trata-se, efectivamente, de alterações e não de uma nova legislação sindical que deve ser feita. Apesar de tudo, é inegável o interesse das alterações introduzidas, embora me pareça que o articulado do decreto não corresponde às intenções propostas no preâmbulo.

As alterações dizem respeito, como se sabe, a quatro pontos essenciais: redimensão dos sindicatos, representação internacional, fiscalização dos actos da direcção e eleições. Sobre o primeiro ponto, parece-me que a medida poderá permitir uma dimensão capaz de assegurar eficazmente a representação dos trabalhadores filiados. Mas para isso, será necessário que se desenvolva e fortaleça o movimento de revitalização agora iniciado. Quanto às eleições, o mais importante foi ter sido substituída a homologação ministerial dos dirigentes eleitos por uma legitimação prévia baseada nas condições do exercício do direito de voto por parte dos eleitores da Assembleia Nacional. Parece-me, no entanto, que observando bem o processo, não pode deixar de reacear-se que surjam situações capazes de pôr em causa as próprias intenções do legislador.

OS SINDICATOS PORTUGUESES E OS SINDICATOS EUROPEUS

Enfim, é ponto assente que o sindicalismo corporativo português começou a sair do imobilismo em que viveu durante longos anos. O caminho iniciado levá-lo-á a médio prazo, a emparceirar com os restantes modelos europeus?

— O possível enquadramento da economia portuguesa no mercado europeu poderá vir a determinar uma evolução mais ou menos profunda das suas actuais estruturas. Consequentemente, os sindicatos portugue-

ses poderão vir a tomar uma feição aproximada das organizações sindicais desses países. Direi mesmo que a evolução dos nossos sindicatos será condição necessária para que se torne possível tal enquadramento. Estamos, evidentemente, num plano de

perspectivas a prazo mais ou menos longo. Como encara o presidente do Sindicato dos Bancários a situação num período mais breve ou, até, imediato?

— As actuais condições parecem-me propícias a um revigoração da vida sindical. A acen-

tuar-se o interesse que tem vindo a manifestar-se, os nossos sindicatos, com a participação activa dos trabalhadores neles integrados, poderão vir a desenvolver uma actividade elaborada em moldes diferentes que abrirão novas perspectivas no sentido de se en-

contrarem soluções até agora consideradas sem viabilidade. Desta acção valorativa, muito poderão beneficiar os sindicatos, ganhando para si um prestígio até agora não conseguido e para os trabalhadores que representam condições de trabalho mais vanta-

sas. Além disso, beneficiará a economia do País na medida em que as entidades patronais souberem encara, com realismo as alterações que é necessário fazer, propiciando relações de trabalho baseadas numa maior justiça e igualdade de direitos.

SACOR

presente na estrada



O automobilista que viaja em Portugal Continental e Insular dispõe de uma rede com cerca de 850 Postos de Abastecimento e Estações de Serviço SACOR.

A gasolina, o supercarburante e o gasóleo assim como os óleos lubrificantes SACOR, são produtos de reconhecida qualidade e o seu fornecimento faz-se mediante um perfeito serviço.



somélar

SOCIEDADE MERCANTIL DE REPRESENTAÇÕES, LDA.

Artigos para o lar: Domésticos e Electrodomésticos ★ Baixelas e Baterias de Cozinha para a Indústria Hoteleira ★ Sortimento completo de vidros e Cristais ★ Talheres ★ Artigos de Menage e de Fantasia para Brindes

DEPOSITÁRIO DA AFAMADA MARCA ALEMÃ
METAL FORTEMENTE PRATEADO
E CROMAGEM INOXIDÁVEL PARA
A INDÚSTRIA HOTELEIRA



69, RUA DA VITÓRIA, 71 — TELEFONES 321274-30684 — LISBOA

PARA SI OU PARA AS SUAS OFERTAS

ENCONTRA NA

Aparelhos Fotográficos de Cinema e de PROJECCAO



RUA DA PRATA, 48

- BINÓCULOS, TELESCÓPIOS E MICROSCÓPIOS
- BARÓMETROS, TERMÓMETROS, BÚSSOLAS, ETC.
- GRANDE VARIEDADE DE ARTIGOS PARA BRINDES
- BRINQUELOS — VARIADOS ARTIGOS DE TABACARIA, PAPELARIA E LIVRARIA.

Grande variedade de aparelhos fotográficos de Cinema e de projecção, provenientes de trocas.



GALBÃO

ELEGÂNCIA E QUALIDADE

MALAS — PELES
ARTIGOS DE VIAGEM

Rua Augusta — LISBOA

NA COMPRA VENDA E HIPOTECA DE PROPRIEDADES



(MEDIADORES AUTORIZADOS)

Av. Almirante Reis, 104-2.º

Telefone 536111/2/3

Sr. Automobilista

RENAULT



Se deseja reparar o motor do seu RENAULT não o faça sem nos consultar

Em 8 horas tem o motor reconstruído e com garantia

Serviço Oficial RENAULT

GARAGEM SANTA LUZIA

Rua D. Estefânia, 109-111

Telef. 48280

OURIVESARIA

CASA DAS BENGALAS

JÓIAS—OURO—PRATAS. TAÇAS DE PRATA

RUA DA PRATA, 87-91

Telef. 32 02 56

COMPANHIAS DE PAPEL «PRADO-ABELHEIRA»

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

S. A. R. L.

CAPITAL: 60 000 000\$00

PAPÉIS — ESCRITA, DUPLICADOR, IMPRESSÃO, EMBALAGEM
CARTOLINAS — SIMPLES, DÚPLICES
PAPÉIS TRANSFORMADOS — GOMADOS, CREPADOS
SAQUETAS E SACOS DE PAPEL

Sede e Escritórios em Lisboa:
Rua do Telhal, 12-3.º — Lisboa-2
Apartados 2019 e 2049
Telefones: 5 91 20, 5 91 25 (4 linhas)
5 91 29, 5 86 07
Telegramas: PELPRADO GRAHMS
Telex: 1447 / GRAHAM P.

FÁBRICAS:
Prado (Tomar) — Telef. 049 33071/3 • Lousã — Telef. 0039 9917 e 0039 99119
Vale Maior (Albergaria-a-Velha) — Telef. 0034 52211
Abelheira (Tojal — Loures) — Telef. 253 9013

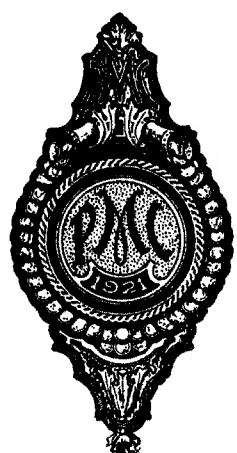
GRAHAM-INDÚSTRIA DE PAPEL DA ABELHEIRA

S. A. R. L.

CAPITAL: 60 000 000\$00

Depósitos em Lisboa:
Rua Pereira Henriques, 1 — Alm. 7 — LISBOA-6
Telefones: 38 10 52 e 38 36 74

Depósito do Norte:
Rua Sporting Club de Coimbra, 8-10 — V. N. GALA
Telefones: 02 39 30 88 e 02 39 37 57



PANCADA MORAES & C.ª

BANQUEIROS

37, RUA AUGUSTA — LISBOA

DEPÓSITOS À ORDEM E A PRAZO

Guarda e administração de valores. Execução de Ordens de Bolsa, no País e Estrangeiro. Compra e venda de cheques e ordens de pagamento sobre Praças Estrangeiras. Aberturas de crédito para Importação e Exportação. Cheques de viagem. Desconto de letras sobre o País e Estrangeiro. Serviço de informações sobre Títulos. Câmbios e Comércio Externo

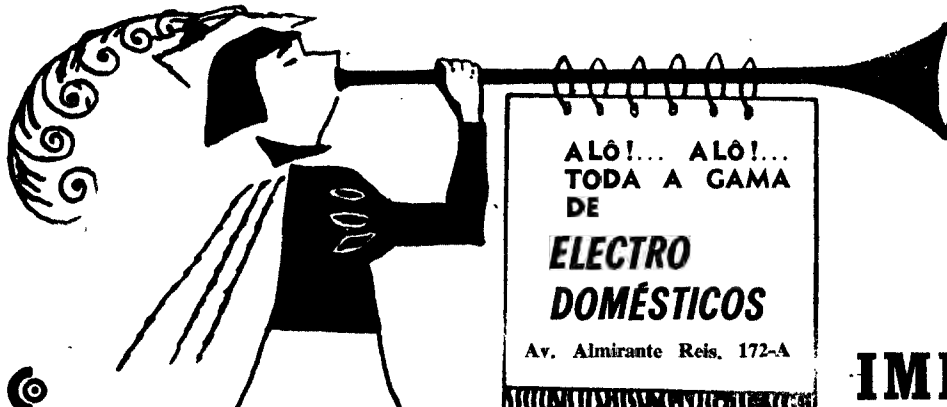
CORRESPONDENTES NAS PRINCIPAIS PRAÇAS ESTRANGEIRAS

- TELEVISORES
- FRIGORÍFICOS
- MÁQUINAS LAVAR
- ESQUENTADORES
- ASPIRADORES
- FOGÕES

MUITO MAIS BARATO
PAGANDO A PRONTO

CASA M. L. FERREIRA

RUA DONA ESTEFÂNIA, 48-A (JUNTO AO LARGO) — LISBOA



ALÔ!... ALÔ!...
TODA A GAMA DE

ELECTRO DOMÉSTICOS

Av. Almirante Reis, 172-A



IMPERLUZ

A PRONTO OU A PRESTAÇÕES A PREÇOS INIGUALÁVEIS!

Mesa redonda: o trabalho e o jogo

(Continuação da 22.ª página)

de a divisão nítida entre o trabalho e o jogo, apesar de estarmos a atingir uma «sociedade» em que a satisfação das necessidades se pode fazer para todos os indivíduos. Um bilião ou dois estão fora do sistema, mas temos possibilidades científicas e tecnológicas de dar comida e de dar instrução a todos os três biliões ou três biliões e meio que constituem a população actual. Temos as condições todas para que o trabalho comece a transformar-se para a grande massa dos habitantes da Terra em jogo autêntico.

**JOSÉ FERNANDES FA-
FE** — O trabalho pode transformar-se em jogo? Fourier, por exemplo, afirmou que sim. Aqui, algumas opiniões vão nesse sentido... Mas, caracterizando-se o trabalho e o jogo como fiz há pouco, a resposta tem de ser negativa.

Pode conceber-se, ou imaginar-se, o trabalho dando prazer a todos, numa criação colectiva, mas não pode pensar-se que a subsistência de uma sociedade deixe alguma vez de impor o trabalho.

O trabalho *livre*. Nesta expressão, a liberdade é consciência da necessidade de trabalhar, seja com uma racionalidade superior, e numa organização de homens livremente associados. O tempo *livre*, o tempo de jogo. Neste caso trata-se de outra liberdade, a do sim ou do não perante uma possibilidade.

No trabalho livre há (digamos) uma liberdade espínosista, e no tempo livre uma liberdade cartesiana: conscientemente, escolho jogar isto ou aquilo, fazer isto ou aquilo...

Jogar é consciência de jogar, e não da necessidade. Há pois duas estruturas diferentes da consciência, e não me parece que o trabalho se possa metamorfosear em jogo. O que pode é diminuir o tempo de trabalho (com a automação, etc.), o trabalho passar de um dever consciente a um automatismo, os homens — com grandes tempos livres — surgirem na produção com uma grande qualificação técnica... Mas tudo isto é outra coisa diferente da transformação do trabalho em jogo. Para isso, para o trabalho deixar de ser trabalho e ser jogo, seria preciso que desaparecesse o seu carácter de necessidade, que uma sociedade se mantivesse e desenvolvesse sem trabalho. Não é concebível.

PADRE JOSÉ CARLOS SOUSA — Quando se afirmava que na década de 70, provavelmente, desapareceria todo o trabalho manual, e quando, agora, mais modestamente, o antigo primeiro-ministro da Suécia, dizia que no ano 2000, na Suécia, só trabalharia quem quisesse, põem-nos perante este problema realmente terrível para todos os sociólogos: vamos continuar na sociedade de consumo que já sabemos ser a dos países mais ricos, mais adiantados, ou vamos entrar realmente numa sociedade lúdica? Vamos satisfazer necessidades em participação ou vamos simplesmente beneficiar das



JOSE ESTEVES

actividades organizadas por outros com o sentido no lucro? Surge uma nova alienação, não em relação a um trabalho manual, a um trabalho braçal, mas de alienação a tudo o que deixamos de fazer porque nos transformamos em simples consumidores. E na sociedade lúdica, terá a propriedade particular possibilidade de sobrevivência? Isto são novas achegas que eu adianto para complicar, muito provavelmente, o nosso trabalho.

UMA ASSISTENTE — Eu não compreendo o trabalho-jogo. Vejo o trabalho ligado à mais-valia. Como professora...

PROF JOSÉ ESTEVES — Se é professora, lamento muito. Se eu disser, por exemplo, que a escola é o sector da vida humana em que o homem está mais alienado, provavelmente escandalizo-a. Mas digo tudo. Se a criança se realiza no trabalho como no jogo, se aprende como num jogo e não tem reprovações, nem classificações e se integra num sistema de trabalho colectivo no sentido de uma aventura feita em grupo, então estaria na escola nova e não na escola tradicional. Se efectivamente não conseguirmos saber que as crianças têm um sentido lúdico que perdem, à medida que crescem e se integram no actual sistema escolar, então é caso para nos lamentarmos.

**JOSÉ FERNANDES FA-
FE** — Ligar o trabalho à mais-valia não seria secundário para a definição de trabalho pois há trabalho que não produz mais-valias...

JOEL SERRÃO — Ouvi aqui coisas muito interes-



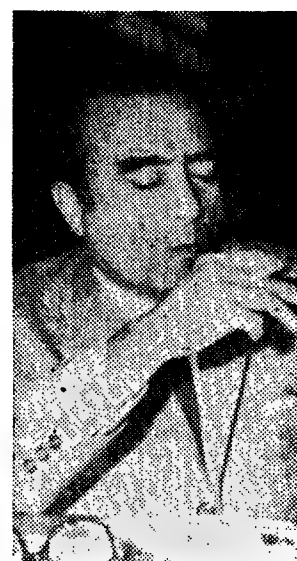
JOEL SERRÃO

santes, por exemplo, sobre os aspectos psicológicos do jogo... Mas o debate parece-me estar a chegar a um impasse.

Na intenção de fazer progredir o debate, lembro o livro de Fourastié «As 40 000 horas». Esta obra diz respeito aos problemas que acabam de ser postos. Segundo os cálculos de Fourastié, feitos com todo o rigor científico possível, de acordo com o grau de certeza das próprias ciências económicas, o autor prevê que a partir da situação francesa actual, por volta de 1985 cada homem, cada trabalhador, poderá ver surgir, pela primeira vez, a possibilidade de a vida de trabalho de um homem se reduzir a 40 mil horas, ou seja, mil semanas de trabalho de 40 horas.

Nesta perspectiva, que não é psicológica e realmente tem implicações psicológicas, será mais oportuno para nós discutirmos, com a profundidade possível, como todos nós portugueses poderemos trabalhar, mais e melhor. Não podemos esquecer os migrantes e a necessidade de estabelecer uma relação entre quantidade e qualidade de trabalho antes que o trabalho possa, progressivamente, transformar-se em jogo.

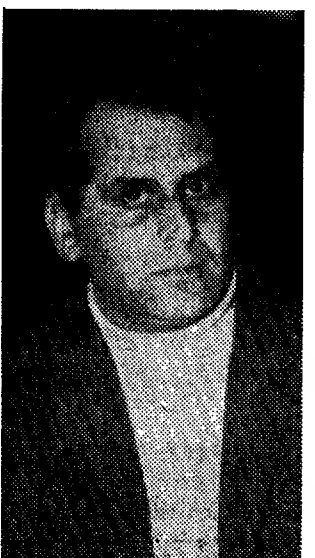
DR. JOÃO DOS SANTOS — Na concepção que desenvolvi — o trabalho como a manipulação da matéria ou a transformação da natureza — dá-me a impressão que é difícil considerar o trabalho como um jogo, porquanto o trabalho parece ter qualquer coisa de utilitário enquanto o jogo não é utilitário. Havia um castigo imposto aos pri-



JOÃO DOS SANTOS

sioneiros noutros tempos, que era o de juntar as pedrinhas todas da cerca da prisão às 3.ª, 5.ª e sábados, e às 2.ª, 4.ª e 6.ª distribuir outra vez as pedrinhas. É o castigo mais cruel que se pode fazer a um homem, pois, realmente são raros aqueles que suportam essa forma de actividade. Quando me exigem ou quando nos exigem, a qualquer hora, um relatório de 100 páginas sobre o problema da criança em Portugal e esse relatório é metido na gaveta, temos a sensação de que a nossa actividade não foi trabalho, nós sentimo-nos profundamente frustrados. Há uma necessidade absoluta de a actividade do homem ser utilitária. A máquina, como prolongamento do homem, pode tornar o homem livre de uma actividade utilitária muito intensa. O homem pode ficar dispensado de certas actividades que são penosas para se dedicar a outras formas de trabalho, o jogo possivelmente. Uma grande parte do operariado estará destinado a ocupar as suas horas de ócio em actividades artísticas ou culturais. Certas profissões, como a do professor, a do psicólogo, a do médico, no sentido de médico-psicólogo, provavelmente desaparecerão. Eu estou em crer, estou esperançado, de que na sociedade futura deixarão de ser precisos professores porque todos serão professores, e deixará de ser necessário haver psicanalistas.

PADRE JOSÉ CARLOS SOUSA — A sociedade em que estamos a viver parece contribuir extraordinariamente para compartmentar o próprio homem. O homem não é um todo ou tem poucas hipóteses de ser um todo, na medida em que até nos próprios grupos de que faz parte, ele manifesta em cada um desses mesmos grupos, uma parte de si mesmo, de acordo com o grupo onde se encontra e dificilmente é capaz de se reintegrar completamente. Enquanto o trabalho não for capaz de fazer esta reintegração do próprio homem penso que nem o trabalho será felicidade para o homem, nem o jogo será felicidade para o homem. É o estilo de sociedade em que vivemos, na qual inclusivamente, tudo se comercializou. Este homem genérico transformado em coleas, não se conhece, não se realiza. Eu, pessoalmente, estou convencido que através do jogo seria mais fácil o homem encontrar-se.

JOSE FERNANDES
FAFEPADRE JOSÉ CARLOS
DE SOUSAHERMES
BabyUM
PRESENTE PARA A VIDANovo modelo mais aperfeiçoado
ainda, mais robusto, mais completo,
mais eficiente, melhor!HERMES
BabyHÁ SÓ
UMA!

Recuse as inúmeras imitações

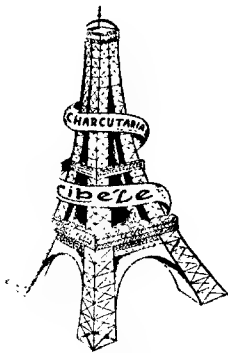
DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S.A.R.L.

R. da Prata, 68 — Tel. 361545 — LISBOA

R. S.º António, 208 — Tel. 25582 — PORTO

Telef. 79 18 97



Frangos Assados

Patos

Perus

Coelhos

Mercearias Finas

Peixe Congelado

Rua Alexandre Ferreira, 42-A

LISBOA

A. P. TEIXEIRA, LIMITADA

JOALHARIA — OURIVESARIA — RELOJOARIA

Rua Barros Queirós, 68 (Antiga Travessa de S. Domingos)
LISBOA — Telef. 86 14 54

Joalheria Cunha

(J. N. CUNHA, L.ª)

OURO — PRATAS

JOIAS — RELÓGIOS

Rua Áurea, 197-201

Telef. 32 07 30 — LISBOA

SAPATARIA
ORIONSempre as últimas
novidades
para SENHORA
e HOMEM

Rua Garrett 42-1, LISBOA



Renault 10: "rendez-vous" do conforto com a elegância

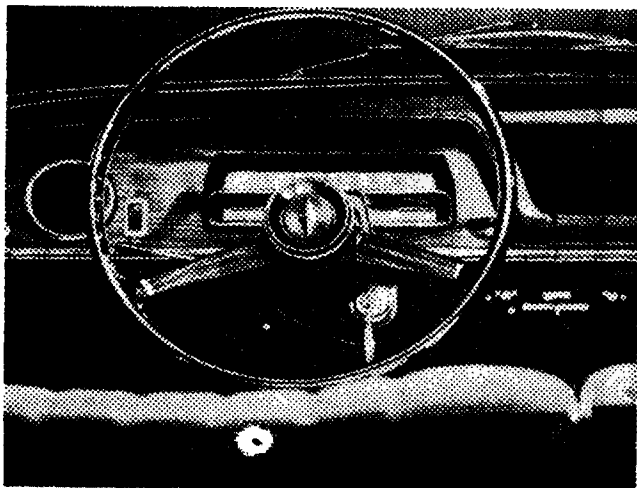
adap. PUBLIARTE

No Renault 10 reunimos Conforto e Elegância num encontro de linhas felizes e inteligentes. Pureza de formas, acabamentos requintados, assentos transformáveis em cama, sólida implantação dos estofos, amplo porta-bagagens, mil pormenores, enfim, garantem ao Renault 10 uma intimidade luxuosa. E mesmo a 135 kms/h este carro nervoso e ativo mantém-se Impecável de

conforto e comodidade porque o seu motor de 1300 cm³ lhe confere uma admirável "souplesse" de condução e porque está sólidamente secundado pelos seus travões de disco às 4 rodas e pela alta flexibilidade da suspensão. É sobre esta segurança mecânica que assenta o prestígio do Renault 10. É sobre ela que o Conforto e a Elegância viajam numa invejável harmonia.


MONTADOS PELAS INDÚSTRIAS LUSITANAS RENAULT

RENAULT CHEGOU E... ULTRAPASSOU



Importadores exclusivos: **UTIC** - Av. da Liberdade, 136 - Lisboa • Av. dos Aliados, 195 - Porto
e rede de agentes em todo o país

CRÍTICA E A-CRÍTICA DE TEATRO

por LUIZ FRANCISCO REBELLO

PEDEM-ME, para este numero comemorativo de mais um aniversário do «Diário de Lisboa», um artigo sobre Teatro, de preferência sobre Teatro português (ou em Portugal). Uma vez que o convite foi aceite, não tenho já outro remédio senão escrevê-lo: mas eis que, ao meter na máquina a folha de papel branco, um súbito desalento de mim se apossa, uma vontade de «voltar com a palavra atrás» e de não cumprir a promessa, aliás tão gostosamente feita...

Por descrever do Teatro, das possibilidades de ele ser, entre nós, aquilo que nas suas grandes épocas sempre foi — um fenómeno que interessa a toda a cidade, que diz respeito a todos os homens, a imagem ampliada, o eco repercutido das suas dores e alegrias, das suas derrotas e dos seus sonhos? De certo que não; mas por ver a desenvoltura, a levandade, a inconsciência, com que tantos falam agora de Teatro, e, falando se esquecem as mais das vezes de que, essencialmente, o Teatro se faz... E faz-se num dado tempo e num dado lugar, não num es-

paço e num momento abstractos, se é que os há.

Entendamo-nos: não defendo nenhuma espécie de monopólio para a discussão crítica das estruturas teatrais. Mas digo que se exija um mínimo de informação e de conhecimento reais dos problemas específicos do Teatro — pois não basta conhecer Brecht (de lombada) nem Grotowsky (de ouvido) para, em seu nome, exorcismar os espectros que povoam os nossos palcos e condenar o que é por vezes, de facto, condenável. Que novo tribunal de Santo Ofício se está procurando implantar entre nós, que fogueiras insensatamente se estão a atear em nome da liberdade da crítica.

Alguns anos atrás, e contra isso nos insurgimos, a complacência da crítica teatral era uma forma de cumplicidade em relação à mediocridade ambiente, que assim ajudava a manter. Receio que a furia demolidora de alguns jovens críticos — justificada embora em muitos casos — venha a conduzir aos mesmos resultados. Pois tanto erra

o alvo o atrador que o não atinge como aquele que a ultrapassa — creio ter sido Montaigne quem, por estas ou semelhantes palavras, exprimiu o que me parece ser o maior mal de que enferma a crítica de teatro, tal como entre nós hoje se exerce. E já nem falo sequer na confusão dos alvos: uma comédia de «boulevard», estética e ideologicamente reaccionária (uma coisa, aliás, implica a outra), desencadeia a mesma indignação que uma corrosiva e actuante sátira de costumes, pateteia-se igualmente Paço d'Arcos, A Relíquia e uma revista do Parque-Mayer. Irrecusável é, sem dúvida, o direito de patear («pateada, e mais pateada, enquanto não aparecerem peças boas, originais ou traduzidas — e por boa mão», já dizia o padre José Agostinho de Macedo em 1825): mas que se saiba o que se pateia, e que se saiba porquê e em nome de quê.

Por definição, todo o teatro que se faz numa sociedade de consumo é um teatro consumível — mesmo quando se propõe discutir-lhe os fundamentos. O exemplo da comédia musical Hair, o êxito do teatro de Brecht no hemisfério ocidental, provam-no de forma exuberante. Iremos só por isso rejeitá-lo em bloco, indiscriminadamente?

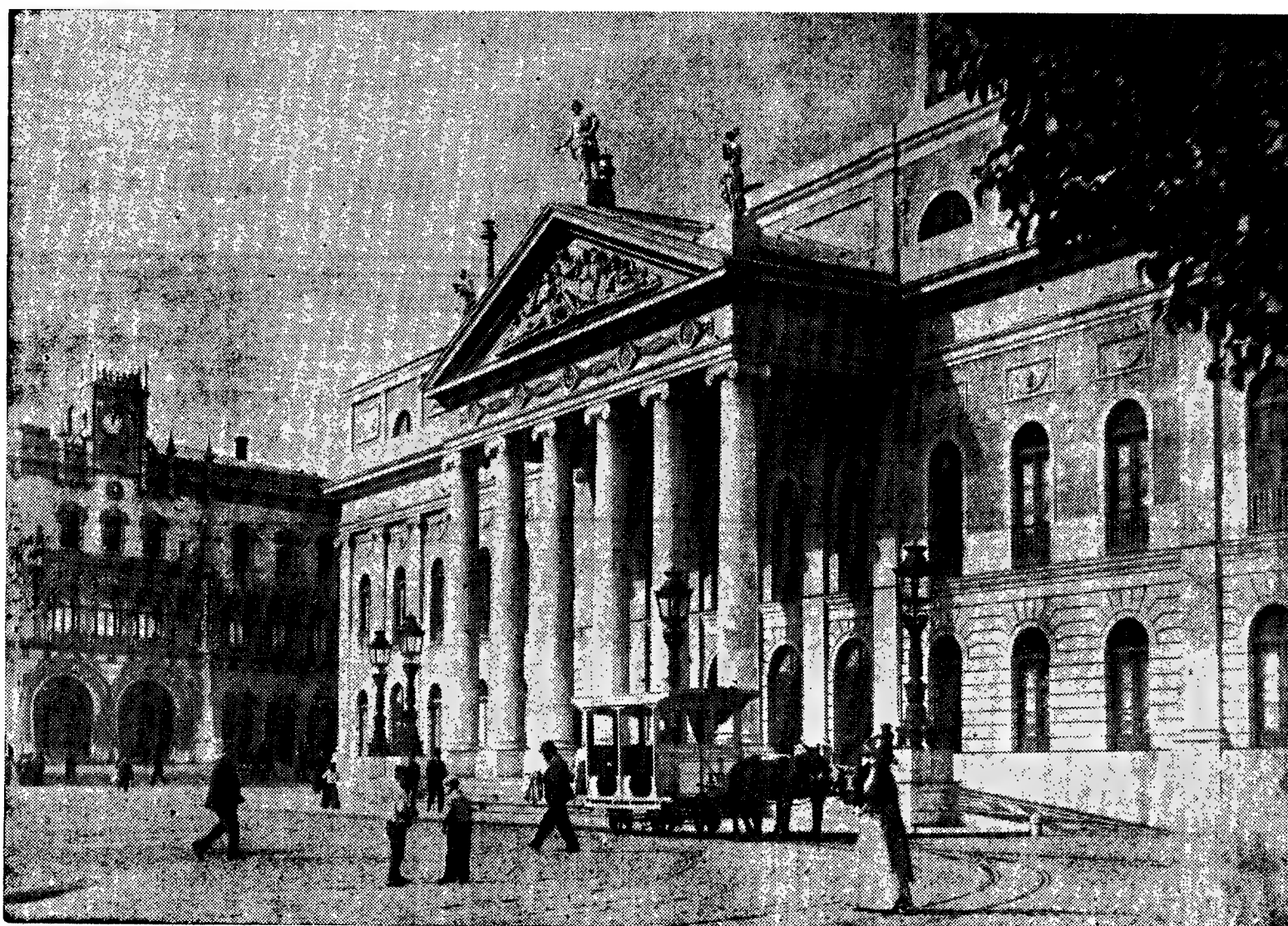


LUIZ FRANCISCO REBELLO

Pergunto: quem é o beneficiário desta confusão? Quem dela vem a ser vítima? A sociedade que se contesta ou o teatro que a contesta?

A liberdade de que, nos seus juízos críticos, um Eduardo Scarlatti, um Jorge de Faria, um Redondo Junior, hoje ainda um Urbano Tavares Rodrigues, nunca abdicaram, assentava num sólido conhecimento da matéria sobre a qual esses juízos se exerciam: um rigor doutrinário que nunca era rigidez dogmática, uma informação histórica que nunca era bafienta erudição, uma dupla aproximação teórica e prática da fenomenologia teatral. Nada tinha que ver com o impressionismo de uns e o anarquismo de outros, tão distantes ambos daquele espírito científico que a crítica não pode deixar de exigir-se. Sob pena de se atraiçoar e renegar a si própria: de transformar-se de crítica em a-crítica.

CASA DE GARRET, SÍMBOLO DO TEATRO PORTUGUÊS

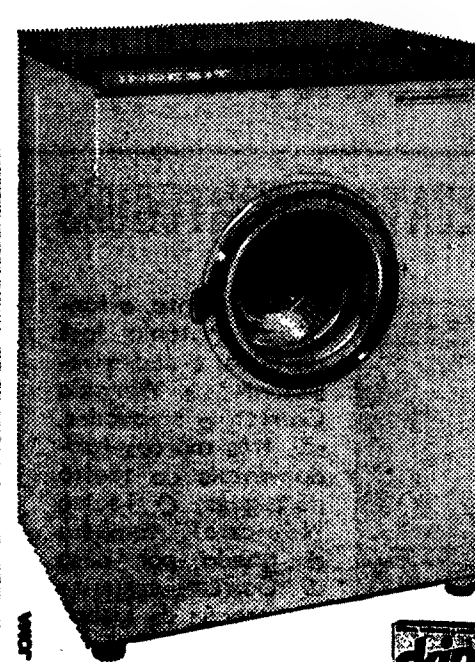


Gil Vicente, o fundador; António José da Silva, o Judeu resistente; e Almeida Garrett, o renovador, são três marcos fundamentais do teatro português. O Teatro Nacional, também designado por casa de Garrett, ergue-se no coração de Lisboa como um símbolo. Símbolo do teatro português de sempre. No passado, na «belle époque» do «Chora» a passear pelo Rossio (como se vê na gravura), ou no presente, sobrevoada pelos jactos a caminho da Portela, a Casa de Garrett sofreu numerosas vicissitudes, da última das quais não conseguiu ainda refazer-se. Mas, com a esperança na reconstrução e em nova vida, o Teatro Nacional continua a erguer-se no centro da capital. Também o Teatro Português, em crise ou em ruínas, sobrevive na esperança do futuro.

LIVRE
dos problemas da lavagem
LIBERTA LÍ
enquanto Indesit lava sozinho



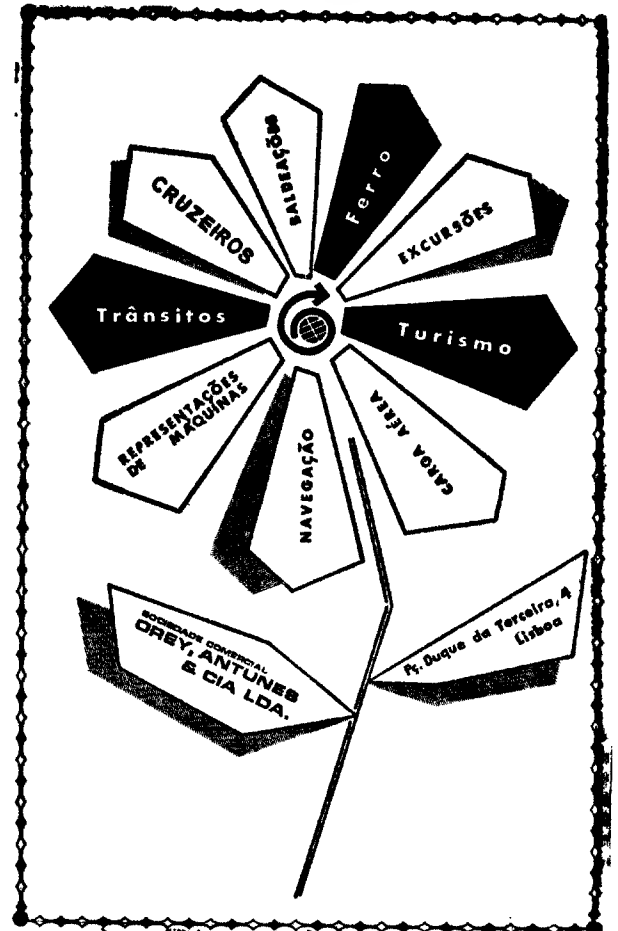
LIBERDADE!



Detergente Recomendado 

- Liberdade é o que a máquina de lavar INDESIT automática lhe oferece.
- Oferece-lhe ainda um programa de lavagem perfeito; e as suas roupas ficarão limpas, cuidadas e com uma espantosa economia de tempo, dinheiro e de própria roupa.
- Você só tem que carregar no botão uma só vez, depois desfrute todo o prazer de liberdade.
- A sua INDESIT trabalha e poupa por si e para si.

INDESIT



ANTÓNIO MOREIRA RATO & FILHOS, LDA.

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
 CIMENTO «TEJO»
 GRES — AZULEJOS — LOIÇAS SANITÁRIAS
 MARMORES E CANTÁRIAS
 FIBROCIMENTO «NOVINCO»
 Telefones: 66 08 79 e 66 37 08
 Telegramas: RATOFILHOS
 Avenida 24 de Julho, 54-G — LISBOA

Santos & Silva Vieira, Lda.

IMP. - EXP.
 BRINQUEDOS — ARTIGOS PARA CARNAVAL
 DECORAÇÕES E FOGOS DE ARTIFÍCIO
 RUA DA BOAVISTA, 14-16 — TELEFONE 32 39 06
 LISBOA-2

TODOS OS ARTIGOS VENDIDOS
 COM FACILIDADES DE PAGAMENTO

ARMANDO SOARES, LDA.

Fundada em 1943
 RUA PASCOAL DE MELO, 64-2.º Dt.º — Telef. 48092
 LISBOA

Decofin

- MÓVEIS
- DECORAÇÕES
- ANTIGUIDADES

RUA DE D. ESTEFANIA, 121 - A
 TELEF. 41304 LISBOA

JOALHARIA CORREIA

de
 António A. Correia
 & Filho, Lda.

JÓIAS
 PRATAS
 RELÓGIOS

Rua Auren, 245-247
 Telef. 32 73 84 — LISBOA

Lloret & Xavier, Lda.

AGENTES DE NAVEGAÇÃO

LÂMINAS PARA A INDÚSTRIA
 CORTICEIRA

Largo do Corpo Santo, 21 - 1.º Esq.
 Telef. 324671 e 327258 — Lisboa-2

ACREDITA NUM TEATRO VERDADEIRAMENTE POPULAR EM PORTUGAL?

O TEATRO tem sido encarado nos últimos tempos como uma actividade muito importante e complexa, não só por exigência de uma crítica cada vez mais descomprometida e atenta, mas também em virtude da crescente consciência que se vai tendo, ao nível das esferas responsáveis, pelo fenómeno teatral, da sua natureza e das suas implicações sociais.

A nova atenção que tem sido concedida ao teatro não podia deixar de conduzir, como conduziu, à percepção de que ele é, para lá de uma forma de arte, um importante veículo de cultura, capaz de intervir e de transformar. Daí a necessidade de ele chegar a grandes massas, de se empenhar, como toda as actividades mobilizáveis, na promoção dos indivíduos. Nesta acepção se poderá falar de um teatro popular. O inquérito que dirigimos a um encenador, um actor, um dramaturgo, um empresário e um espectador relaciona-se precisamente com a possibilidade de se instalar entre nós um tipo de teatro deste género: Acredita na possibilidade de um teatro verdadeiramente popular em Portugal?

UM ESPECTADOR: RUI PIRES

«Por agora, impossível»

Começa-se por um espectador: Um espectador representativo de um novo público, jovem, capaz de acreditar e capaz de exigir: Rui Manuel Pires, aluno do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras:

— Acredito na instalação de um teatro popular entre nós, na medida em que seja, por um lado, a resposta a uma exigência de um público que progressivamente se vai transformando, e, por outro, o resultado de uma atitude consciente por parte daqueles que fazem teatro. Para já, para um futuro muito próximo, parece-me impossível, pois não se verificam as condições necessárias. Também pode acontecer que quando elas se verificarem já o teatro, como forma de arte e comunicação, tenha sido ultrapassado... Esperemos, no entanto, que não.

UM ACTOR: JOSÉ VIANA

«Não há mal que sempre dure»

José Viana respondeu:

— Podia dizer, resumidamente, acredito. Mas acho que devo justificar as razões por que assim penso. Em primeiro lugar, porque creio na sabedoria popular que afirma que «não há mal que sempre dure». Como considero que o teatro é um reflexo das necessidades de libertação e de progresso, penso que um povo que precisa de progredir e de se libertar criará, mais tarde ou mais cedo, o seu próprio teatro.

«Não sei, evidentemente, que caminhos serão percorridos. Nem posso prever a data da estreia desse teatro. Mas adivinho que ele está latente no espírito de muitos e o próprio facto de um jornal de grande expansão me dirigir esta pergunta é para mim um dos vários indi-

cios de que talvez mais próximo do que muitos pensam, o teatro popular será uma realidade entre nós. A não ser que um volta-face, daqueles com que às vezes a história nos surpreende, encaminhasse os portugueses num sentido retrógrado, forçando-os a deixar de ser autênticos. Tenho esperança de que o caminho lógico será sempre um caminho de progresso, visto que esse é o caminho da nova época.

UM DRAMATURGO: ROMEUA CORREIA

«Muito cuidado»

Romeu Correia, um dos dramaturgos portugueses contemporâneos represen-



ROGÉRIO PAULO



ROMEUA CORREIA



VASCO MORGADO

tados esta época. Eis o seu depoimento:

— Acredito num teatro popular, mas penso que a sua instalação entre nós depende de muitos factores. Por mim, não tenho tentado fazer outra coisa de que um teatro popular e nem valeria a pena escrevê-lo se não acreditasse no seu futuro. Penso que é popular um teatro cujo autor tenha um profundo

conhecimento do povo e não se deixe atrair pela sua condição social.

«Em Portugal uma percentagem espantosa da população não frequenta o teatro. A maior parte das pessoas precisam, portanto, de ser atraídas para o espectáculo teatral. Daí a necessidade de os dramaturgos terem em conta este factor, escrevendo com muito cuidado. Não se po-

de iniciar esta caminhada com obras de temática difícil, de difícil leitura. Ao escrever teatro, os autores devem pensar nisto.

UM EMPRESÁRIO: VASCO MORGADO

«Acredito plenamente»

Um empresário: o mais discutido e o mais importante, Vasco Morgado.

— Acredito plenamente na possibilidade de um teatro popular e com nível. Principalmente em relação ao teatro musicado. Com a possibilidade de os dramaturgos portugueses verem agora as suas obras representadas no palco, creio que é possível avançar. No palco, os autores apercebem-se do valor e das deficiências das suas obras e podem, portanto, proceder a revisões e a melhorias de processos.

«Penso que teatro popular é um teatro directo, que tenha grande comunicação com as massas. Considero populares peças como «Relíquias», «Forja», e as revistas, que são, quanto a mim, em relação à parte plástica, do melhor teatro que se faz no mundo. Penso também que a revista podia vir a ter um grande papel num teatro popular, sobretudo se dramaturgos ou escritores de talento para ela escrevessem, até de sociedade com os seus autores tradicionais. Posso citar alguns nomes: Stau Monteiro, Cardoso Pires, Alexandre O'Neil, etc.

UM ENCENADOR: ROGÉRIO PAULO

«Não acredito»

«No momento actual, não acredito. A existência de um teatro verdadeiramente popular pressupõe uma estrutura que transcende os limites do teatro como actividade isolada. Um teatro popular tem que representar autores verdadeiramente populares. E como auto-

res populares entendendo Brecht, Gorki, Stau Monteiro, Santa-reno, Gatti, Weiss, para só citar alguns como exemplo. Um teatro popular pede encenações directas e objectivas, que tenham como ponto de partida um Piscator, um Strehler, um Jean Vilar, um Roger Planchon.

Um teatro popular não pode limitar-se a Lisboa, mas, pelo contrário deverá actuar fundamentalmente na Província, o que desde logo coloca o problema dos locais de actuação.

Um teatro para ser verdadeiramente popular exige preços de ingresso realmente populares, o que entre nós significa falarmos de quantias irrisórias (menos de uma dezena de escudos!) e que nos leva imediatamente a pensar no montante de subsídios que implica.



JOSÉ VIANA

ARCÁDIA

PASTELARIA — SALÕES DE CHA
CASAMENTOS - BANQUETES - RECEPÇÕES
— FABRICO ESPECIAL DE BOMBONS

ARCÁDIA

63 — PRAÇA DA LIBERDADE — 65

EXTERNATO A CONCHINHA

INFANTARIO-JARDIM INFANTIL
PRIMÁRIA — TRANSPORTE PRIVATIVO
ABERTO TODO O ANO

Rua Possidónio da Silva, 170 — Tel. 690367



ria-se do dia 8!

Seja o seu próprio senhorio. Julga que é difícil?

É porque ainda não consultou a Siturco.

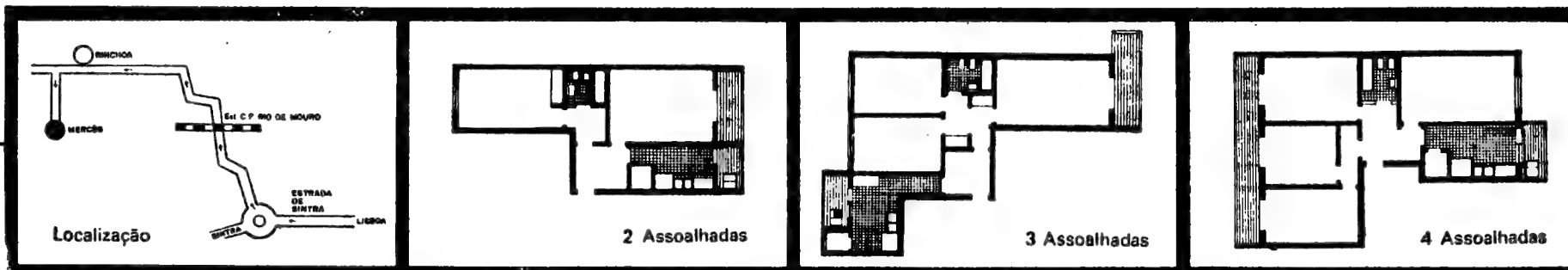
Por 170 000\$00 já pode tornar-se proprietário dum magnífico apartamento situado numa zona privilegiada a dois passos de Lisboa.

Mais: pode pagá-lo em prestações suaves — tão suaves como as do seu automóvel.

Há, porém, uma pequena diferença: um automóvel desvaloriza-se e os apartamentos das Mercês, estão destinados a valorizar-se.

A ocasião é única — aproveite-a.

Veja os apartamentos tipo, mobilados por OLAIO e decida-se.



SITURCO*

R. DO SOL AO RATO, 104, 2.º D. — LISBOA — Telefones: 68 12 28 - 68 09 59 - 68 22 54

* Incluída no grupo de EMPRESAS SEPULCHRE

Indústrias Térmicas Nunes Correia, S.A.R.L.

AR CONDICIONADO



REFRIGERAÇÃO

LISBOA — R. do Alecrim, 29
PPCA - 30901

PORTO — R. da Firmeza, 482
Tel. 28034

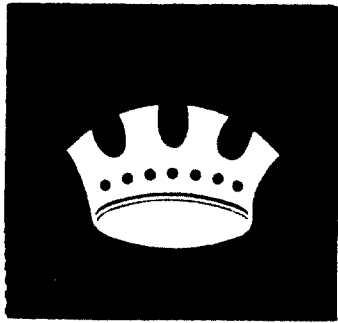
AMENDOIM ISRAEL

UNIFORMEMENTE GRADO
SABOROSO
SALUTAR

ALTO PODER ALIMENTAR

Nas boas confeitarias e mercearias ou, por
grosso, em todas as torrefacções do País

Recuse amendoim adulterado com produtos de outras
origens, miúdo e inferior.



PRODUTOS CORTICEIROS PORTUGUESES

S. A. R. L.

(UMA ASSOCIADA DO GRUPO CROWN CORK & SEAL COMPANY, INC.)

UM DOS MAIORES FABRICANTES
DE GRANULADOS E DISCOS DE CORTIÇA
AGLOMERADA EM TODO O MUNDO

ONE OF THE WORLD'S LARGEST MANUFACTURERS
OF AGGLOMERATED CORK DISCS

Direcção
Address

Avenida Infante D. Henrique, Lote 25-28—LISBON-6

Telegramas
Cables

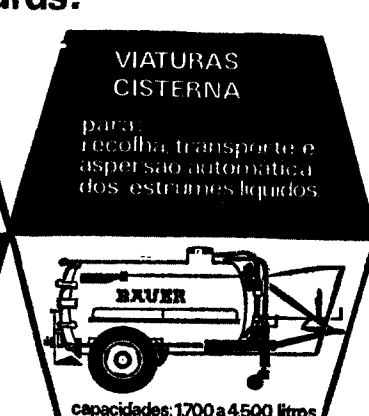
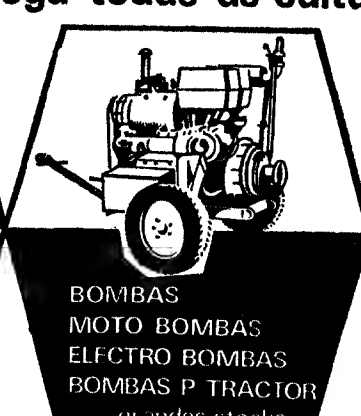
PROCORK

Telephone
Phone

313141—(7 lines)

rega por aspersão "BAUER"

rega em todo o terreno...rega todas as culturas.



As
Serviço
Informative
ENG. GUSTAVO
CUDELL
Apertado, 348 - Porto
Quisiam enviar-me
literatura sobre:

- Rega de humedecimento;
- Rega com chorume;
- Rega contra geadas;
- Viaturas cisternas;
- Bombas para tractor.

Temos muitas centenas de instalações "BAUER"
em todo Portugal!...
...adquira V. Ex. também UMA.

CONSULTE A NOSSA DIVISÃO REGA

ENG. GUSTAVO CUDELL

● DIVISÃO O.P. ● DIV. REGA ● DIV. MÁQUINAS ● DIV. TRANSMISSÕES MECÂNICAS ●
PORTO - Rua do Belhão, 157
Telef. 37966 (5 linhas) - Telex 2723
LISBOA 1 - Rua Passos Manuel, 69-A
Telef. 539127 (4 linhas) - Telex 1439

uma direcção
a seguir



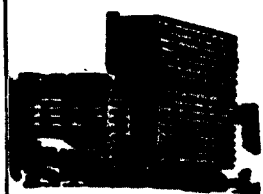
Nas suas férias, fins de semana ou pontas a Costa do Sol é o lugar ideal: O Estoril oferece agora o Novo Casino Estoril, o melhor e o mais moderno da Europa.

Um edifício sumptuoso com um grande Salão Restaurante, uma Boite, um Cinema, um Jardim de Inverno, Bares e Salas de Jogos abertas durante todo o ano, com a mais completa variedade de jogos europeus e americanos: Roleta, Boule, Banca Francesa, Bacará, Chemin de Fer, Bacará Bancado, Bacará Ponto e Banca, Black-Jack / 21, Chuckluck, Craps e Slot Machines. Aproveite as suas próximas férias, «pontas» e fins de semana: O Estoril está ao seu alcance.



CASINO ESTORIL

TEL. 26 07 30



FAÇA AS SUAS RESERVAS NO

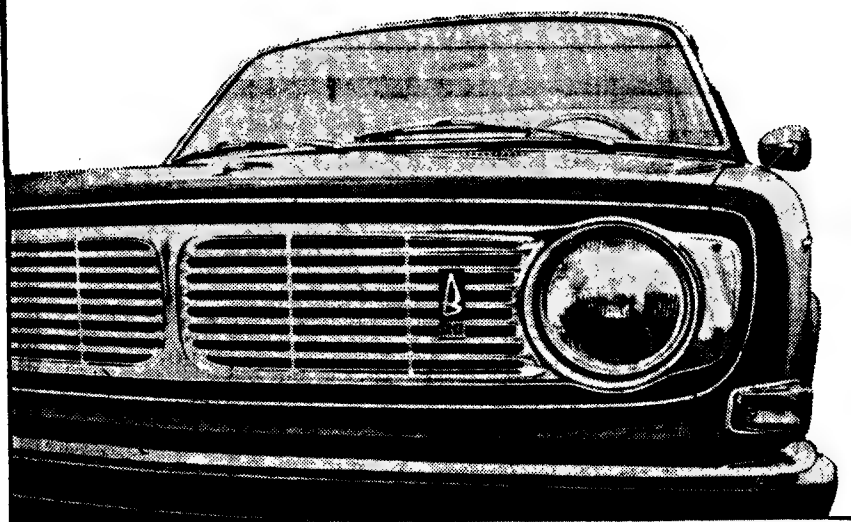
hotel ESTORIL SOL

**ESTORIL
(CASCAIS)
PORTUGAL
TEL. 26 26 31**

VOLVO 144

O que estará por detrás
do novo emblema B 20?

O novo motor de 2 litros!



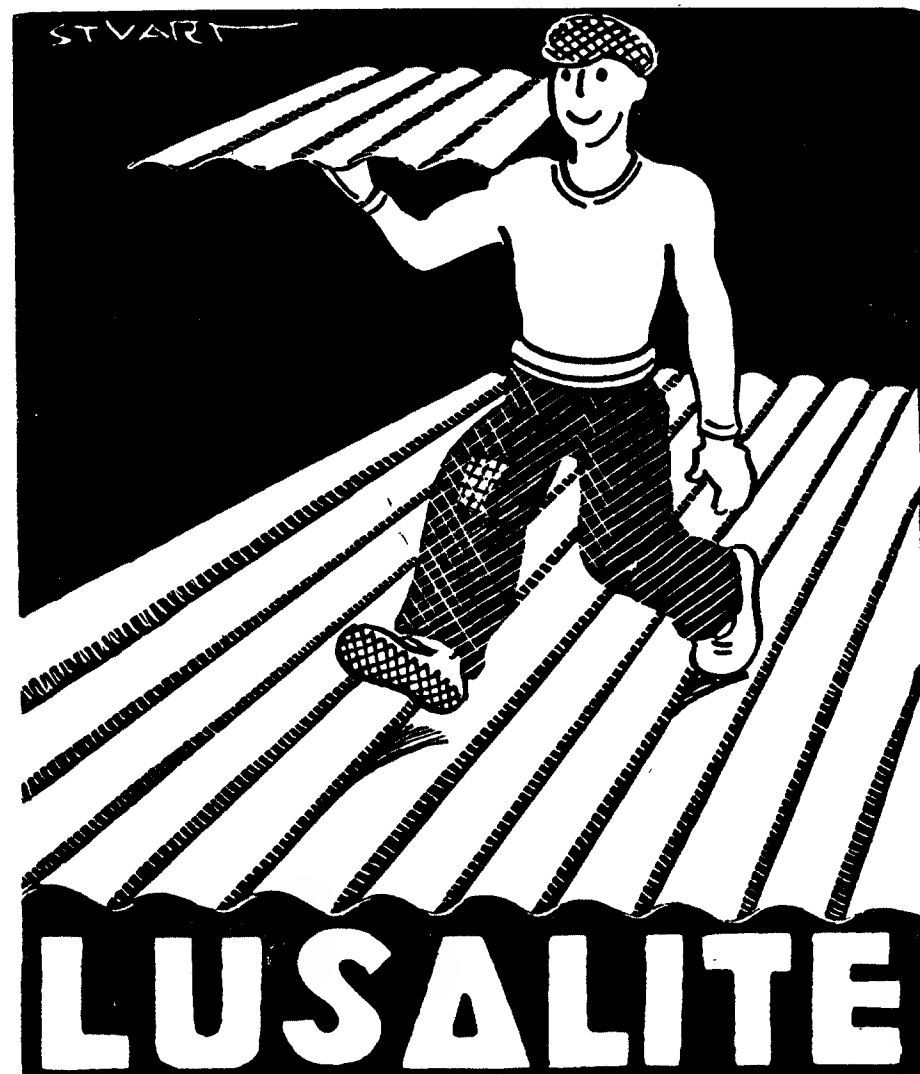
NOVO MOTOR

B 20 de 2 000 cm³ com pré-aquecimento da admissão de ar e emissão controlada dos gases de escape. Motor com binário de 17 Kg m a 3 500 rpm na versão de 118 HP (B 20B) e de 16,5 Kg m a 3 000 rpm na versão de 90 HP (B 20A). Alto poder de arranque e excelente aceleração em qualquer velocidade, o que o torna excepcionalmente apto a circular em condições de trânsito muito denso. Alternador, carregando a bateria mesmo em regime baixo de rotações, o que aumenta consideravelmente a sua duração e limita ao mínimo o seu desgaste, particularmente no inverno. Novo tipo de estofos que proporcionam um conforto extraordinário. Veja-o examinar na totalidade dos seus novos pormenores nos AGENTES GERAIS



AUTO - SUECO, LDA.
PORTO • LISBOA • COIMBRA • LEIRIA
E SEUS AGENTES DISTRITAIS

VOLVO

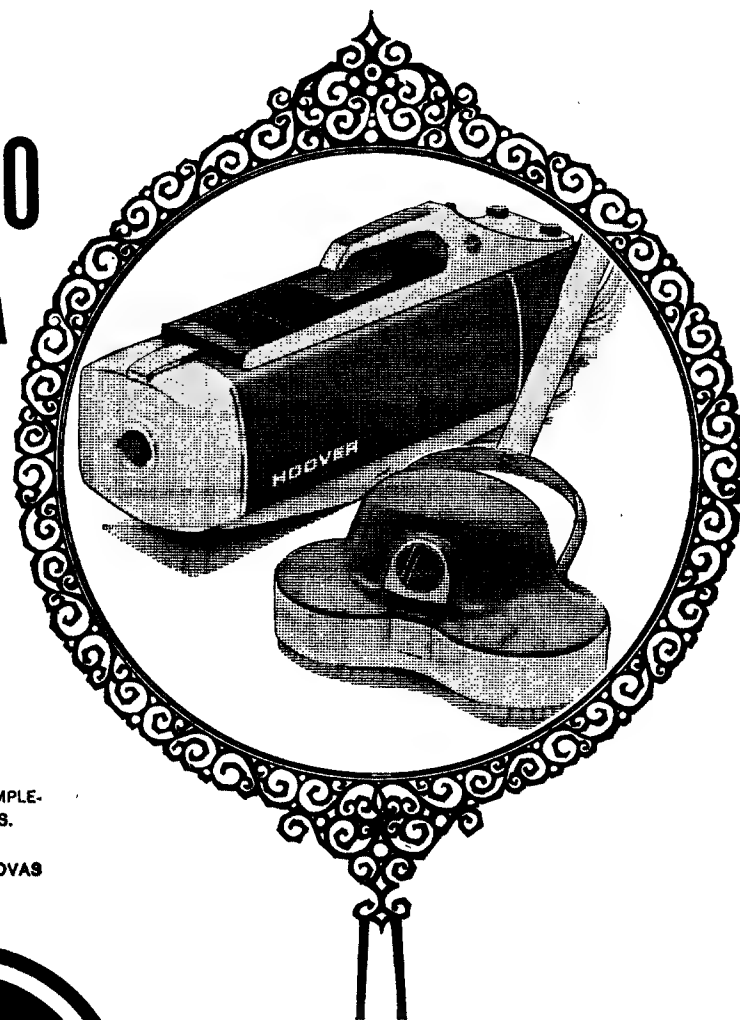


LUSALITE - Sociedade Portuguesa de Fibro-Cimento, S. A. R. L.

SEDE E FÁBRICA: CRUZ QUEBRADA

Escritórios: Rua S. Nicolau, 123 — Lisboa-2 — Telef. 322091/5

O
ESPELHO
DA SUA
CASA



**ASPIRADORES
CILINDRICOS**

3 MODELOS DIFERENTES:

417, 418 E O NOVO 507

TODOS COM JOGOS COMPLETÍSSIMOS DE ACESSÓRIOS.

ENCERADORAS

MODELOS DE 2 E 3 ESCOVAS
COM OU SEM SUÇÃO.



**ASPIRADORES
ENCERADORAS**

LEOPOLD SHIROI, LDA.

LISBOA • PORTO • COIMBRA • FARO

CENAS DO MUNDO EM QUE VIVEMOS

SUA MAJESTADE O AUTOMÓVEL

por JOSÉ RODRIGUES MIGUEIS

MARAVILHA fatal da nossa idade, o Automóvel, ao levar-nos mais-longe mais-depressa, alargou o nosso raio de alcance: mas multiplicou do mesmo passo as distâncias e os seus problemas ao quadrado das facilidades de transporte; escravizando-nos mais e até, por vezes, destruindo os prazeres que prometia. Éramos, há trinta anos, duas dúzias de visitantes nesta praia de difícil acesso: somos hoje cem mil, amontoados como gafanhotos ou pulgões na areia. E quanto nos custou chegar aqui? Quantas horas passa agarrado ao volante o cidadão comum, para não falar do profissional? Quantos morrem assim de colapso cardíaco? A ânsia de chegar, talvez a nenhures, atrasa-nos a vida e apressa-nos a morte.

As ruas e estradas transformaram-se em pistas de corrida (onde esta ainda é possível) e em rampas da morte: mais de cinco milhões de cadáveres desde o começo do século, e umas dez vezes esse número de sinistrados outros. Nos Estados Unidos o automóvel causa 50 000 mortos por ano, em França o equivalente a 100 000 naquele país, na Grã-Bretanha a proximadamente o mesmo. O grau de tecnocultura não parece afectar o fenómeno: a Alemanha Federal, a Jugoslávia e Portugal estavam, há poucos anos, à cabeça do rol dos acidentes. Com uns 300 000 carros para nove milhões de habitantes numa extensão de 93 000 km quadrados, e a rede de estradas que sabemos, nós matámos em 1967 cerca de 1 900 pessoas, ou seja, proporcionalmente muito mais que os E. U. A., com quase 100 milhões de carros para 203 milhões de habitantes na sua imensidade territorial, e uma superfície de rodagem equivalente a quase toda a Europa ocidental. Se todos esses autos saíssem simultaneamente às ruas e estradas, não poderiam mover-se: pára-choques contra pára-choques.

Só na cidade de Nova York há um carro para um habitante e meio; 50 000 automóveis são abandonados nas ruas anualmente: e quase outros tantos roubados. As grandes urbes, feitas para nelas se viver e circular, tornaram-se mons-

tros de desequilíbrio funcional, devido à dispersão-concentração que o automóvel ensinou: são garagens imensas; os autos, parados, inúteis, empoeirados, alinham-se por milhares e milhões ao longo dos passeios, muitos deles a dobrar, acumulando detritos, dificultando a limpeza, as obras, o movimento das mercadorias e as mudanças, a circulação dos peões e o próprio trânsito, por antonomásia «rápido». O automobilista julga-se no direito de ocupar, sem pagar renda, um território que pertence a todos. Mas não há garagens nem lotes de «parking» que cheguem para esta hipertrofia do transporte imóvel. Um cirurgião de Nova York, chamado de urgência, correu as imediações do hospital durante cerca de uma hora à procura de um «parking»; quando lá chegou o doente tinha morrido.

No «boulevard» central de Los Angeles, capital do «smog» (smoke + fog — fumo e névoa), deu-se há pouco um engarrafamento que paralisou o tráfego durante sete horas; verificou-se que, de cada sete carros, apenas um conduzia, além do motorista, um passageiro; quer dizer, se cada carro levasse os sete da sua lotação, o engarrafamento teria durado apenas uma hora. Cerca de 75 por cento dos que utilizam carro não precisavam dele: andariam melhor e mais depressa a pé, de eléctrico, auto-



A Cidade concerosa repele as hortas e os pomares. A terra, devastada, coberta de entulhos e detritos, torna-se estéril como os planos da Lua. Panorama aéreo dum bairro excêntrico de Nova York, com um deserto sulcado de estradas e rodovias

carro ou metro, deixando livre a rodagem aos que dela necessitam: médicos, engenheiros, bombeiros, técnicos e operários em serviço urgente. Economizamos muito tempo, ou assim julgamos para o desperdiçar em ninharias: Andar a pé parece mal! Vai-se de automóvel a um quarteirão de distância para comprar o jornal ou um maço de cigarros, tomar um café ou uma Tóxi-Tola sic! Esta noite a Telé não tem nada que preste? O esposo indulgente diz à esposa bocejante: «Queres ir dar uma voltinha no carro?» As ruas desertas, a morrinha da chuva, a solidão no «Peugeot»... O enui, la noia, the boredom deste nosso mundo!... E voltam cedo para casa e para a cama.

★

O AUTOMÓVEL é um brinquedo para os adultos que, porventura, não tiveram suficiente infância; mas agrava as nevroses, a ansiedade, as gastrites e úlceras gástricas, as cardiopatias; as suas emanações agravam o «smog» e com ele as doenças pulmonares.

Certos tipos de cancro eram desconhecidos em regiões onde o automóvel não chegara ainda, e com ele as estradas alcatroadas. A curva de incidência do cancro do pulmão sobe de há muito com a do consumo de óleo-combustíveis (e não apenas o dos cigarros) e desce com ela, como durante as duas grandes guerras graças às restrições do consumo. É mais alto o índice do cancro pulmonar entre os motoristas que fumam por efeito aditivo; e conduzir agrava o hábito.

As paisagens são assasinadas — e quem é que as olha a cem á hora no oceano do tráfego? Além do congestionamento das vias e das maiores distâncias entre as fontes e os mercados (a Cidade cancerosa repele as hortas e os pomares) a agricultura e a sua produtividade vêem-se afectadas, quando não destruídas, e a terra torna-se inútil, devastada pela proliferação e alargamento constante de rodovias, muitas delas desnecessárias, a não ser para os cofres dos petroleiros e manufactores de automóveis, dois dos maiores impérios do «Bu-

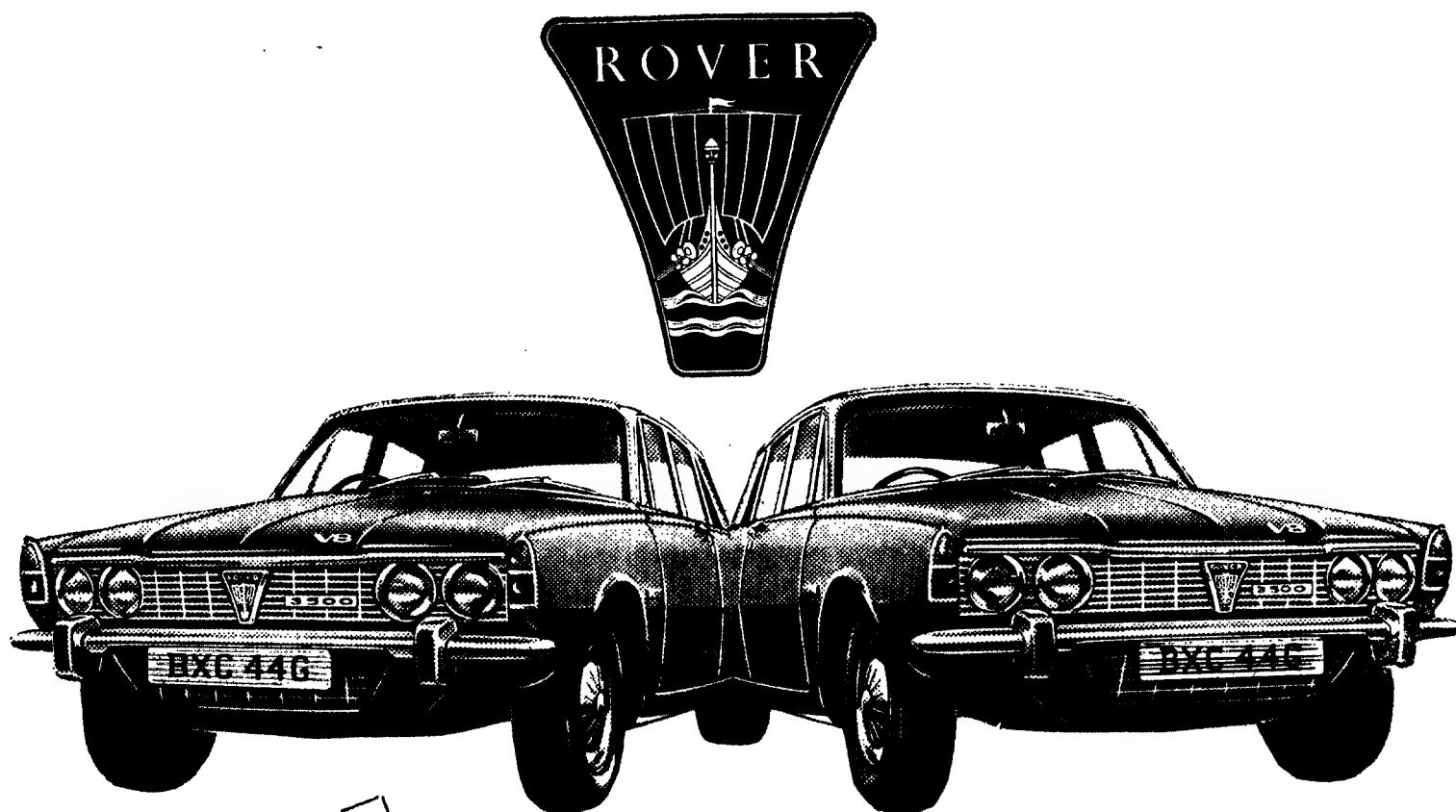
siness» mundial. (E ainda os russos se queixam da falta de automóveis!...) Corremos como formigas alucinadas, em sentidos opostos, sem destino, ao longo destas maravilhas da moderna Engenharia-Inimiga-do-Homem: basta vê-los do ar. Governos, Estados, municipalidades consagram às estradas e pontes, sob a pressão de altos interesses, verbas astronómicas, arrancadas inclusive aos contribuintes sem automóvel, ou vítimas dele — todos o somos! — mas são impotentes para prevenir o massacre ou afugentar da circulação os seus promotores. (Diga-se, em abono da verdade, que nos E. U. A. são tremendas as responsabilidades do motorista: em princípio, o peão tem sempre razão)

Mas o automóvel não é apenas um instrumento ocasional do morticínio rodoviário: tornou-se a expressão, o escape e gratificação a catarse ou sublimação (a baixo nível) da agressividade reprimida, das revoltas recalçadas, do sadismo subjacente, e até das tendências suicidas, mais flagrantes na juventude,

por natureza desprendida da vida ou cega para o valor dela, se o tem: são hoje quase proibitivos nos E. U. A. os seguros de automóvel para os jovens entre 17 e 22 anos, fase em que se observa a maioria dos acidentes graves de condução. O automóvel é um prolongamento mórbido da personalidade e sensibilidade: ao mais leve contacto, risco, ou amolamento do verniz da carroçaria ou nos níquelados pior que insultos ou facadas; ou se alguém se me atravessa no caminho me obriga a decelerar a marcha ou ultrapassar ou me «rouba o precioso «parking», eu pulo fora do carro, espumante e de punhos em riste, pronto a insultar a agredir, a matar até (como é frequente) o transgressor dos meus sacratíssimos «direitos». O carro fez dos homens autênticos artrópodes metalomecânicos, lavagantes desmiolados, impessoais, isolados, entre si pela carapaça de duas toneladas de aço-lata com motor, quatro rodas, capaz de esmagar ossos, carnes e nervos, em que andam metidos e conduzem (ou são por ela conduzidos) sem verem os seus semelhantes: com a mesma anarquia de sentimentos, fúria, indiferença ou hostilidade com que andariam entre inimigos ou em terra conquistada. (Talvez porque guiar é a única liberdade que resta à espécie, apanhada na armadilha da sua própria técnica que o reduz a robote glorificado?) O dilema é esmagar ou ser esmagado: constante o duelo entre os automobilistas ou entre eles e o peão, que os odeia porque o tiranizam: e esse ódio só se satisfaria, como no caso do cão, com o pêlo do mesmo animal.

Quando me apanho nessas ruas e estradas acidentadas, estreitas e sinuosas, com pavimentos por vezes arqueológicos, só uma coisa me satisfaz: andar como o vento, por cima de toda a folha. Tomo fúria nos dentes. Já tivemos um Príncipe Artilheiro, pioneiro do automobilismo, que, segundo a lenda, percorria as azinhagas dos arredores da capital bra-

(Cont. na 59.ª página)



2 × MAIS CONFORTO

NA TRADICIONAL DISTINÇÃO **ROVER**

distribuidores **Sociedade Electro-Mecânica de Automóveis, Lda.**

8, RUA NOVA DE S. MAMEDE, 8 LISBOA

TELEF. 00 10 87 - 00 17 47 - 00 14 30 - 00 10 10



Sua majestade o automóvel

(Cont. da 57.ª página)

dando «Arreda!», para que se lhe não atravessassem no caminho. Sou o «Príncipe Arreda» democratizado. Acrobata do volante, anseio por mostrar ao turista estrangeiro, não só as reais belezas do torrão, mas que por cá também se sabe «pegar» num automóvel — com a tesoura com que se pegam garraios. Se me surge pela frente um transeunte distraído, dou-lhe dois berros da buzina e atiro-lhe o carro para cima para o afugentar, pregar-lhe um susto ou uma ensinadela: «Estes gajos andam mesmo a dormir! Não há maneira de se habituarem ao Progresso!» Isto, quando o não atropelo, «porque ele se veio meter mesmo de propósito debaixo das minhas rodas».

O meu gosto é fazer viragens, ultrapassagens furiosas. Quando entro numa curva ou ladeira cega, sem horizontes, acelero a fundo, sem saber o que para além delas me espera, porque o meu fim supremo é Não-Perder-Velocidade. Em geral frouxo de vontade, afrouxar a marcha é contra a minha natureza, contra os meus princípios: uma indignidade. (Aliás, com este costume de estacionar os carros às esquinas, nunca se pode saber o que elas nos escondem). Para «poupar» cinco ou dez minutos, arrisco não só a própria vida (o que é o menos, tratando-se de um louco furioso), mas as vidas, a paz, os bens alheios. Bem me importam a mim os doentes e os torturados que sofrem, as crianças que dormem, os poetas e os pensadores que amassam, no hipotético silêncio da noite e da insónia a frase eterna ou o pão do dia seguinte! Carrego no acelerador. Enfilo o carro por cima das poças e seringo de água suja ou lama os peões transidos de pavor e as janelas dessas caves onde fervilha a população dos pálidos com tosse, as quais raro se abrem para arejar os interiores húmidos e lóbregos, que no Estio invade uma poeira infecta. Sinto-me como um boleeiro de sege fidalga do tempo do Senhor Dom João V, rodando entre a plebe atônita e submissa.

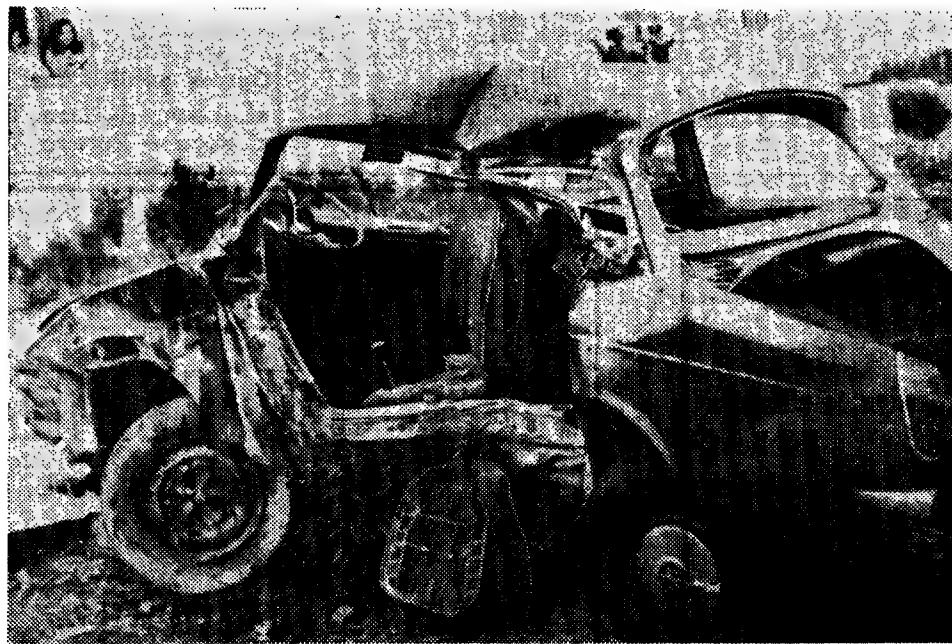
Esqueço que andar — a pé, de gatas, ou mesmo de rastos — é um direito natural absoluto, e que conduzir um carro é uma mera concessão dos altos

poderes. E eu que, entregando a mim mesmo e desarmado não faço mal a uma mosca; eu, que, no eléctrico ou no autocarro, cedo o lugar às senhoras (em especial no seu estado interessante), aos velhos e aleijados, e acaricio a cabeça das crianças, trato por Vossa Excelência a mais humilde esfregadeira, e me desfaço todo em desculpas se piso o calcanhar de um sujeito na rua, e á mais leve expressão de enfado ou irritação do próximo me sinto humilhado ou culpado — quando empunho o volante julgo-me no direito super-humano (ou desumano) de atravancar praças e ruas, de passar adiante de todos, de pôr mulheres, velhos, paráliticos e crianças em fuga desordenada!

Conclusão do meu compadre Carvalho: «Queres conhecer o vilão? Mete-lhe o carro na mão!».

★

Fenómeno sem par no mundo civilizado, a que teimo em pertencer, instalo garages* nos pré-



As ruas e estradas transformam-se em pistas de corrida e em rampas de morte...

dios de habitação, mesmo em bairros de luxo, transformando-os em lugares de tortura forçada para vizinhos e moradores. Os carros entram e saem constantemente, dia e noite, há discussões acaloradas e brados alarmantes de empregados e fregueses, na rua ou fora dela, rancos de motores brutalmente acelerados, o tinir de ferramentas que tombam, toques prolongados ou repetidos de buzina; o janota impaciente vem á garage pelas duas ou três da manhã para que lhe limpem de urgência as ve-

las, desentupam o carburador, ou consertem o claxon emudecido (quando não soa exasperantemente): a caixa de ressonância do predial cimento enche-se de estrondos que a noite avoluma.

Estas garages são também oficinas de reparação, que nas cidades povoadas de homens (e não de espectros ou similitudões) a lei só permite instalar nos subúrbios ou bairros industriais: e nós, que há longos anos deixámos de ouvir — de ensurdecer a ouvir! — o pitoresco martelar dos caldeireiros da Rua Augusta (que saudade! — suspira o meu compadre), passámos a sofrer desde as oito da manhã prefixas, quando não alta noite também, o estrépito infernal dos honrados bate-chapas, e a respirar as emanções tóxicas de óleos, graxas e pinturas, de vernizes e fluidos de limpeza porventura inflamáveis. E que me importa a mim? A paz, a saúde e o repouso dos homens são vícios burgueses luxos de aristocratas, manias de literatos! E digo-me huma-



Nos Estados Unidos o automóvel causa 50 mil mortes por ano...

me então: «Mas tu és apenas um dos Outros! Queixa-te de ti próprio também... Ou deixa de andar de automóvel!»

«Tu estás doido?», torno-lhe eu. «Então pra que é que isto se fez, senão para andar depressa?»



ÁGUA DO LUSO
UMA DAS MELHORES
ÁGUAS DE MESA

PEDIDOS A:

REVENDEDORA DE ÁGUAS, LDA.

Nas suas novas instalações na Quinta do Prior Velho — SACAVEM

TELEFONE — 2 51 13 02 — ENCOMENDAS
— 2 51 07 68 — EXPEDIENTE

FRIGORIFICOS



«Pois sim, mas acabamos todos por andar devagar. Uma hora para vir de S. Pedro de Alcantara ao Campo Pequeno! Chamas tu a isto progredir?»

Mas aqui muito entre nós: Quem poderia dispensar hoje o seu carrinho?

J. R. M.

* Será por teima ou espírito de contradição que eu escrevo *garage* (e não *garagem*, para não parecer francês?). O povo diz *corage*, *ervage*, *estajage*, *lage*, *vadiage*, *vage*, *viage*; e *feruge* e *rabuge*! Ou dizia...

J. RICARDO DOMINGUES, LDA.

Moedas estrangeiras — Coupons — Papéis de Crédito — Ordens da Bolsa

Telefones 32 47 55 - 36 90 81

End. Tel. JODRACIR

RUA AUREA, 85



**FAZ
DA
NOITE
DIA**

COM
AUTO-LAMPADAS
MAZDA
REPRESENTANTE EM PORTUGAL
SIMEL
BECO DO CASAL, 8-A
Telef. 68 14 48 — LISBOA



EQUIPAMENTO

ELÉTRICO
INDUSTRIAL
ELECTRÓNICO
SEGURANÇA
MOTORES

DIESEL
MARINHA
EXÉRCITO
AERONÁUTICA
PETROQUÍMICA

Sociedade Luso Elétrica Limitada

CALÇADA MARQUES DE ABRANTES, 11-13
Telefones: 668061/673106/668066/678091
(15 linhas)

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

6.ª Repartição — Informação, Espectáculos
e Turismo

☆ ☆

Publicações Turísticas

MONOGRAFIAS DE ARTE E TURISMO: «Portas e
Brasões de Lisboa», por Luís Ferros Ponce de Leão;
«O Tejo», por Mário Pires; «Parque Municipal de
Turismo e Campismo», por Janine Quintin e João
Pina Vidal; «Monumentos de Lisboa», por Maia
Atayde; «Estufa Fria», por Jean Chabloz; «Arre-
dores de Lisboa», por Éster de Lemos e Maia Atay-
de; «Miradouros de Lisboa», por João Pina Vidal;
«Jardins de Lisboa», por Natércia Freire; e «Al-
fama», por João Pina Vidal.

Ao preço de 7\$50 cada

Outras publicações:

«Lisboa», de Luís Teixeira — ao preço de 15\$00
«Lisboa — Roteiro Turístico», ao preço de 12\$50

ERICOVOX

Movimentos livres
com o telefone de
altifa-
lante
ERICOVOX



Aprovado pelos TLP para
ligação às redes telefónicas
públicas
das cidades
de Lisboa e Porto

ENTRE MUITAS VANTAGENS, O ERICOVOX OFERECE-LHE:

- COMPLETA LIBERDADE DE MOVIMENTOS ENQUANTO FALA AO TELEFONE
- POSSIBILIDADE DE VÁRIAS PESSOAS PARTICIPAREM NA CONVERSACÃO
- COMUNICAÇÕES MAIS CÔMODAS
- TRANSFERIR A CONVERSACÃO PARA UM TELEFONE CONVENCIONAL SEM A INTERROMPER
- ALTA EFICIÊNCIA E QUALIDADE DE TRANSMISSÃO



Sociedade Ericsson de Portugal, Lda.

LISBOA: Rua Filipe Folgado, 7. 1.º — Tel. (PDD 2 linhas)
57193

PORTO: Rua Gonçalo Orlóvão, 314 (PPG 2 linhas)
29265

COMPANHIA PORTUGUESA DE CELULOSE

S. A. R. L.

- PASTAS QUÍMICAS
- PAPÉIS KRAFT, DE JORNAL,
OBRA DE LIVRO E IMPRESSÃO REVISTA
- CARTÃO CANELADO E FITA GOMADA
- SACOS E SAQUETAS DE PAPEL

Instalações Fabris: Cacia

Telegramas: Celulose — Cacia

Telefones: 034 91287/88/89

Sede: Lisboa, Rua Joaquim António de Aguiar, 3

Telegramas: Celulose — Lisboa

Telefones: 538857 (P. P. C. A. 8 linhas)

A AGRICULTURA DEVE FACULTAR EMPREGO EM CONDIÇÕES PARITÁRIAS COM OUTRAS PROFISSÕES

— AFIRMOU-NOS O PROF. EUGÉNIO CASTRO CALDAS
CATEDRÁTICO DO INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA



PROF. EUGÉNIO
CASTRO CALDAS

«Qual é o mais importante problema que hoje se depara à agricultura portuguesa?»

ESTA PERGUNTA fizemo-la ao sr. prof. Eugénio Castro Caldas, catedrático do Instituto Superior de Agronomia, dirigente do Centro de Estudos de Economia Agrária da Fundação Calouste Gulbenkian e prestigioso especialista dos problemas agrários. É o relator do recente parecer da Câmara Corporativa de vários projectos de diplomas, nomeadamente o que preconiza a criação de Parques Nacionais. Eis o depoimento do prof. Castro Caldas:

Se for possível atribuir importância maior a algum dos problemas que respeitam à Agricultura, julgo que o primeiro será o de se procurar a forma desta actividade tradicional desempenhar, na economia e na vida social contemporâneas, a função que se lhe deve exigir: a de facultar emprego em condições paritárias com outras profissões da população activa e a de garantir de forma conveniente a satisfação da procura interna, atendendo, também, às oportu-

nidades ou necessidades do comércio externo. E tudo isto, que é muito, deveria desenvolver-se de acordo com as exigências de salvaguarda da Natureza e dos seus recursos, bem como de um racional ordenamento do espaço territorial.

Como facilmente se compreende, tal problema desdobra-se em diversos componentes, que oferecem uma graduação muito variada de situações. A primeira, que me parece fundamental, resulta da realidade,

hoje evidente, quanto ao carácter repulsivo da agricultura tradicional portuguesa quanto a emprego da população activa.

Tal situação permaneceu, durante muito tempo, oculta, por falta de oportunidade oferecida às populações em subemprego agrícola. Mas estava previsto, por alguns, que o êxodo rural se desencadearia no momento em que outras actividades ou outros espaços regionais em desenvolvimento motivassem o processo de mobilidade profissional a que estamos assistindo, dentro de fronteiras e na emigração.

Uma vez que era previsível tal surto de êxodo rural e agrícola, não oferece dúvida que o movimento migratório poderia ter sido compensado por medidas adequadas, criando-se estruturas agrárias compatíveis com as aspirações de progresso que floresceram na alma dos nossos camponeses. Tais medidas teriam diminuído os custos humanos do êxodo rural e da emigração, evitando, também, o abalo que to-

do o sistema económico sofre quando a redução das disponibilidades de mão-de-obra obriga a recorrer a novas técnicas e equipamentos.

Em face da inércia natural da adaptação das estruturas agrárias ao mercado do trabalho, à iniciativa empresarial e à disponibilização de capitais para novos equipamentos, criaram-se graves desajustamentos entre a oferta de produtos agrícolas e a procura crescente, em quantidade e qualidade, desencadeada por estratos de consumidores que viram melhorado o seu nível de vida. Assim, aumentaram as importações de produtos agrícolas, sem que a agricultura nacional tivesse conseguido explorar oportunidades do mercado externo, mantendo-se no enquadramento de uma oferta tradicional nuns casos e, noutros, excessivamente especializada.

A segunda situação resultante do problema acima enunciado corresponde à certeza de que a agricultura portuguesa não está a apoiar o desenvolvimento global da

forma que seria desejável e possível. Por isso se torna indispensável, a nosso ver, animar todos os esforços que se desenvolvam no sentido da estruturação de empresas agrícolas bem dimensionadas, bem equipadas e bem geridas. Para isso, haverá que aceitar como desejáveis certas transformações ou mudanças, abandonando de atitudes anacrónicas e sem esperança em face das estruturas tradicionais; haverá que dinamizar o recurso ao crédito para investimento e equipamento; e teremos, também, que pensar na importância e grandeza do problema da formação profissional agrícola. As estruturas agrárias que podemos constituir, com suas exigências de dimensão económica e social e de equipamentos, só funcionam se estiverem ao serviço de empresários e de trabalhadores dotados de um profissionalismo eficaz e competente.

A terceira situação, para que «o mais importante problema» se reduza a três situações, é a de não haver tempo a

perder se quisermos dispor em breve de uma agricultura moderna. Esta terá que ser diferente de alguns meritosos surtos pontuais (como dizem os economistas) de empresas agrícolas inovadoras. Tais surtos não compensam os espaços fechados a uma mensagem da Europa e outras regiões industrializadas e desenvolvidas do mundo nos apresentam para meditação e entendimento, e que o êxodo rural e agrícola tende a desertificar.

O problema está em criar estruturas competitivas que permitam a adesão do País a agrupamentos internacionais de integração económica no interior dos quais o desenvolvimento social se defende e processa.

Para tanto deverão os agricultores praticar as formas convenientes do associativismo, animando o movimento cooperativo e procurando nele a via da integração vertical que defenda os agricultores do poder esmagador de um gigantismo industrial e comercial que constitui um desafio às melhores maneiras de viver... ou de sobreviver.

AGÊNCIA FUNERÁRIA BARATA

DE

GASTÃO MENDES BARATA, LDA.

REGISTADA

A primeira organização do género no País
EM EDIFÍCIOS PRÓPRIOS

OS MELHORES E MAIS RICOS «AUTO-CARS» FÚNEBRES
GARAGENS E OFICINAS PRÓPRIAS NOS SEUS EDIFÍCIOS

SEDE NA:

194 — RUA SARAIVA DE CARVALHO — 202

Telefone P. B. X. 66 11 13 - 66 50 27

LISBOA

À REVENDA

NÃO COMPRE SEM VER PRIMEIRO!

- RADIO AUTO COM OU SEM CASSETES
- GRAVADORES COM CASSETES
- GIRA-DISCOS STEREO
- RADIOS
- PILHAS E CORRENTE DAS MELHORES MARCAS JAPONESAS

«DATSUN» «SANYO»
A MAIS COMPLETA COLECCAO
DE RELOJOARIA

ROUPAS INTERIORES
DE SENHORA
NACIONAIS E ESTRANGEIRAS
PERFUMARIA

IMPORTAÇÃO DIRECTA — PREÇOS FANTÁSTICOS

SANTOS & LEANDRO, LDA. — R. Madalena, 214, 1.º — T. 87 22 63

FABRICAS METALÚRGICAS

FUNDAÇÃO DE FERRO E LIGAS NÃO FERROSAS

artigos domésticos

acessórios para condutas adutoras

redes de distribuição de águas e de saneamento

aparelhagem agrícola e vinícola

acessórios para instalações eléctricas

artigos para construção civil

fundição em séries ou peça a peça, a partir de desenhos ou de modelos

orçamentos

laboratório privativo

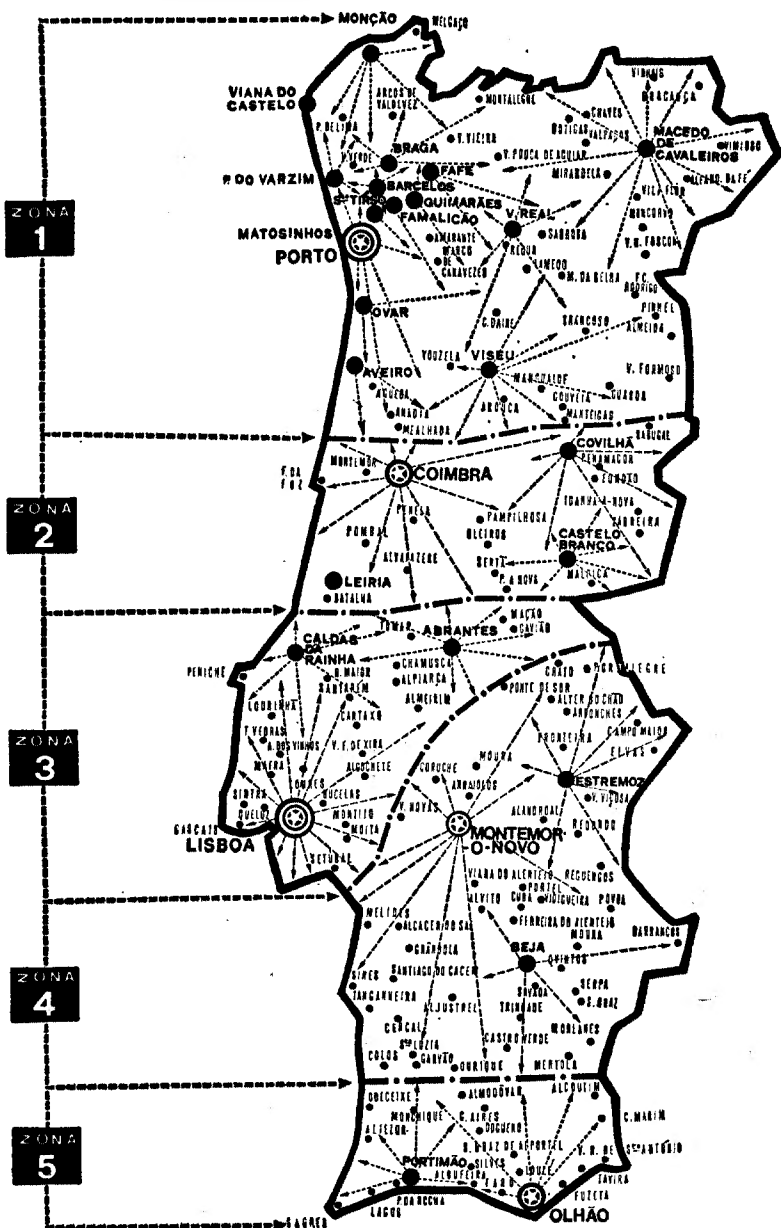
AUGUSTO MARTINS PEREIRA, HERDEIROS

SEDE: ALBERGARIA A VELHA
TELEF. 522 067
TELEGR. ALBA

DISTRIBUIÇÃO EM LISBOA
R. DO COMMERCE 407 (ESQ.)
TELEF. 271 634 - LISBOA 2
TELEGR. ALBA

PEIXE

CONGELADO E FRESCO



nas melhores condições de preço e higiene oferece-lhe o S. A. P. P. nos seus postos de venda e nos Carros-Peixaria espalhados por todo o País

nos supermercados e mercearias o público consumidor tem à sua disposição peixe congelado nas melhores condições de higiene e frescura

PEIXE FRESCO

A venda nos Postos do S. A. P. P. espalhados pelo País, nas «carrinhas» itinerantes e carros-peixaria, nas melhores condições de preço e de higiene



SERVIÇO DE ABASTECIMENTO DE PEIXE AO PAÍS

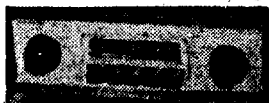
ROYAL EXCHANGE ASSURANCE

RUA CAMILO CASTELO BRANCO, 2-1.^o
LISBOA - I

1720-1970

250.º ANIVERSÁRIO DA SUA FUNDAÇÃO
SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Auto-Rádios MOTOROLA



O 1.º auto-rádio totalmente a transistor para todas as marcas de automóveis

O MELHOR AUTO-RÁDIO AMERICANO
O ÚNICO DE ALTA FIDELIDADE

Representantes: SAFRA

Rua D. João V, 22-B-C-D — Telefones 650501/650503

A VENDA NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE

CONSTELAÇÃO LINGERIE

NOVIDADES NACIONAIS E ESTRANGEIRAS
ARTIGOS ORIENTAIS

RUA LUIS DE CAMÕES, 147-B
TELEFONE 64 05 50 — LISBOA

BANCO

CRÉDIT FRANCO-PORTUGAIS

LISBOA — PORTO — MATOSINHOS
e Dependências Urbanas em Lisboa
Areeiro
Duque de Avila
Marquês de Pombal
Restelo

Oferece aos seus depositantes
além dos Serviços normais dum Banco

A experiência, a técnica, a segurança

Que lhe dá o apoio dum dos mais prestigiosos
Bancos Mundiais

CRÉDIT LYONNAIS

Capital e Reservas: 505 Milhões de Francos (2 900 000 contos)
Depósitos: 28 Bilhões de Francos (160 000 000 contos)
1.833 Agências — 21 Bancos Associados

BEDFORDREPARADAS
COM GARANTIA

J-2 3.500 P. B. caixa 2.92
 J-2 L-6.260 P. B. caixa 3.65
 J-3 6.804 P. B. caixa 4.63
 J-5 9.500 P. B. caixa 4.83
 J-6 10.433 P. B. caixa 5.30
 I-6 10.433 P. B. c/básculo 4.66

KBC A-3.500 P. B. caixa 3.93
 KCCIO 6.804 P. B. caixa 4.68
 KDLC5 8.172 P. B. caixa 5.39
 KFSC5 10.433 P. B. caixa 5.30
 KFSC5 11.023 P. B. caixa 5.60
 KFLC5 11.385 P. B. caixa 5.60
 KFLC5 11.883 P. B. caixa 5.80
 KHLK-70 12.700 P. B. caixa 5.60

Trata:
LUCILIO MATOS TOUPA
 Quinta do Rio, 10
 SACA VEM
 Telef. 2519428 e 2511448

**RESTAURANTE
CASTANHEIRA**TELEF. 79 01 68 - LUMIAR - LISBOA, 5
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA

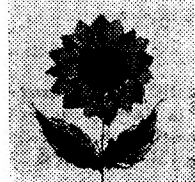
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR

AMPLAS SALAS DESTINADAS PARA CASAMENTOS,
«COCKTAILS», BAPTIZADOS, ETC.ORQUESTRA DE DANÇA
AOS SÁBADOS E DOMINGOS

(M/15 anos)

**pelaria
pampas**PELES — MALAS
GABARDINES
ARTIGOS DE VIAGEM
ÚLTIMOS MODELOS
RUA DA CONDIÇÃO**ARMAZÉNS DE FERRO**

ARAMES • FERRAGENS • FERRAMENTAS • UTILIDADES

SOUSA PINHEIRO & C.ª SUCR.SECÇÃO DE JUNTO
R. Almada, 51TELEFONES
22412 - P. P. C.
PORTOSECÇÃO DE RETALHO
R. Almada, 24**JORGE, FERREIRA & CARVALHO, LDA.**ARMAZÉM DE ARTIGOS PARA ESTOFADORES
E DECORADORESImportação — Exportação
(vendas só por atacado)PRAÇA DA FIGUEIRA, 16, 2.º — TELEFONE 32 30 72 — LISBOA-2
TELEGRAMAS JORVALHO**Empresa Industrial de Tintas, Lda.**RUA DA CASCALHEIRA, 33 (ALCANTARA) — TELEFONE 63 80 08
LISBOAFÁBRICA DE TINTAS DE IMPRESSÃO TIPO-LITOGRAFICAS
VERNIZES E MASSAS PARA ROLOS**OURIVESARIA
NOGUEIRA
& SOUSA, LDA.**OURO — PRATAS —
JÓIASRua Braamcamp, 74
Tel.: 4 78 07
LISBOA**Externato Girassol**JARDIM ESCOLA
AMBOS OS SEXOSABERTO TODO O ANO
AVENIDA DA REPÚBLICA, 60-1.º ESQ.º
TELEFONE 76 42 06**CASA TIROL**RUA DA PRATA, 70
É A CASA QUE MAIS BA-
RATO VENDE BEBIDAS
E QUEIJOS NACIONAIS
E ESTRANGEIROS
E MERCEARIAS FINAS**GALAXIE DE LUXE****SMITH CORONA**elegante
rápida
e de
precisãoUMA NOVA DIMENSÃO DE FACILIDADE E
ELEGÂNCIA NA DACTILOGRAFIA!

- Tabulador automático
- Indicador de fim de página
- Selector de toque
- Marginadores funcionais
- Mesa apagadora
- Esbelta maleta em duraluminium

Soc. de Representações

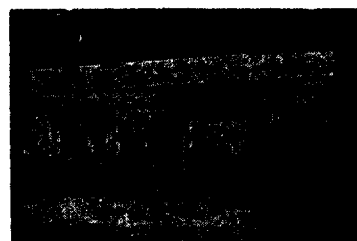
SIDA - SUECA

R. de S. Nicolau, 17

Tel. 369331 - Lisboa

Hotel Rex

PRIMEIRA CLASSE

**O HOTEL MAIS SOSSEGADO
E CENTRAL DE LISBOA**Privilegiada situação sobre o Parque Eduardo
VII — Vista Panorâmica sobre Lisboa e o Rio
Tejo, desfrutável de todas as varandas priva-
tivas dos seus quartos — 70 quartos isolados
e climatizados, com rádio, telefone e banho
completo privativo, 9 «suites» com o mais
completo conforto.**SERVÍÇO ESMERADO**Ambiência artística. Características de excep-
ção e preços acessíveis para um Hotel de 1.ª
classe. Preços especiais para longas estadias.
O Hotel preferido pelas famílias portuguesas.
Gratuidade de estadia às crianças até 3 anos.
Venha a Lisboa e entregue os seus filhos ao
nosso cuidado.**LISBOA**

RUA CASTILHO, 169-169-A

Tele | fones: 68 21 61/5
gramas: GAROTELRESTAURANTE E BAR
RECENTEMENTE INAUGURADOS, NUM
AMBIENTE REQUINTADO E TRADICIONAL**ESPECIALIDADES**Bife tártaro ★ Poulet Flambé ou «au Cham-
pagne» ★ Spaghetti alla Bolognese ★ Fondue
Bourignonne ★ Irish Coffee**Cozinha d'El Rey**

RESTAURANTE



AR CONDICIONADO

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE LISBOACÂMARA DE COMÉRCIO PORTUGUESA
Fundada em 1834A MAIS IMPORTANTE E MAIS ANTIGA ORGANIZAÇÃO DO
COMÉRCIO NACIONAL — SECCOES TÉCNICAS DE IMPORTAÇÃO
E EXPORTAÇÃO — INFORMAÇÕES COMERCIAIS — CONTE-
NIDOS JURÍDICO, FISCAL E ADUANEIRO — ESTUDOS ECO-
NÓMICOS — PUBLICAÇÕES E ACTIVIDADES CULTURAIS
— BIBLIOTECAPALÁCIO DO COMÉRCIO
RUA DAS PORTAS DE SANTO ANTÃO, 89

LISBOA 2

Telef. P. P. C.

327179
327289
323472**DINHEIRO**Empresta-se ao juro da lei
sobre todos os artigos que
ofereçam garantiaCompra e vende antiguidades,
ouro, jóias, etc.

JOSÉ MAYER (HERD.)

Telefone 322881

RUA DO LORETO, 18

Diário de Lisboa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Rua da Luz Sorian, 48

DIRETOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e officina
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 118

O *Diário de Lisboa* começa hoje o seu primeiro aniversário. Nasceu num dia calmo, claro e resplendente das paisagens de Portugal.

As pessoas que se empenharam no seu aparecimento sentiram-se de tão bom humor que nem passaram ao ele duraria um ano. Todo o seu cuidado foi lançado sem nuvens nem preocupações, entregando-o ao publico com a boa fé de quem acredita que neste mundo há uma justiça amável para os esforços honestos. O sucesso excedeu as nossas timidas esperanças.

Come o *Diário de Lisboa* não vinha para destronar ninguém, mas tão somente para, fora de peles, ser uma vez bem português, a sua sinceridade agradou. Havia quem lhe apontasse insuficiências, defeitos graves, contradições, erros, excessos de modicidade, desconhecimento da tecnica do jornal... Ele calava-se para poder ser mais modesto.

Da critica benevolenta escutava atento todas as indicações, da malevolenta escutava as obscenas, para lhes desobedecer. Assim se foi fazendo, criando musculô e nervo, ora serio, ora risinho, umas vezes violento, outras macio como uma salva em Malo.

O facto é que passaram já sobre ele tremontões e desmontões e cipeiros diários que ele tentou aproveitar, para se não perder, no meio de tanta coisa velha e caduca.

Hoje festa-se em grã canalha proprio e com muitas simpatias e lealdades que o protegem contra as setas erradas da inveja.

Os seus primeiros numeros foram escritos, compostos e paginados numa casa escura, humida e fria que as ratazanas percorriam desceradamente, sem recar os tanques das poças.

Um amigo nosso, que um dia nos visitou, ao ver o desapparecimento dos roedores que sem pejo se espolinhavam sobre as legas da redacção, disse-nos:

—Este jornal ha de ir longe, porque consegue viver no meio de bichos!

Provavelmente foi daqui que o *Diário de Lisboa* adquiriu um certo feitio para se não assustar. Procura ser verdadeiro e justo e não abre e guarda-chuva para escapar ás tormentas. Já tem visto bichos bem maiores que as ratazanas que lhe giraram em roda do bardo.

Quem tem a razão pelo seu lado, não teme a clava de Hercules.

Ninguém imagine, porém, que a sua existência se passa comoda e fôfa, sob qualquer sombra. Os que nele trabalham dão-lhe diariamente o seu esforço com entusiasmo—o que não exclua alguns momentos de fadiga e dor. As oito paginas do *Diário de Lisboa* não se enchem com vacuidades, pois demandam a colaboração de varios, manobras cuja juventude, para chegar aos bons do caso, começa primeiro por afazer-se ás agruras da terra.

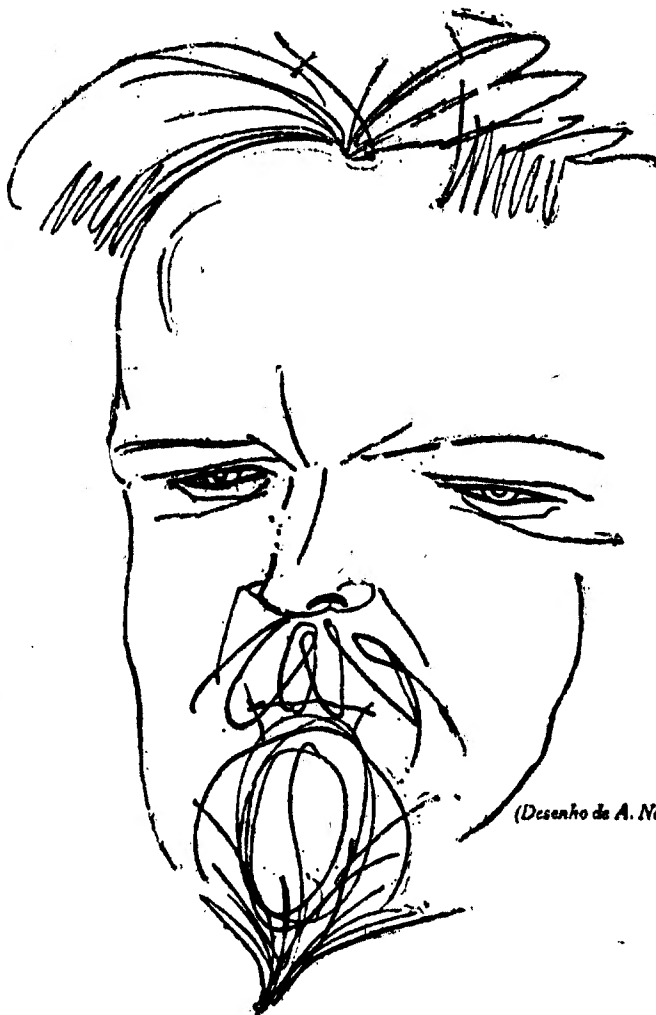
SENHORAS que tem colaborado ao *Diário de Lisboa*:—Clarinha, D. Fernanda de Castro, D. Maria de Carvalho, D. Virginia Vitorino, D. Maria Sofia Santo Tirso, D. Maria Roque Gama, D. Anne Chérie Bragança, D. Carmen Marques, D. Oliva Guerra.

CHARLOT resolveu processar um individuo que o imita com tamanha perfeição que elle proprio se julga excedido.

Dar-lhe-hão razão os tribunais? A justiça americana profere sentenças originaes, não nos espantando, portanto, que o imitador seja condemnado a restituir a Charlot as imitações que lhe fez.

GLÓRIA AOS AVIADORES!

Os séculos XV e XVI foram um momento da vida do Universo em que os portugueses escreveram a historia patética do globo terrestre. Tinha ficado em branco um capitulo que Sacadura Cabral e Gago Coutinho preencheram agora. Esse capitulo, ainda não fechado, é já uma realidade, porque a chegada a Cabo Verde é de facto a vitória. Está, na sua essência, ganha a formidável partida. O resto,



(Desenho de A. Negreiros)

que, seguindo a minha convicção inabalável, a fortuna há-de bafejar também, sendo importantíssimo, no seu aspecto sentimental, para o nosso coração de Lusitadas, é um suplemento e um acessório para o justo preito que devemos ao Heroísmo.

Nesta hora de velhas façanhas rejuvenescidas, de antigas glórias que jorram de fontes que pareciam secas, de assombros redivivos, enfim, todos os corações portugueses devem estar com os tripulantes do avião-fantasma—água da lenda que leva nas possantes azas arqueadas o prestígio, a glória, a fortuna moral de um povo inteiro. Glória aos aviadores!

6 de Abril de 1922.

António José, Almeida

COLABORADORES e redactores que foram ou são ainda do *Diário de Lisboa*:—Norberto de Araújo, Antonio Ferro, dr. Pacheco de Amorim, João de Barros, Aquilino Ribeiro, Joaquim Leitão, Manoel de Sousa Pinto, Artur Portela, Alvaro de Andrade, Norberto Lopes, José Sarmiento, Sarmiento Duque, Sá Pereira, Cardoso Maria, Albano Coutinho, Ferreira Lima, Antonio Soares, Almada Negreiros, Santos Vieira, Jorge Barradas, Bernardo Marques, Stuart Carvalhais, Sanches de Castro, Diogo de Macedo, Afonso de Bragança, José Bragança, Carlos Ferreira, Emidio Garcia, José Paulo de Camera, Ruy de Veras, Rocha Junior, Tomaz Colaco, Mario Salgueiro, Jorge Faria, Agostinho Paulo, Vasconcelos e Sá, Mota Marques, Costa Rosa (já falecido), Rodrigues Leal, José Bruges de Oliveira, Felix Correia, Manuel Nunes, Rodrigues Alves, Alves Martins, Afonso Lopes Vieira, Augusto Gil, etc.

E' PROVAVEL que o sr. dr. Sousa Junior, que foi nomeado governador civil de Porto, não aceita este cargo, em virtude das relações pessoais que mantém com o sr. Adriano Pimenta, a quem terá de substituir.

A TERCEIRA comissão de verificação de poderes proclamou hoje deputados pela provincia de Angola os srs. almirante Leote do Rego e capitão Lucio Martins. Este ultimo, militar que deu largas provas do seu valor nas ultimas campanhas de Africa, tomará posição ao lado do sr. Cunha Leal.

UMA numerosa comissão de delegados dos quadros extraordinarios dos varios ministerios conferenciou esta tarde com os presidentes das duas casas do Congresso, solicitando-lhes a equiparação com a funcionalismo dos quadros ordinarios.

CONSTA que alguns parlamentares de Porto instaram com o chefe do governo para serem colocados na G. N. R., daquela cidade, os officiaes deslocados pelos subterfugos.

A O nosso colega *Correio da Manhã*, cujo primeiro aniversário passa hoje, enviamos os nossos cumprimentos, tanto mais affectuosos quanto é certo que ele renasceu a nós nascemos, no mesmo dia, e sob um céu que a greve dos jornalistas fizera borrascosos.

RECEBEMOS duas formosas novelas de Ramon Gomez de la Serna—*La Viada Blanca y Negra* e *El Gran Hotel*. Edições apimoradas. Brevemente nos occuparemos delas.

A GOSTINHO de Campos publicou o terceiro volume da serie *Comentário leve da grande guerra*. Intitula-se *Portugal em campanha*. É um feixe de anotações em que o moralista e o filosofo se equilibram, sem prejudicar o cronista.

ENCONTRA-SE á venda o n.º 2 da revista de propaganda *A Manhã* que traz colaboração de A. Aurelio da Costa Ferreira, Eduardo Metzner, Radek, Julião Quintilha e outros.

Ao fim de um ano de existência o «Diário de Lisboa» comemorou o seu 1.º aniversário com um número especial de 16 páginas (o dobro das que publicava diariamente). Na primeira columna da primeira página, que aqui reproduzimos, dava-se conta dos ideais que presidiram à fundação do jornal e dos esforços despendidos para o afirmar junto do público. De então para cá longo foi o caminho percorrido. Numericamente, há uma diferença enorme entre essas 16 páginas e as 108 que hoje assinalam o 49.º aniversário. Mas uma coisa se mantém imutável: o desejo expresso pelo seu director-fundador de que «seja entregue ao público com a boa fé de quem acredita que neste mundo há uma justiça amável para os esforços honestos»